



# O acontecimento Ronaldo:

a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo



**Paula Guimarães Simões**

Belo Horizonte | Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG | 2012

Paula Guimarães Simões

# **O acontecimento Ronaldo:**

## **a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação Social

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vera R. Veiga França  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG  
2012

301.16 Simões, Paula Guimarães  
S593a O acontecimento Ronaldo [manuscrito] : a imagem pública de uma  
2012 celebridade no contexto social contemporâneo / Paula Guimarães Simões. –  
2012.

282 f.

Orientador: Vera Regina Veiga França

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas.

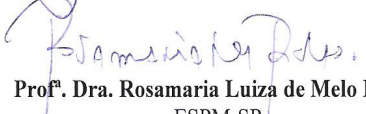
1. Ronaldo, 1976- – Teses. 2. Comunicação - Teses. 3. Celebidades –  
Teses. 4. Comunicação de massa e publicidade - Teses I. França, Vera Regina  
Veiga. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas. III. Título.

O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo

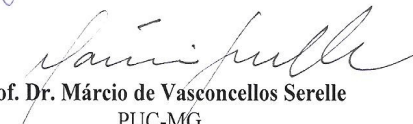
**Paula Guimarães Simões**

Tese defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

  
**Prof. Dr. João Bastista de Macedo Freire Filho**  
ECO-UFRJ

  
**Prof.ª. Dra. Rosamaria Luiza de Melo Rocha**  
ESPM-SP

  
**Prof.ª. Dra. Simone Maria Rocha**  
DCS-FAFICH/UFMG

  
**Prof. Dr. Márcio de Vasconcellos Serelle**  
PUC-MG

  
**Prof.ª. Dra. Vera Regina Veiga França**  
Orientadora  
DCS-FAFICH/UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
Belo Horizonte, 09 de julho de 2012

Aos públicos de Ronaldo,  
que ajudaram a fazer dele um acontecimento.

## **AGRADECIMENTOS**

É muito comum ouvir um/a doutorando/a dizer que o desenvolvimento de uma tese é um processo muito solitário. De fato, em vários momentos, somos nós mesmos e a escrita diante de um computador. Mas isso não faz desta empreitada um trabalho individual. Pelo contrário, esta tese é resultado de um percurso compartilhado com inúmeras pessoas, de diferentes espaços, que trouxeram contribuições distintas e às quais eu manifesto aqui a minha gratidão.

À Vera, pela orientação cuidadosa e dedicada, pelas discussões e pelos ensinamentos em diferentes lugares (disciplinas, seminários, grupo de pesquisa, textos e encontros de sociabilidade). Além disso, agradeço pela acolhida e pela parceria, iniciadas em 1999, quando passei a fazer parte do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade) como bolsista de iniciação científica. Com a Vera, aprendi um modo de fazer ciência pautado por dedicação, compromisso, seriedade, generosidade e afeto.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa, através da concessão da bolsa que possibilitou a minha dedicação exclusiva ao desenvolvimento da tese.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pela oportunidade de construir a minha formação acadêmica e profissional, da graduação ao doutorado, passando pelo mestrado; como aluna e também como professora. Além disso, agradeço à UFMG pela complementação da bolsa para exercer atividades junto ao curso de graduação em Comunicação Social em virtude do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais). Agradeço, ainda, ao governo e à sociedade brasileiros, que oferecem os recursos necessários para a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão que se realizam nesta e em outras instituições públicas do país.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, pelo apoio e pelas condições que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço aos professores do PPGCOM com os quais cursei as disciplinas obrigatórias e optativas do doutorado: Bruno Leal, César Guimarães e Simone Rocha. Ao Bruno e à Simone, agradeço também pelos pareceres de meu projeto de tese. Ao Elton Antunes, com quem venho aprendendo muito desde a graduação, agradeço, sobretudo, pelas inúmeras contribuições na ocasião de meu Exame de Qualificação.

Agradeço também aos demais professores do PPGCOM e do Departamento de Comunicação Social (antigos e novos), pelo diálogo constante em seminários, reuniões e palestras de abertura a cada semestre. Ao Delfim Afonso Júnior, agradeço, ainda, pela confiança em meu trabalho e pela oportunidade de lecionar no curso de Pós-Graduação *Lato*

*Sensu* em Comunicação, que muito contribuiu para a minha formação docente. Oportunidade essa que foi mantida pelo novo coordenador dessa Especialização, Carlos Alberto de Carvalho, a quem também manifesto minha gratidão.

Ao GRIS, pelo rico ambiente de interlocução que tenho o privilégio de partilhar há mais de treze anos. Aos professores desse grupo, pelo diálogo aberto e pela afetuosa convivência. À Maria Beatriz Bretas e ao Paulo B. Vaz, agradeço pela leveza que sempre trouxeram às nossas pesquisas ao longo desses anos. À Ângela Marques, agradeço pelos compartilhamentos que marcaram nossa trajetória desde a graduação. À Luciana de Oliveira, interlocutora mais recente, pelas contribuições a esta pesquisa e a seus desdobramentos. À Mirian Chrystus e à Laura Guimarães, pelos comentários que enriqueceram o desenvolvimento do projeto de tese. A Nísio Teixeira, com quem muito aprendi como monitora de Projetos A2.

Professores de outras instituições também trouxeram valiosas contribuições a esta tese. A Márcio Serelle, agradeço pelas oportunidades de interlocução próxima sobre minha pesquisa em diferentes espaços (como o GT Cultura das Mídias da Compós e sua disciplina sobre *Processos de Celebrização* oferecida no mestrado da PUC). Além disso, agradeço pelas indicações de leitura e pelos inestimáveis comentários à versão da tese apresentada no Exame de Qualificação. A João Freire Filho, agradeço pelo enriquecedor diálogo estabelecido, sobretudo, no último ano, durante seu estágio de pós-doutorado junto ao GRIS.

Pelo auxílio na coleta de dados desta pesquisa, agradeço a várias pessoas. A Renné França, pelo valioso DVD que integra o corpus. A Ernesto Amaral, pela preciosa edição da *Caros Amigos* que traz um outro olhar sobre a Copa de 1998. A Rudson Monteiro, pelo auxílio na transcrição das matérias da revista *Caras*. À Denise Prado, pela gravação de matérias disponíveis na globo.com. A Phellipy Jácome, pela indicação de links com matérias sobre o episódio das travestis. E à Terezinha da Silva pelo artigo de Sócrates sobre o mesmo episódio.

Às/aos colegas e amigas/os do GRIS e do GRISPOP (de ontem e de hoje), com quem pude compartilhar alegrias e angústias da tese (e da vida): Cirlene, Ciça, Danny, Denise, Fabíola, Fabrício, Frances, Leonardo, Letícia, Priscila, Roberto(s), Vanessa, Terezinha. À Lígia, agradeço pelas discussões no desenvolvimento de nosso texto para o II CIS (Colóquio em Imagem e Sociabilidade), que trouxeram contribuições à tese. Aos bolsistas de Apoio Técnico do grupo, representados hoje por Camila e Fabrício, e aos bolsistas de Iniciação Científica, particularmente ao Van, com quem muito aprendi na co-orientação de sua monografia de conclusão de curso.

Aos colegas de nossa pequena turma do doutorado, Edna e Henrique, pelas discussões que ajudaram nas definições do projeto de tese. Aos demais colegas de outras turmas, do mestrado e do doutorado, pela parceria nos estágios docentes e por conversas e cafés que traziam momentos de

descontração e relaxamento no cotidiano da pesquisa: Angie, Bárbara, Bianca, Carla, Carol (a Ana, a Abreu, a do Espírito Santo e a “Outra”), Carlos, Cristiane, Danila, Dyógenes, Elias, Eliziane, Érica, Fernanda, Filipe, Fred, Júlia, Jurandira, Leandro(s), Marcela, Mariana, Nicoli, Nuno, Phellipy, Rafael, Regiane, Rennan, Rusvel, Siomara, Úrsula, Vanessa(s), Tiago, Victor.

Aos meus alunos, da graduação e da especialização, por colaborarem com meu crescimento profissional e por colocarem questões que me ajudaram a problematizar meu objeto.

Sou grata aos funcionários do Departamento de Comunicação Social e da UFMG que participaram, de diferentes formas, deste percurso: Alessandro, Anderson, Cassiane, Coca, Elaine, Enderson, Érika, Fideles, Gilson, Gilberto, Hélia, Lúci, Lúcio, Magda, Miriam, Neilton, Tatiane e Thiago. Também sou grata à Vilma e aos demais funcionários da biblioteca da FAFICH, assim como aos atendentes da empresa de xerox da mesma unidade pela disposição em ajudar.

Vários amigos estiveram presentes nessa trajetória. À Sílvia, ao Rodrigo e à Carol, pela sólida amizade que construímos desde a graduação. Ao Hilário e à Lívia, afilhados queridos, pelo carinho de sempre. Aos amigos do Vibster, pelos encontros, pelas risadas e pelas discussões em torno de meu objeto: Ana Paula, Bini, Cassius, Fred, Maya e Leo (e Nicolas!), Othon e Roberta, Noé e Alessandra. Aos novos amigos do Departamento de Ciência Política da UFMG, pelos momentos de descontração e pelas conversas animadas sobre a trajetória de Ronaldo e seus acontecimentos. À Adriane, pela revisão do *abstract*, e à Gabi pela arte primorosa da capa.

À Jacqueline Moreira, pelo apoio constante, que me ajudou a manter uma relação leve e saudável com a tese (e com a vida).

À minha família, suporte indispensável na concretização deste trabalho, também quero agradecer. Ao Rick, pelo amor e pelo encanto que marcam sua presença em minha vida; por seu apoio na coleta de dados (que incluiu pesquisar inúmeras revistas *Caras* na Biblioteca Nacional); por sua dedicação na leitura e na crítica de meus textos e por nossa parceria na realização de vários projetos; enfim, por compartilhar este e outros tantos momentos felizes que constroem nossa história. Ao nosso neném, que vem trazendo muita alegria à nossa vida, desde os momentos de finalização da tese. A meus pais, Bernadete e Paulo, pelo carinho, pelo apoio e pelo incentivo constantes. A meus sogros, Isabel e Mauro, por acolherem a mim e a meus projetos. A meus irmãos e cunhado/as Rique e Rô, Gé e Kátia, Lu e Fabi, Kim e Roberta, Si e Alexandre, pelos momentos de alegria que marcaram o percurso. A meus/minhas sobrinhos/as Naná, Pic, Gabi, Duda, Bê, Mari, Tomás, Helena e Mel, pelas emoções que despertam em minha vida. Ao meu tio Manoel, minha primeira inspiração na escolha do curso de Comunicação, e aos demais tios/as e primos/as, de São Lourenço e Ribeirão Preto, pela presença nessa trajetória.

Por fim, agradeço a Deus por iluminar e orientar sempre a minha vida.



“Têm a celebridade que a época pode dar; têm a fortuna consequente a essa celebridade; têm as honras e a posição que se seguem a cada uma ou ambas estas coisas”.

Fernando Pessoa

## RESUMO

O objetivo desta tese é investigar a construção da imagem pública do jogador de futebol Ronaldo Luís Nazário de Lima. Isso é feito, inicialmente, a partir da análise da individuação de acontecimentos marcantes na trajetória de vida dessa celebridade, a fim de apreender alguns valores agregados à sua imagem e que exibem traços da sociedade contemporânea. A noção de acontecimento, orientadora da análise, revela-se muito profícua não apenas para refletir sobre as ocorrências que constroem a vida de Ronaldo, mas também para pensar a própria celebridade como um acontecimento.

A metodologia de análise é, assim, derivada da discussão sobre a individuação de acontecimentos e composta por três eixos em articulação: 1) descrição; 2) narração; 3) configuração de um pano de fundo pragmático. Essa grade analítica orienta a reflexão sobre cinco acontecimentos que marcam a trajetória de Ronaldo, a saber: 1) a aposentadoria como jogador de futebol; 2) a derrota na Copa de 1998; 3) a conquista do pentacampeonato na Copa de 2002; 4) o casamento com Daniella Cicarelli; e 5) o episódio das travestis. A análise desses acontecimentos incitou um novo olhar que apreende o próprio Ronaldo como um acontecimento. Isso é feito a partir de dois eixos: 1) o poder de afetação de Ronaldo; 2) e o poder hermenêutico dessa celebridade-acontecimento. A originalidade da presente tese está justamente nessa apropriação do conceito de acontecimento para a análise da construção da imagem pública de uma celebridade.

A análise revela que a forte inserção de Ronaldo na cena pública contemporânea é decorrente de seu carisma, ou seja, de dons do corpo e do espírito que ele apresenta e que constroem uma devoção afetiva do público em relação a ele. Esses dons dizem respeito não apenas a suas habilidades técnicas como jogador de futebol, como também a valores compartilhados socialmente, como a humildade, a determinação, a generosidade e a solidariedade. Esses e outros valores constroem uma imagem hegemônica positiva de Ronaldo (ainda que não seja unânime) e ajudam a compreender o poder de afetação dessa celebridade no contexto hodierno. Além disso, a análise mostra o poder hermenêutico de Ronaldo, ou seja, o modo como sua trajetória revela traços da vida social contemporânea. O individualismo, o machismo, a ênfase em um ideal de masculinidade heteronormativo, as mudanças na construção das relações amorosas, assim como a imbricação entre as vidas pública e privada são alguns dos traços da sociedade hodierna que puderam ser percebidos na análise aqui realizada. São esses dois eixos – o poder de afetação e o poder hermenêutico de Ronaldo – que permitem apreender a configuração dessa celebridade como um acontecimento e compreender a força de sua figura pública no contexto social contemporâneo.

**Palavras-chave:** Acontecimento. Imagem Pública. Celebridade. Valores. Contexto Contemporâneo. Ronaldo.

## **ABSTRACT**

The aim of this dissertation is to investigate the construction of the public image of soccer player Ronaldo Luís Nazário de Lima (Ronaldo). This examination is done by analyzing the individuation of key events of this celebrity's life, so as to determine some of the values of contemporary society connected to his image. The overall concept of an event, which is the driving force of this analysis, is very significant not only for understanding certain moments of Ronaldo's biography, but also for identifying this celebrity as a specific event himself.

Derived from the discussion about the individuation of events, the method of analysis consists of three axes: 1) description; 2) narration; and 3) constitution of a pragmatic background. An analytic matrix of this sort creates a guide for comprehending five events that were remarkable in Ronaldo's biography: 1) his retirement; 2) the Brazilian soccer team's defeat in the 1998 World Cup; 3) the 2002 World Cup championship; 4) his marriage to Daniella Cicarelli; and 5) his 2008 episode with the transvestites. This analysis leads to the identification of Ronaldo himself as a unique event. This thought is developed utilizing two dimensions: 1) Ronaldo's power to affect society; and 2) the hermeneutic power of this celebrity-event. The originality of this dissertation is related specifically to the adoption of the concept of an event when analyzing the public image of a celebrity.

The analysis reveals that Ronaldo's strong presence in the contemporary public scene is related to his charisma, specifically to the unique gifts of the body and spirit that he presents, thus creating an affective devotion to him from the public. These gifts are not derived exclusively from his technical skills as a soccer player. They also consist of socially shared values, such as humbleness, determination, generosity, and solidarity. These and other values foster a positive hegemonic image of Ronaldo (although not a unanimous one) and help to explain the power this celebrity has to affect society. In addition, this analysis shows the overall hermeneutic power of Ronaldo. In other words, the way his biography reveals features of contemporary social life. Individualism, sexism, hetero-normative behavior, shifting romantic relationships, and the entanglement of public and private lives are some important aspects of contemporary society perceived in this analysis. These two dimensions – the ability to affect society and Ronaldo's hermeneutic power – allows the interpretation of this celebrity as an event, thus validating the significance of this public character in the contemporary social context.

**Keywords:** Event. Public Image. Celebrity. Values. Contemporary Context. Ronaldo.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 A IMAGEM PÚBLICA DAS CELEBRIDADES NA SOCIEDADE MIDIATIZADA .....</b>	<b>17</b>
1.1 CELEBRIDADES, ESTRELAS, HERÓIS, ÍDOLOS .....	17
1.2 A CONSTRUÇÃO DAS CELEBRIDADES: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA .....	19
1.3 ALGUMAS ABORDAGENS NO ESTUDO SOBRE AS CELEBRIDADES .....	25
1.4 MÚLTIPLAS DIMENSÕES NA ANÁLISE DAS CELEBRIDADES: ALGUMAS PESQUISAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	31
<b>2 O FUTEBOL NA CULTURA NACIONAL: HISTÓRICO, ESTILO, ÍDOLOS .....</b>	<b>48</b>
2.1 A INVENÇÃO DO FUTEBOL: DA ORIGEM INGLESA À APROPRIAÇÃO PELO BRASIL .....	48
2.1.1 <i>Antecedentes e desenvolvimento do esporte na Inglaterra Moderna</i> .....	48
2.1.2 <i>O futebol brasileiro em seu contexto: histórico e controvérsias</i> .....	50
2.1.3 <i>O futebol e seu fascínio: algumas reflexões</i> .....	55
2.2 O LUGAR DOS ÍDOLOS DO ESPORTE .....	65
2.2.1 <i>A trajetória de Ronaldo: uma breve apresentação</i> .....	69
<b>3 ACONTECIMENTO, MÍDIA E EXPERIÊNCIA: UMA PERSPECTIVA PARA A ANÁLISE DAS CELEBRIDADES .....</b>	<b>81</b>
3.1 REFLEXÕES SOBRE ACONTECIMENTO: ALGUMAS ABORDAGENS .....	81
3.2 ACONTECIMENTO E EXPERIÊNCIA: DA VIVÊNCIA DE UMA OCORRÊNCIA À SUA INDIVIDUAÇÃO PELA MÍDIA.....	86
3.2.1 <i>A noção de experiência</i> .....	87
3.2.2 <i>Acontecimento e seu processo de individuação</i> .....	90
3.2.3 <i>Valores, normas e sua apreensão pelo viés do acontecimento</i> .....	99
3.3 ACONTECIMENTO E BIOGRAFIA DAS CELEBRIDADES .....	100
<b>4 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.....</b>	<b>106</b>
4.1 A ESTRATÉGIA METODOLÓGICA GERAL.....	106
4.2 O RECORTE EMPÍRICO.....	110
4.3 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	111
4.3.1 <i>Pesquisa bibliográfica</i> .....	111
4.3.2 <i>Pesquisa empírica</i> .....	111
4.3.3 <i>Análise de dados</i> .....	111
4.4 O CORPUS.....	113
4.4.1 <i>A aposentadoria</i> .....	115
4.4.2 <i>A derrota na Copa de 1998</i> .....	117
4.4.3 <i>A conquista do pentacampeonato na Copa de 2002</i> .....	118
4.4.4 <i>O casamento com Daniella Cicarelli</i> .....	119
4.4.5 <i>O episódio das travestis</i> .....	120

<b>5 UMA NARRATIVA BIOGRÁFICA DE RONALDO: A INDIVIDUAÇÃO DE ACONTECIMENTOS QUE MARCAM SUA TRAJETÓRIA .....</b>	<b>122</b>
5.1 A APOSENTADORIA COMO PONTO DE PARTIDA .....	122
5.1.1 <i>Descrição</i> .....	122
5.1.2 <i>Narração</i> .....	131
5.1.3 <i>Pano de fundo pragmático</i> .....	135
5.1.4 <i>Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo</i> .....	149
5.2 A DERROTA NA COPA DE 1998 .....	152
5.2.1 <i>Descrição</i> .....	152
5.2.2 <i>Narração</i> .....	157
5.2.3 <i>Pano de fundo pragmático</i> .....	161
5.2.4 <i>Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo</i> .....	164
5.3 A CONQUISTA DO PENTACAMPEONATO NA COPA DE 2002 .....	165
5.3.1 <i>Descrição</i> .....	166
5.3.2 <i>Narração</i> .....	171
5.3.3 <i>Pano de fundo pragmático</i> .....	176
5.3.4 <i>Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo</i> .....	179
5.4 O CASAMENTO COM DANIELLA CICARELLI.....	181
5.4.1 <i>Descrição</i> .....	182
5.4.2 <i>Narração</i> .....	186
5.4.3 <i>Pano de fundo pragmático</i> .....	194
5.4.4 <i>Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo</i> .....	198
5.5 O EPISÓDIO DAS TRAVESTIS.....	201
5.5.1. <i>Descrição</i> .....	202
5.5.2 <i>Narração</i> .....	207
5.5.3 <i>Pano de fundo pragmático</i> .....	212
5.5.4 <i>Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo</i> .....	222
<b>6 DOS ACONTECIMENTOS À CELEBRIDADE-ACONTECIMENTO: A IMAGEM PÚBLICA DE RONALDO E O CONTEXTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO .....</b>	<b>226</b>
6.1 CELEBRIDADE E CONTEXTO: O PODER HERMENÊUTICO DE RONALDO .....	227
6.2 O INDIVIDUAL E O SOCIAL: O PODER DE AFETAÇÃO DE RONALDO.....	235
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>239</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>249</b>
REFERÊNCIAS DO CORPUS .....	266
<i>Referências do acontecimento 1 (Aposentadoria)</i> .....	266
<i>Referências do acontecimento 2 (Copa de 1998)</i> .....	268
<i>Referências do acontecimento 3 (Copa de 2002)</i> .....	272
<i>Referências do acontecimento 4 (Casamento com Daniella Cicarelli)</i> .....	276
<i>Referências do acontecimento 5 (Episódio das Travestis)</i> .....	280

## Introdução

As motivações para o planejamento de uma pesquisa científica podem surgir de diferentes maneiras, a partir de inquietações de naturezas distintas. Em alguns momentos, somos impulsionados por teorias e conceitos que nos desafiam e nos colocam questões. Em outros, o nosso compromisso social nos move para a investigação de algum aspecto da realidade que pode ajudar a resolver determinados problemas. E há também aquelas situações em que nosso olhar é fisgado por certos objetos nos momentos mais corriqueiros da vida cotidiana. A pesquisa aqui desenvolvida começou a surgir em uma dessas situações cotidianas: uma conversa entre amigos em uma mesa de bar.

Eu acabara de voltar de um intercâmbio de um ano na Austrália e estava às voltas com a busca por um problema de pesquisa para desenvolver um projeto de tese. Em um dos reencontros com os amigos, em julho de 2008, entre relatos de viagem e notícias de colegas ausentes, conversamos sobre os assuntos que eram, então, pauta da mídia. Entre eles, o envolvimento entre o jogador de futebol Ronaldo Luís Nazário de Lima e travestis, em abril daquele ano. Começamos a conversar sobre a trajetória do Fenômeno, e fiquei impressionada com o modo como a mídia expõe a vida privada das celebridades.

A partir daquela conversa, comecei a buscar conceitos e perspectivas teóricas que pudessem me ajudar a construir uma problemática de pesquisa. A minha ideia era seguir o caminho iniciado no mestrado (SIMÕES, 2004) e continuar discutindo a relação entre a mídia e a vida social, procurando perceber, nessa interlocução, a configuração do universo de valores que orienta a vida dos sujeitos. Mas eu precisava de uma literatura mais específica. Dois textos foram particularmente inspiradores naquele momento: um sobre a noção de *acontecimento*, de Louis Quéré (2005), e outro sobre o conceito de *imagem pública*, de Wilson Gomes (2004). Além disso, entrei em contato com alguns trabalhos que vinham sendo desenvolvidos junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG sobre o universo das celebridades e com as discussões que vinham sendo feitas no GRIS (grupo de pesquisa do qual faço parte) sobre *normas e valores*. Foi, então, articulando essas leituras (e outras ao longo do percurso) com o objeto que captou meu olhar que esta tese começou a ser planejada.

Assim, o problema de pesquisa que orienta a tese aqui apresentada pode ser assim delineado: como se configura a imagem pública do jogador de futebol Ronaldo, a partir da individuação de acontecimentos que marcam a trajetória de vida dessa celebridade, e como

essa constituição revela valores e traços da sociedade brasileira contemporânea? Acreditamos que a investigação sobre os processos de individuação dos acontecimentos permite construir uma narrativa biográfica do jogador, a qual revela traços da imagem pública construída ao longo de sua trajetória. Além disso, apostamos que essa análise permite aprender não apenas o processo de configuração dessa celebridade, mas também a forte inserção dessa figura pública no contexto contemporâneo e os valores que ela encarna.

A mobilização do conceito de *acontecimento* para a análise da constituição da imagem pública e da trajetória de vida das celebridades aponta para o caráter inovador da presente tese. Ainda que a noção de acontecimento seja bastante utilizada em investigações contemporâneas, desconhecemos pesquisas que a utilizem como um conceito operador para a análise da construção das celebridades. Nossa aposta no potencial heurístico desse conceito se revelou muito frutífera não apenas para a investigação sobre a trajetória de uma celebridade, mas também para a reflexão sobre a própria celebridade *como* um acontecimento. Assim, à indagação inicial foram acrescentadas outras questões: de que forma é possível refletir sobre Ronaldo como um acontecimento? Que eixos desse conceito possibilitam a apreensão da imagem pública dessa celebridade e sua força de afetação e reconhecimento entre os sujeitos que a celebram no cenário hodierno? Que traços do contexto social contemporâneo podem ser apreendidos a partir dessa celebridade-acontecimento?

Essa temática da fama e das celebridades ainda é pouco estudada no Brasil, apesar de ser muito trabalhada em vários outros países. Além disso, a construção midiática em torno de biografias vem recebendo pouca atenção da academia, embora tenham uma importância central na revelação de valores e visões de mundo (HERSCHMANN; PEREIRA, 2005, p. 19). Assim, a pesquisa aqui apresentada traz contribuições para refletir sobre essa articulação entre celebridades (e suas biografias), acontecimentos, mídia e construção dos valores sociais.

O campo escolhido para investigação sinaliza outra contribuição importante da pesquisa: o futebol. É preciso destacar o lugar que esse esporte ocupa no cenário cultural nacional — no qual ele emerge como “um poderoso instrumento de integração social” (HELAL, 1997, p. 25) —, assim como sua presença constante no cenário midiático. Além disso, compartilhamos da visão de Franco Júnior, segundo a qual “no Brasil, o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 11). Acreditamos que refletir sobre o futebol brasileiro e seus ídolos é também pensar sobre o Brasil, sua sociedade e seu quadro de valores.

O trabalho foi dividido em seis capítulos. O primeiro discute a construção da imagem pública das celebridades na sociedade midiaticizada. Partimos da definição das

expressões utilizadas para nomear esse fenômeno: celebridades, estrelas, heróis, ídolos. Em seguida, retomamos o histórico do processo de construção da fama — da modernidade até o cenário contemporâneo marcado pela midiaticização. Apresentamos, na sequência, algumas abordagens que podem ser utilizadas para refletir sobre a construção das celebridades. Partindo da discussão sobre a dimensão social e coletiva do carisma, procuramos evidenciar que o caráter puramente individual dos famosos não é suficiente para analisar tal processo. Da mesma maneira, a perspectiva economicista — que entende os ídolos como instrumentos de subjugação das massas a serviço do capitalismo — é muito limitada para apreender o complexo fenômeno da fama. Em nossa perspectiva, as celebridades devem ser pensadas a partir de múltiplas interações estabelecidas entre a própria pessoa célebre, seus públicos, a mídia e o contexto social. Para encerrar esse capítulo, apresentamos alguns estudos sobre celebridades bem como suas contribuições na análise da fama na contemporaneidade.

O segundo capítulo discute a inserção do futebol na cultura brasileira. Retomamos os antecedentes desse esporte, assim como o histórico de seu desenvolvimento — da Inglaterra Moderna à sua incorporação no Brasil. Discutimos o contexto em que esse novo esporte se desenvolve em nosso país, entre o fim do século XIX e o início do século XX, assim como as muitas transformações sofridas por ele ao longo das décadas. Abordamos também as especificidades que constroem o jeito brasileiro de jogar (o *futebol-arte*, em oposição ao *futebol-força*), assim como características desse esporte que despertam o fascínio e a devoção do público. Discutimos, em seguida, o lugar dos ídolos do esporte, resgatando algumas pesquisas realizadas em torno de celebridades esportivas contemporâneas. Afinal, apesar de ser um jogo coletivo e, portanto, vivenciado coletivamente por jogadores e torcida, o futebol é construído também por estrelas individuais, que personificam valores, suscitam identificações no público e colaboram na construção desse esporte como uma paixão nacional. Finalizando o capítulo, construímos uma breve biografia do ídolo esportivo aqui analisado, bem como alguns estudos realizados sobre Ronaldo em diferentes momentos de sua carreira.

A noção de acontecimento é o foco do terceiro capítulo da tese. Resgatamos algumas reflexões sobre o conceito, a fim de delinear o modo como ele é entendido no presente trabalho. Procuramos inscrever o acontecimento no terreno da experiência dos sujeitos, afetando a vida destes e sendo afetado por eles. Destacamos, ainda, o lugar da mídia nessa interação entre acontecimento e experiência, na medida em que ela constrói novas formas de experiência na contemporaneidade e atua na *individuação* e na simbolização dos acontecimentos. Nesse processo, o quadro de valores e normas de uma sociedade é construído e transformado. Para concluir o capítulo, realizamos uma discussão sobre a atuação dos



discursos midiáticos na construção de narrativas de caráter biográfico acerca das figuras públicas.

O capítulo quatro apresenta a metodologia construída nesta investigação. Inicialmente, discutimos a estratégia metodológica geral da pesquisa, que objetiva apreender a globalidade do fenômeno investigado. Em seguida, apresentamos o recorte empírico (a trajetória de vida de Ronaldo), bem como os acontecimentos específicos que são analisados na tese, a saber: 1) a aposentadoria de Ronaldo; 2) a derrota na Copa de 1998; 3) a conquista do pentacampeonato na Copa de 2002; 4) o casamento com Daniella Cicarelli; 5) e o episódio das travestis. Esse capítulo apresenta, ainda, os procedimentos adotados, que incluem pesquisa bibliográfica, pesquisa empírica e análise de dados. A grade analítica é composta por três eixos: 1) descrição do acontecimento; 2) narração do acontecimento; e 3) configuração de um pano de fundo pragmático. Esses operadores foram construídos a partir da discussão sobre o conceito de acontecimento e de seus processos de individuação e se mostraram muito enriquecedores para a análise da construção da imagem pública de uma celebridade como Ronaldo. Por fim, apresentamos o *corpus* da investigação, definido de forma específica para cada acontecimento analisado.

O capítulo cinco é dedicado à análise dos processos de individuação dos cinco acontecimentos citados acima que marcam a trajetória da celebridade aqui investigada. Procuramos evidenciar como ocorreu a individuação de cada acontecimento (a partir da grade analítica delineada) e o modo como ela revela valores agregados à imagem pública de Ronaldo. Partimos da análise da aposentadoria do jogador para, em seguida, olhar para os demais acontecimentos que marcaram sua trajetória de vida.

Por fim, o capítulo seis da tese é dedicado a uma articulação entre os resultados das análises dos cinco acontecimentos que atuaram na configuração da imagem pública de Ronaldo. É nesse capítulo que apresentamos a tese aqui proposta: Ronaldo pode ser pensado como um acontecimento. Ou seja, além de refletir sobre episódios marcantes da carreira do jogador, defendemos que é possível analisar a própria celebridade *como* um acontecimento. Essa reflexão é feita a partir de dois eixos em articulação: 1) o poder hermenêutico de Ronaldo; e 2) o seu poder de afetação. Esses dois eixos nos permitem sintetizar traços e valores que conformam uma imagem pública hegemônica de Ronaldo, ao mesmo tempo em que participam da construção da vida social hodierna.

# 1 A imagem pública das celebridades na sociedade midiaticizada

“[...] estirado sobre a pluma  
ou sob a colcha, a fama não se alcança,  
e quem sem ela sua vida consoma  
tal vestígio de si deixa na terra  
como fumo no ar e, n’água, espuma”.

Dante Alighieri

As celebridades são figuras muito presentes no cenário contemporâneo. Elas estão nas capas das revistas, nos programas de televisão, nas telas do cinema, nas inúmeras conversas cotidianas que tematizam eventos de natureza tanto pública como privada da vida dos ídolos hodiernos. O processo de construção das estrelas, bem como sua relação com os diferentes públicos, vem sofrendo transformações nas últimas décadas e vem sendo analisado a partir de abordagens distintas nos vários campos de emergência das celebridades. É para esse processo que nos voltamos neste primeiro capítulo da tese, sendo necessário primeiramente refletir sobre as várias expressões utilizadas para nomear o fenômeno.

## 1.1 Celebidades, estrelas, heróis, ídolos

A palavra *ídolo* é derivada do latim *idolum* e do grego *eídolon*, que significam *imagem*. Com antecedentes na tradição religiosa, a expressão é utilizada para nomear uma “figura representativa de uma divindade e a que se presta culto” (CUNHA, 1986, p. 422). O uso corrente, entretanto, deslocou o sentido original, e o termo passou a ser usado para designar não apenas divindades, mas seres humanos aos quais se prestam “louvores excessivos ou que se ama apaixonadamente” ou pessoas “que desfrutam de grande popularidade”.<sup>1</sup> Assim, os ídolos contemporâneos são também as figuras públicas que se destacam no cenário social — e midiático —, por suas atuações em diferentes esferas (na música, no cinema, no esporte ou na TV).<sup>2</sup>

Entre as divindades e os mortais, aparecem os *heróis*, que povoam as culturas desde as narrativas da mitologia. São indivíduos extraordinários, que se destacam nas sociedades em virtude de seus atos guerreiros (CUNHA, 1986, p. 408). De acordo com Morin, os heróis

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Idolo>>. Acesso em: 17 de agosto de 2010.

<sup>2</sup> O termo é utilizado atualmente para nomear um programa de televisão exibido em diferentes países. O programa *Ídolos* é um *reality show* que se volta para as performances musicais dos participantes, com o objetivo de descobrir um novo talento nacional — um novo ídolo. Para uma análise de uma das temporadas exibidas pela versão brasileira do programa, cf: Andalécio, 2010.

“ambicionam tanto a condição de deuses quanto aspiram a libertar os mortais de sua miséria infinita. Na vanguarda da humanidade, o herói é o mortal em processo de divinização” (MORIN, 1989, p. 26). A expressão é atualmente utilizada para nomear pessoas que de alguma forma se empenham para redimir a sociedade, que lutam por e conquistam um bem coletivo.

*Estrelas*<sup>3</sup> é outra expressão bastante utilizada para nomear figuras proeminentes no cenário público, particularmente, as que emergem em um meio específico: o cinema. Na reflexão de Edgar Morin (1989), encontramos certo paralelo entre a definição de estrelas e a de ídolos destacada acima. Segundo o autor, “as estrelas são seres ao mesmo tempo humanos e divinos, análogos em alguns aspectos aos heróis mitológicos ou aos deuses do Olimpo, suscitando um culto, e mesmo uma espécie de religião” (MORIN, 1989, p. x).<sup>4</sup> Inúmeros outros autores utilizam a expressão estrelas para nomear os ídolos do cinema, como será discutido ainda neste capítulo.

É o termo *celebridade*, no entanto, o mais utilizado na contemporaneidade para nomear as figuras públicas alçadas ao lugar da fama. Essa associação entre celebridade e fama é identificada por Chris Rojek na própria etimologia do termo:

a raiz latina do termo é *celebrem*, que tem conotações tanto de “fama” quanto de “estar aglomerado”. Existe também uma conexão em latim com o termo *celere*, de onde vem a palavra em português *celeridade*, significando “veloz”. As raízes latinas indicam um relacionamento no qual uma pessoa é identificada como possuindo singularidade, e uma estrutura social na qual a característica da fama é fugaz. Em francês, a palavra *célebre*, “bem conhecido em público”, tem conotações semelhantes. E, além disso, sugere representações da fama que florescem além dos limites da religião e da sociedade cortesã. Em resumo, associa celebridade a um *público*, e reconhece a natureza volúvel, temporária, do mercado de sentimentos humanos (ROJEK, 2008, p. 11, grifos do autor).

A partir das origens do termo, podemos definir a celebridade como uma pessoa famosa e singular, reconhecida por um público e cuja fama pode variar conforme os “sentimentos humanos”, ou seja, segundo as impressões do público que a reconhece. Assim, algumas celebridades povoam o cenário social de forma fugaz, enquanto outras podem aí permanecer de modo perene. Entendemos celebridade como um termo mais geral, que pode englobar outras expressões de uso mais específico — como as estrelas do cinema

<sup>3</sup> É interessante destacar que este termo também nomeia outro programa televisivo brasileiro: *Estrelas* é conduzido por Angélica nas tardes de sábado na Rede Globo e apresenta entrevistas com pessoas famosas.

<sup>4</sup> Ampliando a discussão para a cultura de massa de modo geral, Morin (1997) destaca que os *olimpianos* “não são apenas os astros de cinema, mas também os campeões, príncipes, reis, *playboys*, exploradores, artistas célebres, Picasso, Cocteau, Dali, Sagan. O olimpismo de uns nasce do imaginário, isto é, de papéis encarnados nos filmes (astros), o de outros nasce de sua função sagrada (realeza, presidência), de seus trabalhos heróicos (campeões exploradores) ou eróticos (*playboys, distels*)” (MORIN, 1997, p. 105).

(MARSHALL, 2006). Mas não defendemos que tais termos sejam excludentes: um herói pode ser visto como celebridade,<sup>5</sup> assim como uma estrela pode ser entendida como um ídolo na sociedade em que se inscreve. Compartilhamos a visão de Herschmann e Pereira, para quem

as fronteiras que separam os heróis das celebridades vêm se fragilizando e já não seria possível precisar quais os fatores que consagrariam um determinado ídolo: talento, atos heróicos e/ou estratégias publicitárias bem-sucedidas. Na verdade, todas são, hoje, dimensões que se articulam no sentido de produzir heróis/celebridades em contextos de alta visibilidade (HERSCHMANN; PEREIRA, 2005, p. 13).

Nesse sentido, mais do que definir de forma rígida as fronteiras entre esses termos, consideramos fundamental compreender o desenvolvimento da fama como um processo histórico ou como um “fenômeno cultural em processo” (REDMOND; HOLMES, 2007), como procuramos discutir a seguir.

## 1.2 A construção das celebridades: uma perspectiva histórica

O processo de construção das celebridades não é um fenômeno recente. Há diferentes maneiras de reconstruir o histórico do mesmo — seja voltando à Antiguidade, seja caracterizando-o como uma marca da modernidade. De qualquer forma, é importante destacar essa trajetória histórica da configuração das celebridades, a fim de compreender tanto os diferentes modos de aparição desses sujeitos na cena pública como as transformações que marcam tal processo no cenário contemporâneo marcado pela *mediatização*.

Para Leo Braudy (2007), a busca pela fama é uma marca da humanidade, já que “o desejo de reconhecimento é uma parte da natureza humana, especialmente sensível tanto às estruturas sociais como ao modo e à extensão das comunicações em uma sociedade” (BRAUDY, 2007, p. 182).<sup>6</sup> Em sua reconstrução histórica do fenômeno da fama, o pesquisador norte-americano situa seus primórdios na trajetória de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, que deve ser considerado a primeira pessoa famosa do mundo antigo. Para Braudy, naquele momento, a “fama significava uma grandeza quase totalmente separada da

---

<sup>5</sup> Na reflexão de Daniel Boorstin (1992), desenvolvida no início dos anos 1960, há uma distinção clara entre os termos herói e celebridade, como aponta Lana: “O primeiro é a personagem famosa do período pré-Revolução Gráfica; já o segundo é proveniente do pseudoacontecimento, um evento ilusório, marcado por uma performance autorreferencial (circunscrita aos meios de comunicação)” (LANA, 2012, p. 27). Para Boorstin (1992), no contexto marcado pelo desenvolvimento da mídia, não existiriam mais heróis, apenas celebridades, entendidas como aquelas pessoas que “são conhecidas por serem bem conhecidas”, sendo, portanto, fabricações midiáticas. Essa distinção, entretanto, não é adotada na presente pesquisa, como explicitaremos no fim desta seção.

<sup>6</sup> Do original: “The desire for recognition is a *part of human nature especially sensitive both to social structures and to the mode and extent of communications within a society*”.

natureza humana ordinária” (1986, p. 29).<sup>7</sup> De Alexandre a Júlio César, passando por Jesus Cristo, o autor discute a fama como privilégio de certos grupos, particularmente as elites políticas e religiosas, que buscavam conquistar e manter uma distinção em relação aos demais. Outros autores constroem uma trajetória mais curta para o fenômeno e entendem o surgimento das celebridades como uma marca da modernidade, que deve ser entendida a partir das características desse momento histórico (ROJEK, 2008; GAMSON, 1994; MARSHALL, 2006; MORIN, 1989).

A modernidade pode ser entendida como “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p. 11). A partir da crise do catolicismo com a Reforma Protestante, abalava-se o poder da religião e da tradição que dominaram durante a Idade Média. A expansão do comércio, o desenvolvimento científico e tecnológico que impulsiona a Revolução Industrial a partir do século XVIII (com a instauração do capitalismo como sistema econômico no século seguinte) e o declínio do poder dos reis (com a crise do absolutismo em diversos países europeus) são outras marcas contextuais importantes para compreender a modernidade. É um período caracterizado também pelas ideias do Iluminismo, que buscava o desenvolvimento da racionalidade na promoção da emancipação humana.

Todo esse contexto criou o terreno para a emergência da ideia de indivíduo autônomo, capaz de pensar e de fazer escolhas, livre das determinações do rei e da igreja: “a autonomia do indivíduo, o direito de decidir as coisas por si mesmo e de viver como se pensa são centrais para a noção de individualismo moderno” (SMART, 2005, p. 37).<sup>8</sup> É nesse cenário, portanto, que se deve situar e compreender o surgimento do culto às personalidades, afinal, “é justamente o desenvolvimento da modernidade, isto é, da vida urbana e burguesa” (MORIN, 1989, p. xi) que impulsionou esse processo.

Segundo Rojek (2008, p. 15), três grandes processos históricos associados devem ser lembrados no despontar da celebridade como preocupação pública: a) a democratização da sociedade; b) o declínio da religião organizada; c) a transformação do cotidiano em mercadoria. Para o pesquisador, “o declínio da sociedade cortesã dos séculos XVII e XVIII implicou a transferência de capital cultural para homens e mulheres que venciam pelo próprio esforço” (ROJEK, 2008, p. 15). Nesse sentido, o autor associa a democratização da sociedade

---

<sup>7</sup> Do original: “fame meant a grandeur almost totally separate from ordinary human nature”.

<sup>8</sup> Do original: “The autonomy of the individual, the right to decide things for oneself and to live as one thinks fit, is central to the notion of modern individualism”.

ao desenvolvimento do individualismo e da autonomia do sujeito como um dos fatores contextuais importantes para a compreensão da emergência das celebridades.

De acordo com Rojek, “o desejo de ser reconhecido como especial ou único talvez seja uma característica inevitável de culturas construídas em torno da ética do individualismo” (ROJEK, 2008, p. 107). A valorização da expressão e da autenticidade individuais pode, assim, ser destacada como fator importante na constituição das celebridades. Sofrendo menos pressões do Estado e da Igreja, o indivíduo se via no direito de decidir os rumos da própria vida, inclusive, os ídolos a quem adorar. Assim, “com o desenvolvimento da sociedade moderna, as celebridades preencheram a ausência gerada pela decadência da crença popular no direito divino dos reis, e a morte de Deus” (ROJEK, 2008, p. 15-16).

Além disso, o sociólogo aponta que o desenvolvimento do capitalismo acabou por transformar o rosto público de uma celebridade em bem de consumo. Na visão de Rojek, “celebridades humanizam o processo de consumo de mercadorias. A cultura da celebridade tem aflorado como um mecanismo central na estruturação do mercado de sentimentos humanos” (ROJEK, 2008, p. 17). O desenvolvimento do capitalismo e da democracia também é apontado como um fator importante para a expansão do status de celebridade por David Marshall (2006). Segundo o pesquisador, “a celebridade é um meio efetivo para a mercadorização do eu e de sentimentos democráticos, em que a celebridade é a personificação do potencial de uma cultura acessível” (MARSHALL, 2006, p. 26).<sup>9</sup> Os ídolos modernos despontam, assim, como símbolos dos valores democráticos e capitalistas — o que será intensificado com o desenvolvimento dos novos meios de comunicação a partir do século XX.

Compartilhamos da visão de Smart segundo a qual “o estado de ser amplamente conhecido era muito diferente antes do século XX e do desenvolvimento dos meios de comunicação de circulação massiva” (SMART, 2005, p. 7).<sup>10</sup> A emergência do rádio e da TV, segundo o pesquisador, teve um impacto profundo na aquisição e na atribuição da fama. Se, antes, esta era associada a grandes feitos, agora, ela pode ser conquistada de outras formas: “a fama ainda pode residir na grandeza de ação ou realização, mas ela também se tornou um produto ou uma criação da representação midiática” (SMART, 2005, p. 6).<sup>11</sup> Paiva e Sodré sugerem ideia semelhante ao afirmar que

---

<sup>9</sup> Do original: “the celebrity is an effective means for the commodification of the self, and democratic sentiments, where the celebrity is the embodiment of the potential of an accessible culture”.

<sup>10</sup> Do original: “The state of being widely known was very different before the twentieth century and the development of mass circulation means of communication”.

<sup>11</sup> Do original: “Fame may still reside in greatness of deed or achievement, but it has also become a product or creation of media representation”

a fama independe de qualquer mérito pessoal, pelo menos no sentido clássico desta palavra, referente a ações ou realizações que deixam alguma marca social. Importante mesmo é entrar no jogo dos reflexos midiáticos, seja canal o cinema ou a televisão. O império da celebridade é de fato um dos sintomas da administração do social pela mídia e da redução da vida pública à vida privada (PAIVA; SODRÉ, 2004, p. 137).

Entretanto, acreditamos que essa perspectiva de Paiva e Sodré (2004) é muito radical e negativa para refletir sobre a construção das celebridades na contemporaneidade, na medida em que desvincula a fama do mérito e situa as celebridades como meras criações midiáticas. Além disso, não compartilhamos da ideia de que a vida pública foi reduzida à vida privada, mas que o mundo contemporâneo assiste a “uma imbricação e interpenetração” entre esses dois espaços (público e privado), “capaz de reconfigurá-los até tornar obsoleta a distinção” (SIBILIA, 2008, p. 78).

Nesse cenário contemporâneo, em que as fronteiras entre o público e o privado são *cambiantes* (THOMPSON, 2010), a visibilidade se torna um valor central, como aponta Braudy. Na longa trajetória construída sobre o fenômeno da fama, o autor aponta que, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, a “visibilidade se torna crucial para o modo como os indivíduos se situam no mundo” (BRAUDY, 1986, p. 592).<sup>12</sup>

A expansão da mídia constrói, assim, um novo tipo de visibilidade. Segundo Thompson (2008), a visibilidade midiática é caracterizada por uma simultaneidade desespacializada, em que indivíduos distantes podem ser visíveis ao mesmo tempo. Para o autor, isso

possibilitou uma forma íntima de apresentação pessoal, livre das amarras da co-presença. Essas foram as condições facilitadoras para o nascimento do que podemos chamar de “sociedade da auto-promoção”: uma sociedade em que se tornou possível, e até cada vez mais comum, que líderes políticos e outros indivíduos aparecessem diante de públicos distantes e desnudassem algum aspecto de si mesmos ou de sua vida pessoal (THOMPSON, 2008, p. 24).

Nessa sociedade da autopromoção, é possível perceber a dupla face da nova visibilidade (THOMPSON, 2008): se, por um lado, ela traz novas oportunidades aos atores sociais para a constituição da personalidade pública, ela também traz inúmeros riscos para os mesmos, na medida em que o controle sobre os materiais que são disponibilizados é muito mais difícil. Com isso, é necessário um processo permanente de ajuste e administração da *imagem pública* no cenário sócio-midiático (GOMES, 2004).

---

<sup>12</sup> Do original: “visibility becomes crucial to the way individuals situate themselves in the world”.

A imagem pública de um sujeito ou um grupo pode ser entendida como “um complexo de informações, noções, conceitos, partilhado por uma coletividade qualquer, e que o caracterizam” (GOMES, 2004, p. 254). É importante destacar que esse complexo está em constante construção e (re)configuração, já que uma “imagem pública não é uma entidade fixa, definitiva, sempre igual a si mesma e assegurada para todos os seres reais” (GOMES, 2004, p. 264). Os posicionamentos assumidos pela figura pública, bem como as relações estabelecidas entre ela e outros atores sociais, atuam nesse permanente fazer-se da imagem pública, que pode ser vista como “o resultado de disputas simbólicas exibidas ao imaginário coletivo em busca de respostas” (WEBER, 2009, p. 12). Esse processo de constituição se realiza, em grande medida, através dos discursos midiáticos.

A imagem pública nos chega como nos chega o mundo: mediado pelo sistema institucional e expressivo da comunicação, instrumento predominante onde e por onde se realiza a visibilidade social. Novos instrumentos de produção, gerenciamento e circulação da imagem, praticamente fora do controle direto dos indivíduos e dos grupos de convivência, transformam qualitativamente o próprio objeto “imagem pública”. A comunicação de massa, que é também sujeito de interesses sociais e, às vezes, políticos, organiza e cifra os materiais que nela circulam segundo lógicas e princípios muito específicos (GOMES, 2004, p. 264).

É nesse sentido que a visibilidade midiática tem um papel indispensável na configuração da imagem pública. Ela deve ser pensada não apenas como “um meio pelo qual aspectos da vida social e política são levados ao conhecimento dos outros: ela se tornou o fundamento pelo qual as lutas sociais e políticas são articuladas e se desenrolam” (THOMPSON, 2008, p. 37). Entretanto, é fundamental destacar que a constituição da imagem pública não se encerra nos limites dos dispositivos midiáticos. Afinal, “a imagem pública começa a existir apenas na recepção, ainda que certamente possa ser programada — e frequentemente o seja — na emissão” (GOMES, 2004, p. 267). É na estreita interlocução entre mídia e sociedade que a imagem pública é constituída, sustentada, controlada, atualizada e/ou modificada. E é nesse embate simbólico no cenário de visibilidade contemporâneo que as celebridades se constituem.

Para nomear as celebridades que se configuram a partir desse novo cenário midiático, Chris Rojek (2008) desenvolve uma tipologia composta por três status de celebridade: a) a *conferida*; b) a *adquirida*; e c) a *atribuída*. “A celebridade *conferida* tem relação com linhagem: o status decorre da linha de sangue. [...] Em contraste, a celebridade *adquirida* deriva de realizações do indivíduo observadas em competições abertas” (ROJEK, 2008, p. 20, grifos do autor). De acordo com Rojek, as celebridades que apresentam esse



segundo status são reconhecidas na esfera pública “como indivíduos que possuem raros talentos ou habilidades” (ROJEK, 2008, p. 20). Entretanto, o pesquisador ressalta que “a celebridade adquirida não é exclusivamente uma questão de talento ou habilidade especial. Em alguns casos ela resulta da concentrada representação de um indivíduo como digno de nota ou excepcional por intermediários culturais. Quando é assim, é celebridade *atribuída*” (ROJEK, 2008, p. 20, grifo do autor). As celebridades atribuídas, assim, emergem neste contexto contemporâneo e são, em grande medida, construções midiáticas.

Essa categorização proposta por Rojek é interessante, na medida em que permite perceber o modo de aparição de uma celebridade na cena pública. Mas é preciso ressaltar que esses status são móveis e podem se cruzar na trajetória de um sujeito: um indivíduo cuja celebridade provém de sua linha de descendência biológica pode conquistar reconhecimento público também pelo desenvolvimento de habilidades em determinada área de atuação.

De qualquer forma, independente do status que caracteriza as celebridades, é inegável que seu processo de constituição foi transformado pelo desenvolvimento da mídia. Vale destacar, contudo, que essa presença marcante da mídia na vida social vem alterando não apenas esse processo de constituição da imagem pública das celebridades, mas o próprio modo como sociedade se constrói. Os meios possibilitaram novos tipos de interação e vêm configurando um processo de *mediatização* da sociedade.

A noção de mediatização vem sendo muito utilizada contemporaneamente por diferentes autores<sup>13</sup> que procuram compreender as transformações sociais acarretadas pelo desenvolvimento da mídia. A ideia é que esta se constitui como uma referência central na edificação da própria sociedade: além de serem onipresentes na vida cotidiana, os meios atuam na construção dos sujeitos, das relações que são estabelecidas entre eles e do contexto social em que se inserem. Os significados instituídos pelos diferentes dispositivos midiáticos irrigam as práticas sociais e (re)orientam a vida dos sujeitos, os quais, por sua vez, atuam também na atualização daqueles significados. Dessa forma, a mediatização se refere ao processo de permanente interação e mútua constituição que se estabelece entre mídia e sociedade.

É preciso, contudo, ter cuidado para não apreender esses dois espaços (mídia e sociedade) como separados e distintos: a mídia é também uma prática social. Os significados produzidos pelos discursos midiáticos são, portanto, sociais e, na medida em que são colocados em circulação, irrigam e constituem outras práticas. O mérito do conceito de

---

<sup>13</sup> Cf. Braga, 2007; Sodré, 2007; Fausto Neto, 2008.

*mediatização* está em apontar que mesmo essas outras práticas (que seriam, inicialmente, extramediáticas) são hoje afetadas e constituídas também a partir do universo simbólico produzido pela mídia.

Assim, os diferentes tipos de celebridades são construídos na sociedade mediatizada e povoam o cenário de visibilidade pública. As pessoas famosas se tornam onipresentes na vida cotidiana, a partir da circulação de significados que se inicia nos dispositivos midiáticos e permeia as interações ordinárias. É fundamental destacar que a mídia não é o único fator determinante na edificação de celebridades. Estas se constituem a partir de complexas relações entre as próprias celebridades, os dispositivos midiáticos e o contexto social em que estão inseridos. É nessas relações entre mídia, contexto e indivíduos que o estatuto célebre de alguns sujeitos se configura. Existem diferentes modos de abordagem desses indivíduos, o que será discutido a seguir.

### **1.3 Algumas abordagens no estudo sobre as celebridades**

As celebridades podem ser estudadas de diferentes maneiras. Alguns autores enfatizam um determinismo da mídia na sua configuração, enquanto outros procuram relativizar a força dos dispositivos midiáticos nesse processo. Há aqueles que se voltam para os atributos internos dos sujeitos célebres (enfatizando seu talento como algo extraordinário), e há aqueles que procuram compreendê-los a partir das relações que estabelecem com outros sujeitos. Existem, ainda, os pesquisadores que procuram definir as celebridades de um modo mais universalizante, enquanto outros buscam compreender a especificidade das mesmas no contexto social em que se inscrevem. Todas essas perspectivas apresentam *insights* interessantes assim como alguns limites no modo de compreensão das celebridades que queremos construir neste trabalho.

*The triumph of mass idols*, de Leo Lowenthal, originalmente publicado em 1944, pode ser considerado um marco inicial no estudo sobre as celebridades. Em sua reflexão, o filósofo da Escola de Frankfurt analisa a presença das biografias nas revistas populares, já que, segundo o autor, “o interesse em indivíduos se tornou um tipo de fofoca massiva” (LOWENTHAL, 1986, p. 203).<sup>14</sup> Para Lowenthal, houve uma transformação significativa nos tipos de ídolos que são apresentados nas revistas: os ídolos da produção (ligados à indústria, à política, aos negócios, às ciências naturais) cederam espaço aos ídolos do consumo (ligados ao entretenimento em geral, ao cinema, ao esporte). Além disso, teria mudado o foco de abordagem

---

<sup>14</sup> Do original: “The interest in individuals has become a kind of mass gossip”.

de tais personalidades, como explica Joshua Gamson: “a maior parte dos escritos sobre as pessoas famosas tratava de sua vida privada e de hábitos pessoais [...], romances, gostos e desgostos” (GAMSON, 1994, p. 28).<sup>15</sup> Para Lowenthal, com essas transformações, o lado sério da vida pública teria cedido espaço para o mundo do entretenimento barato ou massivo.<sup>16</sup>

A abordagem dos ídolos realizada por Lowenthal traz marcas da perspectiva teórica mais ampla em que se inscreve: a Teoria Crítica, desenvolvida pelos filósofos da Escola de Frankfurt. Muito marcada pelo contexto de desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e da sociedade de consumo, essa teoria promoveu uma contundente crítica à industrialização da cultura na sociedade capitalista.<sup>17</sup>

A perspectiva da Escola de Frankfurt é situada por Rojek (2008) em uma abordagem por ele denominada *estruturalismo*<sup>18</sup> no estudo das celebridades.<sup>19</sup> Segundo o sociólogo, na Teoria Crítica,

as celebridades são conceitualizadas como um dos meios com os quais o capitalismo alcança os seus fins de subjugar e explorar as massas. [...] Essa identificação das massas com as celebridades é sempre falsa, visto que celebridades não são consideradas reflexos da realidade, mas invenções planejadas para realçar o domínio do capital (ROJEK, 2008, p. 37).

<sup>15</sup> Do original: “Most writing about famous people reported on their private lives and personal habits [...], romances, likes and dislikes”.

<sup>16</sup> Uma análise mais detalhada acerca da perspectiva de Lowenthal sobre os ídolos pode ser encontrada em Lana (2012). É interessante destacar a comparação que a pesquisadora faz entre essa abordagem e a distinção proposta por Daniel Boorstin, na década de 1960, entre herói e celebridade: “O tratamento das personagens públicas na obra de Boorstin é fundado na ideia da fabricação e do consumo. A oposição entre a grandeza e a fama, a primeira impossível de ser produzida e a segunda passível de criação nos *media*, estabelece uma correspondência com os conceitos de ídolos da produção e ídolos do consumo de Leo Lowenthal. O declínio dos ídolos da produção (para Lowenthal) pode ser relacionado ao desaparecimento do herói (para Boorstin). O apogeu das celebridades transforma a compreensão da grandeza humana; os modelos de conduta dos heróis desaparecem, pois a fama (a aparição concentrada) anula a nobreza e a ocorrência de acontecimentos reais no mundo” (LANA, 2012, p. 29).

<sup>17</sup> Essa contraposição que Lowenthal faz entre o lado sério da vida pública e o entretenimento massivo — com um claro desmerecimento do segundo — será abordada por Adorno e Horkheimer na formulação do conceito de indústria cultural na obra *A Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947.

<sup>18</sup> Além da Escola de Frankfurt, Rojek situa nessa abordagem as perspectivas de autores muito diferentes como Guy Debord, Edgar Morin, Michel Foucault, entre outros, que procuram investigar as relações entre a conduta humana e o contexto que a move, entendendo as celebridades “como expressão de regras estruturais universais enraizadas na cultura” (ROJEK, 2008, p. 36-37). Segundo o pesquisador, o viés desses autores exagera “a importância da *estrutura* designada de controle social” e neutraliza “o poder de resistência dos atores sociais” (ROJEK, 2008, p. 48, grifo nosso). É daí que vem a nomeação da abordagem — *estruturalismo* —, a qual, entretanto, pode ser questionada. Afinal, a expressão *estruturalismo* é utilizada, usualmente, para nomear um movimento do pensamento iniciado na França, a partir da perspectiva do linguista Ferdinand Saussure, que procurava compreender a língua como uma grande estrutura. Expandindo-se para outros campos de conhecimento, a noção de estrutura acabará por afastar, em muitos casos, o vínculo com o contexto, distintamente de vários autores incluídos por Rojek na perspectiva que ele nomeia *estruturalista*.

<sup>19</sup> Existem diferentes formas de agrupar os estudos sobre celebridades. Kerry Ferris (2007), por exemplo, organiza tais estudos em duas abordagens: a que situa a celebridade como *patologia* e a que a vê como *mercadoria*. Ao criticar tais perspectivas, a pesquisadora procura evidenciar a importância de se atentar para as questões de significado nos estudos sobre celebridades. No presente trabalho, optamos por dialogar com os tipos de abordagem sugeridos por Rojek (2008): *subjetivismo, estruturalismo e pós-estruturalismo*.

Não podemos negar as contribuições dessa abordagem para a reflexão sobre as celebridades: de fato, as personalidades do campo do entretenimento ocupam um espaço central na mídia, que tematiza a vida privada das mesmas, e são inegáveis os interesses econômicos que regem a configuração desses novos ídolos do consumo. Entretanto, deve-se questionar a hierarquia de importância aí construída, a qual procura claramente distinguir o que seria sério (a política, a ciência) e o que seria frivolidade (o entretenimento produzido pela indústria cultural). A Teoria Crítica constrói uma dicotomia que opõe o importante ao fútil, o que merece atenção ao que deve ser negligenciado. Nessa perspectiva, as celebridades são vistas a partir de um viés muito determinista, que as considera como meros instrumentos de dominação a serviço do capitalismo. Se é certo que não se pode negar o papel da indústria na configuração dos ídolos, também não se pode entendê-los como um fenômeno homogêneo, tomado *a priori* como um instrumento de subjugação e de exploração das massas. É preciso atentar para a complexidade do processo de constituição das celebridades, que não se reduz à dimensão econômica enfatizada, de modo muito determinante, por teóricos da Escola de Frankfurt.

Outra forma de abordar as celebridades é atentar para os traços particulares desses ídolos. Rojek (2008) nomeia essa perspectiva de *subjetivismo*. Segundo ele, “descrições subjetivistas de celebridade agarram-se à suposta singularidade de características pessoais. Nessas descrições, a celebridade é explicada como o reflexo de talento inato. [...] O talento é compreendido como sendo um fenômeno único, inexplicável” (ROJEK, 2008, p. 33). Nessa abordagem, Rojek situa a discussão sobre o *carisma*, realizada por Max Weber, a qual pode ser usada para refletir sobre as celebridades. Para Rojek, mesmo sendo um “notável crítico de genuíno subjetivismo”, o sociólogo alemão “inventou o conceito de carisma para aplicar a qualidades especiais ou únicas atribuídas ao indivíduo” (ROJEK, 2008, p. 35). Entendendo que a discussão de Weber é importante para análise dos ídolos, é preciso discutir com cautela o conceito cunhado por ele, assim como sua inserção (ou não) nessa perspectiva subjetivista.

O conceito de carisma é desenvolvido por Max Weber para refletir sobre as formas de legitimação da dominação, entendida como “a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato”, a qual pode ser fundada em diferentes “motivos de submissão” (WEBER, 1979, p. 128). Para o sociólogo, existem três tipos de dominação, fundadas em bases de legitimidade diferentes.

A *dominação legal* se concretiza em virtude do estatuto: existem regras racionais que mantêm o dever da obediência dos dominados. Segundo Weber, nesse tipo de dominação, “obedece-se não à pessoa em virtude de seu direito próprio, mas à *regra* estatuída, que estabelece ao mesmo tempo a quem e em que medida se deve obedecer” (WEBER, 1979, p.

129, grifo do autor).<sup>20</sup> A *dominação tradicional* é efetivada a partir da crença pessoal do servidor nos poderes senhoriais existentes há muito tempo: “obedece-se à pessoa em virtude de sua dignidade própria, santificada pela tradição: por fidelidade” (WEBER, 1979, p. 131).<sup>21</sup>

A *dominação carismática*, por sua vez, é legitimada pela *devoção afetiva* dedicada ao líder e a seus dotes sobrenaturais: “a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória” (WEBER, 1979, p. 134-135). De acordo com o sociólogo, nessa forma de dominação, “obedece-se exclusivamente à pessoa do líder por suas qualidades excepcionais e não em virtude de sua posição estatuída ou de sua dignidade tradicional; e, portanto, também somente enquanto essas qualidades lhe são atribuídas, ou seja, enquanto seu carisma *subsiste*” (WEBER, 1979, p. 134, grifo do autor). Assim, o carisma emerge como uma qualidade pessoal, que supõe o reconhecimento dos submetidos, ainda que este não derive daquele: a crença no líder é encarada como um *dever*. Mas não é visto como algo fixo e imutável: a dominação persiste enquanto o carisma subsistir.

O conceito é definido, em outro texto, como um conjunto de “dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos” (WEBER, 1982, p. 171). O autor chama atenção mais para a dimensão individual do carisma, na medida em que ressalta as qualidades internas (“do corpo e do espírito”) que o constituem. Para o sociólogo, “o líder carismático ganha e mantém a autoridade exclusivamente provando sua força de vida” (WEBER, 1982, p. 174). Ao afirmar que é destino do carisma (ao chegar às instituições permanentes de uma comunidade) ceder lugar “aos poderes da tradição ou da socialização racional”, Weber destaca que tal desaparecimento “indica, geralmente, a decrescente importância da ação individual” (WEBER, 1982, p. 177).

Clifford Geertz (1997) discute algumas tensões que marcam o conceito weberiano, apontando que este pode ser usado para pensar também a dimensão social do carisma. O autor reivindica que o carisma não é simplesmente um fenômeno psicológico, mas também cultural (GEERTZ, 1997, p. 182). Conforme o antropólogo:

como o carisma ora é definido como “uma certa qualidade” que destaca um indivíduo, colocando-o em uma relação privilegiada com as origens do ser, e ora considerado um poder hipnótico que “certas personalidades” parecem possuir e que lhes torna capazes de provocar paixões e dominar mentes, não é possível saber ao certo se ele é um status, um estímulo ou uma fusão ambígua dos dois (GEERTZ, 1997, 182).

---

<sup>20</sup> Segundo Weber, o tipo mais puro desse modo de dominação é a *burocracia*, ainda que nenhuma dominação seja exclusivamente burocrática.

<sup>21</sup> Nesse segundo tipo de dominação, o tipo mais puro é a *patriarcal*.

Para Geertz, muitos estudiosos da sociologia clássica tendem a considerar apenas a dimensão psicológica do carisma, o que, segundo o autor, não corresponde à complexidade do conceito formulado por Weber. Dessa forma, Geertz procura chamar mais a atenção para a dimensão social e cultural do carisma, destacando que “o carismático não é necessariamente dono de algum atrativo especialmente popular, nem de alguma loucura inventiva; mas está bem próximo ao centro das coisas” (GEERTZ, 1997, p. 184). Ele enfatiza, assim, a dimensão de poder que atravessa o carisma, constituído na relação entre os indivíduos e as esferas de poder em um contexto sócio-cultural.

Em sua abordagem ao conceito de carisma, Pierre Bourdieu também chama a atenção para a necessidade de perceber o poder como sendo social (e não proveniente apenas de dons sobrenaturais), como destaca Marshall (2006, p. 55). Em vez de analisar o carisma como uma propriedade anexada à natureza de um indivíduo singular, o autor propõe examinar “em cada caso particular, as características sociologicamente pertinentes de uma biografia individual” (BOURDIEU, p. 131 *apud* MARSHALL, 2006, p. 55).<sup>22</sup> Bourdieu aponta, assim, para as predisposições sociais dos indivíduos para manifestar disposições éticas ou políticas frente aos membros de um grupo.

A partir dessas leituras que Geertz e Bourdieu fazem do conceito weberiano, podemos evidenciar a dimensão social do carisma. Na análise das celebridades, o carisma não deve ser visto apenas como dons singulares que elas apresentam, mas como construído em sintonia com o contexto social e com as esferas de poder com as quais dialogam. Não entendemos o carisma como uma propriedade intrínseca dos indivíduos, já que ele apresenta um *caráter relacional* (COELHO, 1999, p.72). Assim, ele deve ser visto como um conjunto de traços que são reconhecidos como dignos de valor por todos aqueles que se submetem à autoridade carismática e mantêm, portanto, uma devoção afetiva em relação a ela. Dessa forma, uma celebridade só mantém esse tipo de autoridade sobre os membros de um público se ela corresponde a expectativas e reúne valores compartilhados por eles.

Nesse sentido, consideramos que a abordagem das celebridades a partir do conceito weberiano de carisma não pode ser entendida como puramente subjetivista. Se entendemos o carisma como uma construção relacional como evidenciamos acima, ele não pode ser visto como atributo inerente às celebridades. É preciso, portanto, analisar uma celebridade não em si mesma, mas sempre em relação — com outras celebridades, com a mídia, com o público, com o contexto.

---

<sup>22</sup> Do original: “in each particular case, sociologically pertinent characteristics of an individual biography”.

A abordagem que procura atentar para essas relações é nomeada por Rojek (2008) de *pós-estruturalista*. Para o autor, “as descrições pós-estruturalistas concentram-se na imagem da celebridade onipresente e nos códigos de representação através dos quais essa imagem é reproduzida, desenvolvida e consumida” (ROJEK, 2008, p.48-49). Essa perspectiva atenta para a relação entre a celebridade e os contextos históricos, culturais e sócio-econômicos em que ela se inscreve. “Para usar um termo do pós-estruturalismo, a celebridade é ‘intertextualmente’ construída e desenvolvida” (ROJEK, 2008, p. 49). Dois autores são situados por Rojek nesse viés: Richard Dyer e Richard deCordova.

Em *Stars* (1998), originalmente publicado em 1979, Dyer procura analisar a imagem polissêmica das estrelas de cinema, construída em diferentes textos midiáticos: os filmes, os materiais de promoção e publicidade dos mesmos, as revistas, as críticas e os comentários publicados pela imprensa. Para o autor, a imagem das estrelas “é uma *totalidade complexa* e tem uma *dimensão cronológica*” (DYER, 1998, p. 63, grifos do autor).<sup>23</sup> Isso significa que os sentidos em torno da imagem de uma celebridade são articulados em diferentes dispositivos ao longo do tempo; ela não é fruto de um único momento, mas de todo um contexto espaço-temporal ampliado. Assim, Dyer enfatiza a multiplicidade de significados que marca a imagem dos ídolos do cinema, ainda que tais sentidos sejam limitados pelo que é disponibilizado pelos textos midiáticos. Além disso, o autor destaca a importância de compreender as celebridades tendo em vista as circunstâncias de produção e circulação das mesmas.

Em outra obra (*Heavenly Bodies*, publicada em 1986), o mesmo autor retoma essa relação entre celebridades e contexto, como explicam Redmond e Holmes: “Dyer sugere que somente através da combinação de análise textual e intertextual das estrelas com os contextos ideológicos e históricos que se pode chegar ao entendimento de sua fascinação para a audiência e seu poder de afetar a vida ordinária das pessoas” (REDMOND; HOLMES, 2007, p. 63).<sup>24</sup> Para Dyer, a imagem das estrelas é sempre multimídia e intertextual, construída a partir de diferentes textos (DYER, 2004, p. 3).

Essa perspectiva intertextual do estrelato também é sugerida por Richard deCordova (2007). Ao analisar a construção das estrelas no cinema, o autor discute a emergência do *star system* nos Estados Unidos, evidenciando que as estrelas se constroem a partir de conexões entre os próprios filmes e outros tipos de discurso. O autor destaca também a articulação entre a vida profissional e a vida privada dos atores e atrizes (2007, p. 138) como

<sup>23</sup> Do original: “[the image] is a *complex totality* and it does have a *chronological dimension*”.

<sup>24</sup> Do original: “Dyer suggests that is only through combining textual and intertextual analysis of stars with ideological and historical contexts that one gets close to understanding their fascination for the audience and their power to affect ordinary people’s lives”.

um elemento novo na construção das estrelas — já que, nos primórdios do cinema, o foco era apenas na atuação profissional dos artistas. Situando o olhar de Richard deCordova no pós-estruturalismo, Chris Rojek sintetiza que o mérito deste é confirmar “a importância de se compreender a celebridade como um campo de poder relacional em desenvolvimento” e enfatizar “a versatilidade e as contradições do rosto público” (2008, p. 50). Ou seja, as celebridades devem ser pensadas a partir da articulação entre diferentes textos, que tematizam a vida profissional e privada das mesmas na constituição de sua imagem pública.

Essas abordagens propostas por Rojek (2008) são interessantes, mas consideramos difícil separá-las em diversos estudos de caso de celebridades. Não conhecemos análises que sejam puramente subjetivistas; vários estudos que fazem referência ao conceito de carisma procuram apreender as celebridades em análise a partir de uma abordagem mais complexa dos indivíduos famosos. Muitos estudos atentam para a dimensão estrutural da configuração desses sujeitos, mas procuram apreendê-los a partir de um jogo de constituição intertextual — mesclando, portanto, as perspectivas estruturalista e pós-estruturalista propostas pelo sociólogo inglês. Assim, na próxima seção, serão apresentados alguns estudos acerca de celebridades, levando em conta os campos de emergência das mesmas e relacionando, quando possível, com as abordagens propostas por Rojek.

#### **1.4 Múltiplas dimensões na análise das celebridades: algumas pesquisas e suas contribuições**

Durante muito tempo, o fenômeno das celebridades foi negligenciado pela academia. Como destaca Ferris (2007), “fama e celebridade eram vistos como tópicos triviais, desimportantes para um entendimento compreensivo do mundo social” (FERRIS, 2007, p. 372).<sup>25</sup> Nas últimas décadas, no entanto, essa temática se converteu em objeto de estudo de diferentes pesquisadores, que desenvolvem reflexões em vários campos e com objetivos diversos — o que será discutido nesta seção.

Ao rever e analisar diferentes investigações acerca da temática da celebridade e da construção da fama, pode-se perceber que o foco geral incide sobre as singularidades dos ídolos analisados: seu campo de emergência, seu processo de produção, sua inserção na cultura e sua relação com as audiências. De diferentes maneiras, cada um a seu modo, os estudos brevemente discutidos aqui permitem perceber a importância de refletir sobre as

---

<sup>25</sup> Do original: “Fame and celebrity were seen as trivial topics, unimportant to a comprehensive understanding of the social world”.



celebridades, não apenas em sua particularidade, mas, sobretudo, em relação ao que elas revelam acerca do contexto social em que se inscrevem. Seja analisando um rei, uma estrela cinematográfica, um roqueiro ou uma apresentadora de TV, o que as pesquisas sugerem é um modo de analisar as celebridades que procura iluminar e compreender a sociedade em que elas se inscrevem e que, ao mesmo tempo, ajudam a construir.<sup>26</sup>

Uma das esferas em que as celebridades podem ser estudadas é a política. Nesse terreno, um estudo interessante foi realizado por Peter Burke (1994) sobre a construção da imagem de Luís XIV, um ícone da monarquia francesa, que reinou por mais de 70 anos, entre os séculos XVII e XVIII. O historiador analisa o processo de fabricação da imagem pública do rei, o lugar que este ocupa no imaginário coletivo. Para tanto, Burke procura apreender tal imagem em diferentes suportes (pedra, bronze, tinta e cera), além do “sentido metafórico da visão do rei projetada por textos (poemas, peças teatrais, histórias) e por outros meios, como balés, óperas, rituais da corte e outras formas de espetáculo” (1994, p. 13). Essas manifestações são vistas por Burke como expressões de poder do Rei Sol e modos de elevar a sua glória diante dos súditos.

Ainda que não discuta muito o conceito de carisma, Peter Burke faz referência a ele em sua análise de Luís XIV. Segundo o autor, o rei “era carismático em todos os sentidos, tanto no sentido original de ter sido ungido com o óleo do carisma — um símbolo da graça divina —, como no sentido moderno de ser um líder envolto por uma aura de autoridade” (1994, p. 22). O historiador destaca que o carisma do rei não era algo dado, mas necessitava de renovação permanente. Além disso, Burke ressalta a necessidade de apreender o caso desse rei da França “em seu contexto, como criação coletiva” (1994, p. 24). Com isso, o historiador evidencia a dimensão social e coletiva que configura a imagem pública de Luís XIV.

Outro ponto que merece ser aqui destacado na análise de Burke é o modo como aborda as relações de poder na França naquele momento. Em uma perspectiva histórica, o autor analisa tanto as estratégias utilizadas para aumentar a glória do Rei Sol (em seu período de ascensão e em momentos de crise de seu reinado) como as menos coordenadas propagandas<sup>27</sup> de rejeição à imagem real. Ao olhar, ainda, para a recepção dessa imagem

---

<sup>26</sup> A discussão dos estudos não é realizada aqui de maneira cronológica, mas tendo em vista o campo de emergência das celebridades e as afinidades de abordagem das pesquisas. Para uma apresentação cronológica dos estudos sobre celebridades, cf. Lana, 2012.

<sup>27</sup> Peter Burke faz uma ressalva de que o conceito de propaganda não existia no século XVII e seria um perigo considerar seu estudo como uma “análise da propaganda de Luís XIV”. Isso poderia levar “tanto autor como leitores a interpretar os poemas, pinturas e estátuas que representam o rei como se fossem meras tentativas de persuadir, e não (digamos) expressões do poder do rei e da devoção de pelo menos alguns de seus súditos” (BURKE, 1994, p. 16). Entretanto, o autor usa a expressão tanto ao tratar da campanha contra o Rei Sol como nas comparações que faz com outros soberanos e chefes de Estado contemporâneos no capítulo final da obra.

naquele contexto, Burke evidencia como a circulação de imagens (oficiais e não oficiais) sobre Luís XIV colaborou na constituição de uma opinião pública naquele país (1994, p. 164).

Podemos perceber que a perspectiva de Peter Burke transita entre as diferentes abordagens propostas por Rojek. O historiador utiliza o conceito de carisma para tratar de imagem pública do rei, evidenciando sua configuração social e coletiva e não apenas subjetiva. Além disso, o autor inscreve sua análise nas relações de poder estruturais daquele contexto e a realiza a partir de uma perspectiva intertextual.

Se figuras públicas da esfera política já motivaram análises como essa de Peter Burke, é, entretanto, no campo do entretenimento, com seus inúmeros dispositivos no cenário midiático contemporâneo, que a maioria dos estudos sobre celebridades se concentra. O cinema impulsionou várias reflexões em diferentes contextos e a partir de abordagens diversas.

Edgar Morin (1989) desenvolve uma reflexão pioneira<sup>28</sup> na análise das celebridades no cinema. O sociólogo reconstrói a trajetória e as transformações das estrelas desde os primórdios do cinema, quando este recorria às vedetes consagradas do teatro, até o apogeu (e o declínio) do *star system*, “máquina de fabricar, manter e promover as estrelas sobre as quais se fixaram e se divinizaram as virtualidades mágicas da imagem da tela” (MORIN, 1989, p. 77).

Uma das estrelas construídas por essa “instituição própria ao grande capitalismo” (MORIN, 1989, p. 74) e analisada por Morin é James Dean, cuja trajetória é comparada com a dos heróis das mitologias. Ao olhar para a vida e para os filmes do ator, o sociólogo relaciona a estrela aos ideais da juventude e ao contexto americano em que ela se insere: se “o cinema americano tinha a tendência de camuflar os conflitos entre pais e filhos, através do idílio familiar [...], ou simplesmente suprimindo a existência dos pais”, os filmes de James Dean trazem “como personagens um pai insensível e uma mãe fraca” (*Vidas Amargas*) ou “uma mãe incompreensiva e um pai fraco” (*Juventude Transviada*) (MORIN, 1989, p. 115). Além disso, o ator e seus personagens incorporavam a rebeldia e a resistência da adolescência às convenções sociais do mundo dos adultos (MORIN, 1989, p. 114). A morte do ator

realiza o destino de todo herói mitológico, afirmando sua dupla natureza, humana e divina. A morte completa a profunda humanidade do herói [...]. Ao mesmo tempo, a morte completa o herói em sua natureza sobre-humana, divinizando-o à medida que lhe abre as portas da imortalidade (MORIN, 1989, p. 117).

---

<sup>28</sup> Originalmente publicada em 1957, essa obra recebeu sucessivas reedições. Na versão publicada em 1972, há um novo prefácio, em que o autor apresentou a necessidade de um novo capítulo para dar conta das transformações das estrelas entre o fim da década de 1960 e início de 1970.

Na visão de Morin, a trajetória de James Dean marca o início da construção dos heróis da adolescência naquele contexto. Entretanto, entre o fim da década de 1950 e início de 1960, o modelo cultural da juventude se desloca do cinema para outros campos, como o rock, a música e a dança. É por isso que o sociólogo considera o ator a última estrela mitológica e a primeira estrela problemática do cinema: “Primeiro herói da adolescência, ele anuncia uma nova cultura juvenil que se desvinculará do cinema, fazendo com que ele perca o seu poderoso papel sociocultural” (MORIN, 1989, p. 120).

É o momento em que a máquina do *star system*, responsável por filtrar e perfumar o maravilhoso universo hollywoodiano, começa a emperrar. Um marco nesse processo de problematização geral é, para Morin, o suicídio de Marilyn Monroe:

Esta morte que nos deixa perplexos, a nós que pensávamos que nos faltava muito mais que o que faltava a Marilyn Monroe, esta morte que nos bestifica, a nós, os milhões que, se a tivéssemos conhecido, estaríamos prontos para adorá-la e amá-la, esta morte é o último suspiro do *star system*. É a desmitificação natural, a brecha por onde se precipita a verdade; não existe mais estrela-modelo, não existe mais Olimpo feliz (MORIN, 1989, p. 131-132).

O autor considera que, a partir da década de 1960, a estrela não está mais apenas ligada a uma imagem eufórica, mas revela insatisfações, angústias e problemas enfrentados pela sociedade naquele momento. Morin procura relacionar o sistema de construção das estrelas cinematográficas ao contexto social: o desenvolvimento do capitalismo e suas implicações na cultura de massa, as relações de gênero, o movimento feminino, a busca do amor e seus fracassos. É o início de um processo maior de humanização das estrelas, que se articula e se sobrepõe à divinização das mesmas.

Em outra obra (1997), publicada pela primeira vez em 1962, Edgar Morin retoma o tema da constituição das celebridades não apenas no cinema, mas na cultura de massas de modo mais amplo, e enfatiza essa relação entre o humano e o divino na edificação dos *olimpianos*. O autor destaca que a humanização deles é necessária para promover a identificação do público, que pode reconhecer, na vida privada dos ídolos, sentimentos e experiências de sua própria vida cotidiana. Ao mesmo tempo, a divinização dos olímpianos é que permite a projeção do público, que pode se contentar em viver, através da experiência dos ídolos, emoções e realizações que seriam impossíveis em sua vida concreta. Nas palavras do autor,

os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Concentram nessa dupla natureza um complexo virulento de projeção-identificação. Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. A esse título os olímpianos são os condensadores energéticos da cultura de massa.

Sua segunda natureza, por meio da qual cada um se pode comunicar com sua natureza divina, fá-los participar também da vida de cada um. Conjugando a vida quotidiana e a vida olimpiana, os olímpianos se tornam *modelos de cultura* no sentido etnográfico do termo, isso é, modelos de vida (MORIN, 1997, p. 107, grifo do autor).

Essa dupla natureza dos olímpianos é problematizada por Vera França (2010a) na análise das celebridades contemporâneas. Segundo a pesquisadora, estas estão cada vez mais humanas e mais efêmeras no cenário midiático, o que leva a perguntar: “seria possível continuar falando em mecanismos de projeção? Continuamos fascinados pelas celebridades porque ainda queremos ser como elas?” (FRANÇA, 2010a, p. 224). Para França, os sujeitos continuam a projetar nas celebridades seus sonhos inalcançáveis e seus desejos não realizados, o que reforça a admiração que sentem pelos famosos. Entretanto, é possível situar ao lado dos mecanismos de projeção e identificação uma *contraidentificação*:

observar a intimidade das pessoas célebres não significa forçosamente aderir ou se identificar a elas. O olhar “crítico” faz igualmente parte da atração pelos famosos. [...] Ironizamos as estrelas e os famosos, mas continuamos a nos interessar por eles. Através da contraidentificação, nos tranquilizamos e nos valorizamos ao criticar a arrogância, as besteiras, o excesso, a vulgaridade da vida mundana (DORTIER, 2009, p. 21).<sup>29</sup>

Retomando a visão de Dortier, Vera França (2010a) enfatiza essas duas dinâmicas opostas que caracterizam a nossa relação com as pessoas célebres: admiração e crítica. Para a pesquisadora, no contexto contemporâneo, marcado por insegurança e fragilidade, os ídolos se situam como mediadores tanto de nossa busca do êxito como de nosso drible do fracasso. Nas celebridades cada vez mais humanizadas, percebemos erros e deslizes de conduta, que podem também ser nossos; percebemos, ainda, como a incansável busca da felicidade motiva sujeitos célebres e ordinários, sem, no entanto, alcançar a plenitude na sociedade hodierna.

Essa atenção ao contexto em que as celebridades se configuram também aparece na análise de Richard Dyer (1998) sobre Jane Fonda. Buscando recompor a *totalidade complexa* que é a imagem da atriz, o pesquisador analisa diferentes discursos midiáticos. Dyer discute a postura política dela em determinados momentos de sua carreira, como seu posicionamento contra a Guerra do Vietnã. Além disso, o autor atenta para a associação construída pela mídia entre Jane e seu pai famoso, o também ator Henry Fonda (em um momento em que as ideias de Freud se difundiam nos EUA): ela teria herdado seus traços políticos, culturais e físicos. A

---

<sup>29</sup> Do original: “Observer l’intimité des gens célèbres n’est pas forcément adhérer ou s’identifier à elle. Le regard ‘critique’ fait également partie de l’attrait pour le *people*. [...] On se moque des stars et des *people*, mais on regarde quand même. Contre-identification, on se rassure et on se valorise en se moquant de l’arrogance, de la bêtise, de l’excès, de la vulgarité de la vie mondaine”.

mídia evidenciava a necessidade de a atriz negociar com as especulações sobre essa herança na constituição da sua imagem. Imagem essa que também foi construída a partir da ênfase em sua habilidade como atriz e em seu *sex appeal*. Os textos midiáticos enfatizavam mais o fato de a atriz ser atraente do que bonita e, frequentemente, exibiam fotografias que vulgarizavam seu corpo, construindo uma imagem marcada por traços eróticos. Ao mesmo tempo, Jane Fonda encarnou papéis de meninas masculinizadas (*tomboys*) — evidenciando os distintos papéis vivenciados por ela ao longo da carreira.

É interessante perceber, ainda, o modo como o carisma é acionado por Dyer na análise da imagem de Jane Fonda. O autor retoma a noção weberiana, tal como foi usada para discutir a legitimidade da ordem política, mas considera necessário repensar o conceito em sua transposição para a teoria do cinema e a reflexão sobre as estrelas. Ele resgata o argumento de S.N. Eisenstadt na introdução a uma obra de Weber (*Charisma and Institution Building*), segundo o qual o apelo carismático estaria ligado à incerteza na ordem social. Para Dyer, tal argumento não avança muito na análise das estrelas, a não ser que se tome a sociedade ocidental do século XX como em permanente instabilidade. Na visão do autor, é preciso “pensar em termos das relações [...] entre estrelas e instabilidades, ambiguidades e contradições específicas na cultura” (DYER, 1998, p. 30-31).<sup>30</sup> A estrela emerge como um lugar de composição e negociação de contradições.

A abordagem de Dyer procura, assim, compreender a múltipla imagem de Jane Fonda, a partir de características próprias da atriz, suas relações com o contexto social e político americano, suas relações afetivas e familiares, apreendidas em diferentes textos midiáticos. Busca também perceber as contradições que permearam a configuração de seu apelo carismático: em relação a seu posicionamento político e à sexualidade. A perspectiva intertextual (*pós-estruturalista*) construída por Dyer levanta também aspectos subjetivos e contextuais em sua análise e traz *insights* muito interessantes para pensar a relação entre celebridade e carisma.

A trajetória de Drew Barrymore, uma das mais bem sucedidas atrizes de Hollywood, é objeto de análise de Rebecca Williams (2007). A pesquisadora destaca que, no início da carreira (após um processo de reabilitação devido ao vício em álcool e drogas<sup>31</sup>), Barrymore interpretava mulheres sedutoras ou *vamps* nos filmes. Aos poucos, a atriz vai se

---

<sup>30</sup> Do original: “to think in terms of the relationships [...] between stars and specific instabilities, ambiguities and contradictions in the culture”

<sup>31</sup> Williams cita o trabalho de Friedling (2000) que aborda a carreira da mesma atriz até 1995. Na visão de Friedling, conforme Williams, os materiais em torno de Drew Barrymore enfatizavam seu *status* de ex-viciada em drogas e álcool.

afastando desse tipo de representação, migrando para uma feminilidade romântica que caracteriza as “boas moças” das comédias românticas estreladas por ela. Ao mesmo tempo, atua em filmes como *As Panteras* (2000), que apresenta diferentes modelos de feminilidade<sup>32</sup> e em que Barrymore interpreta a mais sexualmente promíscua e não convencional das amigas, capaz de trair o namorado, diferentemente das boas moças anteriormente interpretadas por ela. Contudo, evidencia Williams, Drew Barrymore é a produtora executiva do filme<sup>33</sup> e está no comando da representação ali constituída.

É nesse sentido que a pesquisadora aponta a ambivalência e as contradições que marcam o feminismo da atriz: nos diferentes papéis que ela decide encarnar (o da mocinha clássica ou o da garota má) e também nas relações que estabelece com outros intermediários culturais da indústria do cinema. Se, em alguns momentos, Barrymore aparece como construtora autônoma de sua própria imagem, também é preciso destacar os constrangimentos da indústria que incidem sobre ela (como os imperativos econômicos que regem a produção de um filme). Para Williams (2007), Drew Barrymore deve ser vista como uma estrela independente sim, mas, ao mesmo tempo, ambivalente, que transita entre diferentes modelos de feminilidade e que se constrói a partir de múltiplas e complexas interações com outros agentes. Dessa forma, a pesquisadora contesta abordagens mais subjetivistas das celebridades, enfatizando a dimensão estrutural que perpassa a sua constituição.

O foco em uma atriz de cinema e no modo como ela conduz o rumo de sua imagem pública também emerge no trabalho de Mary C. Beltrán (2007). A pesquisadora analisa discursos em torno da atriz porto-riquenha Jennifer Lopez, atentando para a ênfase no corpo na constituição dessa estrela. Beltrán aponta que as mulheres latinas vêm sendo, historicamente, representadas como exóticas, vistas como objetos sexuais e como portadoras de dotes corporais avantajados. Essa representação contraria o padrão de beleza incentivado nos EUA e que acaba por oprimir aquelas mulheres que não se enquadram nele: o da mulher esbelta e esguia. Para a pesquisadora, esse padrão é associado às mulheres brancas na cultura americana (ao lado de valores como o amor e a bondade), enquanto às não-brancas são reservados traços vistos como negativos que acabam por estereotipá-las (como os quadris avantajados e os corpos curvilíneos). A partir dessas considerações, Beltrán destaca que

é possível ver Jennifer Lopez não como mais uma vítima construída em uma sociedade ainda racista como um objeto étnico sexual (apesar de haver, sem dúvida, elementos dessa dinâmica nas representações de Lopez no fim dos anos 1998), mas como investida de qualidades como inteligência,

---

<sup>32</sup> A garota má, a garota inteligente e a garota romântica (WILLIAMS, 2007, p. 117).

<sup>33</sup> Com o sucesso comercial dos filmes, Barrymore consegue instituir a sua própria companhia de produção, a *Flower Films* (1995).

assertividade e poder, ao mesmo tempo em que orgulhosamente exhibe seu corpo fora dos padrões, declarando-o bonito (BELTRÁN, 2007, p. 282).<sup>34</sup>

Assim, Beltrán propõe Jennifer Lopez como agente ativo no processo de constituição de seu status de estrela. Além disso, aponta a celebridade como lugar de manifestação e negociação de conflitos em relação a padrões culturais vigentes, evidenciando possíveis disputas ideológicas em torno dos significados que perpassam as estrelas na vida social.<sup>35</sup>

As análises de Williams e Beltrán destacam o lugar (ativo e autônomo) das celebridades na constituição de seu lugar na cena pública. Além disso, evidenciam que não se podem negligenciar os valores sociais que orientam a vida dos sujeitos em determinado contexto e incidem também sobre a cultura das celebridades. Não se podem também negligenciar outros atores que atuam na configuração dos ídolos, como a própria indústria cinematográfica e o público a quem seus produtos se dirigem. É a partir das negociações simbólicas que se processam entre os diferentes atores que as celebridades se constituem.

A reflexão de Rebecca L. Epstein (2007) se volta para essa relação entre celebridades e audiências, a partir das interconexões entre as indústrias do cinema e da moda. Na visão da pesquisadora, as audiências cinematográficas estão se constituindo agora não apenas como *consumidoras* da moda das celebridades, mas como *críticas* do gosto das mesmas (2007, p. 207). Mesmo que o momento seja de avidez por glamour, é preciso conjugá-lo com a acessibilidade das peças à audiência.

É nesse sentido que Epstein analisa o estilo da atriz Sharon Stone. Ela foi ao Oscar de 1996 e declarou que escolhera sua roupa para desfilá-la no tapete vermelho a partir de peças que já tinha no armário: uma jaqueta Armani, uma saia velha e uma cacharel da *Gap*. Ao associar um estilista renomado e uma loja de preços intermediários, a atriz enfatiza a simplicidade e exhibe um estilo acessível ao público: “para ser elogiado, o modo de vestir das estrelas cinematográficas precisa reunir certos critérios de beleza e esplendor estéticos ao mesmo tempo em que sugere um olho em direção à economia” (EPSTEIN, 2007, p. 216).<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Do original: “it is possible to view Jennifer Lopez not as another victim constructed in a still-racist society as an ethnic sexual object (although there are no doubt elements of this dynamic in the representations of Lopez in late 1998), but as empowered and empowering through asserting qualities such as intelligence, assertiveness, and power, while also proudly displaying her non-normative body and declaring it beautiful”.

<sup>35</sup> Essas tensões ideológicas também são abordadas na análise de Sean Redmond sobre Kate Winslet em relação à *brancura idealizada*. Cf. Redmond, 2007.

<sup>36</sup> Do original: “to be praised, female film stars’ manner of dress must meet certain criteria of aesthetic beauty and glitz while still suggesting an eye toward economy”.

Essa relação entre celebridades e audiência no que diz respeito à moda também é abordada por Jackie Stacey (2007). Partindo do interesse por compreender o lugar do cinema na cultura de consumo, a pesquisadora argumenta a favor de um modelo mais complexo para o entendimento das espectadoras como consumidoras.

Stacey (2007) trabalha com as memórias de espectadoras britânicas acerca das estrelas do cinema hollywoodiano das décadas de 1940 e 1950 e procura examinar as práticas de consumo das mesmas. Os depoimentos demonstraram um intenso envolvimento emocional com algumas estrelas da época, assim como formas de intimidade desenvolvidas entre espectadoras e celebridades, sobretudo a partir da moda. As estrelas cinematográficas são vistas como modelos que anunciam as últimas tendências do estilo feminino, que incentivam práticas de consumo da audiência e até mesmo que possibilitam novos discursos para a identidade feminina britânica (que pode ser constituída de modo mais excitante, sexual e até transgressor) (STACEY, 2007, p. 323). Assim, a pesquisadora mostra a complexa negociação entre a autoimagem das espectadoras e a imagem ideal projetada nas estrelas cinematográficas, evidenciando as contradições que marcam as relações entre estas, a audiência feminina e as práticas de consumo (STACEY, 2007, p. 324).

As audiências não apenas têm autoridade sobre seu processo de consumo das celebridades, como em certos momentos são as maiores responsáveis pela perpetuação de um ídolo. É para essa questão que se volta Yiman Wang (2007), ao analisar o aumento do status célebre do ator e cantor de Hong Kong, Leslie Cheung, após seu suicídio em 2003. Visto como um grande artista local e transnacional e como um precursor na luta pela liberdade sexual, Cheung causou grande comoção com sua morte.

O artista é analisado como símbolo de uma era, marcada pelo desenvolvimento econômico, cultural e tecnológico de Hong Kong e vivida por uma geração que acompanhou o sucesso de Cheung. Seu suicídio, assim, é visto como o fim dessa era de prosperidade e desenvolvimento, em um contexto marcado por crise econômica e pela Guerra do Iraque. Na visão de Wang (2007), a morte desse ícone impulsiona os fãs a perpetuarem o seu legado, através de homenagens e manifestações em todo o mundo, mediadas pelas novas tecnologias.

O que os estudos de Epstein, Stacey e Wang revelam é uma preocupação em compreender as celebridades cinematográficas em estreita relação com os públicos com os quais elas dialogam — até mesmo postumamente, como é o caso de Leslie Cheung. Essas reflexões reafirmam a importância de atentar não apenas para a celebridade em sua individualidade, mas para as complexas interlocuções que atuam em seu processo de constituição.



É para o público adolescente e sua relação com a fama que se volta Catharine Lumby (2007), não no campo específico do cinema, mas a partir do ambiente midiático mais amplo. O objetivo da pesquisadora é apreender o papel que a fama desempenha no cotidiano das adolescentes e como elas tematizam a experiência das celebridades. Nas entrevistas realizadas com garotas entre 12 e 18 anos, Lumby destaca o fascínio delas por uma das participantes do *Big Brother Australiano* em 2001 (Sara-Marie) e a capacidade desta de negociar a relação entre seu eu público e seu eu privado: ela sabia como performar frente às câmeras e não era apenas uma vítima da manipulação midiática. A autora enfatiza, ainda, a tematização dos benefícios da celebridade pelas garotas (o visual, as roupas, os garotos, as viagens, a visibilidade). Entretanto, elas também destacam os aspectos negativos da fama: o escrutínio invasivo do corpo das celebridades e de sua vida privada.<sup>37</sup>

Lumby também aborda a busca pela fama que marca a postura de muitas adolescentes, que constroem *websites* para divulgar aspectos de suas vidas e manifestar seu desejo de serem famosas. Na visão da pesquisadora, isso não deve ser visto como indício de tolice ou ingenuidade das garotas, mas evidencia o modo como elas negociam sua aparição como um eu público em relação a um eu privado na configuração de uma identidade complexa.<sup>38</sup>

Essa fronteira entre o público e o privado na constituição das celebridades também emerge no trabalho de Lisa Holderman (2007).<sup>39</sup> O objeto de reflexão da pesquisadora é o *reality show The Osbournes* (MTV, EUA),<sup>40</sup> que apresenta o cotidiano da família do roqueiro Ozzy Osbourne. O objetivo da pesquisadora é analisar tal programa como uma narrativa hegemônica que ajuda a garantir a ordem de classes sociais nos EUA. Na visão de Holderman, ao mostrar as raízes do cantor na classe trabalhadora, o programa enfatiza que a mobilidade social pode ocorrer, através de muito trabalho e sacrifício, e que é possível se tornar uma celebridade rica e bem sucedida, apesar dos obstáculos.

Entretanto, ao mesmo tempo em que o *reality show* mostra o lado agradável da riqueza, exhibe também que esta pode se tornar fonte de muitos conflitos e experiências

---

<sup>37</sup> Essa relação entre as pessoas públicas e suas vidas privadas também é explorada por Kelly (2010), que destaca o poder e certos “abusos de privilégio” por parte daquelas em relação aos sujeitos ordinários em certos momentos.

<sup>38</sup> Um argumento interessante para refletir sobre essa busca de visibilidade e da autoexposição do eu público na internet é desenvolvido por Paula Sibilía (2008, p. 262). Para a pesquisadora, essa busca pela celebridade pode ser “uma tentativa mais ou menos desesperada de satisfazer um velho desejo humano, demasiadamente humano: afugentar os fantasmas da solidão”.

<sup>39</sup> O embaçamento das fronteiras entre o público e o privado na configuração das celebridades também é discutido no trabalho de Su Holmes (2007) sobre o programa da BBC britânica *This is Your Life*.

<sup>40</sup> O programa também foi transmitido pela MTV no Brasil no mesmo período (entre 2002 e 2005).

negativas. Com isso, o programa constrói a ideia de que o dinheiro não compra a felicidade e que famílias ricas podem vivenciar os mesmos problemas rotineiros das menos abastadas (em relação a afazeres domésticos ou à educação dos filhos) ou outros problemas decorrentes da riqueza e do sucesso (como assaltos e isolamento do mundo).

Na análise de Holderman, o programa ajuda a manter o *status quo* americano: garante a maioria trabalhando e lutando por riqueza e sucesso, ao mesmo tempo em que aceita sua posição social. Isso porque o *reality show* pode promover nos espectadores tanto uma ansiedade na busca pela ascensão social como um alívio de não fazer parte do grupo seletivo dos ricos, em virtude das mazelas acarretadas por muito dinheiro. Nesse sentido, a pesquisadora analisa o discurso midiático como lugar de constituição e reafirmação de valores e crenças que orientam a vida dos sujeitos no contexto social.

As celebridades atuam, assim, no campo dos afetos e dos sentimentos, ao buscar suas interlocuções com o contexto social e com as audiências. Esse é o argumento desenvolvido por P. David Marshall (2006), que analisa três celebridades em diferentes indústrias de entretenimento: Tom Cruise (filme), Oprah Winfrey (televisão) e New Kids on the Block (música popular). Essas análises são desenvolvidas a fim de revelar o modo como cada aparato da indústria do entretenimento constrói formas particularidades de celebridades e como estas “personificam tipos particulares de ‘subjetividade das audiências’ e assim alojam a formação do poder afetivo na cultura contemporânea” (MARSHALL, 2006, p. xiii)<sup>41</sup>. Dotadas de poder discursivo, as celebridades despontam como “uma voz acima das outras” e podem suscitar diferentes tipos de identificação.

Para Marshall (2006), as celebridades no cinema são marcadas, ao mesmo tempo, por familiaridade (que suscita identificações) e extraordinariedade, a qual garante certo distanciamento em relação às audiências. Segundo Marshall, a celebridade cinematográfica suscita na audiência uma *identificação admiradora*:<sup>42</sup> as ações da estrela são vistas como exemplares e contempladas à distância. Na análise que realiza de Tom Cruise, o autor demonstra a trajetória de constituição de sua imagem pública: da ênfase em sua performance física à constituição de uma subjetividade autônoma, a partir de papéis que transgridem suas construções significativas anteriores e de suas posições políticas (em relação ao meio ambiente e ao desarmamento nuclear) assumidas fora da tela e tematizadas em diferentes dispositivos midiáticos.

---

<sup>41</sup> Do original: “[they] embody particular kinds of ‘audience-subjectivity’ and thus house the formation of affective power in contemporary culture”.

<sup>42</sup> Os tipos de identificação utilizados por P. David Marshall são retomados de Hans R. Jauss (1982).

As celebridades televisivas, por sua vez, são posicionadas de modo diferente, na visão do pesquisador: a partir da familiaridade e da proximidade com a audiência. Assim, Marshall (2006) analisa a construção do discurso de Oprah Winfrey, estrela de um *talk show* na TV americana: Oprah procura construir uma intimidade com a audiência, personificando o vínculo afetivo estabelecido com ela. Assim, a celebridade na TV constrói com o público uma *identificação simpática*, marcada pelo partilhamento de interesses, a partir do consumo rotineiro que caracteriza a relação entre televisão e suas audiências.

No campo da música popular, conforme Marshall (2006), as celebridades suscitam na audiência uma *identificação associativa*, ou seja, as barreiras entre o público e os ídolos são quebradas, sendo a relação muito marcada pela emoção. O pesquisador analisa, assim, a construção do fenômeno da música popular *New Kids on the Block*, grande sucesso, sobretudo, com o público feminino. Na visão de Marshall, esse sucesso foi conquistado apesar de vários indícios de ilegitimidade do grupo (seus membros não escrevem suas músicas, não tocam instrumentos e ganharam muito dinheiro). O autor aponta, entretanto, a rapidez com que o sucesso do grupo se dissipou, evidenciando as dificuldades que uma personalidade pública enfrenta para manter o poder afetivo conquistado.

Marshall atenta, assim, para as cadeias de significado que edificam o sistema de celebridades<sup>43</sup> em diferentes aparatos midiáticos e destaca que elas devem ser analisadas tanto em suas estruturas internas como relacionalmente, a partir de outros signos culturais (MARSHALL, 2006, p. 58). Entendendo os ídolos como *signos intertextuais*, Marshall afasta concepções subjetivistas, ao mesmo tempo em que procura situar as relações que eles estabelecem com as audiências e diferentes discursos que atuam em seu processo de configuração.<sup>44</sup>

Essa abordagem das celebridades como construídas a partir de diferentes textos também está presente em estudos sobre as estrelas midiáticas brasileiras, particularmente, ligadas à TV. No estudo de Sérgio Miceli (2005) sobre a apresentadora Hebe Camargo, publicado na década de 1970, o autor mobiliza diferentes discursos midiáticos (programas, revistas de TV, propagandas, entrevistas, cartas de espectadores, índices de audiência), ainda que o foco maior tenha incidido sobre a própria mensagem televisiva. A análise de Miceli aponta como foi

---

<sup>43</sup> “O sistema de celebridade é um modo no qual a esfera do irracional, do emocional, do pessoal e do afetivo é sustentada e negociada na cultura contemporânea” (MARSHALL, 2006, p. 73). Do original: “The celebrity system is a way in which the sphere of the irrational, emotional, personal, and affective is contained and negotiated in contemporary culture”.

<sup>44</sup> É importante destacar a associação que o autor faz entre as celebridades das indústrias do entretenimento e os líderes políticos na contemporaneidade, já que o afeto vem movendo o debate político do campo da razão para o campo dos sentimentos (MARSHALL, 2006, p. 240).

construída a imagem pública de Hebe, a partir da sintonia de seu discurso com os valores da classe média e com os papéis sociais hegemônicos da família brasileira. É a partir dessa abordagem que a *madrinha* estabelece um pacto afetivo com seu público, garantindo que ela fosse “entronizada na galeria de celebridades na indústria cultural nativa” (MICELI, 2005, p. 12).

A imagem da apresentadora de TV Maria da Graça Meneghel, a Xuxa, também já foi objeto de estudo. Amélia Simpson (1993) procura compreender a trajetória da estrela — de símbolo sexual de filmes pornôis à bem sucedida Rainha dos Baixinhos — a partir da abordagem de diferentes textos midiáticos sugerida por Richard Dyer. Para a pesquisadora, Xuxa personifica a imagem de mulher ideal, ao mesmo tempo dedicada aos interesses masculinos (com seus apelos sexuais e eróticos) e ao cuidado com as crianças. Com isso, a estrela acaba por reafirmar as visões dominantes em relação aos papéis de gênero na hierarquia social brasileira. Além disso, sua ênfase no padrão loiro e branco de beleza acaba por reforçar o racismo nesse contexto, ao mesmo tempo em que seu relacionamento com o jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento (Pelé) legitima o “mito da democracia racial” em uma sociedade profundamente marcada por discriminação racial (SIMPSON, 1993, p. 8). Simpson analisa, assim, os valores relacionados a gênero e raça que são evidenciados na constituição da imagem de Xuxa no contexto brasileiro.

Carmen Miranda é outra celebridade marcante na cultura brasileira que suscitou o interesse de pesquisadores. Simone Pereira Sá (2002) analisa a trajetória da cantora e atriz que conquistou a fama no cenário internacional, recebendo lugar de destaque em Hollywood. A pesquisadora procura perceber as relações entre a cultura musical carioca (particularmente, em relação ao samba) e a constituição da identidade nacional.

Simone Sá retoma as críticas ao processo de *exotização* de Carmem Miranda no cinema hollywoodiano, mas propõe que não se deve reduzir a *densidade comunicacional* da cantora a tal processo. Para a pesquisadora, é preciso compreender Carmem Miranda como um ícone da cultura de massas, que deve ser analisado a partir do contexto complexo em que foi construído: marcado pelo samba, pelo desenvolvimento do rádio, por reflexões sobre a miscigenação e o popular na cultura brasileira (SÁ, 2002, p. 29). Simone Sá sugere, assim, perceber Carmem Miranda como uma *mediadora*, que articulou traços culturais distintos na configuração de uma *imagem híbrida* naquele contexto. Com isso, a pesquisadora propõe

a desconstrução da pretensa unidade da cultura brasileira em contraste com a cultura americana na trama biográfica de Carmem Miranda e a percepção de que ela estava todo o tempo lidando com o outro — a cultura baiana lhe é tão estrangeira quanto os valores americanos (é só uma questão de gradação) — e Carmem lida com ambas da forma como faz um mediador — traduzindo, negociando, fazendo alianças, agenciando, forçando o limite

entre o interno e o externo, entre o legítimo e o espúrio —, decalcando nas retinas do século XX uma imagem híbrida dos trópicos (SÁ, 2002, p. 31).

A historiadora Tânia Garcia (2004) também se volta para a figura de Carmem Miranda, procurando perceber a inserção da cantora no contexto nacionalista em que ela desponta (1930-1940). Garcia analisa a configuração de Carmem Miranda como um símbolo da brasilidade, marcado por controvérsias: afinal, “nem todos se identificavam com o samba como gênero representante da música nacional e com os filmes carnavalescos, como *Banana da Terra*, que propiciou a criação da baiana estilizada por Carmen Miranda” (GARCIA, 2004, p. 240). Com isso, a pesquisadora aponta para as tensões que marcaram a construção dessa celebridade, cuja música cede espaço à bossa nova nos anos 1950, mas é retomada pelo Tropicalismo uma década mais tarde, perpetuando-a na cena pública nacional.

Duas outras celebridades brasileiras são analisadas por Antonio Fausto Neto (1991): Lauro Corona e Cazuza. O objetivo do pesquisador não foi o de reconstruir a trajetória desses *olimpianos*, mas de abordar a construção midiática em torno da doença e da morte desses artistas, ambos acometidos de AIDS. Fausto Neto aponta que, na maioria dos dispositivos jornalísticos analisados, houve *derrapagens* na construção do sentido em torno da doença (seja omitindo, seja noticiando apenas os sintomas, mas de qualquer forma, colocando a AIDS como uma questão de fundo). A reflexão do autor mostra a dificuldade de a mídia falar da morte, sobretudo quando se trata dos *olimpianos* e quando ela envolve formas de tabu, como era a AIDS no fim dos anos 1980 e início de 1990 (FAUSTO NETO, 1991, p. 158).

É para as celebridades da música (particularmente do rock), bem como sua relação com as audiências, que se volta o estudo de Ana Lúcia Modesto (1989). Sem centrar sua pesquisa em uma única celebridade, a socióloga procura analisar a relação entre ídolos do rock e seus fãs como uma *troca de dádivas*:

na troca de dádivas, já o indicava Mauss, sempre se revela uma procura recíproca de honras e prestígio: as identificações imaginárias e práticas representam para o fã um meio de apropriação da imagem da estrela, que significa um valor social, da mesma maneira que a estrela se dá ao público para conquistá-lo (MODESTO, 1989, p. 73).

A pesquisadora analisa manifestações dos músicos que procuram se entregar totalmente aos fãs, através de shows, concertos e entrevistas, sendo a morte do astro a maior oferenda: a da própria vida. Ao mesmo tempo, Modesto analisa as manifestações dos fãs, através da organização de fãs-clubes e da publicação de fanzines, que buscam colaborar na constituição da imagem pública do ídolo, retribuindo a dádiva recebida. A socióloga mostra,

com sua análise, a mútua configuração entre celebridades e seus fãs, a qual garante a manutenção dos famosos como foco do interesse coletivo e colabora no esmaecimento das fronteiras entre público e privado.<sup>45</sup>

A relação entre fã e ídolo também é investigada no estudo de Maria Cláudia Coelho (1999). A pesquisadora destaca que, com o desenvolvimento da mídia, “o fenômeno da fama é maximizado, ganhando contornos específicos pela possibilidade de associação de um *nome* a um *rosto*, divulgados maciçamente” (COELHO, 1999, p. 19, grifos da autora). A análise desse fenômeno é um meio para refletir sobre a condição individual e a tensão que a conforma: “ser único ou ser o mesmo”. Essa tensão entre singularização e massificação é uma marca da relação assimétrica que se conforma entre fãs e ídolos: estes (fãs e ídolos) “estariam assim enredados em um mesmo paradoxo, duas extremidades de um mesmo fio. Opostos em suas experiências, estão contudo inextricavelmente ligados, sendo como são condição recíproca de possibilidade de existência” (COELHO, 1999, p. 138)

O desejo de singularização e de projeção massiva de um rosto e um nome motiva inúmeras pessoas atualmente a participarem dos *reality shows*, os quais vêm promovendo ou criando celebridades (mesmo que instantâneas).<sup>46</sup> A pesquisa de Marina Andalécio (2010) se volta para um desses programas: o *Ídolos*. O objetivo do estudo é analisar o modo como os participantes desse programa constroem seu desempenho diante do público a fim de se construir como celebridade, particularmente, a trajetória do vencedor do *reality show* em 2008, Rafael Barreto. O estudo revela como o novo ídolo construiu sua performance midiática incorporando valores partilhados socialmente, como o apego à família, a superação de obstáculos e a religiosidade. Ao lado disso, Rafael Barreto apostou em sua jovialidade e seu romantismo para conquistar a aceitação do grande público. Assim, Andalécio aponta a estreita relação entre celebridade, público e valores sociais, além de atentar para a necessidade de conhecimentos do aparato televisivo para a construção de uma performance bem sucedida.

As celebridades construídas pelo *Pânico na TV* são objeto de reflexão de Pereira (2009). O pesquisador analisa tipos de ídolos configurados por esse programa televisivo, e localiza os valores que sustentam a interação entre este e as celebridades: “espontaneidade, diversão a qualquer custo e agressividade, principalmente” (PEREIRA, 2009, p. 177). Identifica, ainda, a negação de outros valores, como o compromisso, a compaixão e o respeito ao outro. A análise revelou que o escracho, a irreverência e a desconstrução são marcantes na

---

<sup>45</sup> Para Graemer Turner, é justamente a sustentação do interesse por sua vida privada que ajuda a caracterizar uma celebridade. Cf. Turner, 2004.

<sup>46</sup> Para uma discussão sobre essas celebridades efêmeras, ver a definição de *celetóides* de Chris Rojek (2008).

proposta de interação do programa com as celebridades. Há, no entanto, diferentes graus de escracho, que varia de acordo com o lugar que as figuras públicas ocupam no cenário midiático.

A proposta de Lana (2012) é apreender esse lugar das *personagens públicas*<sup>47</sup> no cenário contemporâneo, a partir da análise do percurso e dos posicionamentos das mesmas. A pesquisadora analisa a trajetória de constituição da experiência pública de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez, a fim de apreender como “elas se tornam ‘uma pessoa para todos’, ou seja, elaboram o movimento do ‘eu’ individual para um ‘nós’ coletivo?” (LANA, 2012, 96-97). A análise revela que “ambas são personagens públicas da mídia: elas se constituem como duas mulheres específicas, mas que, ao almejar a manutenção da presença na experiência pública, são muito parecidas” (LANA, 2012, p. 257).

A partir do que foi discutido ao longo desta seção, foi possível perceber a riqueza dos estudos sobre celebridades, em suas múltiplas dimensões. Procurou-se demonstrar o modo como as celebridades vêm sendo estudadas por diferentes autores, com perspectivas distintas, em contextos igualmente diversos. Os vários estudos, cada um a seu modo, trazem contribuições para a reflexão sobre as celebridades na sociedade contemporânea — que procuramos sintetizar para concluir este capítulo.

É preciso analisar uma celebridade não apenas em sua dimensão interna, a partir de seus dotes e talentos inatos, afastando, portanto, abordagens puramente subjetivistas. Atentando para a dimensão social e coletiva do carisma, situam-se os ídolos em um espaço relacional que envolve os próprios ídolos e o contexto em que eles emergem. Com isso, pode-se perceber como as celebridades personificam valores em determinado momento histórico, suscitando identificações e projeções do público.

Essa relação entre ídolos e seus públicos deve ser pensada a partir desses mecanismos que movem a admiração pelo lugar ocupado pelas celebridades, a partir dos traços divinos e humanos que as compõem. Entretanto, na sociedade contemporânea, os famosos estão cada vez mais humanizados, acarretando um outro movimento nessa interlocução: o da *contraidentificação*. As celebridades são também polo para a crítica dos sujeitos, na medida em que a conduta delas pode ser marcada por erros e deslizes que nos fazem reconhecer que não apenas a nossa vida concreta, de indivíduos ordinários, é marcada por infelicidades e passível de avaliação crítica.

---

<sup>47</sup> De acordo com Lana, “a denominação ‘personagem pública’ reúne duas palavras que têm por objetivo delimitar, por um lado, a dimensão pessoal/individual do conceito — antes de mais nada, trata-se de uma pessoa específica —, e, por outro, a face publicizada dessa personagem, construída em um espaço público genérico (nas biografias, no cinema, na televisão, nas revistas, nos espetáculos, nos discursos políticos, nos perfis da internet), disponível para o acesso de qualquer um” (LANA, 2012, p. 62).

Assim, os afetos e sentimentos que permeiam a interação (ou a troca de dádivas) entre celebridades e audiências podem ser contraditórios e ambíguos, e é nesse movimento complexo que se afirma e/ou se desconstrói o lugar dos famosos na cena pública. Essa constituição das celebridades é potencializada na sociedade contemporânea pelos diferentes dispositivos midiáticos que permitem essa autoexposição de um eu público. O modo como os sujeitos performam através da nova visibilidade midiática vem diluindo as fronteiras entre o público e o privado. A intimidade e as relações afetivas das celebridades tornam-se públicas e, assim como sua vida profissional, alvo de admiração e crítica dos fãs e do público em geral.

A mídia é vista, dessa forma, como um ator fundamental na cultura das celebridades. Assim, não se pode negar as relações de poder e os interesses econômicos que permeiam esse processo. Mas não se pode igualmente supor que os ídolos são meros instrumentos a serviço de tais interesses, perpetuando as relações de poder existentes. Se as celebridades trazem as marcas do contexto e de seu quadro de valores, certamente elas dizem algo sobre a sociedade capitalista que as engendra. Entretanto, isso não afasta a dimensão afetiva, emocional, cultural que constitui as celebridades.

A partir das contribuições provenientes dos diferentes estudos, pode-se perceber a complexidade dos processos que constroem as celebridades na cena midiática hodierna. As análises desse fenômeno, marcante na sociedade midiaticizada em que vivemos, devem procurar apreender as diferentes interações que o configuram: entre os indivíduos, as celebridades, a mídia e o contexto social. Atentando para este último e tendo em vista os objetivos da tese aqui proposta, é fundamental discutir a inserção do futebol na sociedade brasileira, evidenciando o seu lugar na cultura nacional — o que será feito no próximo capítulo.



## 2 O futebol na cultura nacional: histórico, estilo, ídolos

“Futebol se joga no estádio?  
Futebol se joga na praia,  
futebol se joga na rua,  
futebol se joga na alma”.

Carlos Drummond de Andrade

O futebol é um fenômeno muito marcante da cultura brasileira. Ao lado de outras manifestações simbólicas de destaque — como o carnaval, o samba e a telenovela —, ele ocupa um lugar central na vida cotidiana de milhões de brasileiros. Estes lotam os estádios para torcer por seus times em campeonatos estaduais e nacionais e podem se sentir parte de um mesmo grupo, torcendo pelo país, em momentos como as Copas do Mundo e as Olimpíadas. Se é tão presente na sociedade em que se insere, o futebol é também elemento de destaque no cenário midiático e configura-se como um dos campos para a emergência das celebridades na vida social contemporânea.

Assim, para a realização desta pesquisa, é necessário discutir, ainda que brevemente, as origens e o desenvolvimento desse esporte no mundo e no Brasil, bem como o modo como o futebol pode ser pensado na cultura nacional. Além disso, é preciso perceber como as celebridades esportivas vêm sendo estudadas por diferentes pesquisadores. Essas são as questões que serão discutidas neste capítulo.

### 2.1 A invenção do futebol: da origem inglesa à apropriação pelo Brasil

#### 2.1.1 Antecedentes e desenvolvimento do esporte na Inglaterra Moderna

O futebol pode ser visto como decorrente de outros costumes e jogos com bola que remontam à Antiguidade. O historiador Hilário Franco Júnior (2007) aponta uma prática bárbara daquele período como um dos antecedentes remotos do futebol:

Diz uma lenda que na China, entre 2000 e 1500 a.C., guerreiros inventaram uma curiosa e macabra diversão para relaxar após a tensão das batalhas: chutar o crânio do inimigo procurando fazê-lo ultrapassar duas estacas de bambu fincadas no chão. Essa cruel comemoração derivou no século III a.C. para um exercício militar chamado *tsu-chu*, literalmente “chutar a bola”. Exercício cujo objetivo continuava a ser colocar a cabeça — a partir de então simbolizada por bola de couro de 22 centímetros de diâmetro recheada de crina — no vão de quarenta centímetros que separava as varas de bambu. A movimentação envolvia de cada lado doze jogadores, tantos quanto os signos do zodíaco, em um terreno de trinta por sessenta metros; havia, ainda, uma

variante praticada em campo quadrado por oito pessoas em cada grupo (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 15).

Outro antepassado do futebol é o *soule* francês, prática desenvolvida na Idade Média e que se configura como um jogo de bola realizado com os pés. Para Wisnik, “o *soule* é citação obrigatória quando se estuda a história do futebol” (2008, p. 76). Diferentes jogos lúdicos com bola também são encontrados em outros contextos medievais, mas é difícil traçar uma linha evolutiva entre aquelas práticas e o futebol moderno. Como destaca Franco Júnior (2007, p. 20), o futebol é fruto de um conjunto de fatores específicos da Inglaterra do século XIX e é nesse contexto que se deve buscar a compreensão de sua emergência e de suas características.<sup>1</sup>

É preciso destacar que a Inglaterra era a grande potência do século XIX. Conjugando a progressiva consolidação da igualdade democrática e a permanência de uma aristocracia forte, esse país “trazia no bojo de sua potencialidade social a indústria, a ciência, o progresso, as práticas esportivas e esse intrigante *football*” (DAMATTA, 2006, p. 138). É nesse contexto de desenvolvimento da Revolução Industrial que se deve pensar a emergência do novo esporte. Afinal, os dois fenômenos são marcados por competição, “secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 25). Ao lado das atividades produtivas, que visavam à multiplicação de riquezas, o futebol surge como um momento de pausa e relaxamento e acaba por reforçar os ideais que regem o sistema capitalista nascente (DAMATTA, 2006, p. 149). O futebol (assim como outros esportes)

afirma valores capitalistas básicos, como o individualismo (cada um de nós tem o direito de escolher um clube, time ou herói esportivo e, mais que isso, de tentar ser um atleta) e o igualitarismo (os adversários têm que ter as mesmas oportunidades e devem ser tratados com lisura e respeito), o que [...] ajuda na socialização de uma justiça burguesa universalista (DAMATTA, 2006, p. 150).

Barry Smart (2005) corrobora essa associação entre o desenvolvimento dos esportes modernos (entre eles, o futebol) e o individualismo que marca a modernidade. Para o pesquisador, o traço individualista está presente até mesmo nos esportes coletivos. Segundo Smart, mesmo nestes, são os atletas ou jogadores individualmente que permanecem no foco da atenção e da discussão públicas.

---

<sup>1</sup> Para uma discussão mais aprofundada desses e de outros antecedentes do futebol, cf: Franco Júnior, 2007; Wisnik, 2008.

É, portanto, em estreita relação com esses valores do capitalismo e com a emergência de uma nova classe — a burguesia — que o desenvolvimento do futebol deve ser pensado. A burguesia inglesa em ascensão econômica cria o novo esporte em sintonia com seu desejo por “retomar a herança cultural e promover novos modelos educativos ligados a padrões viris, à identidade grupal e à iniciativa individual audaciosa” (WISNIK, 2008, p. 97). Além disso, conforme DaMatta, o esporte está ligado a dois outros traços essenciais da vida burguesa: 1) a disciplinarização das massas (já que ele exige que as pessoas cheguem em horários pré-definidos para os jogos); 2) a ideia “de *fair-play*, que conduz à trivialização (e à relativização) da vitória e da derrota” (DAMATTA, 2006, p. 150). É a partir desses valores burgueses e capitalistas que vigoram no contexto inglês do fim do século XIX que o futebol é inventado.

O novo esporte é praticado pela elite inglesa já entre 1830 e 1860. Há uma primeira tentativa de regulamentação em 1848, mas não teve ampla aceitação por parte dos esportistas. Finalmente, em 1863, representantes de clubes esportivos se reúnem em Londres para fundar a *Football Association* e estabelecer um comitê responsável por formular e padronizar as regras.

Se, a princípio, apenas membros da classe média alta inglesa praticavam o esporte na capital, aos poucos, ele foi se difundindo entre as classes mais baixas e pelo interior do país. De qualquer forma, ultrapassando as barreiras de classe, o futebol inaugurava um novo espaço, “distinto tanto das práticas aristocráticas que desdenhavam o contato físico entre adversários ou o contato direto com a bola (manipulada com bastão no críquete), quanto das práticas populares que cultuavam o embate engalfinhado entre oponentes animais ou humanos” (WISNIK, 2008, p. 88).

A partir da Inglaterra, o futebol vai ser difundido pelo mundo, através de britânicos que estudavam ou trabalhavam no exterior ou de pessoas que iam estudar naquele país e levavam de volta a prática futebolística. É exatamente este o caso do Brasil, como será visto a seguir.

### *2.1.2 O futebol brasileiro em seu contexto: histórico e controvérsias*

O Brasil conheceu o futebol através do paulista Charles Miller, que fora estudar na Inglaterra e que, ao retornar ao país, em 1894, trouxe “em sua bagagem um verdadeiro arsenal litúrgico: dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, uma bomba de ar, um livro de regras e o desejo quase apostólico de desenvolver o esporte entre seus pares” (FRANCO

JÚNIOR, 2007, p. 60). O novo esporte chega ao Brasil como um símbolo da modernidade inglesa, esporte de povo civilizado, proveniente de uma nação caracterizada pelo desenvolvimento e pelo progresso. Seguindo os moldes ingleses, o futebol será a princípio praticado pelas elites, mas não se restringirá a elas. De acordo com José Miguel Wisnik (2008), é possível perceber duas faces desse início do futebol no país: uma visível e outra invisível. A face visível é justamente esse futebol de elite:

implantado e praticado regularmente entre *sportsmen* nos clubes *chics*, com status de importação inglesa, assumido como prerrogativa de classe e separado da plebe por uma espécie de cordão sanitário, esse futebol torna-se logo vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita, e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social (WISNIK, 2008, p. 200).

Havia, entretanto, uma cena mais invisível que marcou esses primórdios do futebol brasileiro: a do futebol dos pobres, “o movimento presumível de gandulas improvisados, moleques, trabalhadores e desclassificados, que se impregna daquilo que vê nos campos ricos e se irradia rápida e indomável pelas várzeas e clubecos populares como um rastilho de pólvora” (WISNIK, 2008, p. 206). É dessa maneira que as fronteiras sociais do futebol começam a ser ultrapassadas pelos grupos populares e o futebol passa a se constituir como “um modo de representação da existência negada em outros campos sociais” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.64).

É entre essas duas faces que se desenvolve o futebol no Brasil. Até os anos 1930, o esporte era marcado por amadorismo e por uma dificuldade de convivência entre os jogadores, em virtude do preconceito em relação aos negros — o qual prevalecerá durante muito tempo no futebol brasileiro.<sup>2</sup> Na década de 1930, o governo de Getúlio Vargas começa a perceber o esporte como elemento importante de mobilização nacional. Como destaca Pereira, “Getúlio mostrava-se atento para o grande potencial articulador do futebol: revelando-se capaz de levantar paixões e ódios, ele assumia a feição de uma força motriz da nacionalidade” (PEREIRA, 2000, p. 14). Em 1931, o jogador de futebol é situado entre as profissões que seriam regulamentadas pela legislação trabalhista (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.76).<sup>3</sup> Nesse contexto, destaca-se o papel do

---

<sup>2</sup> Franco Júnior (2007) aponta que alguns regulamentos chegaram a tentar impedir a inscrição de negros em campeonatos no Brasil. Na Copa de 1950, três jogadores negros que integravam a seleção brasileira foram os mais duramente criticados e culpados pela derrota do país na final do mundial: “O problema da raça brasileira reapareceria de forma aguda, reforçando o complexo de inferioridade existente. Para muitos discursos racistas, a composição étnica havia definido a sorte de nossa seleção assim como definia a sorte da própria sociedade. Mesmo sabendo-se que Obdúlio Varela, o grande capitão uruguaio e destaque do jogo final, era mulato” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 91).

<sup>3</sup> Apesar dessa sinalização, a regulamentação oficial só aconteceria décadas mais tarde. A lei 6.354, que regulamenta as relações de trabalho do jogador profissional de futebol, data de 2 de setembro de 1976. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L6354.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6354.htm)> Acesso em: 27 de outubro de 2010.

rádio na transmissão dos jogos de futebol, permitindo que os torcedores os acompanhassem de sua própria casa. O novo meio de comunicação desempenha um papel cultural e político fundamental nas primeiras décadas do século XX:

A criação de mitos e heróis pelo rádio esportivo, e posteriormente pela imprensa em geral, ajudou a formatar o caráter nacionalista e épico atribuído ao futebol. [...] A união desses dois fenômenos da história brasileira — o futebol, que mobilizava a massa de brasileiros cada vez mais urbanos, e o rádio, que cumpria o papel de levar a essa massa todo tipo de informação e entretenimento, ao vivo e com emoção — gerou enormes possibilidades políticas, como Getúlio, com sua impressionante capacidade de adaptação, não tardou a perceber (GUTERMAN, 2009, p. 75).

É importante lembrar, ainda, o papel do futebol no período entreguerras, que levará à eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Como destaca Souza, “o debate em torno da importância dos esportes com fins político-ideológicos já estava ocorrendo desde o final da Primeira Guerra Mundial” (SOUZA, 2008, p. 36). Nações como Itália e Alemanha passam a utilizar o futebol como instrumento capaz de potencializar o sentimento nacionalista despertado pela guerra.<sup>4</sup> Em sintonia com o clima totalitário que vigorava na Europa, Getúlio Vargas instaura no Brasil um regime também autoritário (Estado Novo, 1937-1945), que, da mesma forma, utiliza o futebol como motor do nacionalismo e da construção da identidade nacional.

Sem dúvida os anos do governo de Vargas haviam difundido um sentimento nacionalista potencializado pelo futebol e pela guerra, dois combates repletos de semelhanças [...]. Alçado à condição de principal esporte e, junto com o Carnaval, principal espetáculo popular do país, o futebol expressava nitidamente o sentimento de identidade nacional forjada sob a batuta autoritária (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 85).

Na primeira metade do século XX, o futebol ia se desenvolvendo no Brasil entre o amadorismo e o desejo do profissionalismo. Naquele contexto, destaca-se o trabalho do jornalista Mário Filho, proeminente impulsionador da profissionalização do esporte. O jornalista

contribuiu para a transformação do futebol brasileiro no grande espetáculo das multidões ao promover concursos entre os torcedores e estimular sua carnavalização, que desembocaria na elaboração de bandeiras, hinos, símbolos, mascotes e grupos uniformizados (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.78).<sup>5</sup>

Outros entusiastas do futebol se destacam entre as figuras públicas nas primeiras décadas do século XX, como o barão do Rio Branco, Coelho Neto e Olavo Bilac. Para eles, o

<sup>4</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre essa relação entre as guerras, os governos autoritários e o futebol, cf: Franco Júnior, 2007.

<sup>5</sup> Em *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado em 1947, Mário Filho discute a história do futebol e o racismo no país, assim como a construção da identidade brasileira a partir desse esporte. Para diferentes leituras contemporâneas dessa obra (e outras questões a ela ligadas), cf: Soares, 2001a; 2001b; Helal; Gordon Jr., 2001; Lovisolo, 2001; Silva, 2006; Souza, 2008.

futebol era visto como “o exemplo do bom uso do corpo, esse corpo que deveria estar a serviço da pátria e do futuro” (DAMATTA, 2006, p. 141). Como aponta DaMatta,

Coelho Neto foi quem mais se destacou nesta posição de entusiasmo quase místico pelo esporte, pela educação física e pelo futebol.[...] Olavo Bilac, por seu turno, defendeu o serviço militar obrigatório [...], os esportes e a educação física como hábitos a serem nacionalmente difundidos — medidas fundamentais de “higiene social” destinada a “limpar a raça” mestiça do Brasil (DAMATTA, 2006, p. 169).

Em contrapartida, o futebol também foi alvo de críticas severas provenientes de outros intelectuais. Em 1916, Graciliano Ramos define o futebol como “efêmero modismo estrangeiro” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 69). Para o escritor, o novo esporte era apenas “fogo de palha” e não seria capaz de se difundir e se tornar parte também da paisagem dos sertões.<sup>6</sup>

Na década de 1920, Lima Barreto chegou a fundar a *Liga Brasileira contra o Football*, defendendo que o novo esporte impunha mais humilhações aos negros. Esse “jogo de pontapés” importado simbolizava um antibrasileirismo e deveria ser banido do país (DAMATTA, 2006, p. 140). Além disso, na visão de Barreto, “a emergência da celebridade esportiva, que usurpa o lugar da vida literária, convive com a generalização degradante da música popular urbana, onde se confundem e nivelam o maxixe, o tango argentino e o foxtrote, danças ‘intencionalmente lascivas, provocantes e imorais’” (WISNIK, 2008, p. 203). O escritor sinaliza, assim, para uma crítica às novas manifestações culturais daquele momento e para a defesa das atividades intelectual e literária, construindo, como sugere Wisnik (2008), uma versão precoce da crítica à indústria cultural, que será formulada pela Escola de Frankfurt.

Apesar das críticas que muitas vezes o situaram como o “ópio do povo”, tanto nas primeiras décadas como ao longo de todo o século XX, o futebol se difundiu amplamente pelo Brasil, acompanhado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação que colaboraram na constituição desse esporte como “paixão nacional”. Esses desenvolvimentos (não apenas no Brasil, mas em todo o mundo) impulsionam o interesse por partidas e campeonatos mundiais, o que culminará na realização da primeira Copa do Mundo em 1930, no Uruguai. Desde então, o campeonato internacional é realizado a cada quatro anos, tendo sido interrompido apenas durante a década de 1940 em virtude do conflito mundial.

No pós-guerra, o campeonato se fixa no calendário esportivo internacional, sendo realizado no Brasil em 1950. Mas a Copa em que o Brasil foi sede é lembrada por muitos brasileiros como uma verdadeira tragédia: apesar do time de destaque e da boa campanha até ali, a seleção perde para o Uruguai na final, realizada no recém inaugurado Maracanã, diante

---

<sup>6</sup> Para uma análise da “profecia” de Graciliano Ramos contra o futebol, cf: Soares; Lovisoló, 2001.

de um público de mais de 200 mil pessoas. Entretanto, essa derrota marcante no orgulho nacional será amenizada ao longo da história das Copas, que consagra a supremacia da seleção brasileira: a única pentacampeã do mundo, vencendo os campeonatos de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002. A cada taça levantada pela seleção canarinho, os brasileiros saíam de alma lavada, afastando a humilhação de 1950. Como afirma Nelson Rodrigues, ao comentar as duas primeiras vitórias brasileiras:

eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência. Em 58, quando acabou o jogo Brasil X Suécia, cada brasileiro sentiu-se compensado, desagradado de velhas fomes e santas humilhações. Na rua, a cara dos que passavam parecia dizer: “Eu não sou vira-lata!”. Em 62, a mesma coisa. De repente, sentimos que o brasileiro deixava de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações (RODRIGUES, 1994, p. 111 *apud* GASTALDO, 2002, p. 24).

A conquista do tricampeonato pelo Brasil, além de afastar a humilhação sofrida no Maracanã, consolidou o futebol como instrumento em prol dos interesses do governo. Após o golpe militar de 1964, a seleção passa a ser vista como “a essência brasileira, sua expressão de força, capaz de gerar orgulho patriótico e nacionalista”, num momento “em que o Brasil mergulhava nas trevas institucionais” (GUTTERMAN, 2009, p. 156). Depois do fracasso na Copa de 1966, com uma precoce eliminação da seleção brasileira ainda na primeira fase, o governo planejava fazer da Copa do México um momento de consolidação do Brasil como um grande país, “com vitórias nas áreas social, econômica e esportiva” (GUTTERMAN, 2009, p. 177). O presidente Emílio Garrastazu Médici era aficionado por futebol, e a música *Pra frente Brasil* (que embalava a torcida pelo tri) resumia muito bem o projeto de seu governo: “Noventa milhões em ação/Pra frente Brasil/Salve a seleção!/De repente é aquela corrente pra frente/Parece que todo o Brasil deu as mãos/Todos ligados na mesma emoção/Tudo é um só coração/Todos juntos, vamos!/Pra frente Brasil, Brasil/Salve a seleção!” (GUTTERMAN, 2009, p. 178). Como destaca Gutterman, a canção trazia as ideias de unidade nacional, da paixão pelo futebol e pelo país que impulsionaria o avanço e o progresso nacionais. Dessa forma,

A soma das duas características — um governo no auge da repressão e um presidente muito interessado no futebol e em seus efeitos populares — acabou por transformar a Copa de 1970 na mais paradoxal da história brasileira. Parte da intelectualidade brasileira, que estava na luta armada ou no exílio, considerava que torcer pela seleção naquela oportunidade significava compactuar com o regime. Por outro lado, 1970 marca o momento em que o Brasil conseguiu formar aquela que é considerada até hoje como a melhor seleção de todos os tempos (GUTTERMAN, 2009, p. 162).

Além dessa importante associação entre o futebol e a ditadura militar, é importante destacar outro elemento que marca a Copa de 1970 e será crucial para o futuro desenvolvimento do esporte: a transmissão dos jogos ao vivo pela televisão. Se antes os torcedores contavam apenas com os locutores do rádio para mediar os jogos, com o nascimento do novo meio, é possível contar também com imagens nesse processo de mediação. Mesmo que o dispositivo televisivo não consiga apresentar a mesma visão global que se tem no estádio, é indiscutível o lugar central da TV ao proporcionar um novo tipo de experiência do futebol ao público. Como destaca Édison Gastaldo (2002), a TV canaliza (e, muitas vezes, amplifica) o interesse nacional pelo futebol, sobretudo em época de Copa do Mundo.

Essa trajetória do futebol no Brasil e no mundo, acompanhada e construída pela TV e por outros meios de comunicação, suscita reflexões de pesquisadores que procuram compreender a inserção desse esporte no cenário contemporâneo. Há aqueles que tomam o futebol nele mesmo, atentando para os movimentos e jogadas que o conformam como modalidade esportiva. Outros preferem enfatizar o futebol como metáfora da sociedade: ele nos ajuda a compreender traços e valores do contexto social em que se desenvolve. Essas discussões serão abordadas a seguir.

### 2.1.3 O futebol e seu fascínio: algumas reflexões

Em *Elogio da beleza atlética*, Hans Ulrich Gumbrecht reflete sobre o apelo estético das performances esportivas, que desencadeia a popularidade de determinadas modalidades — entre estas, o futebol: “assim como numa ópera, numa sinfonia ou num balé, os espectadores do estádio assistem ao esporte como a uma performance — mas um tipo específico de performance, que difere dessas outras experiências estéticas” (GUMBRECHT, 2007, p. 49).<sup>7</sup> Partindo da discussão do autor, podemos pensar que o futebol capta a atenção e

---

<sup>7</sup> O autor discute as experiências estéticas na vida cotidiana, a partir de exemplos que compartilham a condição de excepcionais: são experiências que irrompem como pequenas crises no cotidiano. A partir das reflexões filosóficas de Kant, Heidegger e Seel, ele propõe quatro conceitos para a descrição da experiência estética: 1) “o conteúdo da experiência estética: seriam os sentimentos íntimos, as impressões e as imagens produzidos pela nossa consciência”; 2) “os objetos da experiência estética seriam as coisas suscetíveis de desencadear tais sentimentos, impressões e imagens”; 3) “As condições da experiência estética são circunstâncias situacionais historicamente específicas nas quais a experiência estética estaria baseada”; 4) os “efeitos da experiência estética” se referem às “consequências e transformações decorrentes da experiência estética, que permanecem válidos além do momento exato em que ocorrem” (GUMBRECHT, 2006, p. 54). A proposta do autor não é igualar os diferentes tipos de experiência estética, mas, rompendo com os inflexíveis moldes oficiais que definiram esse tipo de experiência durante muito tempo, assumir e defender a possibilidade de fruição do belo ou do sublime em outros espaços além de “salas de concerto” ou “livros com capas elegantes” (GUMBRECHT, 2006, p. 62).



a imaginação de tantas pessoas a partir do *fascínio* que desperta: “um fenômeno que paralisa os olhos, algo que atrai constantemente, sem indicar nenhuma explicação para a atração” (GUMBRECHT, 2007, p. 20). Esse fascínio — fonte dos prazeres do público — é provocado por determinados movimentos corporais que constroem a performance atlética dentro de um campo de futebol.

O foco de Gumbrecht é, assim, nos corpos dos atletas, nos movimentos que eles constroem, no modo como realizam seu desempenho, “em vez de abandonar o tópico do esporte para ‘interpretar’ esses fenômenos como uma ‘função’ ou uma ‘expressão’ de alguma outra coisa” (GUMBRECHT, 2007, p. 31). Na visão do autor, para compreender o futebol, é preciso olhar para o esporte nele mesmo (atentando para sua beleza atlética) e não tentar abordá-lo como significado de alguma coisa. Nessa perspectiva,

as competições atléticas não expressam nada, portanto não oferecem nada a ser lido. Elas nos fascinam com “corpos que pesam” (*‘bodies that matter’*, um trocadilho útil inventado pela filósofa Judith Butler), corpos que se adaptam a formas e funções múltiplas. Ao interpretar essas formas e funções corporais e transformá-las em significado, corremos o risco de reduzir, se não de destruir, o prazer singular que desfrutamos nos eventos esportivos (GUMBRECHT, 2007, p. 55).

É, portanto, na dimensão do corpo, da presença corporal, que o apelo estético do futebol deve ser compreendido na perspectiva de Gumbrecht. Quando assistimos a uma partida de futebol, somos seduzidos não apenas pelos gols, mas, sobretudo, por belas jogadas, produzidas a partir de uma “convergência súbita e surpreendente dos corpos de vários atletas no tempo e no espaço” (GUMBRECHT, 2007, p. 134). Essas jogadas bonitas podem ser consideradas uma *espécie de epifania*: “essa aparição inesperada de um corpo no espaço, que de repente assume uma bela forma que se dissolve de maneira tão rápida e irreversível” (GUMBRECHT, 2007, p. 46). Esses momentos epifânicos proporcionados por uma partida de futebol são fonte da alegria para o público que assiste a ela e marcam a intensidade de sua “resposta estética”. Além das belas jogadas, outra fonte de fascínio é o *timing* dos jogadores, ou seja, a sua “capacidade de fazer os movimentos certos na hora certa” (GUMBRECHT, 2007, p. 138). O *timing* é um dos responsáveis pela construção de jogadas epifânicas.

Nick Hornby<sup>8</sup> também destaca a beleza dos movimentos e jogadas na construção do fascínio do futebol. Para o autor, o ritmo do jogo, a falta de fórmula que o rege, além da força e da inteligência são configuradores da condição atlética:

---

<sup>8</sup> Para uma análise das narrativas ficcionais construídas na literatura de ficção de Nick Hornby, cf. Serelle, 2009.

Isso realça a beleza e o balé dos jogadores de um jeito que não ocorre em outros esportes: um mergulho e uma cabeçada no momento exato, ou um chute de voleio executado com perfeição, permitem que o corpo alcance um equilíbrio e uma graça que outros esportistas jamais podem exibir (HORNBY, 2000, p. 199).

No desenvolvimento dessas habilidades “que outros esportistas jamais podem exibir”, os jogadores de futebol estão sempre em busca da excelência, testando e forçando os limites do desempenho humano. Essa busca é nomeada por Gumbrecht de *arete* — o componente dominante de toda performance atlética. O autor reconhece a importância do *agon* (a competição) no desempenho dos jogadores, mas ele destaca que “a busca pela excelência sempre implica competição, embora a competição não necessariamente implique a busca pela excelência” (GUMBRECHT, 2007, p. 56).

Nessa busca da excelência, os atletas podem se transformar em “objetos de admiração e desejo”: “basta uma distância entre o atleta e o espectador — uma distância grande o suficiente para fazer o espectador acreditar que seus heróis vivem em outro mundo” (GUMBRECHT, 2007, 15-16). A distância não impede, no entanto, a nossa projeção em “um daqueles lindos e lindamente transfigurados corpos” (GUMBRECHT, 2007, p. 32); a nossa projeção em uma vida “que jamais teríamos talento ou tempo para viver”, para retomar a expressão de Martin Seel (*apud* GUMBRECHT, 2007, p. 178). A admiração e o desejo provocados pelos atletas suscitam, ainda, um forte sentimento de gratidão em relação àqueles que nos proporcionaram “momentos de intensidade tão especial” (GUMBRECHT, 2007, p. 161). Para Gumbrecht, é uma gratidão *intransitiva*, não dirigida especificamente a um ídolo esportivo, que seguiu seu impulso na realização do *arete*. É uma “gratidão para com a vida” (GUMBRECHT, 2007, p. 177).

Essa perspectiva desenvolvida por Gumbrecht traz contribuições importantes para refletir sobre o futebol e a especificidade dos movimentos (na dimensão da presença corporal) que configuram esse esporte, bem como o fascínio do público em relação a ele. Diferenciando-se da abordagem desse autor, há autores que procuram perceber a dimensão de significado do futebol, entendido como “metáfora de uma sociedade”, ou seja, “uma metáfora possível de estruturas existenciais básicas, uma representação da vida social” (MURAD, 2007, p. 17). Tais autores têm o mérito de refletir sobre o enraizamento social e cultural do futebol, e suas contribuições também devem ser aqui resgatadas.

Roberto DaMatta procura situar o desenvolvimento do futebol na especificidade do contexto brasileiro. O autor propõe pensar em dois modos através dos quais o Brasil se revela coletivamente: a) como sociedade; b) como Estado nacional ou país. Como sociedade,

o sistema é regido pela lógica da hierarquia, das lealdades e das relações pessoais. Na visão do autor, esse é o reino da *pessoa*, em que predominam práticas sociais personalistas e hierárquicas. Como Estado nacional, por sua vez, o sistema é orientado pela igualdade, por leis e normas escritas que devem valer para todos. É o reino do *indivíduo* “como sujeito moral do sistema” (2006, p. 186). Na visão de DaMatta, é o conflito entre pessoa e indivíduo que configura o que ele caracteriza como o *dilema brasileiro*: a dificuldade de fazer valer a igualdade e as leis que guiam o Estado nacional acaba por impulsionar as relações para o terreno do personalismo, marcado pela lógica dos favores e das hierarquias.

Assim, aponta DaMatta, nos primórdios do futebol no país, o esporte entrava em conflito com os valores tradicionais:

a sociedade brasileira, construída e dinamizada por favores, hierarquias, clientes, e abarrotada de ranço aristocrático e escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol. Esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho, rotineira e democraticamente produzia ganhadores e perdedores, mas — eis o pasmo! — não transformava o vencedor em dono da atividade e, mais estranho ainda, não subtraía dos perdedores a dignidade, a honradez ou a vergonha. Foi preciso, então, que essa sociedade vincada por valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos times envolvidos na competição e da própria partida para que o futebol [...] pudesse ser abertamente apreciado entre nós (DAMATTA, 2006, p. 142).

O futebol emergia como uma forma de romper com as hierarquias, promover a igualdade (pelo menos) entre os que participavam da competição e o respeito dos atletas pelas regras do próprio jogo: independente dos times, as normas são universais e é o talento da melhor equipe que conduzirá um dos times à vitória e ao sucesso. Ou seja, na visão de DaMatta, o futebol pode ser visto como esse espaço de transição entre o pessoal e o impessoal, o hierárquico e o igualitário, e que permitiu somar o Estado nacional e a sociedade no Brasil. É dessa forma que o futebol se transforma no

contundente professor de democracia e de igualdade. Não foi, então, através da escola, do jornal, da literatura ou do Parlamento e de algum partido político que o povo começou a aprender a praticar a igualdade e a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol. Esses eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um déspota, e o perdedor, vale repetir, não pode ser humilhado. Penso, portanto, ao contrário de muitos analistas antigos e modernos que somente vêem esse esporte como um coadjuvante de uma ideologia de dominação, que foi esse vislumbre da igualdade como valor e escolha, contido no velho e bretão *football association*, um dos traços que contribuíram para a popularização, tornando-o uma mania e um acontecimento festejado e amado pelo povo (DAMATTA, 2006, p. 143).

Nessa perspectiva, no cenário brasileiro marcado por desigualdades sociais e injustiças, o futebol se estabelece como *locus* da igualdade e da justiça (pelo menos dentro do

campo). Ele é capaz de recarregar as energias dos sujeitos, reanimando as disposições para o trabalho, convertendo-se numa metáfora da vida: “Se sou vitorioso na bola, por que não ser igualmente excelente no estudo, na arte e na minha atividade profissional? Se o Brasil é penta na pelota, por que não transformá-lo num campeão de justiça social e de distribuição de renda?” (DAMATTA, 2006, p. 126).

Como metáfora da vida social, o futebol pode ser pensado não apenas em sua dimensão de integração, mas também de conflito. Na visão do jornalista e historiador Hélio Sussekind (1996), esse esporte é justamente o espaço que fomenta o conflito e a injustiça:

Não há equidade ou justiça em futebol. O esporte é o espaço da exacerbação de conflitos, o espaço da diferença, o terreno fértil para que germine a injustiça, [portanto] o futebol está longe de ser um elemento de aglutinação ou construção. Nada que a sociedade não esteja apta a obter por seus próprios meios será conquistado num campo de futebol. Ele é espaço de quebra e dissolução, não de integração (SUSSEKIND, 1996, p. 93-95 *apud* SOUZA, 2008, p. 23).

Acreditamos que é possível pensar essas duas dimensões (da integração e do conflito), de certo modo, em articulação. Ou seja, pensar o futebol ao mesmo tempo como espaço de integração e conflito (SOUZA, 2008, p. 26). Compartilhamos da ideia de que o campo e o estádio de futebol são espaços em que conflitos e atritos podem emergir: entre os próprios jogadores, entre estes e os torcedores, entre técnicos e juízes, entre times e torcidas. Ao mesmo tempo, porém, não podemos negligenciar o papel integrador desempenhado por esse esporte: além de proporcionar a união do próprio grupo em busca do sucesso em uma partida ou um campeonato, também impulsiona os torcedores na mobilização pela mesma causa. Acreditamos que esse tipo de integração pode sim motivar outras transformações na sociedade brasileira, ainda que o futebol não possa, sozinho, responder por tais mudanças.

De alguma forma, o futebol é capaz de “proporcionar ao povo, sobretudo ao povo pobre, enganado, mal-servido pelos poderes públicos [...], a experiência da vitória e do êxito”, que “o sistema social hierarquizado e concentrador de riqueza do Brasil faz com que poucos possam experimentar” (DAMATTA, 2006, p. 164). Assim, acreditamos que, apesar dos conflitos, o futebol é capaz de fomentar o otimismo, a autoadmiração, a autoestima e a ideia de que vale a pena ser brasileiro. Essa celebração da nacionalidade é uma marca do ritual que se realiza de quatro em quatro anos, a cada Copa do Mundo. Conforme Gastaldo,

O sete de setembro (a data considerada “oficial” para essa celebração dos valores nacionais) e seus desfiles de carros de combate representam muito mais a memória da recente ditadura militar do que um genuíno sentimento popular de pertencimento a uma nação. Durante uma Copa do Mundo se celebra o ideal da nacionalidade triunfante, num clima de competição

internacional em que o Brasil é sempre favorito, o “melhor do mundo”, mesmo quando perde (GASTALDO, 2002, p. 22).

Essa celebração da identidade nacional é revivida e atualizada a cada campeonato. É esse amor pelo Brasil, a crença na justiça dos resultados, no pertencimento a uma nação que é reconhecida mundialmente por sua excelência no futebol e na possibilidade de o país “dar certo” que impulsiona o nosso torcer, com muita emoção, pelo Brasil. Em nome dessa torcida, o país para pra assistir à Copa do Mundo. No horário dos jogos do Brasil, as aulas nas escolas e universidades são suspensas, os trabalhadores são dispensados, os horários dos estabelecimentos públicos e comerciais são reorganizados. Todos se vestem de verde e amarelo e, imbuídos do espírito nacionalista, torcemos pela nossa seleção:

Esse torcer que é para todos nós um ato que envolve muita magia e que é maior que o amor. Gesto que nos confere plena identidade e garante que fazemos mesmo parte de um conjunto que pode atuar de forma harmoniosa, forte e honesta. Torcendo pelo Brasil finalmente juntamos o Brasil, um país que tem bandeira, hino e um lado oficial, com o Brasil sociedade que, apesar de suas imensas desigualdades, tem uma inesgotável alegria de viver. Brasil musical que gostaria que a vida tivesse sempre ritmo e alegria. E que provoca inveja e respeito porque mostra ao mundo que o corpo (mais que a conta no banco ou o carro) é o dom mais precioso que recebemos do Criador (DAMATTA, 2006, p. 43).

O modo como o corpo define e marca o futebol brasileiro foi discutido desde os primórdios do esporte no país, e essas discussões são importantes na definição de dois modos de jogar futebol, como será apresentado a seguir.

### 2.1.3.1 Um esporte, dois estilos e a consagração dos jogadores brasileiros

Em *Sobrados e mocambos*, Gilberto Freyre evidencia a associação entre os jogos de capoeira africanos e o futebol, chamando a atenção para o corpo na atualização do *football association* no país. De acordo com Wisnik, para Freyre, “o futebol brasileiro extraía as qualidades de luta dançante da capoeira para fins decididamente lúdicos e estéticos, através dos ‘bailarinos da bola’” (WISNIK, 2008, p. 196). Esses elementos são conformadores do modo como o esporte se desenvolve no país e dialogam com traços que compõem a multifacetada identidade nacional. Para o psicólogo Claudio Bastidas, “o futebol brasileiro revela uma corporalidade calcada em significantes (ginga, malícia...) articulados com o que a população considera como o núcleo central da identidade brasileira” (BASTIDAS, 2002, p.

103). Hilário Franco Júnior também chama a atenção para o papel do corpo e da capoeira na configuração do futebol brasileiro:

Íntimos dos gestos acrobáticos da temida capoeira ou das ações coletivas do ruidoso movimento operário, os corpos de negros, de imigrantes e da arraia-miúda branca possuíam outros saberes, expressões e habilidades que viriam a ser determinantes na sua maneira de jogar futebol (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.65).

Além de chamar a atenção para esse uso desinibido do corpo como marca do futebol brasileiro, Roberto DaMatta (2006) também destaca o fato de ele ser jogado com os pés e não com as mãos, o que o diferencia da modalidade americana desse esporte. Para o sociólogo, é preciso refletir sobre “o significado do pé no espaço social brasileiro. Pois o Brasil é uma sociedade onde uma esmagadora maioria — o seu chamado ‘povo’ — usa os pés ao passo que a sua elite usa, quando o faz, somente as mãos” (DAMATTA, 2006, p. 158). Segundo DaMatta, ainda que não seja possível fixar uma associação direta entre o simbolismo do pé e a popularidade do futebol no Brasil, ele considera “possível indicar uma afinidade implícita entre um corpo tão marcadamente escravista e diferenciado entre mãos e pés, e um jogo repleto de prestígio no qual esses humildes pés é que balizam os limites do desempenho e do talento” (DAMATTA, 2006, p. 159). Os pés, antes símbolos de humildade e inferioridade, são agora os motores de um novo jogo capaz de atravessar as barreiras de classe, fazendo do futebol, uma vez mais, um espaço para dissolução de hierarquias.

É preciso cautela com essa associação feita por DaMatta entre o simbolismo dos pés e a popularidade do futebol. Afinal, o esporte é também muito popular em países europeus que não foram marcados pela escravidão e, ao contrário, estavam no outro polo da conquista imperialista e colonizadora. A Espanha, por exemplo, é hoje a atual campeã do mundo de futebol, tendo conquistado seu primeiro título na última Copa do Mundo, em 2010. Além disso, o país tem times de destaque no cenário esportivo internacional, como o Barcelona e o Real Madrid, cujas torcidas exibem o fascínio que o futebol desperta nessa nação.

De qualquer forma, não se pode negar que o movimento do corpo, marcado por ginga e malícia, é muito característico do futebol brasileiro, nomeado de diferentes maneiras ao longo do século XX: de *dionisíaco* (por Gilberto Freyre); de *futebol-poesia* (por Pier Paolo Pasolini); de *carnavalesco* (por Roberto DaMatta); além da nomeação cotidiana de *futebol-arte*. Na visão de Gilberto Freyre, o estilo dionisíaco do futebol brasileiro se contrapõe ao estilo apolíneo do modelo europeu. Para Freyre “o mesmo futebol era praticado por nós tendo como modelo Dionísio, o deus grego da alegria, do excesso e do vinho. Já na Europa, onde o

esporte tinha surgido, o seu estilo era justo o oposto, já que possuía como patrono o deus grego do equilíbrio e do comedimento, Apolo” (DAMATTA, 2006, p. 68).

Partindo dessa distinção de Freyre, DaMatta dialoga com outra paixão nacional e propõe pensar o nosso estilo como *carnavalesco*: não apenas alegre e com dribles, mas que mostra o prazer de jogar o jogo pelo jogo. “O nosso futebol aciona uma visão do mundo na qual o fraco vira forte, o oprimido torna-se expressivamente dominante e o socialmente inferior transforma-se em herói” (2006, p. 69). Esse estilo, marcado pela malandragem e pelo jogo de cintura, sem, no entanto, negligenciar as regras e a técnica, possibilita a inversão dos lugares e enfatiza a flexibilidade e a mobilidade na ocupação dos papéis.

A distinção de Pasolini entre futebol prosa e poesia pode ser relacionada à diferenciação entre futebol-arte e futebol-força: “o futebol brasileiro é conhecido mundialmente pelo seu estilo criativo e espontâneo de jogar, definido pelos próprios brasileiros como ‘futebol-arte’ [poesia], enquanto que o estilo europeu, mais radical e metódico, é alcunhado de ‘futebol-força’ [prosa]” (HELAL, 1997, p. 19-20). É certo que não podem ser traçadas fronteiras rígidas entre esses dois estilos, até porque no cenário contemporâneo, marcado pela internacionalização do futebol, inúmeros jogadores brasileiros se destacam em clubes europeus, difundindo esse estilo brasileiro, “criativo e espontâneo de jogar”. Franco Júnior destaca justamente o imbricamento entre os estilos, ao discutir a distinção proposta por Pasolini:

A divisão prosa-poesia (no fundo reformulação da tradicional oposição entre futebol pragmático e futebol-arte) é um bom *insight*, porém não resolve a questão. De um lado, é algo reducionista, pois, além da prosa com cintilações poéticas, seria possível acrescentar o inverso, performances poéticas entrecortadas pela presença da prosa. No limite, toda partida de futebol é uma peça ao mesmo tempo em prosa e poesia. De outro lado, a fronteira entre prosa e poesia é oscilante, é definida de acordo com referenciais culturais do observador [...] Ainda que se aceite determinada linha demarcatória, faltaria lembrar que no interior da prosa e da poesia há vários gêneros (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 384).

O mérito dessa distinção é mostrar as diferentes possibilidades de jogo construídas em contextos culturais distintos. Como aponta Wisnik, “o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo” (2008, p. 14).

Independente da nomeação que se adote para o futebol brasileiro e dos diferentes estilos que podem caracterizar esse esporte, o fato é que o país desenvolveu um jeito específico de jogar, a partir de traços configuradores do contexto e da cultura nacionais. Os jogadores brasileiros são mundialmente reconhecidos por seus passes rápidos, seus dribles

desconcertantes, suas arrancadas velozes e seus gols em ritmo de poesia. Por seu estilo consolidado e admirado em todo o mundo, os jogadores brasileiros se converteram em importante objeto de exportação da indústria futebolística nacional.

Não se pode negar que interesses econômicos estão em jogo no futebol, que envolvem os próprios jogadores, os agentes, os clubes, os patrocinadores e as grandes marcas que constroem o cenário publicitário mundial. Ao mesmo tempo, porém, como procuramos discutir até aqui, não se deve negligenciar a presença marcante do futebol na cultura brasileira, ao lado de outras manifestações simbólicas, como a telenovela e o carnaval. Assim como outras formas culturais,

o futebol expressa, repensa e reconstrói idealmente a sociedade, ainda que à sua maneira, em outro registro, com instrumentos próprios. Por canalizar com eficácia as esperanças e frustrações da sociedade, ele desperta emoção tão envolvente e adesão tão intensa que claramente se destaca de qualquer outra manifestação contemporânea (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 394).

A intensidade do envolvimento entre as torcidas e os times depende das emoções que são suscitadas nessa interação — o que discutiremos a seguir.

### 2.1.3.2 A devoção provocada pelo futebol

Os públicos que se configuram no futebol são peça fundamental na construção do esporte e de sua popularidade. Em sua autobiografia, Arthur Antunes Coimbra, o Zico, ídolo do Flamengo e da seleção brasileira, reconhece que a torcida é o “personagem principal do jogo” (ZICO, 1996, p. 30): “Não tem erro. Quando futebol está no sangue de um jogador, tudo o que ele faz é pensando na torcida do seu time. Eu tinha na cabeça a alegria — ou as tristezas, às vezes — que estava dando a eles” (ZICO, 1996, p. 31). O contrário também pode ser afirmado: quando o futebol corre nas veias dos torcedores, estes também agem, muitas vezes, pensando em seu time e se manifestam de modo diferente.

Alguns torcedores são fanáticos, ou seja, aderem cegamente a um time ao qual prestam dedicação, admiração e amor exaltados (VALLE, 2007, p. 202). Mas há outros tipos de torcedor: “o apaixonado seria o arrebatado e entusiasta. O artista é considerado o indivíduo que, por suas habilidades especiais, se exhibe, neste caso, nas torcidas” (VALLE, 2007, p. 202). Esses três tipos de torcedores alimentam uma forma de afeto e de relação com seu time e agem em função disso.



Em sua autobiografia, Nick Hornby procura entender melhor a obsessão e a devoção que sente por seu time (o Arsenal Football Club, da Inglaterra). Com riqueza de detalhes, o autor narra os jogos a que assistiu (desde 1968), assim como o desempenho do time nos campeonatos, reconstruindo uma trajetória de vida “medida em compromissos do Arsenal” já que, nela, “todo evento de alguma importância tem uma sombra futebolística” (HORNBY, 2000, p. 81). O autor destaca o papel das torcidas na criação da atmosfera que constrói a experiência do futebol: “essas torcidas imensas são tão vitais para os clubes quanto os jogadores, não só porque seus membros são eloquentes no seu apoio, não só porque fornecem aos clubes grandes somas de dinheiro [...], *mas porque sem as torcidas ninguém se daria ao trabalho de ir ao jogo*” (HORNBY, 2000, p. 76, grifos do autor). O ato de torcer é para esse autor-torcedor tão importante que ele entende o futebol como “um contexto no qual assistir *se torna* jogar” (HORNBY, 2000, p. 186, grifos do autor).

Essa devoção apaixonada a um time também aparece em outros relatos. Em *Heróis do cimento*, Hilton Mattos apresenta vários casos surpreendentes de torcedores que manifestam uma paixão fanática por seus clubes do coração. O jornalista fez uma coleta de testemunhos dos “torcedores mais folclóricos, mais emblemáticos do futebol carioca” (MATTOS, 1997, p. 10) — que nos ajudam a perceber a devoção despertada pelo esporte.

Maria Boreth de Souza acompanha de perto o desempenho do Flamengo e recebeu o apelido de Zica em homenagem ao ídolo do time: “Desde que me entendo por gente durmo e acordo com uma camisa do Flamengo” (MATTOS, 1997, p. 44). Para Maria da Penha Neves, o Vasco lhe proporcionou experiências inesquecíveis: “Se conheço São Paulo, se conheço o Nordeste, se conheço o Sul, se conheço outro país, foi tudo graças ao Vasco” (MATTOS, 1997, p. 176). A paixão por um clube também pode ser responsável por impedir certas experiências, como mostra o relato de Humberto de Almeida, torcedor do Fluminense: “Teve uma menina, sabe, que gostava muito de mim. E eu gostava muito dela. Namoramos um bom tempo, e eu vivia desconfiado. Até que, um dia, ela contou a verdade: torcia pelo Flamengo. Acabei com tudo na hora” (MATTOS, 1997, p. 147). O relato de Sandra Maria Glória também exhibe essa superioridade do clube em relação à sua experiência amorosa: “Vou querer homem no meu pé? Pra quê? Quero ser livre para amar o Vasco da minha maneira” (MATTOS, 1997, p. 110).

Vários dos relatos apresentados por Hilton Mattos mostram como a devoção dos torcedores é, muitas vezes, personificada nos ídolos de cada time: “Zico é tudo pra mim” (MATTOS, 1997, p. 93); “Zico me deu mais alegrias do que meus filhos” (MATTOS, 1997,

p. 75); “O Juninho [Pernambucano, jogador do Vasco] é tudo pra mim. É meu ídolo mesmo” (MATTOS, 1997, p. 191).

Com esses depoimentos, podemos perceber como os ídolos esportivos despertam adesões intensas de seus torcedores. É claro que, tratando-se de um jogo coletivo, o futebol é vivenciado pela torcida, pelos fãs e adversários igualmente como manifestação coletiva. Entretanto, são os ídolos esportivos que personificam valores e são capazes de suscitar identificações do público, e é essa relação entre públicos e celebridades esportivas que colabora na perpetuação do futebol como essa paixão nacional. É a esse lugar dos ídolos esportivos que se dedica a próxima seção.

## 2.2 O lugar dos ídolos do esporte

Os ídolos esportivos ocupam um lugar central na cultura contemporânea. Alguns são adorados e admirados pelo público, que se identifica e se projeta neles; outros são, muitas vezes, vistos como “temperamentais”<sup>9</sup> e acabam impulsionando o movimento da *contraidentificação*, suscitando inúmeras críticas e reprovações de comportamento. De modo geral, essas celebridades são muito associadas à força, à coragem, à dedicação, canalizando valores sociais e se convertendo em polo de identificações e projeções de torcedores(as) e fãs. Ocupando um espaço tão importante no cenário cultural, tais ídolos vêm suscitando a atenção de diferentes pesquisadores em contextos distintos.

Olhando para os contextos dos EUA e da Inglaterra, Barry Smart (2005) analisa a constituição histórica do heroísmo tanto no futebol, como em outros esportes importantes na cultura daqueles países, como o golfe e o tênis. Para o pesquisador, o esporte em geral está “no coração da cultura contemporânea” e “é reconhecido como sendo uma das instituições culturais centrais envolvidas na constituição da identidade nacional” (SMART, 2005, p. 1).<sup>10</sup> Evidenciando a profissionalização do esporte, bem como os interesses comerciais que acompanham esse processo, o pesquisador analisa a constituição de algumas estrelas do esporte contemporâneo, como Michael Jordan, Tiger Woods, David Beckham e Anna Kournikova.

Na análise de Michael Jordan, Smart evidencia que seu status célebre foi conquistado não apenas a partir de seu talento como jogador de basquete, mas em virtude

---

<sup>9</sup> Roberto DaMatta define esses ídolos “como atletas cuja excepcionalidade dava-lhes o direito ambíguo a terem uma personalidade explosiva, tudo isso decorrendo de uma pesada consciência do seu sucesso e da sua posição de heróis” (DAMATTA, 2006, p. 56).

<sup>10</sup> Do original: “at the heart of contemporary culture” and “[sport] is recognized to be one of the key cultural institutions involved in the constitution of national identity”.

também dos lucrativos contratos comerciais que ele estabeleceu com seus patrocinadores. Além disso, o pesquisador ressalta a necessidade de compreender essa celebridade em seu contexto, marcado por uma ênfase nas realizações individuais e pela promoção de “qualidades pessoais do indivíduo como os determinantes mais importantes do sucesso” (SMART, 2005, p. 120).<sup>11</sup>

Barry Smart compara a trajetória de Tiger Woods à de Jordan e aponta várias semelhanças entre os dois esportistas (habilidade atlética, determinação e força competitiva, sucesso comercial). Mas o pesquisador destaca uma importante diferença entre eles: Woods tem que enfrentar o preconceito e a discriminação no mundo do golfe para se estabelecer como atleta de sucesso. No início da carreira, o golfista estrelou campanhas publicitárias da Nike contra o racismo, mas acabou se distanciando das lutas em torno da questão da raça.

O jogador de futebol David Beckham é posicionado por Smart como um ícone da cultura de consumo, que soube conjugar suas habilidades atléticas, com excelentes contratos comerciais, além de seu casamento com Victoria Adams (cantora no grupo *Spice Girls*) ter aumentado sua visibilidade midiática mundial. Na visão de Smart, o jogador conseguiu construir uma multifacetada imagem (jogador, ícone, marido, pai), o que impulsiona ainda mais o potencial comercial da celebridade.

A análise de algumas tenistas destacadas no cenário internacional finaliza a reflexão de Smart. Ele destaca como a construção em torno de Anna Kournikova enfocou a aparência da tenista (e não o seu desempenho nas quadras) e como ela conseguiu lucrativas oportunidades comerciais em virtude disso. Para Barry Smart, é essencial conjugar boas estratégias de marketing com um bom nível de habilidade atlética para garantir a *autenticidade*<sup>12</sup> do esportista. Dessa forma, a perspectiva de Smart enfatiza muito o talento individual dos atletas, ainda que atente também para a dimensão estrutural de configuração das celebridades (sobretudo, os aspectos econômicos que regem o desenvolvimento do esporte na sociedade capitalista).

Uma das figuras emblemáticas contemporâneas analisadas por Michel Maffesoli (2008) é o jogador de futebol Zinedine Zidane. Visto pelos garotos do subúrbio como um modelo a imitar, Zidane é analisado por Maffesoli como um herói ambíguo: ao mesmo tempo em que cristaliza os sonhos, os desejos e os prazeres da humanidade (suscitando o reconhecimento), o jogador revela também a falibilidade humana, ao dar uma cabeçada em um jogador italiano, na final da Copa do Mundo de 2006. O sociólogo destaca, ainda, uma

---

<sup>11</sup> Do original: “personal qualities of the individual as the most important determinants of success”.

<sup>12</sup> Autenticidade emerge na discussão do autor muito associada ao talento dos esportistas, a qualidades manifestas em “sublimes momentos de capacidade”. Ela seria a responsável por aumentar o carisma dos atletas, ao mesmo tempo em que seria ameaçada pela dimensão econômica e comercial que permeia o esporte moderno.

ambivalência em relação a dinheiro na postura do herói: ao mesmo tempo em que suas ações demonstram seu interesse pela riqueza, ele sustenta, de maneira desinteressada, uma associação de caridade. Para Maffesoli, essa ambivalência faz de Zidane “um ícone da mitologia pós-moderna” (MAFFESOLI, 2008, p. 242).<sup>13</sup>

No cenário acadêmico brasileiro, vários pesquisadores se voltam para as celebridades do futebol. O historiador Denaldo Alchorne de Souza (2008) analisa a construção do mito<sup>14</sup> Leônidas da Silva, nas décadas de 1930 e 1940. Souza destaca algumas das características que fizeram do jogador um verdadeiro herói popular: “a excepcionalidade, a predestinação, a transgressão em relação ao mundo do trabalho e da disciplina e a identificação com o mundo do lazer” (2008, p. 119). O pesquisador demonstra o contraste entre os valores destacados pelos trabalhadores que construíram a imagem do “Diamante Negro” e os valores evidenciados naquele contexto como fundamentais na edificação da identidade nacional:

Se as classes dominantes afirmavam seus valores de nação brasileira a partir da construção de uma encenação teatral cujos principais elementos eram a ordem, a disciplina, o trabalho, a união, a obediência, a hierarquia e o homem novo, os trabalhadores devolviam essa concepção de nação de “cabeça para baixo” por meio de um mito que representava valores totalmente contrários. Leônidas representava justamente a indisciplina, a rebeldia, a malandragem; mas também era a diversão, a arte, o improviso, a genialidade, o mundo do lazer e da alegria (SOUZA, 2008, p. 144).

Ronaldo Helal (1999, 2001, 2002) discute o fenômeno da idolatria no futebol nacional. Em um de seus trabalhos, o autor analisa a trajetória de vida de Romário, procurando compreender a inscrição dele no conjunto de *heróis* do futebol brasileiro. Helal parte de uma distinção entre heróis e celebridades, a fim de enfatizar a especificidade dos ídolos do esporte em relação aos de outros universos (como música e dramaturgia):

Enquanto os primeiros freqüentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, inerente ao universo do esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) já haviam chamado a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. A saga do herói clássico fala de um ser que parte do mundo cotidiano, se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, vence-os e retorna à casa dividindo os seus feitos com seus semelhantes (HELAL, 2002, p. 1).

<sup>13</sup> Do original: “une icône de la mythologie postmoderne”.

<sup>14</sup> O autor entende o mito como “aquele que realiza façanhas extraordinárias, o que uma pessoa comum seria incapaz de fazer” (SOUZA, 2008, p. 119).

O pesquisador reconhece que outras esferas de produção cultural podem produzir celebridades com o estatuto de herói, mas enfatiza o seu posicionamento de que o universo esportivo é mais favorável à construção de heróis.<sup>15</sup> Segundo Helal (2002, p. 2), os percursos biográficos dos ídolos esportivos rumo à fama apresentam muitas características semelhantes: o talento que surge muito cedo em uma infância marcada por perdas e dificuldades (financeiras e/ou psicológicas), assim como os inúmeros obstáculos que o futuro herói tem de enfrentar para conquistar a glória desejada.

Entretanto, existem diferenças essenciais, que devem ser analisadas. Conforme Helal, a narrativa edificada em torno de Romário constrói um “herói tipicamente brasileiro”: há uma ênfase na genialidade, na irreverência e na malandragem na constituição desse ídolo nacional. A análise da trajetória de Zico, por sua vez, evidenciou um modelo mais próximo do herói clássico (HELAL, 2002, p. 2), demonstrando a conquista do sucesso através do trabalho e do esforço. Para o pesquisador, esse “modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas, por assim dizer, ‘oficiais’ — nas quais a mídia é o instrumento legitimador — no Brasil. Aqui, temos freqüentemente um ideal ‘essencializado’ de seres ‘moleques’ e ‘irreverentes’” (HELAL, 1999, p. 42).

Essa discussão sobre os vários tipos de heróis é muito pertinente nas análises que se voltam para o futebol. Entretanto, como evidenciado anteriormente, não entendemos que seja possível situar uma fronteira rígida entre os heróis e as celebridades. No cenário midiático em que vivemos, os esportistas podem se configurar como celebridades, e alguns são vistos como *heróis*, indivíduos extraordinários, que aspiram à condição de deuses.<sup>16</sup> Esse é o caso de Ronaldo Nazário de Lima, jogador a ser analisado na presente tese e que já foi objeto de estudo de outras investigações. Antes de apresentar as contribuições dessas reflexões, é fundamental traçar uma trajetória de vida desse jogador, pois, como nos lembra Hannah Arendt, “só podemos saber quem um homem foi se conhecermos a história da qual ele é o herói — em outras palavras, sua biografia” (ARENDR, p. 199).<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> A construção do herói no universo esportivo também é destacada na análise que Daniel Soares Lins (1995) faz do piloto Ayrton Senna, o herói da velocidade, que encarna o poder e a honra. Segundo Lins, “o ídolo, para ser amado pelas multidões precisa, na sua representação imaginal ou fenomenal, mostrar-se humano” (LINS, 1995, p. 60). Para análises acerca da morte do piloto, cf. Helal, 2004; Scarduelli, 1995.

<sup>16</sup> Cf. Cunha, 1986; Morin, 1989; Herschmann, e Pereira, 2005; capítulo 1 desta tese.

<sup>17</sup> A história de Ronaldo que traçamos aqui é baseada em duas biografias não autorizadas publicadas sobre o jogador (de Jorge Caldeira e de David Mosley), além do material que compõe o corpus da pesquisa (o qual será apresentado detalhadamente no Capítulo 4 da tese).

### 2.2.1 A trajetória de Ronaldo: uma breve apresentação

Ronaldo Luís Nazário de Lima nasce no dia 22 de setembro de 1976,<sup>18</sup> em Bento Ribeiro, zona norte do Rio de Janeiro. Ele passa a infância no subúrbio do Rio, ao lado da mãe Sônia, do pai Nélio, da irmã Ione e do irmão Nelinho. Os pais de Ronaldo se conhecem na empresa em que ambos trabalhavam — a companhia telefônica do estado (Telerj) —, mas, com o nascimento dos filhos, Sônia acaba deixando aquele emprego para se dedicar a eles. Naquela época, a família tinha renda próxima a quatro salários mínimos, e grande parte desta era gasta na educação dos filhos em escolas particulares. A situação muda com a separação de Nélio e Sônia em 1987: ele sai de casa, ela precisa voltar a trabalhar, e “aquela que era uma casa afluyente de Bento Ribeiro se tornou um lar onde a miséria passou a rondar” (CALDEIRA, 2002, p. 46). Essa mudança também afeta a vida e a personalidade de Ronaldo:

Se já era pouco considerado pelas meninas por causa de seus dentes abertos e da dificuldade de falar, ficou ainda mais tímido e reservado quando veio a puberdade e aumentou a pobreza. Tudo isso contrastava com a exuberância do tratamento quando o assunto era futebol. Por causa de sua capacidade de jogar bola, era bem tratado até mesmo por desconhecidos. Tudo isto ajudava muito, ainda mais porque ele realmente adorava jogar bola (CALDEIRA, 2002, p. 47).

Como muitos garotos brasileiros, Ronaldo nutria o sonho de ser jogador de futebol profissional e chegava a fugir da escola para jogar bola com os amigos. A mãe incentivava os estudos, levava o filho até a porta da escola e, às vezes, voltava no horário do intervalo para se certificar de que ele continuava lá. O pai estimulava o futebol, mas dizia que era preciso estudar também — e ler muito — para encarar o mercado de trabalho. Naquela infância pobre vivida por Ronaldo, ninguém imaginava o ídolo que ele se tornaria.

O garoto Dadado (como era conhecido na infância) começa a jogar bola em times de futebol de salão: no Valqueire Tênis Clube (inicialmente, como goleiro) e depois no Social Ramos Clube. O supervisor desse último, Fernando Gordo, acompanhava o menino no percurso de ônibus até o clube e, depois do treino, na volta para casa, além de checar o desempenho escolar de Ronaldo. Afinal, as condições estabelecidas por Dona Sônia eram de que o filho só continuaria jogando futebol se continuasse estudando e sendo aprovado na escola.

O ano de sucesso no Social Ramos o levou a novos passos. Entre uma vitória e outra, ele elaborou um pensamento que juntava sua vontade de jogar com as exigências da mãe e a situação de pobreza: iria se tornar profissional para tirar a família da queda. Até aí não havia exatamente uma novidade, pois esta idéia, de uma forma ou de outra, está por trás da carreira de todo jogador

---

<sup>18</sup> Na verdade, ele nasceu no dia 18, mas seu pai perdeu o prazo do registro e acabou informando que o filho tinha nascido quatro dias depois da data verdadeira, a fim de evitar a cobrança de uma multa pelo cartório.

brasileiro. Em todo o caso, a concepção do futebol como um caminho para a família, e não apenas para si mesmo, juntava um pouco as aspirações do pai e da mãe. Quando firmou a idéia, estava pronto para dar seu primeiro grande passo por sua conta no futebol (CALDEIRA, 2002, p. 49).

Assim, aos doze anos, Ronaldo sonhava em jogar no Flamengo, seu time do coração. Chegou a fazer um teste no clube carioca, passou, mas não tinha condições de arcar com as despesas do transporte para treinar todos os dias. Sem ajuda do Flamengo, Ronaldo teve que desistir daquele sonho e acabou indo jogar no São Cristóvão (clube que se dispôs a ajudar o menino com os custos do transporte). Entre 1990 e 1993, Ronaldo joga nesse clube carioca (primeiro no mirim, depois no infantil) e vai demonstrando suas habilidades dentro de campo. Em 1992, seguindo indicação do ex-jogador Jairzinho, os empresários Reinaldo Pitta e Alexandre Martins fazem uma proposta de compra do passe de Ronaldo, a qual é discutida e aceita pela família Nazário de Lima. Com o dinheiro recebido nessa transação, Ronaldo decidiu trocar o estofado do sofá de sua casa para presentear a família — o montante não era suficiente para comprar um novo. Naquele momento, “sua nova posição de profissional significava uma nova posição na família”: “deixaria de ser apenas o filho, para fazer também o papel reservado aos adultos, de trazer dinheiro para casa” (CALDEIRA, 2002, p. 68).

Na primeira transação realizada por Pitta e Martins, Ronaldo é contratado pelo Cruzeiro, depois de conquistar a artilharia do campeonato Sul-Americano Sub-17, jogando pela seleção brasileira. Ele se muda para Belo Horizonte em março de 1993 e começa a jogar no time juvenil do clube mineiro. Menos de três meses depois dessa estreia, Ronaldo é transferido para a equipe profissional do Cruzeiro, onde desperta a simpatia de torcedores e também da imprensa. Um dentista cruzeirense se oferece para tratar dos dentes separados de Ronaldo com um aparelho ortodôntico, em troca de gols no Atlético, grande adversário do Cruzeiro (CALDEIRA, 2002, p. 82). Assim, é nesse clube que o jogador vai despontar no cenário esportivo nacional e começar a conquistar a fama e o dinheiro que o acompanhariam por toda a carreira.

Profissional com carro e fama ele já era. Para ser adulto, faltava uma mulher. [...] O desempenho em campo e as imagens nos jornais e televisão projetavam a parte mais agradável e segura de sua personalidade, servindo como um poderoso cartão de visitas. No lugar de abordar mulheres, elas vinham agora começar as conversas — e obviamente não se importavam com o fato de que o futebol fizesse parte delas. Carro, dinheiro e casa também faziam diferença depois, na hora da paquera. E foi assim que a jovem revelação teve enfim a revelação do sexo: a primeira mulher de sua vida foi Luciana, filha de um industrial e torcedora do Cruzeiro (CALDEIRA, 2002, p. 83).

Em novembro de 1993, um jogo entre Cruzeiro e Bahia pelo Campeonato Brasileiro fica registrado como um marco importante na carreira de Ronaldo: ele faz cinco gols na vitória do Cruzeiro por 6 X 0. Em uma cena memorável, ele aproveita a distração do goleiro que solta a bola e marca para o clube mineiro. Depois do jogo, ele já dá mostras, aos 17 anos, de sua preocupação com o registro de sua imagem e de seus feitos, ao indagar a um repórter: “Gravou aquilo ali?”. Naquele ano, o time de Ronaldo conquista a Copa do Brasil, e as habilidades do jogador em campo começam a projetá-lo no cenário nacional.

No ano seguinte, o Cruzeiro é campeão invicto do Campeonato Mineiro, e Ronaldo, o artilheiro do time. O ótimo desempenho em campo acabou por promover a primeira convocação do jogador para um amistoso pela seleção brasileira e para a Copa de 1994. “Ronaldo, no fim das contas, seria espectador na Copa de 1994 nos Estados Unidos, sentado no banco e vendo o Brasil marchar rumo ao tetra” (MOSLEY, 2006, p. 36).

É nesse contexto que Ronaldo começa a estrelar propagandas. A primeira foi uma campanha institucional para divulgar o voto opcional para jovens entre 16 e 18 anos:

Ainda nervoso, teve de repetir várias vezes o texto até acertar: “Sou Ronaldo, do Cruzeiro e da Seleção Brasileira. Tenho 17 anos. Minha responsabilidade é fazer muitos gols pelo Brasil, com garra, seriedade e decisão. Mas acho que minha responsabilidade é maior ainda. Ser cidadão, votar, escolher bem. Eu já tirei meu título. E você?”. (CALDEIRA, 2002, p. 94)

Seu contrato com a cervejaria Brahma (que, atualmente, integra a Ambev) também data daquele momento. Depois de uma representação de um juiz contra a exibição de um anúncio em que um menor de idade fazia propaganda de cerveja, os empresários do jogador convocaram uma entrevista para explicar que Ronaldo só faria propagandas de refrigerante até que fizesse 18 anos (CALDEIRA, 2002, p. 95). Essa foi a primeira “crise de imagem” enfrentada pelo jogador, e seu controle e sua superação pela equipe composta pelos empresários e por seus pais exibiram a boa administração de sua imagem como um negócio (CALDEIRA, 2002, p. 95).

Além dos treinos e da preparação para os jogos da Copa de 1994 (mesmo permanecendo no banco), Ronaldo participou de várias reuniões de negócios nos EUA, que culminaram em dois contratos importantes para o jogador: com o clube PSV (Philip Sport Vereniging) Eindhoven, da Holanda (em uma transação de cerca de 10 milhões de reais), e com a empresa Nike (que se estenderia por toda a carreira de Ronaldo e mesmo após a sua aposentadoria como jogador profissional). “O primeiro garantia o jogador, o segundo era uma oportunidade para o homem de negócios de sua imagem” (CALDEIRA, 2002, p. 102).



Assim, Ronaldo se muda para a Holanda em agosto de 1994 e participa da conquista do título da Copa da Holanda para o PSV na temporada seguinte (1995/1996). Em sua primeira experiência de viver fora do Brasil, ele é acompanhado pela mãe Sônia e pela nova namorada, Nádia França. O namoro com Nádia durou menos de um ano e, na nova temporada do clube holandês, em 1995, Ronaldo estava acompanhado de outra namorada brasileira: Viviane Brunieri. O romance também durou pouco, e essas duas ex-namoradas de Ronaldo criaram o grupo musical conhecido por *As Ronaldinhas*.

Em 1995, Ronaldo começa a enfrentar suas primeiras contusões e, em março do ano seguinte, sofre a primeira cirurgia no joelho direito. O fisioterapeuta Nilton Petrone, conhecido por Filé, é contratado pelo clube holandês para trabalhar na recuperação do atacante. Recuperado, Ronaldo joga as Olimpíadas de 1996, em Atlanta (EUA), e a seleção brasileira fica em terceiro lugar.

Em uma transação milionária (cerca de 33 milhões de reais), Ronaldo é transferido para o Barcelona, na Espanha, em agosto de 1996. Naquele momento, “Ronaldo estava prestes a viver um ano que mudaria de vez sua vida, com a qualidade de seu futebol projetando-o do *status* de adolescente prodígio para o de superastro adulto do futebol mundial” (MOSLEY, 2006, p. 51). Pouco tempo depois de sua estreia no clube espanhol, jogando contra o Compostela, em 12 de outubro, ele faz um gol que pode ser considerado um dos mais bonitos de sua carreira e é descrito em detalhes por Jorge Caldeira:

Então ele recebe uma bola em seu próprio campo. O primeiro homem vem duro: no momento em que é driblado, agarra a camisa em desespero; Ronaldo se desvencilha, meio desequilibrado. Vem o segundo, que passa lotado. Ele já está na intermediária, acelerando. O terceiro adversário se atira para cima do jogador com os dois braços — e fica estatelado no chão. Depois ainda viriam mais dois, igualmente batidos, e o chute rasteiro no canto. Quando se pôde reduzir aquele momento a números, eles foram os seguintes: 14 segundos com a bola no pé, 16 toques na bola, 5 adversários driblados, 34 passos, 46 metros percorridos com a bola (CALDEIRA, 2002, p. 134).

Esse gol é apenas uma mostra de seu desempenho impressionante em campo no Barcelona, o que lhe rendeu a eleição como o melhor jogador do mundo pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), em 1996. No clube espanhol, Ronaldo participa da conquista de três títulos: Supercopa da Espanha (1996), Copa do Rei (1997) e Recopa Europeia (1997). É um dos momentos estelares da carreira profissional do jogador, marcado também por um dos romances mais duradouros de sua vida amorosa: com a modelo e atriz Suzana Werner. O relacionamento começa no fim de 1996 e é mantido a distância até meados de 1997, quando

Suzana decide deixar o Rio de Janeiro para acompanhar o namorado — que naquele momento já estava jogando no Internazionale de Milão, na Itália.

O passe de Ronaldo foi transferido para o clube italiano em uma negociação de cerca de 53 milhões de reais. Com o novo contrato, o jogador “passava a receber o maior salário do planeta: 5 milhões de dólares anuais” (CALDEIRA, 2002, p. 155). Além disso, a transferência para o Inter abriu caminho para outros contratos publicitários importantes — entre estes, com a Pirelli e com a Parmalat —, já que havia previsão de dias de folga que ele poderia utilizar na exploração de sua imagem. Ronaldo estreia no Inter em julho de 1997, participa da conquista da Copa da Uefa naquele ano, e é neste clube que ele recebe o apelido pelo qual será mundialmente conhecido até hoje: o Fenômeno. De acordo com Caldeira (2002, p. 161), “datam de outubro os primeiros registros da expressão ‘Il Fenomeno’.” Ainda em 1997, Ronaldo ajuda a seleção brasileira a conquistar o título na Copa América, realizada na Bolívia, é eleito pela segunda vez consecutiva como o melhor jogador do mundo e vai sedimentando o desempenho que impulsionaria a sua convocação para a Copa de 1998.

A Copa da França, que seria a oportunidade para a consagração do melhor jogador do mundo, acabou sendo decepcionante para Ronaldo e a seleção brasileira: com uma atuação apática na final do mundial, o Brasil perde para a França por 3 X 0. Esse acontecimento — que será analisado de modo mais detalhado nesta tese — é considerado o mais misterioso de sua carreira: momentos antes da final do mundial, Ronaldo teria sofrido um colapso nervoso, que abalou o jogador e a equipe, culminando na fatídica derrota.

Depois de um período de descanso após a Copa, Ronaldo volta para Milão e é recebido com uma nova camisa pelo clube: a 9 (com a qual ele se consagraria até o fim da carreira). Apesar do esforço do Inter e do próprio Ronaldo em sua recuperação depois do mundial, o momento não é favorável ao jogador: em junho de 1999, termina o noivado com Suzana Werner e, no mesmo ano, ele tem seu nome associado a uma rede de prostituição na Itália. Em viagem ao Brasil, decidiu realizar um sonho de menino e comprar uma Ferrari, episódio que foi visto como um exibicionismo de milionário em um país com tanta pobreza. Até porque, naquele momento, Ronaldo declarou: “Já tenho uma igual na Itália. Mas dirigir uma Ferrari no Brasil é outra coisa”. Sua imagem também foi desgastada, no mesmo ano, por gastar 20 mil reais em produtos, de uma só vez, na Cidade Del Leste, no Paraguai. Com a repercussão negativa desses acontecimentos, Ronaldo decidiu devolver os produtos — inclusive a Ferrari.

Mas 1999 também foi o ano em que o Brasil conquistou outra Copa América, tendo Ronaldo como artilheiro da competição. O valor do prêmio recebido pelo título (30 mil

reais) foi doado ao Instituto Nacional do Câncer (INCA). A conquista, no entanto, não foi suficiente para afastar as críticas, e o jogador decide contratar Rodrigo Paiva, um assessor de imprensa pessoal para cuidar de sua imagem (CALDEIRA, 2002, p. 260). De acordo com Caldeira, o novo assessor é visto pelos jornais da época como “o responsável para tentar limpar seu nome e mudar a fama do garotão *playboy* que dirige carros de luxo e namora modelos oxigenadas” (CALDEIRA, 2002, p. 261). Uma das estratégias implementadas pelo novo assessor foi a associação do jogador com causas humanitárias, a fim de exibir o lado humano e solidário por trás do atleta. Em setembro de 1999, Ronaldo visita Kosovo, cidade devastada pela guerra na ex-república sérvia, e é aclamado pela população local. Ele visita uma escola na cidade e faz uma doação de 30 mil dólares à instituição.

Outra modelo (e jogadora de futebol) aparece na vida de Ronaldo em 1999: Milene Domingues, conhecida por a “Rainha das Embaixadinhas”. Eles começam a namorar em julho de 1999 e, dois meses depois, anunciam a gravidez de Milene e o casamento para dezembro do mesmo ano. A cerimônia, realizada na casa da mãe de Ronaldo, no Rio de Janeiro, foi simples para um milionário: um almoço para cerca de 70 pessoas. “Com a cerimônia de casamento, Ronaldo mostrava aos convidados de Bento Ribeiro que sua vida tinha mudado muito, mas também que ele ainda era a mesma pessoa, focada no grupo que o viu crescer, nas pessoas que apoiaram sua carreira e na família” (CALDEIRA, 2002, p. 270).

Enquanto a vida afetiva ia se definindo para os próximos meses (e anos), a vida profissional de Ronaldo enfrentava novos obstáculos no retorno a Milão. Pouco antes do casamento com Milene, em novembro de 1999, em um jogo contra o Lecce, ele sofre uma grave lesão no joelho direito — a ruptura do tendão patelar — e fica cinco meses afastado dos gramados. A recuperação de Ronaldo ocorre paralelamente à gravidez de Milene. Ronald nasce no dia seis de abril, e o retorno do jogador aos campos estava marcado para o dia 12 do mesmo mês. Naquela semana, Ronaldo declarou: “Vai ser uma semana mágica. Nasceu meu filho e vou voltar a jogar futebol. De uma só vez, a vida me deu dois presentes. A vida é bela” (CALDEIRA, 2002, p. 274).

Mas a magia daquele momento não estaria presente no Estádio Olímpico de Roma no dia 12 de abril de 2000. Em um jogo contra a Lazio pelo Campeonato Italiano, Ronaldo sofre uma nova grave lesão: o rompimento total do mesmo tendão patelar, no mesmo joelho. As imagens que exibem a dor do jogador após a ruptura correram o mundo e sensibilizaram a todos. O diretor da Inter, Gabriel Oriali, “resumiu a emoção daqueles momentos: ‘Ronaldo não é apenas um jogador da Inter, é um patrimônio do futebol mundial. Com seus gols fantásticos e seu jeito de ser muito especial, ele conquistou o lugar maior no coração de todos

os amantes do futebol no planeta’.” (CALDEIRA, 2002, p. 276). Ronaldo passa por uma nova cirurgia, realizada em Paris, no dia 13 de abril, pelo mesmo médico que realizara a cirurgia anterior (Gerard Saillant). Ainda no hospital, ele

digitou uma nota para ser lida para os jornalistas. Agradecia o apoio recebido, e anunciava sua disposição: “O guerreiro está ferido, mas não está acabado”. Era já um objetivo. Com este parco fio de esperança, começou a construir o longo caminho que um dia o levaria de volta a encontrar uma bola (CALDEIRA, 2002, p. 281).

Foram vários meses de recuperação. No primeiro semestre de 2001, Ronaldo fez alguns treinos com os companheiros de clube, jogou muito pouco e ainda sentia dores, de modo que ficou praticamente fora dos gramados até setembro de 2001. Enquanto lutava por sua recuperação, paralelamente, Ronaldo continuava administrando sua imagem e empenhando sua solidariedade em busca de melhores condições de vida para as populações menos favorecidas. Em agosto de 2001, ele é nomeado Embaixador da Boa Vontade do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e passa a atuar junto a esse programa, sobretudo, no combate à pobreza.<sup>19</sup>

O primeiro semestre de 2002 continuou sendo de poucas partidas para o jogador. Entre setembro de 2001 e março do ano seguinte, ele “atuou em apenas 12 partidas — e só jogou 90 minutos em uma delas” (CALDEIRA, 2002, p. 297). Naquele momento, Ronaldo era considerado por muitos médicos, críticos e torcedores como “acabado” para o futebol. Entretanto, ainda tinha a confiança de Luiz Felipe Scolari, então técnico da seleção brasileira, que o convocou para a Copa do Japão e da Coreia. A Copa de 2002 — acontecimento que será analisado neste trabalho — é um grande marco na trajetória do Fenômeno. Ele chega à Ásia como um jogador desacreditado e sai como o grande herói da conquista do pentacampeonato pela seleção brasileira. Ele é o artilheiro da competição (com oito gols), se iguala ao Rei do Futebol (Edson Arantes do Nascimento, o Pelé) em número de gols em Copas (doze) e conquista, pela terceira e última vez, o título de melhor jogador do mundo em 2002. Essa capacidade de superação de Ronaldo será usada pelo governo brasileiro na campanha publicitária “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”, lançada em julho de 2004. O objetivo do governo era fomentar a autoestima dos brasileiros, exibindo, ao som da música “Tente outra vez”, de Raul Seixas, a história de personalidades que enfrentaram obstáculos e conseguiram dar a volta por cima.

---

<sup>19</sup> Em dezembro de 2003, Ronaldo participa da primeira edição da “Partida contra a Pobreza”, um jogo beneficente idealizado pelo PNUD, que reúne ídolos do futebol internacional. Desde então, já foram realizadas nove edições desse amistoso; a última, ocorrida na Alemanha, em dezembro de 2011, teve sua renda destinada ao combate à fome no Chifre, na África.

A atuação de Ronaldo na Copa de 2002 desperta a atenção do Real Madrid, que, em agosto daquele ano, compra o passe do brasileiro em uma transferência de cerca de 88 milhões de reais — a maior na trajetória do jogador. No clube espanhol, o Fenômeno formaria com outros ídolos da época (como Zinedine Zidane, Luis Figo e, posteriormente, David Beckham) o grupo conhecido como *galácticos*. No início, Ronaldo enfrenta críticas da torcida madrilena e da imprensa espanhola, mas passa a ser ovacionado depois de um jogo contra o Manchester United em que ele faz três gols, e o Real Madrid se classifica para a fase seguinte da Liga dos Campeões, em 2003. Ronaldo permanece no clube espanhol por mais de quatro anos e participa da conquista do Mundial de Clubes (2002), do Campeonato Espanhol (2003 e 2007) e da Supercopa da Espanha (2003). No período em que veste a camisa do Real Madrid, sua vida amorosa passa por novas mudanças.

A separação de Milene acontece no final de 2003, cercada de especulações de infidelidade. Em 2004, Ronaldo tem um romance com a modelo espanhola Mireia Canalda e um caso rápido com Michele Umezu (que veio à tona apenas no fim de 2010, quando Ronaldo reconheceu a paternidade do filho Alexander). É o relacionamento com Daniella Cicarelli, no entanto, o mais badalado da história do jogador. O romance é iniciado em junho de 2004, e, em setembro, o casal anuncia que vai se casar. O anúncio é feito em rede nacional, em entrevista concedida ao programa da Rede Globo *Fantástico*. O casamento de Ronaldo e Daniella — outro acontecimento que será analisado mais detalhadamente na presente tese — acontece em fevereiro de 2005, em um luxuoso castelo francês. Nesse mesmo mês, seguindo suas atividades como Embaixador da Boa Vontade do PNUD, ele visita a cidade de Ramallah (Palestina) e é aclamado pela multidão nas ruas (MOSLEY, 2006, p. 217). Suas atividades como embaixador permanecem, mas o badalado casamento com Daniella Cicarelli termina menos de três meses depois da festa no castelo francês.

Com a seleção brasileira, Ronaldo participa, em agosto de 2004, do famoso Jogo da Paz, realizado em Porto Príncipe, no Haiti. O amistoso contra a seleção da casa foi organizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como parte da Missão para a Estabilização no Haiti, após a deposição do presidente Jean-Bertrand Aristide. O Brasil vence por 6 X 0, sem gols de Ronaldo, que, mesmo assim, foi aclamado pelo público de 15 mil pessoas que assistiram à partida. Ronaldo participa, ainda, de jogos das eliminatórias para a Copa de 2006 — que seria a quarta e última Copa da qual ele participaria em sua carreira como jogador. Ele se apresenta fora de forma, é muito criticado pelo excesso de peso, e a seleção brasileira é desclassificada. Mesmo não atuando nas melhores condições, Ronaldo faz

mais três gols no mundial e se consagra como o maior artilheiro da história das Copas, com quinze gols — posto que mantém até hoje.

A transferência do jogador para o Milan, na Itália (por cerca de 17 milhões de reais), acontece em janeiro de 2007, quando Ronaldo inicia um novo relacionamento amoroso: com Maria Beatriz Antony. Bia decide se mudar para Milão com o namorado, que não vive um bom momento no clube italiano. Naquele ano, ele sofre nova lesão e enfrenta mais cinco meses de recuperação. Em fevereiro de 2008, sofre nova ruptura do tendão patelar do joelho — agora o esquerdo — e passa por mais um longo período longe dos gramados. Nesse momento, no Rio de Janeiro, ele enfrenta o episódio mais constrangedor de sua carreira. No dia 28 de abril de 2008, ele foi levado a uma delegacia, com três travestis, depois de uma confusão em um motel da cidade. A versão de Ronaldo é de que teria contratado serviços de prostitutas e depois teria descoberto que se tratava de travestis. Com isso, ele teria tentado desfazer o programa, mas fora vítima de tentativa de extorsão. Depois desse episódio, Bia Antony anunciou o fim do namoro, mas voltou atrás depois de descobrir que estava grávida.

Mesmo sem jogar, Ronaldo permanece vinculado ao Milan até junho de 2008, o clube não conquista qualquer título no período, e o contrato do jogador não é renovado. Ele continua seu processo de recuperação no Rio de Janeiro, nas instalações do Flamengo. Há especulações em torno de sua contratação pelo clube carioca, o que, no entanto, não se concretiza. No dia nove de dezembro de 2008, Ronaldo firma um contrato com o Corinthians e, no dia 12 do mesmo mês, o atacante é apresentado à torcida no Parque São Jorge, com o estádio cheio e em clima de festa. Dezembro de 2008 também é o mês do nascimento de sua primeira filha, Maria Sophia, na véspera do Natal.

O primeiro clássico do jogador com a camisa do Timão acontece no dia oito de março de 2009, quando ele marca o único gol de seu novo time, que empata com o Palmeiras, em Presidente Prudente. O gol de cabeça marcado por Ronaldo é celebrado pela mídia nacional como mais uma volta por cima na carreira do Fenômeno. Em 2009, o Corinthians conquista o Campeonato Paulista e a Copa do Brasil — com vários belos gols de Ronaldo.

O ano de 2010 é marcado por novas lesões no corpo do jogador. O Corinthians não vence nenhum campeonato naquele ano, e começam especulações sobre a aposentadoria do Fenômeno dos gramados. Em seis de abril de 2010, nasce a segunda filha de Ronaldo e Bia Antony — Maria Alice. Em oito de dezembro do mesmo ano, o jogador anuncia pelo Twitter o reconhecimento da paternidade de Alexander Umezu: “o resultado do exame comprovou o que meus sentimentos me mostraram na hora em que vi o Alex. Alex é meu filho, irmão de mais 3 crianças lindas como ele. E me terá sempre como pai para todos

prazeres e deveres. Seja bem vindo”.<sup>20</sup> Através de um exame de DNA, ficou comprovado que Ronaldo é pai do garoto, fruto de um caso entre o jogador e Michelle Umezu, no Japão, em 2004, quando ele jogava pelo Real Madrid. Também em 2010, Ronaldo assina um novo contrato milionário com a empresa de telefonia Claro: ela decidiu criar uma conta patrocinada para o jogador no Twitter, que, em cinco de junho de 2012, apresentava mais de três milhões de seguidores.

O início de 2011 traz acontecimentos que sinalizam para o fim da carreira de Ronaldo. No dia dois de fevereiro daquele ano, o Corinthians é eliminado precocemente da disputa pela Taça Libertadores. O time paulista perde por 2 X 0 para o colombiano Tolima, e o mundo todo repercute a derrota e o fracasso do time de Ronaldo na disputa por um título inédito. A torcida corintiana fez vários protestos veementes e até violentos na sede do clube pedindo a saída do jogador. Ronaldo, que tinha planos de encerrar a carreira no fim da temporada de 2011, acabou por antecipar a aposentadoria, anunciada no dia 14 de fevereiro de 2011 — acontecimento que será analisado nesta tese. O anúncio foi feito na sede do Corinthians em São Paulo, quando o Fenômeno lembrou seu histórico de lesões, falou sobre as fortes dores que sente no corpo, que o levaram, assim, a antecipar o encerramento de sua carreira como jogador profissional de futebol.

Com o fim da carreira, Ronaldo passa a se dedicar à sua empresa de marketing esportivo, a 9ine, e, em dezembro de 2011, é nomeado membro do conselho de administração do Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo de 2014, a ser realizada no Brasil. A nomeação de Ronaldo para esse cargo divide opiniões: há quem veja essa nomeação como benéfica à organização do mundial, já que aproxima a Copa da população, ao usar a imagem e a credibilidade de um ídolo do futebol; mas há também quem acredite que ele é apenas uma figura usada para preservar a imagem do ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, bastante desgastada não apenas no Brasil, mas no mundo, devido a denúncias de corrupção.<sup>21</sup> De acordo com pesquisa realizada pelo site LANCE!, a nomeação de Ronaldo não foi oficializada juridicamente.<sup>22</sup> Apesar disso, o ex-jogador vem participando ativamente das atividades do COL na organização da Copa do Mundo de 2014.

Ao longo de sua carreira, Ronaldo construiu uma imagem facilmente reconhecida nacional e internacionalmente. E uma imagem muito rentável também: mesmo depois do

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://extra.globo.com/famosos/ronaldo-reconhece-paternidade-do-filho-alex-383694.html>. Acesso em: 13 de outubro de 2011.

<sup>21</sup> Ricardo Teixeira renunciou à presidência da CBF em março de 2012.

<sup>22</sup> Disponível em: [http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Ronaldo-so-figuracao-COL\\_0\\_629937184.html](http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Ronaldo-so-figuracao-COL_0_629937184.html). Acesso em: 26 de janeiro de 2012.

encerramento da carreira, ele mantém contratos milionários com marcas como a Nike, a Ambev e a Claro. De acordo com Mosley, Ronaldo estabelece critérios rígidos para emprestar seu nome e imagem às empresas e marcas: “Cada uma tem que ser líder na sua área de atuação, ter alcance global e um sólido código de ética” (MOSLEY, 2006, p. 215). Há divergências em relação à avaliação de seu patrimônio, tal como apresentado pelas revistas semanais brasileiras no momento de sua aposentadoria: um bilhão de reais (segundo a *Veja*); 600 milhões (segundo a *Época*); e 417 milhões (segundo a *Istoé*). De qualquer forma, as estimativas apontam para uma absoluta segurança financeira construída a partir dos contratos com os clubes que Ronaldo defendeu e as marcas que ele ajudou a construir e difundir pelo mundo.

Essa trajetória de Ronaldo já suscitou algumas pesquisas científicas que procuram compreender sua inserção na cultura esportiva nacional. Analisando a Copa do Mundo de 1998, Ronaldo Helal se volta para a cobertura do noticiário esportivo acerca da derrota da seleção brasileira para a França, evidenciando a narrativa jornalística construída sobre Ronaldo, na época, apelidado Ronaldinho. Segundo o pesquisador, a partir daquele acontecimento, a mídia procurou encontrar explicações para o fracasso do mito. A análise permitiu observar que o ídolo é mortal, um homem como tantos outros, que apresenta fraquezas e temores, que é derrotado, que sofre, fica doente e pede o conforto da família. É a humanização do herói: “Ao invés do super-homem Ronaldinho, ‘descobrimos’ Ronaldo, o homem, o mortal. Os fãs se familiarizam com ele e muitos querem lhe dar colo” (HELAL, 2001, 159).

Em outro trabalho que também analisa a constituição da imagem de Ronaldo Nazário, José Carlos Marques (2005) procura aproximar o esporte e o discurso mítico, a fim de compreender o papel do ídolo na sociedade moderna. O pesquisador evidencia o processo cíclico na constituição dessa figura pública, descrevendo o papel da mídia na ascensão e derrocada do herói. Segundo Marques, no caso de Ronaldo, “a imprensa escrita brasileira [...] tem operado no sentido de construir e destruir a todo tempo a imagem mítica do jogador, por meio do superdimensionamento da imagem do ídolo e, ao mesmo tempo, por meio da ultraexposição das fraquezas e derrotas do atleta” (MARQUES, 2005, p. 7). Baseando-se, sobretudo, em colunistas e cronistas de alguns jornais impressos, o objetivo dessa análise foi perceber, na trajetória de Ronaldo, os mesmos pressupostos do personagem mítico.

Fausto Neto (2000) também já tomou Ronaldo como objeto de análise. O objetivo do pesquisador foi analisar a cobertura jornalística (entre abril e maio de 2000) sobre o anunciado retorno do jogador aos campos, assim como a nova contusão e o pós-operatório do mesmo. O autor enfocou as diferentes estratégias discursivas utilizadas pelo jornalismo para



construir os significados em torno da imagem de Ronaldo naquele momento — como o uso de especialistas do campo médico para construir um discurso autorizado e as disputas de sentido entre os diferentes campos de saberes.

Ao longo deste capítulo, procuramos discutir o lugar do futebol na cultura nacional, bem como sua relação com o universo dos ídolos. Atentamos para o modo como as celebridades esportivas vêm sendo analisadas por diferentes autores, que trazem contribuições para a reflexão sobre a constituição dos ídolos na cena pública contemporânea. Ao apresentar tais estudos, o objetivo foi chamar a atenção tanto para o talento que configura a individualidade dos atletas como para os interesses econômicos e comerciais que atuam na constituição da imagem pública dos mesmos — imagem essa que é muitas vezes marcada por ambiguidades e contradições. Além disso, destacamos como os ídolos personificam valores de uma sociedade em determinado contexto, tendo que enfrentar preconceitos e discriminações, ao mesmo tempo em que podem ajudar a afirmar e/ou a reconfigurar valores e visões de mundo. As pesquisas sobre os atletas nos ajudam a perceber, ainda, como traços divinos são evidenciados na trajetória dos esportistas, que impulsionam projeções dos fãs e torcedores. Ao mesmo tempo, os estudos revelam que a humanização dos heróis é uma marca na construção da imagem dessas celebridades, que pode impulsionar identificações e contraidentificações.

Por fim, apresentamos a trajetória de vida de um ídolo do futebol mundial, que é objeto de reflexão da presente tese: Ronaldo Luís Nazário de Lima. Ao olhar para os estudos realizados acerca do jogador, consideramos que nenhum deles se propôs a analisar a constituição da imagem pública de Ronaldo em uma perspectiva mais ampla e a longo prazo, assim como nenhum deles articula as noções de acontecimento e celebridade para desenvolver tal análise. Acreditamos, assim, que a reflexão sobre a configuração dessa celebridade pode ser enriquecida a partir de uma nova problematização, à luz do conceito de *acontecimento* — que será discutido no próximo capítulo.

### **3 Acontecimento, mídia e experiência: uma perspectiva para a análise das celebridades**

“um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

Walter Benjamin

O conceito de acontecimento vem sendo acionado com sentidos diversos, por diferentes pesquisadores, a fim de responder a problemas de pesquisa variados. A noção tem uma grande centralidade nos estudos contemporâneos de jornalismo, ao mesmo tempo em que é mobilizada, por exemplo, para investigar narrativas produzidas por um dispositivo como o documentário. Na tentativa de operacionalizar o conceito, pesquisadores já buscaram construir tipologias para o mesmo ou desdobrar categorias analíticas de ricas discussões sociológicas e filosóficas.

O objetivo deste capítulo é retomar esse *estado da arte* em relação ao conceito de acontecimento, a fim de elucidar o modo como ele pode ser enriquecedor para a análise da narrativa biográfica das celebridades na cena pública contemporânea. Para tanto, apresentamos uma breve revisão de estudos que usam a noção a partir de abordagens distintas. Em seguida, evidenciamos o modo como o conceito é entendido no presente trabalho, a partir da articulação entre acontecimento e experiência. A partir disso, procuramos mostrar como esse referencial teórico pode ser acionado para compreender a construção da trajetória de vida de um ídolo, revelando valores e normas que constroem o contexto social hodierno.

#### **3.1 Reflexões sobre acontecimento: algumas abordagens**

Um primeiro grupo de trabalhos a ser destacado se inscreve no campo do jornalismo. Muitos são os estudiosos que vêm se dedicando ao estudo do acontecimento nessa área, tanto para perceber o que configura um acontecimento jornalístico como para apontar suas relações com outros campos. Pontes e Silva (2010), por exemplo, investigam a relação entre acontecimento jornalístico e história, enquanto o trabalho de Vogel (2010) procura refletir sobre acontecimento na interface entre jornalismo e arte. Entretanto, grande parte dos estudos ligados ao jornalismo procura compreender e desvendar as especificidades do acontecimento jornalístico e a lógica de constituição da notícia.

Um marco inicial na apropriação do conceito pelo jornalismo pode ser situado na obra da socióloga norte-americana Gaye Tuchman (1978). Como explica Eduardo Meditsch (2010), o livro *Making news: a study in the construction of reality* reflete o esforço da pesquisadora por apreender “as notícias ‘como a construção social da realidade’.” (MEDITSCH, 2010, p. 21). Nesse sentido, o acontecimento é visto como aquilo que se configura como notícia, ou seja, é acontecimento o que é narrado pelo jornalismo.

Seguindo essa mesma perspectiva, Éliséo Véron desenvolve um trabalho (publicado em 1981) sobre a cobertura jornalística do acidente na central nuclear de *Three Mile Island*, ocorrido nos Estados Unidos, em 1979. Segundo o autor,

Os acontecimentos sociais não são objetos que se encontram já feitos em alguma parte da realidade e cujas propriedades e transformações nos são dados a conhecer de imediato pelos meios de comunicação com maior ou menor fidelidade. *Eles só existem na medida em que esses meios os elaboram.* [...] Os meios informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade (VERÓN, 1995, p. II *apud* MEDITSCH, 2010, p. 21-22, grifos nossos).

Nessa abordagem, os acontecimentos são elaborações feitas pelos meios de comunicação. Em outro trabalho, Véron (1997) se volta justamente para as operações discursivas que permitem ao dispositivo de enunciação do telejornal construir e elaborar os acontecimentos. Assim, há quase uma coincidência entre acontecimento e notícia, como sugere também a perspectiva de Alsina: “Os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua realidade discursiva” (ALSINA, 2009, p.46 *apud* MEDITSCH, 2010, p. 22). O foco desses pesquisadores é na notícia como construtora da realidade social, a partir de determinadas lógicas de produção e organização que regem o jornalismo.

A reflexão de Maurice Mouillaud (2002b) também se insere nessa perspectiva que procura desvendar o acontecimento no campo do jornalismo. Para o autor, no momento da ocorrência do acontecimento, existe “uma explosão do sentido pulverizado em um pó de detalhes” (MOUILLAUD, 2002b, p. 49), cabendo ao campo da informação construir a moldura que enquadra o sentido na construção da notícia. Segundo Mouillaud, assim, acontecimento é “a modalidade transparente da informação; aquilo que, então, aparece como figura é seu objeto: os acontecimentos aos quais se refere a informação formam o mundo que se supõe real” (MOUILLAUD, 2002b, p. 56).

Esse conjunto de pesquisadores procura investigar o acontecimento no interior do campo do jornalismo, desvendando as lógicas de construção da enunciação próprias a esse campo. Essa perspectiva é nomeada por Louis Quéré (1997) de *construtivismo* e

está fundada sobre a ideia de que os acontecimentos que a mídia nos apresenta não são as imagens puras e simples do que ocorre no mundo, mas os resultados de um processo socialmente organizado, e socialmente regulado, de dar forma a, de encenar e de dar sentidos às informações, isto é, de descrições de ocorrências ou de situações (QUÉRÉ, 1997, p. 416).<sup>1</sup>

Conforme Quéré, o construtivismo pode assumir duas formas: uma radical e uma moderada. A abordagem mais radical entende o acontecimento como “um puro artefato mediático” (1997, p. 417);<sup>2</sup> ele é visto menos como uma ocorrência no mundo e mais como um esquema de percepção e de representação da realidade construído pela mídia. A perspectiva moderada, por sua vez, situa a constituição dos acontecimentos nos processos de construção das notícias, levando em conta o papel das empresas e da própria linguagem jornalística nesse processo. Esse tipo de abordagem tem o mérito de evidenciar que os acontecimentos são sempre construções, não existem como dados *a priori*. Entretanto, ela toma o acontecimento como sendo *apenas* o relato disponibilizado através das notícias, negligenciando uma dimensão central que é a ocorrência dele na *experiência* dos sujeitos.<sup>3</sup>

A crítica à perspectiva que restringe o acontecimento à notícia também é feita por Leal, Vaz e Antunes (2010). Ao discutir a homofobia como um campo problemático capaz de gerar acontecimentos, os pesquisadores ressaltam que estes nunca se esgotam na sua conversão em notícia, pois se vinculam a um amplo conjunto de relações sociais e exigem operações interpretativas diferentes (LEAL, VAZ, ANTUNES, 2010, p. 238).

Outra maneira de refletir sobre acontecimentos no campo do jornalismo é a partir da noção de *agendamento*. Bregman (1997) procura perceber a dinâmica de construção de um acontecimento político no interior da agenda midiática. O pesquisador atenta para os temas que disputam tal agenda em determinado contexto, bem como o modo como interpretações divergentes acerca de um mesmo assunto ocupam a cena de visibilidade pública. Leal e outros pesquisadores (2010) também recorrem à noção de *agendamento*<sup>4</sup> para refletir sobre o acontecimento jornalístico. De acordo com os autores, “a mídia promove uma hierarquização de temas e o estabelecimento de graus de relevância para os diferentes assuntos” (LEAL *et al.*, 2010, p. 195).

---

<sup>1</sup> Do original: “est fondée sur l’idée que les événements que nous présentent les médias ne sont pas les images pures et simples de ce qui arrive dans le monde, mais les résultats d’un processus socialement organisé, et socialement régulé, de mise en forme, de mise en scène et de mise en sens d’informations, c’est-à-dire de descriptions d’occurrences ou de situations”.

<sup>2</sup> Do original: “un pur artefact médiatique”.

<sup>3</sup> Voltaremos a essa questão ao longo do capítulo.

<sup>4</sup> A esse conceito, os autores associam dois outros que são centrais no jornalismo: enquadramento e noticiabilidade. Discutiremos o primeiro ainda no presente capítulo. Para uma discussão acerca do segundo, cf. Leal *et al.*, 2010; Wolf, 2003.

Na perspectiva do agendamento, é preciso ter cuidado para não reduzir o acontecimento à dimensão de constituição de sua relevância e saliência no cenário midiático (QUÉRÉ, 1997). Essa abordagem privilegia a dimensão de configuração da visibilidade das ocorrências na mídia, bem como de sua hierarquização. Mais uma vez, existe o risco de encerrar o acontecimento nos limites da esfera midiática, negligenciando sua emergência na experiência dos sujeitos. Afinal, ainda que o dispositivo midiático seja também construtor do acontecimento, “a mídia não é o único agente nesse processo de constituição” (LEAL *et al.*, 2010, p. 209).

Outra perspectiva entende o acontecimento em termos de um *ritual*. Daniel Dayan e Elihu Katz (1994) se voltam para o modo como determinadas cerimônias e rituais (como uma coroação ou um casamento reais) são tratados pela mídia, particularmente, pela televisão, configurando-se como *acontecimentos midiáticos*. Na visão dos pesquisadores, tais acontecimentos constroem uma visão idealizada de sociedade, enfatizando certos valores e aspectos importantes da memória coletiva (1994, p. ix). O foco de Dayan e Katz é nesses espetáculos e manifestações extraordinárias, que marcam uma interrupção da rotina, são planejados e programados com antecedência para serem exibidos ao vivo pela TV. Os autores se preocupam em distinguir esse tipo de acontecimento (que se configura como um gênero televisivo) dos acontecimentos noticiosos que povoam a cena midiática cotidianamente, como um acidente nuclear ou uma tentativa de assassinato de um presidente.

De acordo com Quéré (1997), o risco nesse tipo de abordagem é desconsiderar a dimensão temporal dos acontecimentos. Isso porque, o ritual é entendido, nesse viés, como uma entidade *atemporal*, como um dispositivo repetitivo e cerimonial que pode orientar a apreensão dos acontecimentos pela mídia. Quéré destaca que não se pode buscar apreender tais ocorrências apenas em uma dimensão ritualística e atemporal, negligenciando o aspecto temporal dos acontecimentos, que irrompem no cotidiano e se inscrevem em um espaço-tempo.

Essa dimensão temporal dos acontecimentos é enfatizada também por Antunes (2008). O pesquisador explora a temporalidade como uma dimensão de análise importante da construção do acontecimento jornalístico, entendido como “um dos insumos da experiência, ao mesmo tempo em que pode ser pensado também como uma forma de experiência” (2008, p. 12). Dessa forma, Antunes ressalta o caráter temporal do acontecimento, bem como sua inscrição no terreno da experiência — afastando-se, portanto, da abordagem em termos de um ritual.

A noção de acontecimento também já foi recuperada para discutir o conceito de dispositivo como estratégia narrativa (MIGLIORIN, 2006). Partindo da discussão filosófica

de Gilles Deleuze (1975),<sup>5</sup> o pesquisador entende que os acontecimentos “constituem um campo de imanência com uma pluralidade de possibilidades de sentido” (MIGLIORIN, 2006, p. 88). Dessa forma, as narrativas construídas através de um dispositivo como o documentário também possibilitam a irrupção de acontecimentos, a partir da “criação de efeitos imponderáveis” que permitem “a invenção de mundos possíveis” (2006, p. 93).

Outras reflexões sobre o acontecimento se voltam para a construção de tipologias. Partindo do pressuposto de que todos têm necessidade de informação, Molotch e Lester (1997) apresentam uma classificação dos acontecimentos públicos em quatro tipos: 1) acontecimentos de rotina (ocorrências que são intencionalmente planejadas e promovidas à categoria de acontecimento pelos agentes das notícias, como uma conferência de imprensa); 2) acidentes (ocorrências decorrentes de erros de cálculo, que não são intencionalmente convertidas em acontecimento e marcam uma ruptura na ordem habitual das coisas); 3) escândalos (partilham com os acidentes a ruptura na ordem, mas eles são promovidos intencionalmente pelos agentes da notícia à esfera dos acontecimentos); 4) acasos felizes (ocorrências imprevistas e não intencionais, alçadas ao lugar de acontecimento pelos agentes das notícias). O objetivo dos autores é apreender algumas estratégias de construção da realidade pelos meios que detêm o poder de orientar a experiência do público a quem se dirige, a partir desses diferentes acontecimentos que ocupam o cenário de visibilidade da mídia.

Patrick Charaudeau (2006, p. 138) destaca três tipos de acontecimento, conforme o seu modo de aparição: 1) acontecimento-acidente (que tem um caráter inesperado); 2) acontecimento programado (que é planejado segundo um calendário que organiza a vida social); 3) acontecimento suscitado (que é provocado por determinado setor institucional, que pressiona as mídias para conquistar visibilidade). Para Charaudeau, esses tipos de acontecimento irrompem no mundo e são nomeados e tratados pelo discurso midiático (a partir de diferentes critérios) para que sejam levados ao conhecimento de alguém.

Isabel Babo-Lança (2008b) perpassa várias tipologias de acontecimento de diferentes autores e propõe o conceito de *acontecimentos réplica*: estes são deslocados de seu contexto de irrupção e passam a ser reproduzidos pela mídia. Na visão da pesquisadora, “nas réplicas do acontecimento, a textura causal, temporal e de sentido deste é desmantelada pela repetição constante e segmentação em fragmentos-réplicas do ocorrido” (BABO-LANÇA,

---

<sup>5</sup> Em *Lógica do Sentido*, Deleuze desenvolve uma densa discussão acerca da noção de acontecimento. É importante destacar aqui a associação que o pensador faz com o simbólico: “É neste sentido que é um ‘acontecimento’: com a condição de não confundir o acontecimento com sua efetuação espaço-temporal em um estado de coisas. Não perguntaremos, pois, qual é o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido” (1975, p. 23, grifo do autor).

2008b, p. 13). Com esse tipo de acontecimento, ocorre, na visão de Babo-Lança, a “falência do sentido e da experiência” (2008b, p. 14).

O trabalho de Berger e Tavares (2010) realiza um grande esforço de revisão desses e de outros autores que classificam os acontecimentos em determinados tipos. Micro, macro e megaacontecimentos (SANTOS, 2005); grandes e pequenos acontecimentos (MIRANDA, 2005); pseudo-acontecimentos (BOORSTIN, 1992); acontecimentos noticiosos (DAYAN; KATZ, 1995) ou acontecimentos jornalísticos (ANTUNES, 2007). Inúmeras são as nomeações retomadas por Berger e Tavares, que constroem um quadro-síntese que distingue: 1) acontecimento em geral; 2) acontecimentos na/da mídia; 3) acontecimentos imprevistos; 4) acontecimentos previstos (2010, p. 140).

Essas tipologias podem trazer contribuições no modo de identificação inicial do acontecimento, mas é preciso ter cuidado para não engessar a análise do mesmo à simples identificação em um quadro tipológico. Além disso, algumas características vinculadas ao acontecimento nessas tipologias não correspondem ao modo como compreendemos o conceito neste trabalho: 1) os acontecimentos são, em geral, marcados pela imprevisibilidade, têm algo de inesperado, mesmo que sejam programados, na medida em que instauram uma descontinuidade na *experiência* daqueles sujeitos que são por eles afetados (QUÉRÉ, 2005). 2) mesmo que sejam deslocados de seu contexto original, os acontecimentos não perdem sua dimensão de sentido e de experiência, já que ela é fundadora da própria noção de acontecimento.

Assim, reconhecemos a centralidade do conceito de acontecimento nos estudos de jornalismo, bem como sua importância ao desvendar as lógicas que regem o sistema de produção das notícias. Além disso, reconhecemos a validade das reflexões que procuram tipificar os acontecimentos. Entretanto, nossa perspectiva aqui se afasta de tais objetivos e procura rearticular a noção de acontecimento à experiência dos sujeitos na vida social, a fim de construir um modo de análise das celebridades. Essa abordagem será apresentada na próxima seção.

### **3.2 Acontecimento e experiência: da vivência de uma ocorrência à sua individuação pela mídia**

A relação com a experiência é central na compreensão da noção de acontecimento que orienta este trabalho. Assim, antes de discutir esta última, evidenciaremos o modo como o conceito de experiência é aqui entendido. Em seguida, passamos à discussão do

acontecimento, de sua *passibilidade*, de sua inscrição no tempo (em relação ao passado e ao futuro), de seu poder hermenêutico, de seu processo de individuação, bem como do papel da mídia nesse processo.

### 3.2.1 A noção de experiência

A experiência se refere ao nosso estar no mundo, ao modo como o apreendemos, como nos relacionamos com ele e com os outros indivíduos na vida cotidiana. Essa dimensão interacional e prática da experiência é enfatizada pelos pragmatistas<sup>6</sup> George Herbert Mead e John Dewey. Em *The Philosophy of the Act*, Mead refere-se à experiência como uma parte do processo vital dos seres vivos, que inclui as ações destes em relação ao meio ambiente. Como explica Ignacio Sánchez de la Yncera (1994, p. 62-63), a concepção de experiência proposta por Mead enfatiza a dimensão interativa que constrói a relação entre organismo e ambiente.

Essa perspectiva interacional da experiência é compartilhada por John Dewey. Segundo o pragmatista,

toda experiência é o resultado de interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo no qual ela vive. Um homem faz algo; levanta uma pedra, por exemplo. Em consequência padece, sofre alguma coisa: o peso, a resistência, a textura da superfície da coisa levantada. As propriedades assim sofridas determinam o agir subsequente. A pedra é excessivamente pesada ou muito angulosa, ou não é suficientemente sólida; ou, ainda, as propriedades sofridas mostram que ela é adequada para o uso para o qual foi pretendida. O processo continua até que emergja uma adaptação mútua do eu e do objeto, e então tal experiência específica alcança um término (DEWEY, 1980, 95-96).

Dewey enfatiza, assim, a experiência como uma *travessia*, marcada por uma dupla dimensão: a experiência se constitui a partir da ação de um indivíduo, que inicia o percurso e, ao mesmo tempo, sofre algo em consequência daquela primeira ação. Na perspectiva dele, “a experiência é *behavioral*: ela é uma questão de ação, comportando elementos motores, nas interações de um organismo com o ambiente que o circunda” (QUÉRÉ, 2010, p. 31, grifo do autor). Ela se constitui na transação entre o agir e o reagir, entre o produzir e o sofrer, os quais, por sua vez, orientam as ações futuras. Nesse processo, tanto a criatura viva como o aspecto do mundo com o qual ela interage se adaptam à situação vivida e se transformam

---

<sup>6</sup> O pragmatismo é uma perspectiva filosófica que tenta compreender as condições em que se cria o pensamento, sendo que as ideias são vistas como surgindo da ação. Essa *filosofia da ação* é iniciada por Charles Peirce, nos EUA, no fim do século XIX, e seguida por outros pensadores, como William James, John Dewey e George Herbert Mead. Esses dois últimos são responsáveis por incorporar as reflexões do pragmatismo no campo da sociologia e das ciências humanas (JOAS, 1999). Para uma retomada do histórico e das características dessa perspectiva, ver Pogrebinschi, 2005; Muphy, 1993; Sánchez de la Yncera, 1994.



mutuamente. Evidencia-se, assim, o papel transformador do sujeito e do mundo através da vivência de uma experiência.

Para Dewey, a experiência acontece continuamente, pois a interação entre o ser vivo e as condições que o cercam “está implicada no próprio processo da vida” (DEWEY, 1980, p. 89). Como analisam Guimarães e Leal, “sendo ‘interação’, a experiência para Dewey está implicada nas condições e nas dimensões concretas da relação do indivíduo com o ambiente e, conseqüentemente, não pode ser caracterizada por outro aspecto exclusivamente” (GUIMARÃES; LEAL, 2008, p. 5-6).

A experiência deve, assim, ser pensada a partir do contexto concreto dos indivíduos e envolve as ações racionais e emocionais que eles realizam no mundo. Ela se desenvolve como um processo de percepção e interpretação das coisas, que se efetiva a partir de um repertório existente, o qual é atualizado, configurando um processo interativo entre os indivíduos, as coisas do mundo e as temporalidades que marcam um contexto.

Além de destacar a interação como elemento central na configuração das experiências, Dewey salienta as diferenças de completude e de intensidade que as caracterizam. Conforme o filósofo, algumas experiências são marcadas por dispersão, fragmentação e monotonia; são incompletas e, por isso, não podem ser pensadas como *uma* experiência (DEWEY, 1980, p. 89, grifo do autor). Aqui, a interação configuradora da experiência é vista como “rotineira, mera repetição, submissa a convenções práticas e procedimentos intelectuais” (GUIMARÃES; LEAL, 2008, p. 6). Em um segundo sentido, a experiência é vista como *uma* experiência, marcada por completude e intensidade; a interação “pode integrar as várias capacidades humanas, pode mobilizá-las livremente de modo que seu resultado seja uma experiência integral, forte, de rara intensidade” (GUIMARÃES; LEAL, 2008, p. 6). De qualquer forma, em ambos os sentidos, a experiência é entendida como constituída por um duplo movimento: o agir e o sofrer.

É importante destacar, ainda, a associação que Dewey realiza entre experiência e contexto. Se a “experiência é o nome do mais abrangente dos contextos” (DEWEY, 1998, p. 215 *apud* POGREBINSCHI, 2005, p. 60), é fundamental ressaltar que estes se efetivam a partir da relação entre indivíduo e sociedade. Em sua discussão sobre as mudanças no modo de abordar as representações que marcaram o desenvolvimento das ciências humanas, Foucault evidencia justamente essa relação entre as experiências individual e coletiva na construção dos sentidos. Segundo o autor,

[...] a cadeia significativa por meio da qual se constitui a experiência única do indivíduo é perpendicular ao sistema formal a partir do qual se constituem as

significações de uma cultura: a cada instante a estrutura própria da experiência individual encontra nos sistemas da sociedade um certo número de opções possíveis (e de possibilidades escolhidas); inversamente, as estruturas sociais encontram em cada um dos seus pontos de escolha um certo número de indivíduos possíveis (e outros que não o são), da mesma maneira que na linguagem a estrutura linear torna sempre possível num dado momento a escolha entre várias palavras ou vários fonemas (mas exclui todos os outros) (FOUCAULT, 1966, p. 494).

Foucault enfatiza, assim, o papel da linguagem, o qual é central na efetivação da experiência. É a linguagem que marca o ser do indivíduo em sociedade. Como também destaca Rodrigues, “é na e pela linguagem que a experiência se constitui, se revela ou se desvenda o sentido que a enforma” (RODRIGUES, 1991, p. 32). A linguagem tem, portanto, um papel constituidor da experiência humana.

Adriano Rodrigues (1991) destaca três funções da linguagem na constituição da experiência: a) a inspeção, que se refere ao processo em que o sujeito acessa o mundo; b) a decifragem diz respeito ao processo de interpretação que caracteriza a leitura que o sujeito faz do mundo; c) e a elaboração mítico-poiética que se realiza através da criação de sentidos novos sobre o mundo. Nesse processo, segundo o autor, o sujeito converte sua relação com o meio ambiente em um mundo próprio (1991, p. 27). Para Rodrigues,

A experiência da vida insere-se na relação do homem com o mundo, consigo próprio e com os outros. É nas manifestações simbólicas da cultura que o homem preenche o abismo que o separa das coisas, de si próprio e dos outros, acedendo assim à consciência reflexiva e à experiência da vida em comum. Pela linguagem, experiência simbólica por excelência, o homem prossegue o ilimitado trabalho de preenchimento deste abismo e a elaboração de um sentido para o enigma da vida (RODRIGUES, 1991, p. 27).

O pesquisador destaca, assim, o papel do sujeito ao utilizar a linguagem para preencher de sentidos esse abismo que o separa do mundo. Esse lugar do sujeito na construção e na vivência de experiências deve ser enfatizado aqui: nosso olhar incide sobre a experiência humana, sobre o agir e o sofrer dos indivíduos em relação ao universo simbólico que eles constroem, atualizam e movimentam. Esse é um dos aspectos evidenciados por Vera França, ao comentar o texto de Quéré (2010) sobre o *caráter impessoal da experiência*: “apenas o sujeito vive uma experiência, é afetado e age em consequência; o ambiente, ou meio exterior, entra como ‘fator na experiência’ como aquilo ‘que coloca objeção e resiste, que freia e entrava, que bloqueia e se opõe, que suscita tensões e conflitos (p. 33)” (FRANÇA, 2010b, p. 44).

É importante destacar também que essa atuação dos sujeitos acontece sempre em relação ao universo cultural em que se insere — “às significações de uma cultura”, para retomar a citação de Foucault acima. Adriano Rodrigues (1991) aponta para essa sujeição do indivíduo ao estoque de significados compartilhados presente no mundo intersubjetivo, a partir do qual ele constitui as experiências. Estas se configuram, assim, a partir do quadro cultural de uma sociedade — o que também é destacado por Valverde: “atribuímos sentido ao mundo no caldo da cultura, no fluxo das significações, a partir das quais a nossa experiência é sempre retomada. O conceito mesmo de experiência nos remete a essa dinâmica de retomada do passado e projeção para o futuro, que caracteriza a existência” (VALVERDE, 2007, p. 256).

Além de evidenciar a natureza simbólica da experiência, Valverde destaca a dimensão temporal que a constitui: uma experiência se efetiva retomando significados instituídos, ao mesmo tempo em que projeta desdobramentos no fluxo que articula essas diferentes temporalidades. A experiência não apresenta, assim, um caráter inaugural em cada contexto, mas ela se insere em um fluxo que a antecede e, a partir dela, novos elementos simbólicos poderão se instituir.

A partir dos autores aqui retomados, pode-se considerar a experiência como resultado da interação entre os sujeitos e o mundo, em um processo marcado por ação, padecimento e transformação. Existem diferentes graus de experiência, que dependem do modo como os sujeitos são afetados por ela. Nesse processo, o papel da linguagem é central, já que é ela que institui o fluxo de significações que constrói a experiência em um contexto. Esta se efetiva, assim, na prática e na ação dos sujeitos, que articulam sentidos e temporalidades na conformação de sua vivência no mundo. É essa visão acerca da experiência que orienta nossa compreensão sobre os acontecimentos.

### *3.2.2 Acontecimento e seu processo de individuação*

Inscriver o acontecimento no terreno da experiência significa que ele deve ser apreendido a partir do contexto ou situação em que ocorre. Como destaca Alain Badiou (2009), “o local pertinente ao acontecimento é esse dado imanente a uma situação que entra na composição do próprio acontecimento e faz com que ele seja destinado a *essa* situação singular e não a uma outra” (BADIOU, 2009, p. 82-83, grifo do autor). Podemos falar, assim, de uma “elaboração recíproca” entre contexto e acontecimento (BADO-LANÇA, 2006, p. 83), na medida em que, ao mesmo tempo em que o acontecimento se inscreve naquele, ele também

o institui. Significa, ainda, que devemos pensar na transação entre o agir e o sofrer que relaciona sujeitos e acontecimentos em determinado contexto.

Essa relação (entre sujeitos e acontecimentos) é evidenciada pela *passibilidade* que caracteriza todo e qualquer acontecimento. De acordo com Quéré,

O verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reacções e respostas mais ou menos apropriadas (QUÉRÉ, 2005, p. 61).

Assim, os sentidos desencadeados pelo acontecimento afetam os sujeitos e, ao mesmo tempo, são afetados por estes.<sup>7</sup> A duração temporal dessa afetação é proporcional à duração do próprio acontecimento. Esta pode ultrapassar os limites estritos da ocorrência espaço-temporal, não coincidindo com a sua ocorrência empírica (QUÉRÉ, 2000, p. 11). Conforme Quéré, o acontecimento “dura o tempo que dura a atualização de seu potencial de criação de intrigas, de revelação de possíveis ou de modificação de situações, assim como de afetação [...] daqueles a quem ele acontece” (QUÉRÉ, 2000, p. 11).<sup>8</sup>

Nesse processo de mútua afetação, o acontecimento instaura uma descontinuidade na experiência dos sujeitos, já que ele “é a novidade por relação à ordem instituída” (RICOEUR, 1991, p. 43).<sup>9</sup> A novidade assim instaurada movimenta o estado de coisas vigente, bem como os posicionamentos dos sujeitos afetados, e abre um *novo campo de possíveis* (ARENDRT, 1993). É nesse sentido que Hannah Arendt fala do acontecimento como um começo capaz de revelar “uma paisagem inusitada de feitos, sofrimentos e novas possibilidades” (1993, p. 50). Ao mesmo tempo, o acontecimento marca o fim de um processo, o resultado de um encadeamento que ilumina o passado (reconstruindo-o) e projeta novos futuros, conferindo sentido a essas diferentes temporalidades.

Essa articulação entre as temporalidades na emergência de um acontecimento é discutida por George H. Mead em sua *filosofia do presente*. Para o autor, “o mundo é um mundo de acontecimentos” (1932, p. 1). Estes emergem como algo novo na realidade, inscrevem-se em um processo temporal em curso na experiência e sob determinadas condições,

<sup>7</sup> Essa dinâmica de afetação dos sujeitos como marca do acontecimento é também sugerida pelo filósofo Jacques Rancière, ao afirmar que “não há acontecimento sem sentido de acontecimento, sem subjetivação de acontecimento. [...] não há acontecimento [...] sem um alguém por quem e para quem ele tem sentido de acontecimento” (RANCIÈRE, 1995, p. 239).

<sup>8</sup> Do original: “dure le temps que dure l’actualisation de son potentiel de création d’intrigues, de révélation de possibles ou de modification de situations, ainsi que d’‘affection’ [...] de ceux à qui il arrive”.

<sup>9</sup> Do original: “c’est le nouveau par rapport à l’ordre déjà institué”.

as quais influenciam sua emergência, ainda que não a condicionem completamente. É a situação em que o acontecimento emerge que “cria com sua unicidade um passado e um futuro”, tornando-se “uma história e uma profecia” (MEAD, 1932, p. 23).<sup>10</sup> Assim, o acontecimento tanto aponta para o passado como para o futuro que ele mesmo inaugura.

O acontecimento, portanto, não deve ser tomado como algo isolado do curso social da ação, mas deve ser apreendido a partir de seu aspecto processual, ou seja, *acontecimental*. Como apontam Barthélémy e Quéré,

um acontecimento não é nem um instantâneo, nem uma ocorrência isolada submetida à observação; como elemento de uma intriga, ele está ligado a uma história em curso; suscita juízos e desencadeia ações. É por isso que se pode falar de um percurso acontecimental (BARTHÉLÉMY; QUÉRÉ, 1991, p. 24).<sup>11</sup>

Nesse percurso eventivo, que articula passado, presente e futuro, um universo de sentidos é desencadeado e é a partir dele que se pode apreender o *poder hermenêutico do acontecimento* (QUÉRÉ, 2005). De acordo com Quéré, todo acontecimento traz em si os elementos para sua própria compreensão. Ele pode revelar uma situação imprevista ou desvelar o caráter problemático de um determinado tema ou questão em jogo:

os acontecimentos se tornam, eles próprios, fonte de sentido, fonte de compreensão e fonte de redefinição da identidade daqueles que afetam. Nessa perspectiva, em que o acontecimento vem antes dos sujeitos e das situações, é o que ele se torna através de seu percurso, e os efeitos de sentido que produz, que contribuem para individualizá-lo. É nesse sentido que se pode falar de um poder hermenêutico do acontecimento (QUÉRÉ, 2010, p. 35).

Dessa forma, o acontecimento não pode ser simplesmente explicado por causas e consequências no mundo ou por fatores externos a ele. “Dotado de certa autonomia, o acontecimento cria as condições para sua compreensão e contém um caráter revelador ao alterar tanto as possibilidades de leitura do passado (daquilo que o causou) como do futuro (à medida que ele inaugura campos de possíveis concebíveis)” (MENDONÇA, 2007, p. 119-120). É por isso que o acontecimento pode ser visto como “uma chave para tudo o que veio antes e depois”, para retomar a epígrafe de Benjamin. Ao ser lembrado e tematizado, o acontecimento revela sua dimensão temporal.

Essa inserção do acontecimento em um quadro temporal, que ele mesmo constrói e ilumina, ocorre a partir dos sentidos que são instaurados nesse processo. Isso é destacado

<sup>10</sup> Do original: “[it] creates with its uniqueness a past and a future”; “a history and a prophecy”.

<sup>11</sup> Do original: “un événement n'est ni un instantané ni une occurrence isolée soumise à l'observation ; en tant qu'élément d'une intrigue, il est affilié à une histoire en cours; il y suscite des jugements et déclenche des actions. C'est pourquoi on peut parler d'un parcours événementiel”.

por França e Almeida, ao retomar a discussão realizada por Quéré sobre a relação entre acontecimento e fato:

sem deixar de ser fato, isto é, sem abandonar sua factualidade, sua existência sensível no mundo, o acontecimento é também da ordem dos sentidos. No entanto — e é aí que Quéré promove uma inversão — não são os sentidos que advêm para iluminar o fato e convertê-lo em acontecimento: o acontecimento o é porque capaz de desencadear sentidos (FRANÇA; ALMEIDA, 2006, p. 4).

O acontecimento não se reduz, assim, à ideia de fato, já que não pode ser datado, reduzido à sua efetuação espaço-temporal e submetido à lógica da causalidade (QUÉRÉ, 2005). Os sentidos transbordam da ocorrência empírica pontual, revelando novos elementos do passado, do presente e do futuro.

É importante destacar, ainda, que o acontecimento não é dotado de uma individualidade intrínseca, mas se constitui a partir de um processo de *individuação* (QUÉRÉ, 2000, p. 11). Segundo Quéré (1995, p. 100), esta diz respeito a diferentes tipos de entidades: a coisas, pessoas, ações, relações e acontecimentos. Conforme o autor, um acontecimento é individuado a partir de um processo de determinação, em que se especifica o que o configura como um acontecimento particular, diferenciando-o de outros. Esse processo se realiza a partir de um percurso interpretativo, em que se podem identificar vários eixos em articulação.<sup>12</sup>

Em primeiro lugar, o acontecimento passa por um processo de *descrição*. Esta se refere à identificação da ocorrência, distinguindo um acontecimento de outros. Nesse primeiro eixo, é importante atentar para o conceito de *quadro*: na perspectiva de Erving Goffman (1974), este deve ser visto como um conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles (GOFFMAN, 1974, p. 10-11).<sup>13</sup> São esses princípios conformadores dos quadros que permitem a *definição da situação*<sup>14</sup> pelos sujeitos, assim como o posicionamento deles nas diferentes interações. Ou seja, os quadros permitem responder à pergunta “O que está acontecendo aqui?”. Assim, na descrição do acontecimento, o que buscamos

---

<sup>12</sup> Em diferentes textos, Quéré (1995, 2000, 2005) destaca vários eixos do processo de individuação. A fim de esclarecer o modo como esse processo pode ser apreendido, optamos por reorganizar tais eixos, evidenciando a nossa compreensão da individuação do acontecimento para atender aos objetivos desta tese.

<sup>13</sup> O conceito de quadro foi introduzido por Gregory Bateson (2000, 2002), na década de 1950, nos EUA, para indicar os elementos que possibilitam identificar o que se passa em determinada situação interativa. Partindo da observação de animais como lontras e macacos, o pesquisador define o quadro como o conjunto de indícios que permitem perceber uma interação como uma briga ou uma brincadeira. O próprio Goffman reconhece essa “paternidade” do conceito na introdução de *Frame Analysis*.

<sup>14</sup> Esse conceito é discutido por Goffman a partir do trabalho de William Thomas (1966), para quem “a interação e seu desenvolvimento dependem [...] de um compartilhamento e/ou cumplicidade” (VELHO, 2008, p. 146), ou seja, de uma boa *definição da situação* pelos atores sociais engajados nela.

é justamente responder a essa questão, ou seja, identificar os quadros que organizam o acontecimento, bem como os posicionamentos adotados pelos atores sociais.<sup>15</sup>

Nesse primeiro eixo, é importante destacar que pode haver uma disputa entre quadros divergentes na categorização do acontecimento.<sup>16</sup> Isso depende do modo como os atores sociais se posicionam em relação ao acontecimento e aos sentidos que eles acionam para produzir a inteligibilidade do mesmo. É a partir dessa identificação e disputa de quadros que se pode chegar à redução da indeterminação do acontecimento, manifestando seu caráter típico.

Em segundo lugar, o acontecimento passa por um processo de *narração*. Este diz respeito à organização narrativa da ocorrência, o que implica a inscrição do acontecimento em uma linha temporal, articulando-o com o passado e o futuro na construção da intriga. Esse eixo resgata, portanto, o acontecimento como uma entidade temporal, que promove aberturas em relação ao antes e ao depois da ocorrência em questão.

O terceiro eixo do processo de individuação do acontecimento é a configuração de um *pano de fundo pragmático*. Este atenta para o fato de que o acontecimento não é uma entidade abstrata, mas articula e move práticas instituídas e hábitos de ação. Esse contexto de fundo é animado por crenças e desejos presentes nas estruturas normativas da cultura e é ele que orienta e articula as ações dos indivíduos em relação ao acontecimento. Nesse sentido, a identificação desse pano de fundo pragmático sugere a percepção dos *públicos* que se constroem em relação ao acontecimento, já que revela o modo como os sujeitos são acionados para agir e se posicionar em relação ao acontecimento.<sup>17</sup>

É importante destacar, nesse último eixo, a concepção de *públicos* adotada aqui. De acordo com Dewey (1954), públicos emergem contextualmente na medida em que várias pessoas são afetadas indiretamente por certas transações sociais e respondem, coletivamente, a essa *afetação*. É nesse misto entre o sofrer e o agir, entre a passibilidade e a agência, que públicos se configuram.

---

<sup>15</sup> O posicionamento dos sujeitos é discutido por Goffman a partir do conceito de *footing*. Este diz respeito ao alinhamento, ao porte, ao posicionamento, à postura ou à projeção pessoal do participante de uma interação (GOFFMAN, 2008, p. 113). Está vinculado à linguagem, na medida em que é construído e transformado a partir dos discursos dos participantes de uma interação, e está diretamente ligado aos enquadramentos dos acontecimentos.

<sup>16</sup> Michel de Fornel (1997) realiza uma interessante análise das disputas simbólicas envolvidas na configuração de um acontecimento trágico: a violência ocorrida no estádio de Heysel, na Bélgica, em 1985, quando 38 pessoas morreram e 450 ficaram feridas antes de um jogo de futebol entre Liverpool e Juventus, pela final da Taça dos Clubes Campeões Europeus. A análise mostra como o enquadramento da situação oscilou da festa ao drama, a partir da ruptura do quadro do encontro esportivo, o que implicou a modificação do engajamento dos atores sociais.

<sup>17</sup> Além dos eixos agrupados e apresentados aqui, Quéré (2000) também chama atenção para a constituição de um problema público como um dos eixos da individuação do acontecimento em determinados casos. Entretanto, esse eixo não se aplica à análise do acontecimento proposta neste trabalho. Para interessantes análises que abordam a questão do problema público, ver: França, 2009; Lana, 2010; Babo-Lança, 2007; 2008a.

A perspectiva do pragmatista é apropriada por Louis Quéré (2003) em sua reflexão sobre os públicos. Segundo Quéré, estes se configuram efemeramente a partir da vivência de certa situação. Para o autor, o público deve ser pensado como *forma*, a qual não existe previamente como realidade existente: “um público não se reduz jamais à ordem dos fatos positivos” (QUÉRÉ, 2003, p. 120).<sup>18</sup> Ele se constitui a partir da afetação que indivíduos sofrem frente a uma obra ou acontecimento. É importante ressaltar, contudo, que não se trata “de atribuir uma dimensão inaugural a cada situação vivida, mas compreendê-la como atualização; viver uma experiência é reagir àquilo que vem à luz, a partir dos atributos da situação vivida e com os instrumentos de experiências passadas” (FRANÇA, 2006, p. 82).

Para Quéré, o público deve ser pensado como uma *realidade intencional*: não como fruto de intenções individuais, mas constituído por uma intenção ligada a um “contexto institucional que faz sentido”. Segundo o pensador francês, há uma relação oblíqua que caracteriza a constituição do público em relação a uma obra ou um acontecimento, sendo atravessada por um conjunto de normas e princípios que orienta as atitudes e os comportamentos. Nesse sentido, o autor destaca o papel do social e do quadro de experiências e significados compartilhados na configuração dos públicos.

Além disso, Quéré salienta o *caráter adverbial do público*: o que é coletivo é a ação e não o sujeito; o sujeito é um dos complementos do verbo (2003, p. 126). É a ação que convoca as pessoas a ocuparem papéis e lugares sociais em determinado contexto institucional. “Se é a ação que é coletiva, e não o sujeito, pode-se inferir que o que define o público é um modo de associação na experiência de uma situação; uma maneira determinada de agir e de aguentar junto” (QUÉRÉ, 2003, p. 128).<sup>19</sup>

Partindo dessa visão de público, é preciso perceber a forma como ele é afetado e construído pelos acontecimentos. É necessário atentar para o modo como ele é convocado a agir e se posicionar no contexto de fundo construído a partir da irrupção de um acontecimento.

Nessa perspectiva, configurada a partir dos três eixos do processo de individuação, os acontecimentos irrompem na experiência dos sujeitos e são descritos e narrados a partir de outras narrativas que os reconfiguram — incluindo aqui as narrativas midiáticas. Na contemporaneidade, a mídia foi elevada ao “estatuto de porta-voz oficial dos acontecimentos e da transformação do social” (RIBEIRO, 2003, p. 100). Ao criticar

<sup>18</sup> Do original: “Un public ne se réduit jamais à l’ordre des faits positifs”.

<sup>19</sup> Do original: “Si c’est l’action qui est collective, et pas le sujet, on peut en inférer que ce qui définit un public c’est un mode d’association dans l’expérience d’une situation, donc une manière déterminée d’agir et d’endurer ensemble”.



pesquisadores que restringem o acontecimento à esfera da mídia, procuramos apontar o papel da experiência nesse processo. Entretanto, é inegável a importância e a força da mídia na individuação dos acontecimentos e na constituição de novas formas de experiência para os sujeitos. Ela nomeia, descreve e narra os acontecimentos, inserindo-os em um contexto de experiências e ações. Assim, salientamos o lugar da mídia nesse processo, ao mesmo tempo em que destacamos a necessidade de olhar para aquilo que escapa e transborda do dispositivo midiático: em que contexto o acontecimento descrito e narrado na mídia se insere e ajuda a construir, que públicos são convocados a se posicionar e como se posicionam frente à afetação desencadeada pelo acontecimento.

Esse papel da mídia na constituição dos acontecimentos foi reconhecido em um texto precursor publicado por Pierre Nora, originalmente, na década de 1970. Segundo o historiador, “nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles [*dos mass media*] e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar” (NORA, 1988, p. 181). Para Nora, os media são responsáveis por constituir acontecimentos monstruosos, isto é, ocorrências que ganham uma dimensão inimaginável pela ação dos meios de comunicação — ainda que os acontecimentos não possam se reduzir à visibilidade concedida por aqueles.

Assim, é preciso reconhecer o espaço da mídia na individuação dos acontecimentos no cenário contemporâneo marcado pela *mediatização*.<sup>20</sup> Como destaca Quéré, “o papel dos *media* é, sem dúvida, decisivo enquanto suportes, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas” (QUÉRÉ, 2005, p. 72-73). É preciso entender, assim, a esfera da mídia como um lugar privilegiado em que os acontecimentos “repercutem, são narrados, se dão a ver no seu desdobramento e em suas conseqüências” (FRANÇA; ALMEIDA, 2006, p. 6).

Em texto recente, Louis Quéré (2011) traz contribuições enriquecedoras para compreender esse papel da mídia na constituição dos acontecimentos. Ele propõe pensar duas formas de acontecimento: 1) o acontecimento-existencial; 2) o acontecimento-objeto. O primeiro se refere ao acontecimento tal como ele emerge e ganha concretude na nossa experiência do mundo. Esse tipo de acontecimento desencadeia “reações espontâneas, fundadas sobre a percepção imediata e a emoção” (QUÉRÉ, 2011, p. 4).<sup>21</sup> A segunda forma de acontecimento passa por um processo de *simbolização*, “que introduz na experiência uma

<sup>20</sup> Cf. discussão realizada no Capítulo 1 da presente tese.

<sup>21</sup> Do original: “réactions spontanées, fondées sur la perception directe et l’émotion”.

dimensão diferente daquela da simples existência” (QUÉRÉ, 2011, p. 4).<sup>22</sup> Essa simbolização é realizada através da comunicação, que confere uma qualidade nova e própria ao acontecimento-objeto, que, no entanto, traz ecos do acontecimento-existencial. Passando pelo processo de simbolização, essa forma de acontecimento ganha uma dimensão discursiva e passa a fazer parte da organização de nossa conduta. É importante destacar, contudo, que essas duas formas de acontecimento não são dicotômicas, ainda que apresentem dimensões distintas.

Partindo dessa reflexão de Quéré, podemos pensar que a mídia (como uma das instituições realizadoras da comunicação) atua nesse processo de simbolização dos acontecimentos-existenciais. Nesse processo, os dispositivos midiáticos conferem uma nova dimensão às ocorrências, que adquirem uma qualidade própria em sua constituição como acontecimentos-objeto. Apesar dessa distinção, entendemos que o acontecimento-objeto traz marcas do acontecimento-existencial, que só pode ser apreendido a partir de sua simbolização.

Dessa forma, a análise dos acontecimentos tal como construídos e individuados pela mídia nos permite apreender (ao menos em parte) os significados que ecoam a partir da emergência concreta das ocorrências e como esse acontecimento *simbolizado* participa da organização de nossa experiência no mundo — e de novas experiências nele. Esse tipo de análise nos permite, ainda, apreender a imbricada relação entre mídia e sociedade, não como esferas separadas: os acontecimentos na mídia são também acontecimentos na sociedade, e a leitura daqueles nos permite perceber como as ocorrências emergem na vida social e ordenam nossa experiência.

Vários estudos vêm sendo realizados a partir dessa compreensão do acontecimento e procuram perceber o papel da mídia em seu processo de constituição. Vera França (2009) investigou o sequestro da jovem Eloá pelo ex-namorado Lindenberg, que teve grande destaque e repercussão na mídia brasileira em outubro de 2008. A pesquisadora seguiu cinco eixos na análise desse acontecimento: 1) descrição; 2) narrativização; 3) construção de um pano de fundo pragmático; 4) caracterização como um problema público; 5) normalização.

A análise revela que o sequestro foi, a princípio, inscrito em um quadro mais amplo de violência urbana no Brasil, ao lado de outros casos de crueldade que envolvem dramas individuais, e não como um caso de violência de gênero. De acordo com França, “a escolha de um enquadramento no campo das relações e papéis de gênero viria problematizar este caso para além da esfera pessoal dos envolvidos, e particularizá-lo

---

<sup>22</sup> Do original: “qui introduit dans l’expérience une dimension différente de celle de la simple existence”.

dentro do quadro geral da violência urbana no Brasil” (2009, p. 16). Essa escolha realizada pelos dispositivos midiáticos acaba por manter o acontecimento “no limite entre problema público e domínios particulares”.

O mesmo acontecimento é analisado de modo comparativo a um outro assassinato (de Ângela Diniz, ocorrido em 1977) por Cecília Lana (2010). A pesquisadora procura investigar esses dois acontecimentos a partir de seu processo de individuação pela mídia, tendo em vista as relações e os papéis de gênero que configuram a sociedade brasileira contemporânea, ainda muito marcada por machismo e padrões patriarcais. Lana (2010) observa os sentidos desencadeados pelos dois acontecimentos, bem como o caráter problemático que revelam, no intuito de perceber valores e normas relativos à questão de gênero.

Marco Antônio de Almeida (2006) parte da noção de acontecimento para investigar a crise política desencadeada pelo *mensalão*.<sup>23</sup> O foco da pesquisa foi em uma personagem específica daquela cena política: Fernanda Karina, ex-secretária de Marcos Valério, um dos protagonistas da crise. O objetivo foi perceber a atuação dessa personagem, bem como o acontecimento que se desenha em torno dela.

Em diálogo com esse trabalho, a pesquisa de Roberto Almeida (2006) se volta para o terceiro eixo da individuação do acontecimento aqui evidenciado: a configuração de públicos em relação ao acontecimento Fernanda Karina. O pesquisador procura perceber como a experiência desse acontecimento “toca os sujeitos e afeta suas perspectivas e visões de mundo, seus modos de perceber a si mesmo e a realidade circundante” (ALMEIDA, R., 2006, p. 3).

Esses trabalhos mostram a riqueza do conceito de acontecimento para análise de diferentes objetos — como uma crise política ou uma violência de gênero. Demonstram, ainda, o papel e a força da mídia como uma voz central na construção e na individuação dos acontecimentos na contemporaneidade. Nesse processo (de descrição, narração e construção de um pano de fundo pragmático), os meios acionam enquadramentos, nomeiam e identificam acontecimentos, convocam os sujeitos afetados a agir orientados pelos quadros normativos da cultura. Nesse sentido, a análise da individuação dos acontecimentos permite perceber valores e normas que constroem o contexto social em que vivemos — questão que será discutida a seguir.

---

<sup>23</sup> Nome como ficou conhecido o esquema de corrupção envolvendo o Partido dos Trabalhadores e alguns parlamentares, que receberiam uma *mesada* para votar favoráveis às pautas defendidas pelo governo em 2005.

### 3.2.3 Valores, normas e sua apreensão pelo viés do acontecimento

A conduta humana é orientada por um conjunto de valores e normas, que nos possibilitam avaliar as situações vividas e agir em cada uma delas. Esse conjunto simbólico participa da edificação do quadro normativo da cultura, a partir do qual os acontecimentos devem ser pensados. Ainda que sejam conceitos próximos, contudo, alguns autores distinguem normas e valores a partir do modo como eles orientam nossa conduta no mundo.

Segundo Habermas (1997), é possível apontar quatro diferenças inter-relacionadas. A primeira delas se refere ao sentido desses conceitos. Enquanto normas são deontológicas e se referem a obrigações, valores apresentam um sentido teleológico, englobando concepções de bem.<sup>24</sup>

Normas válidas obrigam seus destinatários, sem exceção e em igual medida, a um comportamento que preenche expectativas generalizadas, ao passo que valores devem ser entendidos como preferências compartilhadas intersubjetivamente. Valores expressam preferências tidas como dignas de serem desejadas em determinadas coletividades, podendo ser adquiridas ou realizadas através de um agir direcionado a um fim (HABERMAS, 1997, p. 316).

Um segundo elemento a distinguir os conceitos aqui em foco diz respeito à forma como os sujeitos se relacionam com eles. Normas podem ser válidas ou inválidas, enquanto valores aceitam hierarquias, sendo que alguns são mais atrativos do que outros. Se as normas demandam um posicionamento de adoção ou rejeição (um posicionamento de “sim” ou “não”), os valores admitem gradações em diferentes situações (LIVET, 2006; 2009).

A terceira distinção discutida por Habermas refere-se à questão da obrigatoriedade absoluta ou relativa de normas e valores:

A validade deontológica de normas tem o sentido absoluto de uma obrigação incondicional e universal: o que deve ser pretende ser igualmente bom para todos. Ao passo que a atratividade de valores tem o sentido relativo de uma apreciação de bens, adotada ou exercitada no âmbito de formas de vida ou de uma cultura: decisões valorativas mais graves ou preferências de ordem superior exprimem aquilo que, visto no todo, é bom para nós (ou para mim) (HABERMAS, 1997, p. 316-317).

Por fim, o pensador alemão discute uma distinção em relação aos critérios aos quais os sistemas de normas ou de valores devem satisfazer. Segundo Habermas, as normas não podem apresentar contradições entre si, se pretendem ser válidas para um mesmo grupo (1997, p. 317). Os valores, por sua vez, “concorrem para obter a primazia; na medida em que

---

<sup>24</sup> “‘Bem’ é usado aqui num sentido bastante geral, designando qualquer coisa considerada valiosa, digna, admirável, de qualquer tipo ou categoria” (TAYLOR, 1997, p. 127).

encontram reconhecimento intersubjetivo no âmbito de uma cultura ou forma de vida, eles formam configurações flexíveis e repletas de tensões” (1997, p. 317).<sup>25</sup>

Em virtude dessas características, as normas tendem a ser mais permanentes e duradouras, ainda que não sejam imutáveis, enquanto os valores são mais flexíveis e, portanto, passíveis de mais mudanças e de modo mais rápido quando comparadas às transformações normativas de uma cultura. De qualquer forma, valores e normas regem permanentemente nossa conduta, ainda que não pensemos sobre isso em cada ação cotidiana.

Na emergência de um acontecimento, que irrompe, afeta a vida dos sujeitos e provoca mudanças, valores e normas são evidenciados. Estes podem ser vistos como filtros que nos permitem avaliar um acontecimento e o modo como ele afirma ou questiona os elementos configuradores do quadro cultural. Quadro esse que é acionado, atualizado e também transformado a partir do modo como a mídia atua na individuação dos acontecimentos que constroem a trajetória das celebridades. Nesse processo de individuação (e simbolização) dos acontecimentos, a mídia constrói, cotidianamente, narrativas de caráter biográfico acerca das figuras públicas — questão que discutiremos na última seção deste capítulo.

### **3.3 Acontecimento e biografia das celebridades**

Os acontecimentos-objeto construídos pela mídia acerca das celebridades revelam traços de uma trajetória de vida. A noção de *trajetória* privilegia o caminho traçado, o percurso atravessado e pode ser entendida como um “processo de configuração de uma experiência social singular” (KOFES, 2001, p. 27). Nesse percurso, inúmeros acontecimentos deixam sua marca, entendida como aquilo que “fica impresso, gravado, porventura indelevelmente, sem poder ser apagado, como algo que se imprime no corpo, na carne” (CARDOSO E CUNHA, 2005, p. 105). São as marcas que se tornam referências, experiências memoráveis na configuração de uma trajetória, cuja apreensão pode revelar não apenas traços do protagonista que a constrói, mas também dos valores, da política e da história local (KOFES, 2001, p. 23).<sup>26</sup> Assim, ao olhar para as trajetórias de vida das celebridades, construídas cotidianamente pela mídia, é importante olhar para esses dois eixos: a biografia do protagonista de uma trajetória e o contexto em que esta se insere.

---

<sup>25</sup> Para uma discussão sobre os vários tipos de norma, cf. Elster (1989; 1995). Para uma distinção mais aprofundada entre normas e valores, cf. Livet (2006, 2009).

<sup>26</sup> A antropóloga Suely Kofes (2002) busca reconstruir, etnograficamente, a trajetória de Consuelo Caiado, uma farmacêutica da cidade de Goiás, em sua forma narrativa. Perseguindo os rastros da personagem estudada, Kofes procurou conversar com pessoas que a ajudassem a reconstruir o caminho de Consuelo.

Uma biografia é escrita de forma narrativa e, com isso, constrói uma ordenação temporal da trajetória do personagem biografado. Ou seja, uma *narrativa biográfica* oferece “um enquadramento retrospectivo e prospectivo”, ao ordenar a vida, “articulando memória e aspirações (‘projetos’) dos indivíduos, suas motivações e os significados de suas ações numa conjuntura própria de vida, conferindo uma seqüência às etapas de uma trajetória pessoal” (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 203).

Para Pierre Bourdieu (2002), a possibilidade de apreender essa conjuntura própria de vida através da escrita biográfica é uma *ilusão*. O autor reconhece que “uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2002, p. 183). Entretanto, ele questiona a “criação artificial de sentido” que é marca da escrita biográfica, assim como a linearidade que a constitui:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 2002, p. 189-190).

A denúncia da ilusão biográfica realizada por Bourdieu tem o mérito de questionar a ideia de uma possível “transparência entre o biógrafo e o biografado” (DOSSE, 2009, p. 210). Partindo dessa proposição, enfatiza-se o caráter processual da escrita biográfica, que não deve ser tomada como mero reflexo ou espelho da vida que procura narrar. Ou seja, as biografias não são entendidas como homogêneas, afinal, “o significado de uma vida nunca é unívoco” (DOSSE, 2009, p. 375). Apesar disso, elas não devem ser tomadas como uma criação artificial de sentido. Se é certo que a riqueza e a complexidade de uma trajetória de vida não podem ser reduzidas a uma narrativa homogênea e definitiva, também é inegável que traços e acontecimentos marcantes de uma vida podem ser revelados a partir de relatos diversos. Assim, uma biografia é “uma estrutura inelutavelmente compósita, uma convergência de relatos diversos enredados uns nos outros” (DOSSE, 2009, p. 67).

Roland Barthes (2005) traz a noção de *biografemas* para designar “esses pequenos detalhes, que [...] podem dizer tudo a respeito de um indivíduo” (DOSSE, 2009, p. 306), remetendo à singularidade do mesmo. Décio Pignatari (1996) retoma o conceito para falar das unidades distintas que ajudam a compor o *puzzle biodiagramático* que constrói uma biografia: esta não é algo dado, mas é construída e organizada como um diagrama.

Esse *puzzle biodiagramático* é construído tendo em vista os dois acontecimentos que delimitam o espaço de uma trajetória de vida: o nascimento e a morte. Nesse sentido, uma biografia é vista como interpretação dessa trajetória, apresentando-se para nós como *evenemencial* (CARDOSO E CUNHA, 2005, p. 106-107). Ou seja, ela é construída entre esses dois acontecimentos únicos e radicais, esses dois polos — inaugural e final — em que uma vida se desenvolve. É entre esses dois acontecimentos que se constrói o sentido de uma trajetória para o protagonista de tal biografia e para aqueles que por ela se veem afetados. Entre eles, outros acontecimentos ocorrem e deixam suas marcas impressas na vida que se constrói nesse percurso.

Em geral, as biografias partem desse último acontecimento — a morte — que impulsiona discursos que procuram (re)escrever a vida do sujeito: “a morte gera escrita, como já havia observado Michel de Certeau” (DOSSE, 2009, p. 274). Para Pasolini, “a *morte realiza uma montagem fulminante da nossa vida*: ou seja escolhe os seus momentos verdadeiramente significativos” (1967, p. 196, grifos do autor). A morte suscita, assim, relatos de natureza biográfica, que elegem eventos, detalhes, valores, enfim, a ser evidenciados na construção das trajetórias.

É preciso destacar, contudo, que não é apenas a morte de um sujeito que gera a escrita biográfica. Como destaca François Dosse, atualmente, “mesmo os limites que pareciam mais intangíveis, como os que definem o desenrolar biográfico entre o nascimento e a morte, são hoje questionados tanto a montante quanto a jusante” (DOSSE, 2009, p. 405). O historiador destaca que, depois de um longo eclipse da biografia, assistimos, a partir dos anos 1980, “a uma verdadeira explosão biográfica que se apossa dos autores e do público num acesso de febre coletiva que dura até hoje” (DOSSE, 2009, p. 16). Essa febre coletiva impulsiona relatos não apenas pós-morte de um sujeito, ainda que a narração do percurso do nascimento até a morte continue sendo um traço marcante desse tipo de narrativa.

Herschmann e Pereira (2005) destacam o papel que essa explosão biográfica desempenha na ordenação da vida dos sujeitos na contemporaneidade e também na revelação de valores e visões de mundo. Segundo os autores, as narrativas biográficas vêm se tornando referências fundamentais para os indivíduos nesse contexto, já que é a partir delas que “os agentes sociais, ao mesmo tempo, atribuem sentidos e significados para a realidade e constroem, provisoriamente, um lugar para si no mundo” (HERSCHMANN; PEREIRA, 2005, p. 8). Nesse sentido, elas são centrais para o modo como os atores sociais ordenam suas vidas na contemporaneidade.

Essa importância da biografia na vida social hodierna é associada por Gilberto Velho ao individualismo que caracteriza nosso tempo. Segundo o antropólogo,

nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial não mais contido mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico, que passa a ser medida de todas as coisas. [...] Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade ocidental moderna (VELHO, 2003, p. 100).

Nesse contexto, marcado também por dispersão, fluidez e efemeridade, as narrativas biográficas “produzem a sensação de ordenamento, de coerência e da possibilidade de apreensão da totalidade de uma trajetória de vida” (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 203). É por esse papel na produção de uma sensação de ordem em um mundo desordenado que Rondelli e Herschmann (2000) apontam para a centralidade da construção biográfica na contemporaneidade, principalmente por sua articulação com as diferentes mídias. Em dispositivos midiáticos diversos, esses textos de natureza biográfica nos rondam, revelando episódios que constroem a trajetória de um sujeito (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 215). Como destaca Pena, “se, no passado, era preciso ler a biografia de uma estrela para conhecer passagens de sua intimidade que ela julgasse conveniente divulgar, hoje a biografia é escrita diariamente na mídia” (PENA, 2002, p. 155). É dessa forma que trajetórias de vida das celebridades se tornam públicas, as quais são alimentadas pelo próprio desejo da sociedade de acompanhar as narrativas biográficas de certos sujeitos.

É fundamental atentar para o fato de que nem sempre são os acontecimentos de interesse público que chamam a atenção da sociedade nas trajetórias de vida dos famosos. Aliás, é justamente a sustentação do interesse por sua *vida privada* que ajuda a caracterizar uma celebridade. Segundo Graeme Turner (2004), esta precisa de mais do que um catálogo de atividades profissionais de sucesso para alimentar o desejo da mídia por acompanhar sua trajetória. Conforme o pesquisador,

nós podemos mapear o preciso momento em que uma figura pública se torna uma celebridade. Isso ocorre no momento em que o interesse midiático em suas atividades é transferido dos relatos em torno de seu papel público (como suas realizações específicas na política ou no esporte) para a investigação dos detalhes de suas vidas privadas (TURNER, 2004, p. 8).<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Do original: “We can map the precise moment a public figure becomes a celebrity. It occurs at the point at which media interest in their activities is transferred from reporting on their public role (such as their specific achievement in politics or sport) to investigating the details of their private lives”.



Assim, acontecimentos de natureza tanto pública como privada deixam suas marcas na trajetória de vida das celebridades e suscitam a atenção da mídia. Eles irrompem na experiência cotidiana das estrelas e são descritos, enquadrados e narrados pelos diferentes dispositivos midiáticos. Os sentidos instaurados pela mídia, mesmo que não tragam toda a complexidade dos acontecimentos (e da trajetória dos ídolos), permitem construir uma compreensão acerca destes. Afinal, os acontecimentos-objeto trazem ecos dos acontecimentos-existenciais. A análise dos acontecimentos-objeto construídos pela mídia nos permite, assim, perceber não apenas o que é enquadrado pelo dispositivo midiático, mas também o que transborda e aponta para o contexto social, seu quadro de valores e o lugar da experiência (das celebridades e dos públicos que com elas dialogam).

Ao descrever e narrar as ocorrências que edificam a vida das celebridades, assim como ao interpelar o público a se posicionar em relação a elas, a mídia atua nesse processo de individuação (e simbolização) dos acontecimentos que ordenam a vida das celebridades. Nesse sentido, a mídia participa, cotidianamente, da construção de *biografias* das figuras públicas, ou seja, produz relatos de vida em relação aos acontecimentos que constroem a trajetória de tais personalidades. Trajetória essa que é delineada a partir de grandes acontecimentos, mas também pequenos detalhes, *biografemas* que nos dizem quem são essas celebridades.

Acreditamos que a ideia de *biografemas* nos permite, assim, pensar não apenas em detalhes de uma vida, mas também em uma multiplicidade de ocorrências, tratadas em inúmeros relatos, os quais edificam uma biografia heterogênea, construída em suportes e discursos diferenciados. É dessa maneira que se pode refletir sobre as biografias das celebridades escritas pela mídia: como narrativas heterogêneas, múltiplas, construídas a partir de fragmentos de discursos instaurados em dispositivos diversos.

É a partir dessa compreensão do conceito de acontecimento e de sua articulação com a ideia de narrativa biográfica que procuramos analisar a construção de uma celebridade na cena pública contemporânea. Entendemos que o jogador de futebol Ronaldo construiu (e foi afetado por) inúmeros acontecimentos em sua trajetória, em um processo de constituição de sua própria história — apresentada, em linhas gerais, no capítulo anterior. A trajetória do Fenômeno despertou a atenção da mídia, que, através de inúmeros relatos de caráter biográfico, atuou na individuação e simbolização dos acontecimentos que constituem o percurso de vida do jogador. Os discursos midiáticos assim construídos interpelaram os sujeitos a não apenas acompanhar, mas criticar, elogiar, posicionar-se, enfim, em relação a tais acontecimentos. Nesses processos, normas e valores sociais são acionados, tematizados e atualizados.

Todos esses relatos, enredados uns nos outros, configuram um diagrama da vida de Ronaldo, ou um *puzzle biodiagramático*; ou seja, fazem emergir uma possível narrativa biográfica do jogador, marcada por detalhes de sua vida pública e de sua vida privada. A apreensão dessa narrativa pode nos revelar uma imagem pública de Ronaldo, bem como evidenciar os valores que a edificam.

Acreditamos, assim, que é possível construir uma grade analítica a partir da discussão sobre o processo de individuação do acontecimento, a fim de analisar esse processo de construção da imagem pública de Ronaldo e de uma narrativa biográfica (heterogênea e dispersa) edificada pela mídia. Os eixos analíticos que compõem essa grade serão apresentados no próximo capítulo, que apresenta o percurso metodológico da tese.

## 4 A construção metodológica

“São os passos — são os passos que fazem os caminhos”.

Mário Quintana

A metodologia de uma pesquisa científica é construída a partir de escolhas que delineiam todo o percurso da investigação. Neste capítulo, apresentaremos esse desenho metodológico, dividido em três partes interrelacionadas. Primeiramente, é apresentada a estratégia geral da pesquisa, a partir do tipo de abordagem em que ela se inscreve. Em seguida, o recorte empírico é discutido, evidenciando os eixos a serem investigados. Os procedimentos de pesquisa bibliográfica, de pesquisa empírica e de análise de dados são apresentados na sequência e, por fim, o corpus.

### 4.1 A estratégia metodológica geral

A estratégia metodológica geral da pesquisa procura dar conta da globalidade do processo comunicativo investigado, a partir de uma perspectiva relacional ou praxiológica da comunicação (QUÉRÉ, 1991; FRANÇA, 2003).<sup>1</sup> De acordo com Louis Quéré (1991), o modelo praxiológico relaciona a objetividade do mundo e a subjetividade dos agentes a “uma atividade organizante, mediada simbolicamente, realizada conjuntamente pelos membros de uma comunidade de linguagem e de ação no quadro da coordenação de suas ações práticas” (QUÉRÉ, 1991, p. 75).<sup>2</sup> A comunicação é entendida, assim, como “uma atividade conjunta de construção de uma perspectiva comum, de um ponto de vista partilhado” (QUÉRÉ, 1991, p. 76).<sup>3</sup>

Nesse sentido, a linguagem é vista em suas dimensões expressiva e constitutiva. Ela é integrante da construção social da realidade; é ela que constrói o mundo e as relações entre os atores sociais. Estes se engajam nas ações que realizam, e é nesse engajamento que os sentidos e as intenções se configuram em um processo recíproco de atribuição de intenções. Segundo Quéré (1991, p. 78-79), as intenções e as motivações dos sujeitos são emergências, elas se modificam na ação e na interação entre os indivíduos no mundo. É, pois, na prática e na experiência dos sujeitos que a comunicação se realiza, e é a partir desse terreno que ela deve ser analisada.

<sup>1</sup> Essa abordagem se opõe ao paradigma dominante no campo da comunicação durante muitas décadas: o informacional ou clássico. Esse paradigma entende a comunicação como transmissão de mensagem de um emissor a um receptor, a partir de um viés linear e simplista (FRANÇA, 2003).

<sup>2</sup> Do original: “une ‘activité organisante’, médiatisée symboliquement, effectuée conjointement par les membres d’une communauté de langage et d’action dans le cadre de la coordination de leurs actions pratiques”.

<sup>3</sup> Do original: “une activité conjointe de construction d’une perspective commune, d’un point de vue partagé”.

Essa discussão realizada por Quéré entende a comunicação como um processo de interação, realizado através da linguagem colocada em ação pelos sujeitos. Mas é importante destacar que essa abordagem tem raízes em outras perspectivas anteriores a ela. Como aponta França, “o trabalho de Quéré, sem a pretensão de estar inaugurando um debate já em curso, mas por seu caráter didático e sistematizador, oferece uma boa contribuição para nossas reflexões neste domínio” (FRANÇA, 2003, p. 38). Uma das bases fundamentais que alicerçam esse modelo que entende a comunicação como um processo de interação é o pragmatismo.<sup>4</sup>

Como destacado no capítulo anterior, o pragmatismo é uma *filosofia da ação*, desenvolvida a partir do fim do século XIX nos EUA. Essa perspectiva pode trazer muitas contribuições ao campo da comunicação e das ciências sociais de modo geral. Thamy Pogrebinschi (2005) destaca três características que marcam o eixo do pensamento pragmatista e que são importantes para a construção da abordagem praxiológica que orienta esta tese: a) antifundacionalismo; b) consequencialismo; e c) contextualismo. A primeira característica diz respeito ao fato de que essa perspectiva critica a ideia de verdades ou fundações definitivas. Conforme a pesquisadora,

trata-se de uma permanente rejeição de quaisquer espécies de entidades metafísicas, conceitos abstratos, categorias apriorísticas, princípios perpétuos, instâncias últimas, entes transcendentais, dogmas, entre outros tipos de fundações possíveis ao pensamento. O antifundacionalismo pragmatista se exerce também na recusa à idéia de certeza e aos tradicionais conceitos filosóficos de verdade e realidade (POGREBINSCHI, 2005, p. 26).

A verdade é vista, assim, não como uma entidade absoluta e universal, mas como processual, marcada por um caráter dinâmico e relacional. Ela é uma busca constante que se realiza, coletivamente, no campo da experiência humana. Como destaca Joas, “a noção central cartesiana do eu solitário que duvida sucumbe à idéia de uma busca coletiva da verdade para solucionar os problemas reais encontrados no curso da ação” (JOAS, 1999, p. 134).

Ao lado dessa rejeição a verdades apriorísticas e absolutas, o pragmatismo enfatiza o consequencialismo ou instrumentalismo. Este “representa a característica talvez mais conhecida do pragmatismo. Trata-se da insistência de olhar para o futuro, e não para o passado” (POGREBINSCHI, 2005, p. 38). Para essa abordagem, é fundamental que o pensamento se realize ancorado na ação, tendo sempre em vista os seus desdobramentos possíveis. A terceira característica central do pragmatismo, destacada por Pogrebinschi, refere-se ao contextualismo:

---

<sup>4</sup> Essa identificação do pragmatismo como uma base teórica fundamental na configuração de um modelo mais complexo de comunicação é realizada por Vera França em diferentes espaços: disciplinas, seminários e artigos publicados. Cf. França, 2008, 2010. Thamy Pogrebinschi também procura destacar a visão de comunicação que emerge das reflexões pragmatistas. Cf. Pogrebinschi, 2005.

Trata-se de insistir na importância de que as investigações filosóficas estejam atentas ao papel do contexto em seu desenvolvimento. Em outras palavras, trata-se de reivindicar consideração às crenças políticas, religiosas, científicas, enfim, à cultura da sociedade e às relações que mantém com as instituições e práticas sociais. A este corpo de crenças, o pragmatismo chama de experiência. E a experiência é o conceito-chave para que se possa compreender a idéia de contexto; aliás, em termos gerais, pode-se dizer que a experiência é o mais abrangente dos contextos (POGREBINSCHI, 2005, p. 49).

De que maneira essas características do pragmatismo aparecem no modelo praxiológico da comunicação? Inspirado no antifundacionalismo, esse modelo rejeita verdades e fundações pré-estabelecidas; como discutimos, essa visão de comunicação entende que os sentidos e os sujeitos são construídos na interação. Eles não existem como dados existentes *a priori*. O consequencialismo ajuda a refletir sobre as temporalidades que marcam os processos comunicativos: é preciso olhar para o desenvolvimento da ação presente, tendo em vista seus desdobramentos e sem negligenciar as experiências passadas. Nesse sentido, destaca-se a dimensão situacional da comunicação. Dimensão essa que é enfatizada também pelo contextualismo: esse eixo do pragmatismo permite inserir a comunicação no terreno da experiência, da ação e da prática humanas.

Assim, é essa abordagem praxiológica, alicerçada em contribuições do pragmatismo, que orienta a análise proposta nesta tese. Se abordamos as celebridades a partir desse viés, elas passam a ser vistas como instauradoras de interlocuções na sociedade em que se inscrevem. E se na sociedade midiaticizada as celebridades são construídas em grande medida pela mídia, é preciso refletir sobre a relação entre esta e a vida social também a partir desse viés.

Os fenômenos midiáticos podem ser apreendidos como atividades mediadas simbolicamente que colaboram na constituição de uma perspectiva comum entre os sujeitos. Os atores sociais que se engajam nessas ações constroem significados que serão disponibilizados nos dispositivos midiáticos e apropriados pelos sujeitos nas práticas sociais. As intenções e as motivações dos indivíduos não existem prontas *a priori*, mas emergem e se atualizam na própria constituição das interações entre a mídia e a vida social.

A base pragmatista discutida anteriormente permite, ainda, pensar a mídia como configuradora de experiências: os produtos midiáticos podem afetar os indivíduos, os quais, por sua vez, agem a partir dessa afetação. Nesse processo, tanto a mídia como a sociedade se transformam e se atualizam em um processo de mútua afetação. Atenta-se, assim, para a circularidade que marca essa relação: a vivência e a prática dos indivíduos são constituidores dos produtos midiáticos e, ao mesmo tempo, os significados produzidos pela mídia constroem as experiências dos atores sociais. As celebridades são configuradas a partir dessa afetação

recíproca entre mídia e sociedade. Como refletir sobre esse processo à luz do modelo praxiológico e de sua base pragmatista?

Seguindo a ideia do antifundacionalismo, é preciso pensar que as celebridades não existem como entidades pré-estabelecidas que são simplesmente dadas a ver pela mídia; elas não são dados existentes *a priori*. Elas emergem a partir das diferentes interações que se estabelecem entre as “estrelas em potencial”, os indivíduos na vida cotidiana, a mídia e o contexto social.

Essas interações que atuam na configuração de heróis não devem ser pensadas apenas em sua dimensão instantânea. Ainda que existam aquelas celebridades que ocupam o cenário de visibilidade midiática apenas por um curto período (como o vencedor de um *reality show*), é necessário inscrever o processo de constituição das mesmas em uma dimensão temporal que envolve, além da ação presente, as experiências passadas e os desdobramentos futuros. Dessa forma, a perspectiva aqui proposta não aborda apenas uma inserção pontual das celebridades (como vários estudos de caso apontados no primeiro capítulo), mas procura apreender o seu processo de constituição inscrito em uma dinâmica temporal a longo prazo.

O consequencialismo permite, assim, refletir sobre os elementos biográficos e as experiências que configuram a celebração de um sujeito em determinado momento, bem como o modo como isso se desenvolverá nas práticas sociais (intra e extramidiáticas) subsequentes. Assim, entendemos que a perspectiva para a análise das celebridades deve ser intertextual, mas não é esse o único ponto nuclear da abordagem aqui proposta.

Apesar de não ser instantânea, a constituição de uma celebridade certamente é situacional. É no contexto social que se localizam aqueles atores sociais que alcançarão o lugar da fama. Além disso, é do contexto que emergem valores que levam à transformação de certos atores em celebridades em um momento. Ao mesmo tempo, os significados construídos nos dispositivos midiáticos sobre os famosos retornam para vida social, irrigando o universo simbólico que a constitui.

Esses significados que a mídia produz sobre uma celebridade são trabalhados a partir das vivências e das experiências (públicas e privadas) desse sujeito. São suas ações e reações no mundo que suscitam o interesse do público e dos diferentes veículos por sua trajetória. Ao se apropriar delas para realizar a simbolização, a mídia realiza uma nova ação, construindo um discurso que pode afetar outros sujeitos e impulsionar diferentes experiências. Nesse processo, a celebridade, os atores sociais e a mídia se adaptam e se transformam mutuamente, em um processo marcado pela reflexividade.

Assim, entende-se que as celebridades não existem como fundações pré-estabelecidas na vida social, mas são construídas a partir das relações que se instituem entre

as próprias estrelas, os indivíduos, a mídia e o contexto social ao longo do tempo. Essas interações articulam diferentes temporalidades (passado, presente e futuro) na configuração das celebridades, a qual deve ser pensada a partir da situação social mais ampla em que se inscreve. Essa celebração dos indivíduos, ao mesmo tempo em que aciona vivências dos próprios sujeitos, participa da constituição de novas experiências na sociedade, evidenciando a reflexividade que caracteriza esse processo. É a partir dessa abordagem que procuramos analisar a trajetória e a construção da imagem pública de Ronaldo Nazário de Lima.

## 4.2 O recorte empírico

O recorte empírico da pesquisa é constituído pela trajetória do jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima — a qual foi apresentada no terceiro capítulo da tese. O ponto de partida para a análise é o encerramento de sua carreira como jogador profissional de futebol. Essa ocorrência, exaustivamente acompanhada e discutida pela mídia e pelos sujeitos ordinários, ajudou a realçar traços da imagem pública do Fenômeno, ao mesmo tempo em que foi o mote para a retomada de sua trajetória. Acreditamos, assim, que olhar para esse acontecimento nos permite analisar a constituição de Ronaldo como celebridade, evidenciando a configuração de sua história.

Olhar para a trajetória de vida do jogador implica, ainda, analisar outros acontecimentos marcantes em sua trajetória. Assim, além de investigar a aposentadoria de Ronaldo, procuramos analisar quatro outros acontecimentos que se destacaram na construção de sua trajetória e que estiveram sob os holofotes midiáticos. Foram selecionados dois acontecimentos de sua vida profissional e dois de natureza privada, a saber: a derrota na Copa de 1998; a conquista do pentacampeonato na Copa de 2002; o casamento com Daniella Cicarelli; e o episódio das travestis. Todos esses acontecimentos ocuparam o cenário de visibilidade pública nos diferentes momentos em que irromperam e foram retomados no momento em que ele anunciou o fim de sua carreira como jogador de futebol.

A análise desses cinco acontecimentos permite construir uma narrativa biográfica de Ronaldo e apreender o modo como sua imagem pública vem sendo construída ao longo de sua trajetória. Além disso, a investigação acerca de tais acontecimentos possibilita perceber traços e valores que são agregados à sua imagem pública e que participam da construção e atualização do universo simbólico que orienta a ação dos sujeitos na vida social. Com isso, apreendemos a força dessa figura pública e de sua inserção no cenário contemporâneo, o que nos permite pensar no próprio Ronaldo *como* um acontecimento.

### 4.3 Os procedimentos metodológicos

A investigação aqui proposta aciona três dinâmicas a serem explicitadas a seguir: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa empírica e a análise de dados.

#### 4.3.1 Pesquisa bibliográfica

Esse procedimento procura aprofundar os conceitos que orientam a construção da problemática. Indispensável em qualquer investigação científica, a pesquisa bibliográfica desenvolvida aqui buscou discutir os seguintes conceitos e eixos temáticos: celebridades, heróis, ídolos, imagem pública, midiaticização, futebol, acontecimento e sua individuação, acontecimento-existencial e acontecimento-objeto, experiência, biografia, narrativa biográfica, normas e valores. A articulação entre esses conceitos, realizada nos três capítulos anteriores, edificou a fundamentação teórica para esta pesquisa e concedeu as bases para a operacionalização de uma grade analítica, como será apresentado neste capítulo. Antes disso, contudo, é preciso apresentar o modo como a pesquisa empírica foi realizada.

#### 4.3.2 Pesquisa empírica

A pesquisa empírica compreende a coleta de dados acerca dos acontecimentos aqui em foco e procurou selecionar diferentes fragmentos dos discursos midiáticos que nos permitem abordar as ocorrências. Televisão, internet e mídia impressa foram pesquisadas a fim de construir o corpus da pesquisa — que será apresentado, detalhadamente, no último item deste capítulo.

#### 4.3.3 Análise de dados

O método de análise de dados empregado nesta pesquisa é decorrente da reflexão acerca da individuação do acontecimento realizada por Louis Quéré. Assim, construímos uma grade analítica<sup>5</sup> composta por três eixos centrais:

---

<sup>5</sup> Uma adaptação da grade proposta por Quéré para a análise de acontecimentos na mídia foi realizada por França (2009a), em um estudo sobre a cobertura midiática do assassinato de Eloá (em outubro de 2008) e por Lana (2010) para análise desse acontecimento comparado a outro assassinato (de Ângela Diniz, ocorrido em 1977).



1) O primeiro eixo se refere à *descrição* dos acontecimentos. Isso significa perceber como os acontecimentos que marcam a trajetória de Ronaldo são identificados e descritos; como são relacionados com outros acontecimentos, destacando tanto seu caráter de distinção como de tipicidade; quais são os quadros de sentido acionados nessa constituição; de que maneira os quadros posicionam o próprio Fenômeno e as pessoas a ele ligadas. Assim, esse eixo implica:

- A identificação e a nomeação do acontecimento.
- A percepção da singularidade do acontecimento (tipicidade e diferença em comparação com outros acontecimentos).
- A apreensão do quadro (o que está acontecendo ali?).
- A análise do posicionamento dos atores (tanto de Ronaldo quanto dos outros que participam da definição da situação).

2) O segundo eixo diz respeito ao processo de *narração* que configura o acontecimento. Nesse eixo, procuramos perceber a organização narrativa das ocorrências que constroem a trajetória de Ronaldo. Isso implica situar cada acontecimento em uma linha temporal, articulando-o com o passado e o futuro na construção da própria narrativa biográfica do Fenômeno. Ou seja, buscamos apreender, nesse eixo:

- O passado do acontecimento.
- O futuro do acontecimento ou os campos de possíveis abertos por ele.

3) O terceiro eixo de análise está relacionado à configuração de um *pano de fundo pragmático*. Nesse eixo, procuramos perceber como os indivíduos são convocados a agir e se posicionar em relação aos acontecimentos que constroem a história de Ronaldo. Ou seja, como se constituem os públicos em relação a tais acontecimentos e como eles se posicionam. Fãs, amigos, familiares, jornalistas, enfim, diferentes atores sociais se manifestam em relação aos acontecimentos da vida do jogador e colaboram na construção da interlocução entre a vida do ídolo e as experiências dos sujeitos no contexto social. Isso significa olhar para:

- A repercussão e os desdobramentos do acontecimento.
- Os públicos e seus posicionamentos.

Em relação ao último eixo, é importante destacar que existem várias formas de perceber a configuração dos públicos em relação aos acontecimentos: é possível captar falas dos sujeitos em estudos de recepção, por exemplo, ou perceber a presença desses posicionamentos

da sociedade nos diálogos realizados no interior da própria mídia. Nesta pesquisa, optamos pela segunda possibilidade por duas razões: 1) a apreensão da trajetória de uma celebridade como Ronaldo já implica uma extensa coleta de dados, de modo que um estudo de recepção acerca dos vários acontecimentos aqui analisados se tornaria inviável; 2) os posicionamentos dos públicos em diversos espaços midiáticos oferecem um material muito rico de análise e trazem elementos para perceber a articulação entre acontecimento e experiência que buscamos nesta tese. Tais posicionamentos podem, assim, apontar para algo que extrapola e transborda da mídia, não encerrando a análise nos limites dos dispositivos midiáticos.

É preciso destacar que esses operadores analíticos estão relacionados, e a reflexão sobre a individuação dos acontecimentos procura trabalhá-los justamente em articulação. O objetivo de constituição desses operadores é delinear um mapa a partir do qual a análise será conduzida. De qualquer forma, acreditamos que a análise da individuação dos acontecimentos a partir desses três eixos permite construir uma narrativa biográfica de Ronaldo, a qual revela traços da imagem pública construída ao longo de sua trajetória.

A análise dos cinco acontecimentos que compõem esse percurso de Ronaldo impulsionou um novo olhar para esta celebridade à luz do conceito de acontecimento — um olhar que apreende o próprio Ronaldo como um acontecimento. Essa análise é feita a partir das reflexões anteriores sobre os cinco acontecimentos e realizada a partir de dois eixos: 1) o poder de afetação de Ronaldo; 2) e o poder hermenêutico dessa celebridade-acontecimento. Essas análises articuladas permitem perceber não apenas o processo de configuração dessa celebridade, mas também a força dessa figura pública no contexto contemporâneo, bem como os valores que regem sua trajetória.

#### **4.4 O corpus**

O corpus desta pesquisa foi definido de maneira específica para cada acontecimento, levando em conta a disponibilidade de materiais acessíveis. Isso porque se é a partir da emergência do acontecimento que se constrói um passado para ele, ao mesmo tempo em que um campo de possíveis se abre, cada acontecimento tem uma duração temporal singular e demanda, portanto, uma coleta de dados própria. Antes de apresentar o corpus detalhadamente, é preciso chamar a atenção para alguns pontos que dizem respeito ao corpus como um todo.

Matérias publicadas em revistas semanais foram coletadas para todos os acontecimentos. *Veja*, *Época* e *IstoÉ* foram definidas não apenas por estarem entre as revistas semanais de maior circulação do país, mas também pela facilidade de acesso a matérias

antigas (como as sobre a Copa de 1998), já que todas elas disponibilizam o conteúdo das edições anteriores na internet. Assim, realizamos uma investigação nos sites<sup>6</sup> das três revistas, dentro de um recorte temporal definido para cada acontecimento. A busca foi realizada a partir do índice de cada edição de cada revista através da palavra-chave “Ronaldo”. A procura no interior das matérias, com a mesma palavra-chave, foi feita apenas nas edições que apresentavam cobertura sobre as Copas do Mundo (de 1998 e 2002) e nas seções específicas sobre celebridades no período das ocorrências.

A revista *Caras* foi selecionada por se tratar de uma revista que tem como foco as celebridades, de modo que ela pode trazer um tratamento dos acontecimentos de modo diferente das demais. Essa revista disponibiliza as edições anteriores na internet, mas apenas a partir de 2006, o que dificultou coletar as edições antigas de *Caras* de que precisávamos. Selecionamos da internet apenas as matérias referentes ao caso das travestis (em 2008).

Para coletar as matérias referentes aos acontecimentos de 1998, 2002 e 2005, foi feita uma pesquisa no arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em junho de 2010. Procuramos registrar primeiro todas as edições de *Caras*, no mesmo período da coleta das demais revistas, que traziam matérias sobre Ronaldo. Registramos que 26 edições daqueles anos deveriam integrar os dados da pesquisa. A partir do número das edições, conseguimos comprar 22 dos exemplares através de sebos virtuais. As demais matérias foram transcritas a partir das edições disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional.<sup>7</sup>

Para compor o corpus, também procuramos selecionar matérias televisivas. Entretanto, deparamo-nos com uma dificuldade enorme para essa coleta em relação a todos os acontecimentos, com exceção da aposentadoria, que conseguimos acompanhar de perto e gravar inúmeros programas. Em relação aos outros quatro acontecimentos, realizamos uma pesquisa junto à Conteúdo Expresso,<sup>8</sup> empresa responsável pelo licenciamento de conteúdos produzidos pela Rede Globo de Televisão. A princípio, solicitamos uma busca em todos os telejornais da emissora, incluindo os específicos de esporte (*Globo Esporte* e *Esporte Espetacular*) e os programas semanais *Globo Repórter* e *Fantástico*. Por considerarmos a abordagem das matérias muito semelhante nos diferentes programas, optou-se, inicialmente, por manter no corpus da pesquisa apenas as matérias dos seguintes programas: *Jornal Nacional*, *Globo Repórter*, *Esporte Espetacular* e *Fantástico*. Dos programas *Globo Esporte*,

---

<sup>6</sup> <http://vejaonline.abril.com.br>, <http://revistaepoca.globo.com>, <http://www.istoe.com.br>.

<sup>7</sup> Em virtude da dificuldade de voltar ao Rio de Janeiro para realizar nova pesquisa, essa segunda consulta, bem como a transcrição posterior das matérias disponíveis, foram feitas por Rudson Monteiro, graduando em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> [www.conteudoexpresso.com.br](http://www.conteudoexpresso.com.br).

*Bom dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal da Globo e RJ TV*, foram selecionadas algumas matérias específicas sobre o jogador aqui em análise e que não foram exibidas nos demais programas.

Assim, nessa busca preliminar em torno dos quatro acontecimentos, foram encontradas: 102 matérias sobre a Copa de 1998 (exibidas entre junho e julho); 124 sobre a Copa de 2002 (exibidas entre junho e julho); 13 sobre o casamento com Cicarelli (exibidas entre junho de 2004 e maio de 2005); 9 sobre o caso das travestis (exibidas em abril e maio de 2008), totalizando 248 matérias. Para comprar esse material junto à empresa, o custo total seria de R\$ 24 mil, valor que inviabilizou a coleta através da Conteúdo Expresso.

Outra tentativa para conseguir as matérias televisivas foi feita junto ao Projeto Globo Universidade (GU), que vem auxiliando pesquisadores que se dedicam ao estudo da televisão no país através da cessão de imagens e programas exibidos pela Rede Globo. Enviamos o projeto de tese e todos os documentos solicitados, mas nossa solicitação não foi aprovada porque, segundo os coordenadores do GU, o objeto de pesquisa precisa ser a Rede Globo e seus programas para que a cessão de imagens seja aprovada. Assim, a investigação aqui proposta foge aos critérios de atendimento do Projeto Globo Universidade.

Frente a essas dificuldades, procuramos resgatar alguns programas televisivos na internet (através do Youtube e de sites de programas televisivos) e também com amigos. Renné França<sup>9</sup> tem um acervo de gravações sobre os mais diversos programas e assuntos. Ele gravou um precioso DVD com imagens e programas que tratam da carreira de Ronaldo, incluindo as Copas de 1998 e 2002. Ainda que seja difícil precisar as datas de alguns programas que integram o DVD, consideramos importante incluir esses dados em nosso corpus em virtude da dificuldade de conseguir material televisivo, sobretudo, em relação ao acontecimento mais distante (a Copa de 1998). O corpus detalhado de cada acontecimento será apresentado a seguir.

#### *4.4.1 A aposentadoria*

A partir da informação de que Ronaldo anunciaria o fim de sua carreira no dia 14 de fevereiro de 2011, procuramos coletar diferentes materiais que tratassem do assunto, em dispositivos diversificados. Assim, realizamos um monitoramento da mídia, incluindo TV, internet e mídia impressa (jornais e revistas), de modo que o corpus inicial ficou assim composto:

---

<sup>9</sup> Doutor em Comunicação Social pela UFMG.

- a) Televisão:**<sup>10</sup> *Fantástico* (13/02/2011 e 20/02/2011); *Entrevista coletiva de Ronaldo*,<sup>11</sup> *Jornal Hoje*, *Jornal da Band*, *Jornal Nacional*, *Jornal das Dez* (GloboNews); *Bom dia Brasil e Mais Você* (15/02/2011); *Luciano Huck* (19/02/2011); *Esporte Espetacular*, *Domingão do Faustão* (20/02/2011).
- b) Internet:**<sup>12</sup> Anúncio da aposentadoria em entrevista ao *Estadão*, *Expresso do Esporte* (13/02/2011); *Globoesporte.com*, *UOL*, *Veja*, *Carta Capital*, *IstoÉ*, *Época*, *Caras*, *Placar* (14/02/2011).
- c) Jornais diários:**<sup>13</sup> *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas* (15/02/2011)
- d) Revistas semanais:**<sup>14</sup> *Veja*, *Época*, *IstoÉ*.

O conjunto desses materiais nos diferentes meios pesquisados constrói um corpus muito extenso de análise e traz um tratamento semelhante do acontecimento em alguns casos. Entretanto, entendemos que o mapeamento desse conjunto é importante na medida em que ele traz aspectos relevantes não apenas sobre esse acontecimento específico (a aposentadoria), mas também sobre a trajetória de Ronaldo como um todo, que interessa a esta investigação. Assim, esse conjunto passou por uma primeira sistematização, de modo a reduzir um pouco as unidades a serem analisadas na pesquisa. Assim, a base do corpus para este acontecimento é composta pelas edições dos três jornais diários, das três revistas semanais e dos materiais televisivos. Os dados da internet serviram como um material complementar de apoio.

A fim de coletar outros dados que pudessem enriquecer a análise do pano de fundo pragmático, realizamos uma busca no youtube<sup>15</sup> a partir das palavras-chave “aposentadoria Ronaldo”, que encontrou 470 resultados. Desse conjunto, selecionamos os três primeiros vídeos que tratavam, de fato, do fim da carreira do jogador (seguindo o critério de “relevância” do site)

<sup>10</sup> A maioria dos materiais televisivos foi gravada. Os que não o foram estão disponíveis através de links nos sites dos programas, que também apresentam, muitas vezes, a transcrição dos textos das matérias exibidas. Essa transcrição nos ajuda muito na sistematização e análise dos dados já que não realizamos uma análise específica das imagens e movimentos de câmera específicos da TV.

<sup>11</sup> A gravação da entrevista coletiva de Ronaldo foi iniciada a partir da TV Bandeirantes, única a comentar o acontecimento alguns minutos antes de sua ocorrência, no programa *Jogo Aberto*. Quando este foi interrompido pelo jornal local, passamos para a cobertura realizada pela GloboNews, que exibiu grande parte da entrevista. Quando foi anunciado o intervalo nessa emissora, passamos a gravar a programação da Rede Globo, que continuava a transmissão com perguntas dos jornalistas. A entrevista completa também está disponível no Youtube (youtube.com).

<sup>12</sup> Os sites consultados apresentam várias matérias que, não apenas noticiam a aposentadoria, mas reconstruem a trajetória de Ronaldo, em reportagens, blogs e colunas de comentaristas esportivos.

<sup>13</sup> Esses jornais foram escolhidos por estarem entre os jornais de maior circulação do Brasil (*Folha de S. Paulo* e *O Globo*) e por ser o jornal mais antigo e tradicional em Minas Gerais, onde a presente pesquisa se desenvolve (*Estado de Minas*).

<sup>14</sup> Essas revistas foram selecionadas por estarem entre as revistas de maior circulação nacional e por trazerem Ronaldo em suas capas na edição que se seguiu à sua aposentadoria.

<sup>15</sup> Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

e que apresentavam um grande número de comentários. As manifestações expressas sobre esses vídeos totalizaram 1083 comentários. Esse conjunto passou por uma seleção, em que excluímos as manifestações que tratam de aspectos irrelevantes para a análise aqui pretendida, chegando a um corpus final de 566 comentários expressos no youtube.

Na análise dos públicos desse acontecimento, também acionamos posicionamentos expressos não apenas por fãs e torcedores anônimos, mas também por jornalistas, celebridades, jogadores, técnicos e familiares que atenderam à convocação do acontecimento e se manifestaram sobre o fim da carreira de Ronaldo e sua trajetória como jogador. Entendemos que tais posicionamentos são utilizados pelos dispositivos midiáticos para descrever, narrar, enfim, configurar o acontecimento; entretanto, compreendemos também que esses sujeitos, ao se posicionarem, conformam-se também como públicos do mesmo acontecimento.

#### 4.4.2 A derrota na Copa de 1998

A base do corpus desse acontecimento é composta por edições<sup>16</sup> das revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Caras*, publicadas entre junho e julho de 1998, que trataram da Copa do Mundo daquele ano e abordaram o objeto da presente pesquisa. Assim, foram selecionadas matérias de 27 edições distribuídas da seguinte forma: oito edições de *Veja*, oito de *Época*, sete de *IstoÉ* e quatro de *Caras*. Selecionamos também cartas de leitores publicadas pela revista *Veja* que comentavam a crise/convulsão de Ronaldo.

Matérias televisivas também ajudam a compor o corpus. O DVD *Ronaldo 1993-2002* (anteriormente referido) apresenta alguns programas que foram acionados na análise aqui realizada, a saber: matéria de Paulo Henrique Amorim exibida na Rede Bandeirantes na véspera da final do mundial (11 de julho de 1998); matéria de Pedro Bial exibida no *Jornal Nacional* de 11 de julho de 1998; fragmentos do *Esporte Espetacular* de 12 de julho de 1998; trechos da transmissão do jogo pela Rede Globo; matérias exibidas no *Jornal Hoje* e no *Jornal Nacional* de 13 de julho de 1998.

Para complementar esse material de análise, diversificando os fragmentos de discurso que ajudam a reconstruir o acontecimento, realizamos uma busca no site youtube.<sup>17</sup> A busca pelas palavras-chave “Ronaldo Copa de 1998” encontrou 488 resultados. Selecionamos, inicialmente, os 20 primeiros vídeos disponíveis, ordenados pelo critério de

---

<sup>16</sup> Optamos por apresentar a contagem das unidades de análise em número de edições já que as revistas apresentam retrancas, colunas e entrevistas muitas vezes reunidas em uma mesma grande matéria.

<sup>17</sup> Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

“relevância” do site. Desse conjunto, selecionamos apenas matérias televisivas que abordaram a derrota na final da Copa de 1998, bem como a crise/convulsão sofrida por Ronaldo. Excluimos os vídeos que trazem apenas gols do jogador, propagandas estreladas por ele, além de vídeos e programas humorísticos (como *Casseta & Planeta*). Quando apareceram vídeos repetidos, selecionamos o primeiro. Outro critério utilizado foi a existência de comentários de internautas acerca dos vídeos. Dessa forma, coletamos cinco vídeos nessa primeira busca.

Uma nova busca foi realizada, agora com as palavras-chave “Ronaldo derrota Copa de 1998”, a qual encontrou 81 resultados. Novamente, de modo arbitrário, selecionamos os 20 primeiros vídeos, que foram avaliados a fim de selecionar outras unidades de análise (diferentes das já coletadas), mas seguindo os mesmos critérios apontados acima. Assim, selecionamos mais dois vídeos, totalizando sete vídeos coletados no youtube para análise deste acontecimento.

Além disso, coletamos os comentários postados sobre cada um dos vídeos selecionados. Do total de comentários (91), integram o corpus 45 manifestações que se posicionam em relação ao acontecimento aqui analisado, excluindo-se comentários que tratam de outros personagens ou de aspectos irrelevantes para a análise aqui desenvolvida. Por fim, agrupamos ao corpus dois outros textos publicados pela *Revista Caros Amigos*, em agosto de 1998, que trouxe em sua capa o acontecimento aqui analisado.

#### 4.4.3 A conquista do pentacampeonato na Copa de 2002

A base do corpus desse acontecimento é composta por edições das revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Caras*, publicadas entre junho e julho de 2002, que trataram da Copa do Mundo daquele ano e abordaram o objeto da presente pesquisa. Assim, foram selecionadas matérias de 18 edições distribuídas da seguinte forma: seis edições de *Veja*, seis de *Época*, três de *IstoÉ* e três de *Caras*. Além disso, integra o corpus uma crônica de Luis Fernando Veríssimo publicada um dia após a conquista do pentacampeonato (01 de julho de 2002).

Matérias de TV também ajudam a compor o corpus. O DVD *Ronaldo 1993-2002* (anteriormente referido) traz algumas exhibições que foram utilizadas na análise, a saber: trechos da transmissão feita pela Rede Globo da estreia do Brasil na Copa (03 de junho de 2002); matéria do *Jornal Nacional* (26 de junho de 2002); trechos da transmissão feita pela Rede Globo da final da Copa do Mundo (30 de junho de 2002); matérias de Renato Ribeiro, Tino Marcos e Fátima Bernardes exibidas após a final; *Fantástico* (30 de junho de 2002);

matéria do *Jornal Nacional* sobre a eleição de Ronaldo como o melhor jogador do mundo pela FIFA (17 de dezembro de 2002).

O youtube também foi utilizado para reunir vídeos acerca desse acontecimento.<sup>18</sup> A busca pelas palavras-chave “Ronaldo Copa de 2002” encontrou 963 resultados. Seleccionamos, inicialmente, os 20 primeiros vídeos disponíveis, ordenados pelo critério de “relevância” do site. Desse conjunto, seleccionamos apenas matérias televisivas e vídeos que tratavam da final da Copa de 2002 e do pentacampeonato brasileiro. Outro critério utilizado foi a existência de comentários de internautas acerca dos vídeos. Dessa primeira busca, coletamos três vídeos.

Uma nova busca foi realizada, agora com as palavras-chave “Ronaldo pentacampeonato Copa de 2002”, a qual encontrou 59 resultados. Novamente, de modo arbitrário, seleccionamos os 20 primeiros, que foram avaliados a fim de seleccionar outras unidades de análise diferentes das coletadas. Seguindo os mesmos critérios apontados acima, seleccionamos mais dois vídeos. Como material auxiliar de análise, seleccionamos outros sete vídeos, que, apesar de não trazerem comentários, ajudam a reconstruir o acontecimento, totalizando doze vídeos coletados no youtube para análise desse acontecimento.

Além disso, coletamos os comentários postados sobre cada um dos vídeos seleccionados. Do total de comentários (674), integram o corpus 199 manifestações que se posicionam em relação ao acontecimento aqui analisado, excluindo-se comentários que tratam de aspectos irrelevantes para a análise aqui desenvolvida.

#### 4.4.4 O casamento com Daniella Cicarelli

A base do corpus desse acontecimento é composta por edições das revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Caras*, publicadas entre os meses de janeiro e junho de 2005, a fim de apreender os preparativos do casamento, a cerimônia em si, o anúncio de seu término e alguns de seus desdobramentos. Assim, foram seleccionadas matérias de 43 edições distribuídas da seguinte forma: cinco edições de *Veja*, dez de *Época*, onze de *IstoÉ* e 17 de *Caras*. De *Veja*, seleccionamos também duas matérias publicadas em 2004 e para as quais a própria revista apontava através de links em uma das edições que compõem o corpus. Além disso, seleccionamos duas outras matérias (da Revista *Quem* e do jornal *Estadão*) que tratam de

---

<sup>18</sup> Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.



desdobramentos do acontecimento que não foram trabalhados pelas outras revistas e um artigo do ex-jogador Sócrates (publicado na *Carta Capital*).

Para complementar o corpus com matérias televisivas, realizamos uma busca no site do *Fantástico*, já que foi nesse programa que o casal fez o anúncio público do casamento, no dia cinco de setembro de 2004. A partir de uma busca pelas palavras-chave “Ronaldo e Cicarelli”, selecionamos seis transcrições de matérias exibidas pelo programa que estavam disponíveis e tratavam do romance entre o jogador e a modelo. Apesar de apenas um dos vídeos estar disponível no site, consideramos enriquecedor integrar as transcrições dos demais no corpus para a análise deste acontecimento.

O youtube também foi utilizado para reunir vídeos acerca deste acontecimento.<sup>19</sup> A busca pelas palavras-chave “Ronaldo e Cicarelli” encontrou 245 resultados. Dos vídeos disponíveis, apenas alguns tratavam, de fato, do casamento entre eles. Assim, seguindo os mesmos critérios anteriores, selecionamos inicialmente os 20 primeiros vídeos e, destes, apenas três que tratavam do romance entre o Fenômeno e Daniela Cicarelli. Foram excluídos vídeos produzidos satirizando o casal e programas humorísticos. A diferença na coleta de dados deste acontecimento é que fizemos a seleção independente da existência de comentários em virtude da pouca quantidade de vídeos disponíveis e dos poucos comentários existentes em relação a eles. Dos 13 comentários, oito foram selecionados para integrar o corpus.

A fim de coletar mais dados que pudessem ser acionados na análise do pano de fundo pragmático desse acontecimento, realizamos uma busca no site Google,<sup>20</sup> a partir das palavras-chave “Casamento Ronaldo e Cicarelli”. Com isso, encontramos dois sites de fóruns<sup>21</sup> acerca de temas variados, entre eles, o acontecimento aqui em análise. Assim, selecionamos dois textos acerca do romance que impulsionaram inúmeros comentários. Das 68 manifestações do público em ambos os sites, selecionamos 49 para integrar o corpus.

#### 4.4.5 O episódio das travestis

A base do corpus desse acontecimento é composta por edições das revistas *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Caras*, publicadas entre os meses de abril e julho de 2008, que trataram do episódio envolvendo Ronaldo e três travestis e alguns de seus desdobramentos. Dessa forma, foram coletadas matérias de 11 edições, assim distribuídas: duas edições de *Veja*, três de *Época*,

---

<sup>19</sup> Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>20</sup> Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>21</sup> <http://forum.cifraclub.com.br/> e <http://forums.tibiabr.com/>.

uma de *IstoÉ* e seis de *Caras*. Para apreender discursos que trataram da morte de uma das travestis envolvida naquele episódio, ocorrida em 09 de julho de 2009, realizamos nova busca nas mesmas revistas, acrescentando mais duas pequenas matérias publicadas nessas revistas (uma de *Veja* e outra de *Época*).

A fim de coletar outros dados que tematizassem desdobramentos do acontecimento, realizamos uma busca no site Google<sup>22</sup> (a partir das palavras-chave “Ronaldo e travestis”) e selecionamos: um artigo do *Observatório da Imprensa* (de Marcelo Daniliauskas e San Assumpção), um artigo do ex-jogador Sócrates (publicado na *Carta Capital*), um artigo do jornalista Ruy Castro (publicado na *Folha de S. Paulo*), sete matérias da *Folha.com*, além de pequenas notas veiculadas em sites diversos, em que celebridades se posicionam em relação ao acontecimento. Para apreender repercussões do caso no movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), realizamos nova busca a partir das palavras-chave “defesa travestis Ronaldo” e selecionamos uma nota e um artigo divulgados por dois movimentos distintos (um da Bahia e outro do Piauí).

Matérias televisivas também compõem o *corpus*, selecionadas a partir do youtube.<sup>23</sup> A busca pelas palavras-chave “Ronaldo Travestis” encontrou 958 resultados. Selecionamos, inicialmente, os 20 primeiros vídeos disponíveis, ordenados pelo critério de “relevância” do site. Desse conjunto, selecionamos apenas matérias televisivas que tratavam do caso envolvendo Ronaldo e as travestis, excluindo os vídeos humorísticos disponíveis. Outro critério utilizado foi a existência de comentários de internautas acerca dos vídeos. Dessa busca, coletamos nove vídeos.

Além disso, coletamos os comentários postados sobre cada um dos vídeos selecionados. Inicialmente, havia 1198 comentários acerca dos nove vídeos. A fim de reduzir esse recorte, selecionamos os três conjuntos que agrupavam o maior número de manifestações, reduzindo o *corpus* para 875 comentários. Esse conjunto passou por uma nova seleção, em que excluímos os comentários feitos em língua estrangeira e aquelas manifestações que tratam de aspectos irrelevantes para a análise aqui desenvolvida, chegando a um *corpus* final composto por 578 manifestações. Na análise do pano de fundo pragmático, também são acionadas 16 cartas de leitores publicadas em *Veja*.

Depois de traçado o percurso metodológico da tese, apresentaremos os resultados da análise dos cinco acontecimentos no capítulo a seguir.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>23</sup> Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

## 5 Uma narrativa biográfica de Ronaldo: a individuação de acontecimentos que marcam sua trajetória

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.”

João Guimarães Rosa

### 5.1 A aposentadoria como ponto de partida

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011, 13 horas. Em entrevista coletiva realizada no Centro de Treinamento Joaquim Grava, sede do Corinthians, na zona leste de São Paulo, Ronaldo Luís Nazário de Lima anuncia sua aposentadoria como jogador profissional de futebol. Acompanhado por jornalistas e fotógrafos da imprensa nacional e internacional, o anúncio foi feito ao lado dos filhos Ronald e Alex e do presidente do Corinthians, Andrés Sanchez. O evento foi transmitido ao vivo por várias emissoras de televisão do país e do mundo (como a norte-americana CNN) e acompanhado pelos demais dispositivos midiáticos, que realizaram coberturas especiais sobre a carreira do Fenômeno. Procuramos, a seguir, refletir sobre esse acontecimento, a partir dos processos de descrição, narração e constituição de um pano de fundo pragmático que compõem o seu processo de individuação.

#### 5.1.1 Descrição

O acontecimento que colocou fim à carreira de Ronaldo foi descrito pelo próprio jogador como uma morte: “Na quinta-feira, quando eu decidi, parece que realmente eu estava na UTI, em estado terminal. E esse anúncio foi minha primeira morte”, afirmou ele na entrevista coletiva.<sup>1</sup> Essa morte simbólica pode ser entendida a partir da perspectiva de Pier Paolo Pasolini: “*A morte realiza uma montagem fulminante da nossa vida: ou seja escolhe os seus momentos verdadeiramente significativos*” (1967, p. 196, grifo do autor). Assim como a montagem cinematográfica trabalha com fragmentos diversos, organizados a partir de diferentes planos, a montagem de uma vida opera e organiza fragmentos provenientes dos acontecimentos que a edificam. Dessa forma, a aposentadoria de Ronaldo impulsiona uma montagem de sua trajetória, elegendo momentos marcantes de sua vida para serem recordados e perpetuados.

<sup>1</sup> Todas as falas de Ronaldo na entrevista coletiva foram transcritas da gravação realizada da GloboNews. Quando essa emissora interrompeu a transmissão, passamos a gravar da Rede Globo.

Ronaldo justificou a decisão de parar de jogar futebol falando sobre as fortes dores físicas que sente e as sequelas deixadas pela série de contusões que sofreu ao longo de sua trajetória esportiva. As dores o impedem de realizar aqueles movimentos corporais belos que tanto despertam o *fascínio* do público por seu futebol: seu *timing* fora perdido (GUMBRECHT, 2007). Essa morte simbólica, no entanto, o coloca para sempre na história do futebol e é comparada ao suicídio de Getúlio Vargas, angariando “simpatia quase unânime”, como destaca o texto do jornalista Rodrigo Mattos:

[Ronaldo] Parecia querer repetir o efeito obtido pelo presidente Getúlio Vargas ao se suicidar em 1954. Na época, ele sofria pressão porque seu chefe de guardas, Gregório Fortunato, envolvera-se em tentativa de assassinato do opositor Carlos Lacerda. Em carta de despedida, Getúlio escreveu: “Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante”. Ontem, Ronaldo disse ter “dado o máximo que nunca tinha imaginado que podia”, ao falar sobre o esforço para jogar apesar das dores. Para ele, os críticos devem estar arrependidos de ironizá-lo. Saiu do Corinthians para entrar na história do futebol.<sup>2</sup>

É interessante perceber que nessa descrição do acontecimento, Ronaldo é comparado a um dos mais populares presidentes do Brasil, conhecido como “o pai dos pobres” e cuja morte causou um impacto muito grande no país. Se Getúlio Vargas saiu “da vida para entrar na história”, Ronaldo deixa o futebol para figurar na história nacional e internacional desse esporte.

Como um funeral, aquela situação é marcada por um “clima de emoção”,<sup>3</sup> vista como um “momento triste para todos os seres humanos do planeta que gostam de futebol”, de acordo com o presidente Andrés Sanchez.<sup>4</sup> Ronaldo chorou durante boa parte dos 45 minutos de pronunciamento e emocionou os presentes.

Essa caracterização do momento como triste e emocionante está diretamente ligada ao que a aposentadoria de Ronaldo representa: trata-se do “epílogo do maior artilheiro em Copas”;<sup>5</sup> do fim “da carreira de um dos maiores fenômenos da história do futebol”.<sup>6</sup> Para o jornalista esportivo Renato Maurício Prado, trata-se mesmo do fim de uma era no futebol: “o encerramento de uma das mais brilhantes carreiras de atleta em todos os tempos, um monstro cujas glórias e o incrível histórico de superação (tantas e tão graves foram suas lesões) emocionaram até quem não era ligado no esporte”.<sup>7</sup> Aquele momento também foi caracterizado

<sup>2</sup> MATTOS, 15 de fevereiro de 2011, p. D3

<sup>3</sup> OBRIGADO..., 15 de fevereiro de 2011, p. 1.

<sup>4</sup> KNOPLOCH, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>5</sup> FERNANDEZ; MATTOS, 15 de fevereiro de 2011d, p. D2.

<sup>6</sup> OBRIGADO..., 15 de fevereiro de 2011, p. 1.

<sup>7</sup> PRADO, 15 de fevereiro de 2011, p.5.

como uma “grande ação de marketing direcionado” e comparado a outros acontecimentos marcantes na trajetória do Fenômeno, como destaca o texto do jornalista Daniel Brito:

No dia em que Ronaldo chorou para anunciar o fim da carreira, completaram-se três anos da ruptura do tendão patelar de um dos joelhos, o esquerdo, quando o Fenômeno também chorou. Nessa mesma data, mas em 2005, ele também estava nas manchetes, ao casar-se com a modelo e atriz Daniela Ciccarelli, no Chateau de Chantilly, suntuoso castelo próximo a Paris, cenário de filme hollywoodiano. Não se sabe se Ronaldo chorou como ontem porque ele vetou a presença de jornalistas na cerimônia. Proibição que gerou inimizade e demissões em seu estafe pessoal. Ainda assim, sua imagem permaneceu imaculada. Nem o término do casamento, três meses mais tarde, tornou-o alvo das críticas.<sup>8</sup>

Em comum, os acontecimentos apresentam o fato de manterem Ronaldo sob os holofotes midiáticos, garantindo sua “imagem imaculada”. Como a lesão sofrida no joelho, a aposentadoria estava trazendo sofrimento para o atleta e para os que acompanham sua trajetória. Diferente do casamento com Ciccarelli, quando a imprensa foi vetada, a aposentadoria foi acompanhada pela mídia nacional e internacional. Configuram-se, assim, semelhanças e diferenças entre aquele acontecimento específico e outros que construíram a história de Ronaldo. A singularidade daquele acontecimento é marcada pelo quadro mais amplo acionado para definir a situação, destacado anteriormente: o término da carreira profissional de um dos melhores atacantes do mundo.

Ao definir esse quadro, são construídos posicionamentos para os atores sociais envolvidos naquela situação, evidenciando também similaridades e distinções entre o próprio Ronaldo e outros jogadores. O Fenômeno se diz triste (chorou por três dias, desde que tomara a decisão), mas ao mesmo tempo aliviado por não ter que tentar fazer o que já não conseguia mais fazer dentro de campo: “você jogar, e tua cabeça pensar uma coisa e você driblar o zagueiro achando que você vai ganhar na velocidade, porque você sempre fez isso, e você não conseguir. Então, foi o que me motivou”. Se não consegue mais ser bem sucedido em sua busca da excelência na construção de sua performance atlética — o *arete* descrito por Gumbrecht (2007) —, é hora de parar. Se “os espectadores preferem assistir aos atletas quando eles testam e forçam os limites do desempenho humano” (GUMBRECHT, 2007, p. 58), Ronaldo explorou ao máximo seu próprio limite e as consequências dessa busca extrema da excelência.

Mas a tristeza e o alívio não foram as únicas características usadas para posicionar Ronaldo naquele momento. O próprio jogador se mostra feliz e orgulhoso em relação à trajetória que construiu até ali: “minha carreira foi linda, foi digna, eu honrei sempre tudo que

---

<sup>8</sup> BRITO, 15 de fevereiro de 2011, p. D8.

eu fiz”; foi “maravilhosa, emocionante. Tive muitas derrotas, infinitas vitórias. Fiz muitos amigos. Não lembro de ter feito nenhum inimigo”. Ele se coloca, assim, como um sujeito digno, honrado, que valoriza a amizade e que, como todos os mortais, enfrentou inúmeras dificuldades, apesar da carreira vitoriosa. Essa capacidade de enfrentar e superar obstáculos foi agregada à trajetória do Fenômeno e lembrada em muitos dos discursos midiáticos coletados, como exemplificam os transcritos abaixo:

Trajatória marcada não só por grandes conquistas, mas também por momentos de drama e superação, que foram determinantes para moldar o mito.<sup>9</sup> Em sua carreira, o Fenômeno foi de um extremo ao outro com muita facilidade. Desde o início precoce no São Cristóvão e no Cruzeiro, até o anúncio da aposentadoria, ontem, passando pelas várias lesões graves, momentos de superação, conquistas de inúmeros títulos e artilharias, Ronaldo Luiz Nazário de Lima sempre surpreendeu, principalmente àqueles que constantemente se aventuravam a decretar o fim do seu reinado.<sup>10</sup> Ronaldo foi guerreiro e se mostrou também um fenômeno da superação.<sup>11</sup>

Ronaldo é visto, assim, como um rei, um gênio que soube driblar os fracassos e dificuldades e dar a volta por cima. Ele construiu uma trajetória marcada por “erros e acertos, dramas e consagrações públicas, que construíram o mito do herói na adversidade”.<sup>12</sup> Essa construção de uma trajetória heroica que se insere no imaginário esportivo contemporâneo é destacada pela pesquisadora Kátia Rubio, da Universidade de São Paulo: “O que caracteriza o Ronaldo como um mito, o do herói, é a sua condição humana de sujeito falível e a sua capacidade de realizar feitos incomuns”.<sup>13</sup> Sua trajetória de sofrimento o aproxima dos sujeitos comuns; ele é um ser humano, que erra, mas parece “pecar sem maldade”.<sup>14</sup> Ele é o herói “que demonstra ter anseios e defeitos humanos iguais aos de boa parcela da população”.<sup>15</sup> Ele “sempre foi autêntico. Um ser humano normal, com virtudes e defeitos, mas com uma capacidade singular: a de rapidamente reconhecer seus erros”.<sup>16</sup> E é até mesmo por seus erros que ele é considerado exemplar, afinal “ninguém faz tudo certo na vida, e saber superar os erros é a chave do sucesso continuado”.<sup>17</sup> Ao lado dessa dimensão humana, porém, sua força de superação e seu esplendor técnico em campo o distanciam do público — “uma distância grande

<sup>9</sup> FONSECA, 15 de fevereiro de 2011, p. 6.

<sup>10</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4-5.

<sup>11</sup> *Jornal da Band*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>12</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 70.

<sup>13</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 70.

<sup>14</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 72.

<sup>15</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 74.

<sup>16</sup> ATTUCH, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 53

<sup>17</sup> MAIA JÚNIOR; MATEUS; CORONATO, *Época*, 21 de fevereiro de 2011. p. 84.

o suficiente” para fazer com que acreditemos que o herói vive “em outro mundo”, transformando-o em objeto “de admiração e desejo” (GUMBRECHT, 2007, p. 15-16).

Se estivesse vivo, Campbell, o papa da mitologia, quem sabe um dia diria que o bom jogador é aquele que não compromete o time; o craque, o que decide; o gênio, o que antevê as jogadas e o mito, aquele que tem essas três habilidades como nenhum outro e é imperfeito como todos nós: é o Fenômeno.<sup>18</sup>

As qualidades técnicas de Ronaldo (que o distanciam do ser humano comum) são destacadas, como sua potência e velocidade dentro de campo e suas arrancadas impressionantes. “Poucos conseguiram aliar, como ele, um arranque fulminante ao completo domínio da bola e à finalização precisa — qualidades que exibia mesmo fora de forma”.<sup>19</sup> O Fenômeno diz que vai sentir saudades de jogar, do protagonismo quando se faz um gol de vitória, da sensação de competição. Afinal, como lembra Gumbrecht (2007), “o drama da competição é responsável pela transfiguração dos grandes atletas em nossa percepção imediata e, mais tarde, em nossa memória” (2007, p. 61). O modo como Ronaldo se engajou nas inúmeras competições fez dele um grande atleta perpetuado em nossa memória.

Mas não são só seus atributos como jogador que são evidenciados a partir desse acontecimento. Seu carisma é citado como um dos impulsionadores da idolatria que desperta.<sup>20</sup> Sua alegria, seu “sorriso pueril” e “seu jeito carinhoso de se expressar” também são destacados na construção de Ronaldo como “um filho que o povão gosta de ter por perto”.<sup>21</sup> Ele é visto como “um garoto feliz, de sorriso ingênuo e cativante, que talvez tenha sentido medo na final da Copa do Mundo de 1998, contra a França, mas que soube se superar quatro anos depois, diante da Alemanha”.<sup>22</sup>

A solidariedade é outra marca associada a Ronaldo em virtude das causas humanitárias que defende, e são lembrados alguns eventos que ajudaram a construir essa imagem de “craque por um mundo melhor”.<sup>23</sup> Em 1999, em visita ao Instituto Nacional do Câncer, no Rio de Janeiro, Ronaldo faz uma doação de R\$ 30 mil — valor recebido pelo título da Copa América. No mesmo ano, o jogador visitou Kosovo, devastada pela guerra, e doou um cheque de US\$ 30 mil a uma instituição de ensino, declarando naquela ocasião:

Ninguém deve ser condenado a uma vida de pobreza, seja por nascimento ou consequência da guerra. Eu estou particularmente preocupado com que toda a criança tenha a possibilidade de ter uma educação que possa prepará-la

<sup>18</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 74.

<sup>19</sup> COURA; DINIZ. *Veja*, 23 de fevereiro de 2011. p. 76.

<sup>20</sup> GLÓRIA, 15 de fevereiro de 2011, p. D4; AMATO, 15 de fevereiro de 2011, p. 2.

<sup>21</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 74.

<sup>22</sup> ATTUCH, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 53

<sup>23</sup> AMATO, 15 de fevereiro de 2011, p. 2.

para a vida. Nós podemos fazer alguma coisa para ajudar as pessoas nestas condições a melhorar as suas existências.<sup>24</sup>

Ronaldo se posiciona, assim, como um sujeito bondoso, preocupado com a pobreza, a saúde e a educação das crianças. Um ano depois daquela visita, ele é convidado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para ser Embaixador da Boa Vontade do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o que colabora na solidificação da imagem de “bom moço” do jogador. Em 2004, ele participa do Jogo da Paz, amistoso organizado pela ONU e realizado entre a Seleção Brasileira e a Seleção do Haiti, na capital desse país, Porto Príncipe. Imagens mostram Ronaldo acenando do alto de um veículo blindado para uma multidão nas ruas da capital. Ele é, assim, “defensor de causas honrosas”,<sup>25</sup> o que fez com que “sua imagem de pessoa extraordinária ganhasse mais velocidade”.<sup>26</sup>

Esse bom caráter (além dos gols) é apontado como um dos fatores que o transformaram “no rosto ideal para se atrelar a grandes marcas. O contrato vitalício com a Nike, firmado ainda aos 17 anos, é um deles”.<sup>27</sup> A capacidade de administração e controle de sua imagem pública, através de contratos rentáveis e bem sucedidos, também é destacada na trajetória de Ronaldo: uma pesquisa do instituto Datafolha realizada em 2010, que apontou o ex-presidente Lula como a personalidade mais confiável do país, colocou Ronaldo na 13ª posição, à frente de Dilma Rousseff”.<sup>28</sup> Essa imagem é vista pelo próprio jogador como um “reflexo daquilo que sou como profissional e como pessoa”<sup>29</sup> e apontada como seu bem mais valioso:

O bem mais valioso do Fenômeno [...] continua sendo sua imagem — laboriosamente construída pelo ex-assessor e hoje diretor de comunicação da CBF, Rodrigo Paiva, sabiamente cultivada pelo atleta e miraculosamente de pé até hoje. Ronaldo pode estar gordo, ter fama de gostar demais de mulheres e até de variar de gosto às vezes, mas, aos olhos do mundo — e da publicidade —, ele continua sendo aquele bom rapaz — meio ingênuo, meio genial, espécie de herói de chuteiras para quem as dificuldades só existem para ser superadas. O que, em certa medida, não deixa de ser verdade.<sup>30</sup>

Ele é associado também a valores como a sinceridade e a transparência,<sup>31</sup> destacada pelo próprio jogador: “Fui muito transparente em tudo o que aconteceu na minha vida. Seja sobre os fatos positivos, seja sobre os negativos eu sempre mostrei realmente quem eu sou,

<sup>24</sup> AMATO, 15 de fevereiro de 2011, p. 2.

<sup>25</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 72.

<sup>26</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 73.

<sup>27</sup> BRITO, 15 de fevereiro de 2011, p. D9.

<sup>28</sup> MAIA JÚNIOR; MATEUS; CORONATO, *Época*, 21 de fevereiro de 2011. p. 81.

<sup>29</sup> “TENHO...”, *Época*, 21 de fevereiro de 2011. p. 85.

<sup>30</sup> COURA; DINIZ, *Veja*, 23 de fevereiro de 2011. p. 80.

<sup>31</sup> ATTUCH, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 53



sempre encarei tudo o que aconteceu, sempre tive as minhas responsabilidades”.<sup>32</sup> A humildade emerge como um valor em sua conduta em diferentes discursos. Na entrevista coletiva, ele diz que é preciso “assumir tudo o que envolve ser um grande campeão. Um grande campeão não é só dentro de campo. [...] Eu sou humilde o suficiente pra assumir qualquer erro que tenha cometido, qualquer deslize”. Ele diz que não sabe se pode servir de exemplo para alguém, mas que sempre age tentando ser o mais correto possível para si mesmo e para os outros.

Ele diz, ainda, que não guarda mágoa de ninguém e pede desculpas publicamente ao presidente do Corinthians por ter fracassado na Copa Libertadores da América, último campeonato que Ronaldo disputou com a camisa do time paulista. Além disso, fez questão de ir conversar com os colegas jogadores antes do anúncio oficial do fim de sua carreira. Com isso, Ronaldo “não se escuda no personagem jogador, não usa a terceira pessoa quando fala de si próprio. Ele é o mito que, na hora do adeus ao futebol, vai se despedir dos colegas de clube, dá satisfação a todos, diz que está sofrendo”.<sup>33</sup>

agradeci a todos eles, ao Tite [técnico do clube] por cada minuto e cada segundo que estive com eles. E como sempre fiz, desde o primeiro dia em que cheguei aqui, [...] nos momentos mais difíceis eu vou entrar na frente deles pra receber todo e qualquer bombardeio. Agora farei do lado de fora, talvez com menos força porque a minha força sempre foi responder tudo dentro de campo.

Além de manifestar seu voluntarismo em relação aos companheiros, ele faz inúmeros agradecimentos: a gratidão não se manifesta apenas dos fãs em relação aos atletas que proporcionaram “momentos de intensidade tão especial” (GUMBRECHT, 2007, p. 161). Ela parte também do ídolo e não é intransitiva, é dirigida a inúmeros destinatários. Ronaldo agradece a todos os clubes por onde passou, aos jogadores (leais e desleais, parceiros e adversários); aos treinadores (os amigos e aqueles com quem teve divergências); aos seus patrocinadores (sobretudo, à Ambev e à Nike, que estão com ele desde os 17 anos e apoiaram toda a sua carreira); à sua família (“a minha família sem dúvida é a minha fortaleza”, disse ele em outro momento<sup>34</sup>); a todos os críticos (que o ajudaram a ser mais forte em cada momento de sua vida); à torcida brasileira (que vibrou, torceu, chorou, caiu junto com ele); e, muito emocionado, agradece especialmente à torcida do Corinthians (“tão empolgante, tão apaixonada, tão entregue [...] a um time de futebol”). São esses posicionamentos marcados por humildade e gratidão e, ao mesmo tempo, avessos à arrogância, que ajudam a construir a imagem do jogador:

Ronaldo parece só produzir boas notícias. Elas são absorvidas pelo público, seja flamenguista ou vascaíno, corintiano ou palmeirense. Como quando inventou um

<sup>32</sup> “ESTOU...”, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 71.

<sup>33</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 74.

<sup>34</sup> *Domingão do Faustão*, 20 de fevereiro de 2011.

corte de cabelo malfeito e de gosto duvidoso. Mas virou moda, ainda que fugaz. A imagem de Ronaldo parece coberta de um teflon que não adere a más notícias.<sup>35</sup>

Ronaldo é descrito, assim, como um jogador que transcende os times e supera as rivalidades existentes entre eles. É um indivíduo especial e único, que é reconhecido e ultrapassa o comunitarismo dos clubes. É um rosto público, particular e, ao mesmo tempo, universal por garantir uma devoção afetiva de torcedores até mesmo rivais. Sua *graça* no modo de jogar bola “contagia a multidão de espectadores”, construindo uma relação que remonta às “origens da arte na experiência humana” (DEWEY, 2010, p. 62). A *arte* de jogar bola desenvolvida por Ronaldo faz com que ele construa uma experiência com o público que transcende as rivalidades.

Nesse eixo de descrição, além de perceber como o próprio Ronaldo se posiciona e como ele é posicionado pelos discursos midiáticos que falam sobre ele, é preciso perceber como são construídos os posicionamentos dos outros atores envolvidos naquela situação específica e os que, de alguma forma, se relacionam com o jogador em sua trajetória (por aproximação e afastamento). Na situação da entrevista, é importante perceber a relação entre o jogador e os dois filhos que o acompanhavam. Ambos com a camisa do Corinthians, Ronald e Alex presenciaram toda a entrevista: o primeiro sempre sentado ao lado do pai, enquanto o segundo se movimentava do colo do pai para debaixo da mesa:

Eu expliquei [sobre a aposentadoria] pra eles ontem. O Ronald já entende bem mais, e todas as perguntas que vocês [jornalistas] estão me fazendo, ele fez ontem. [...] Já o Alex, como vocês podem perceber, não está muito ligado nisso, não. Eu vi quando o Washington [jogador do Fluminense] anunciou também que ia encerrar a carreira com as filhas dele e achei lindo. Tentei copiar, mas...

Em relação ao presidente Andrés Sanchez, Ronaldo diz no pronunciamento: “Você é meu irmão, [...] a história aqui foi linda, foi maravilhosa, [...] continuarei ligado e vinculado ao clube da maneira que você quiser, presidente”. O Fenômeno se aproxima de Sanchez, rompendo a hierarquia que sugere a relação entre o presidente de um clube e um jogador a ele vinculado — ruptura que é endossada por Sanchez em seu pronunciamento. No quadro ali construído, também se destaca a interação com os jornalistas e como Ronaldo se coloca frente a eles. Essa relação é tematizada explicitamente quando ele revela que sofre de hipotireoidismo: “muitos aqui agora devem estar arrependidos de terem feito tantas chacotas com meu peso. [...] Eu não guardo absolutamente nenhuma mágoa de ninguém. Só queria explicar isso também no último dia da minha carreira.”

---

<sup>35</sup> BRITO, 15 de fevereiro de 2011, p. D8.

A singularidade daquele acontecimento e do próprio Ronaldo é construída também a partir da comparação com outros atletas. Em virtude das inúmeras contusões que sofreu, ele era obrigado “a ser mais dedicado que outros jogadores. ‘ele tinha que fazer muito mais exercícios de alongamento e fortalecimento que os demais’, contou o médico Joaquim Grava”.<sup>36</sup> Na comparação com Garrincha (Manuel dos Santos), há divergências: ora apontam que Ronaldo não foi tão fenomenal quanto aquele;<sup>37</sup> ora que ambos (junto com Zico, Pelé e Romário) estão na lista dos “craques eternos da nossa seleção brasileira. Incontestáveis. Indiscutíveis. Cada um na sua época”.<sup>38</sup> Em outro discurso, ele é visto como “o jogador mais importante do futebol brasileiro”, depois de Pelé.<sup>39</sup> Entretanto, Ronaldo supera Pelé no seu modo de lidar com as coisas também fora de campo:

“O Ayrton Senna é um herói construído na vitória, vai ser sempre perfeito porque morreu no campo de batalha. Já o Pelé é mito pelo que fez dentro de campo. Fora dele, é visto como aquele que não assume as mazelas da vida, como, por exemplo, o fato de não reconhecer a paternidade de uma filha fora do casamento”, explica ela [Katia Rubio, pesquisadora da USP]. Ronaldo, pelo contrário, encanta, erra, acerta e se supera, torna-se um ser superior na adversidade.<sup>40</sup>

Destaca-se, aqui, a singularidade de Ronaldo como ser humano e como jogador. Diferente de Pelé, ele “tirou de letra o episódio de reconhecimento do filho fora do casamento, situação com que tantos jogadores lidam mal. Aceitou-o mesmo antes do resultado do exame de DNA, incorporou-o à família e à sua rotina de tal forma que o menino foi a estrela da cerimônia de adeus do craque”.<sup>41</sup> Como destaca Leonardo Attuch, aquela situação, “Ronaldo conseguiu driblar com facilidade”.<sup>42</sup> Emerge, aqui, a generosidade como um valor importante que orienta a conduta do jogador.

Ronaldo também é comparado a seus contemporâneos e parece estar entre os primeiros da lista: “na galeria dos maiores de todos os tempos o atacante fica num patamar acima dos homônimos Ronaldinho Gaúcho e Cristiano Ronaldo”.<sup>43</sup> Talvez Zinedine Zidane tenha sido melhor em campo do que ele,<sup>44</sup> mas ambos compartilham o “privilégio” de receber o prêmio de melhor jogador do mundo por três vezes.<sup>45</sup> Quando comparado aos demais jogadores do Corinthians, o Fenômeno é visto como um “astro [que] não teve concorrente e nem substituto”.<sup>46</sup>

<sup>36</sup> FERNANDEZ; MATTOS, 15 de fevereiro de 2011d, p. D2.

<sup>37</sup> CALAZANS, 15 de fevereiro de 2011, p. 4

<sup>38</sup> HOMENAGEM..., *Esporte Espetacular*, 20 de fevereiro de 2011.

<sup>39</sup> *Jornal da Band*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>40</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 74-75.

<sup>41</sup> CARDOSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 75.

<sup>42</sup> ATTUCH, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 53

<sup>43</sup> FONSECA, 15 de fevereiro de 2011, p. 7.

<sup>44</sup> COELHO, 15 de fevereiro de 2011, p. D12.

<sup>45</sup> *Jornal da Band*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>46</sup> FERNANDEZ; MATTOS, 15 de fevereiro de 2011c, p. D13.

Em um dos discursos, entretanto, a chegada do jogador Liédson ao clube é apontada como um dos motivos do adeus de Ronaldo: “foi demais ver o colega exibir-se na ponta dos cascos, enquanto ele tinha dificuldade até mesmo para subir uma escada, diz um amigo”.<sup>47</sup>

A riqueza de Ronaldo é outra marca que o distingue de outros jogadores: “seu patrimônio hoje chega a 1 bilhão de reais, somados os bens e a renda com os contratos publicitários”.<sup>48</sup> Essa marca é muito distante de outros “atletas igualmente excepcionais, como Diego Maradona e Romário”, que “vivem dias de decadência financeira”.<sup>49</sup> Ele é diferente também de Mané Garrincha, cujo fim da vida foi marcado por poucos recursos financeiros:

Ronaldo é um homem rico — e a era das celebridades muito provavelmente impedirá que ele caia no esquecimento. Um craque como Fenômeno não se tornará uma dessas celebridades passageiras e vazias que frequentam a mídia. Por onde ele passar, de dia, ou sobretudo à noite, não faltará um fotógrafo para flagrá-lo.<sup>50</sup>

Outro fator que destaca o Fenômeno dos outros é o fato de nunca ter jogado em times pequenos, só em “clubes de primeira linha”: diferente dos *craques eternos* apontados acima, “Ronaldo não conheceu o ostracismo, a sensação de jogar em estádios vazios, a desolação de atuar por times que não disputavam o título”.<sup>51</sup> E conseguiu, com talento, maestria e carisma, até mesmo virar ídolo em times rivais, como o Barcelona e o Real Madrid, na Espanha, o Inter de Milão e o Milan, na Itália.<sup>52</sup>

Nesse primeiro eixo, procuramos, assim, identificar o acontecimento, percebendo os quadros acionados para compreender aquela situação e destacando semelhanças e diferenças em relação a outros acontecimentos. Com isso, foi possível perceber também como o próprio Ronaldo se posiciona na constituição dessa ocorrência, bem como o modo como outros atores sociais são posicionados em sua relação com aquele jogador. No próximo eixo, buscamos apreender a organização narrativa do acontecimento.

### 5.1.2 Narração

Nesse segundo eixo, procuramos perceber a inserção do acontecimento em um quadro temporal: com sua emergência, ele constrói tanto um passado como projeta um futuro

<sup>47</sup> COURA; DINIZ. *Veja*, 23 de fevereiro de 2011, p. 74.

<sup>48</sup> COURA; DINIZ. *Veja*, 23 de fevereiro de 2011, p. 80.

<sup>49</sup> MAIA JÚNIOR; MATEUS; CORONATO, *Época*, 21 de fevereiro de 2011, p. 80.

<sup>50</sup> CALAZANS, 15 de fevereiro de 2011, p. 4

<sup>51</sup> GLÓRIA, 15 de fevereiro de 2011, p. D4.

<sup>52</sup> GLÓRIA, 15 de fevereiro de 2011, p. D4.

para si. Assim, a aposentadoria de Ronaldo é vista como o fim de um processo, o ponto culminante de um encadeamento de ações passadas, e, ao mesmo tempo, como um começo, o início de um novo conjunto de experiências desencadeadas pelo fim da carreira como jogador profissional. É preciso primeiro indagar: o que levou a esse acontecimento? Quais as causas e motivações que o precederam e que podem ser percebidas com sua emergência?

Na entrevista coletiva, o próprio Ronaldo indica elementos desse passado do acontecimento: “Todos sabem do meu histórico de lesões. Tenho tido nos últimos dois anos uma sequência muito grande de lesões, que vão de um lado para o outro, de uma perna para a outra, de um músculo para o outro. E essas dores me fizeram antecipar o fim da minha carreira”, previsto para o encerramento da temporada de 2011. Esse histórico de lesões afastou o jogador dos gramados durante quase três anos dos 18 de sua carreira e deve ser aqui lembrado.

Desde 1996, Ronaldo passa a enfrentar inflamações no joelho direito e foi submetido, naquele ano, a uma cirurgia para resolver o problema. Em 1999, ele sofre uma ruptura parcial do tendão patelar no mesmo joelho, o qual se rompe completamente no ano seguinte. Ronaldo jogava pelo Inter de Milão, no estádio Olímpico de Roma, e as imagens que mostram essa última contusão exibem a dor e o sofrimento do jogador. Ele passa por um longo processo de recuperação e consegue voltar aos campos. Em 2008, é a vez do tendão patelar do joelho esquerdo sofrer um rompimento total. Além dessas graves contusões nos joelhos, Ronaldo enfrentou (e superou) também problemas nos músculos, lesões na tibia e no ligamento do tornozelo. Segundo o jogador, as sequelas deixadas por todo esse histórico fazem com que ele sinta dores constantes, até para fazer coisas simples do cotidiano, como subir a escada de casa.

Outro elemento que compõe esse prontuário médico lembrado pelo jogador na entrevista foi o hipotireoidismo. Nas palavras de Ronaldo, “há quatro anos, no Milan, eu descobri que sofria de um distúrbio que se chama hipotireoidismo. É um distúrbio que desacelera o seu metabolismo e [...] pra controlar [...] teria que tomar uns hormônios e que no futebol não são permitidos, seria um *doping*.” Ele aciona, aqui, um outro quadro para justificar o excesso de peso e a dificuldade de emagrecer: não por descuido, não por alimentação inadequada para um atleta, mas porque sofre de uma doença que dificultaria a manutenção de uma boa forma física. Indagado por um jornalista na entrevista coletiva, frisou que o Corinthians sempre soube de tudo.

Essa questão gerou muita polêmica. O médico do Corinthians, Joaquim Grava, confirmou a fala de Ronaldo: “Ele tomava os remédios que podiam ser tomados, mas não os

hormônios tireoidianos. Estes sim não poderiam”.<sup>53</sup> Entretanto, em 2010, o médico negara que o jogador apresentava esse distúrbio: “É balela”, teria dito Grava na época.<sup>54</sup>

A declaração de Ronaldo foi vista como “ingênua vingança contra aqueles que o criticavam por estar acima do peso”, o que foi feito “só para dramatizar um pouco”.<sup>55</sup> O hábito de beber e de fumar (mesmo escondido) de Ronaldo é destacado como impulsionador de sua má forma física — que não seria decorrente da doença mencionada. Vários membros da comunidade médica questionaram o posicionamento de Ronaldo e do médico do Corinthians e negaram a associação que o jogador quis estabelecer entre a doença e o excesso de peso. Segundo Eduardo de Rose, médico e membro-fundador da Agência Mundial Antidoping, “a droga para hipotireoidismo não é proibida. E isso não precisaria ser comunicado. ‘Mesmo que fosse, quando há recomendação médica, o atleta pode tomar o que for preciso, desde que avise à Federação Internacional’.”<sup>56</sup> Conforme o endocrinologista João Roberto Maciel Martins, “o medicamento só repõe o que o organismo deveria produzir. É como alguém que tem diabetes por falta de insulina e precisa aplicar a substância. ‘O metabolismo só vai ficar normal. Não faz sentido isso ser proibido’.”<sup>57</sup> De qualquer forma, esse foi o quadro acionado pelo jogador que ajuda a construir o passado daquele acontecimento.

Outras motivações foram lembradas pela imprensa como possíveis fatores que incentivaram a decisão de Ronaldo. No sábado anterior ao anúncio (12 de fevereiro de 2011), o blog de Renato Maurício Prado já especulava sobre a aposentadoria e sobre os motivos que a impulsionariam:

A frustração pela eliminação precoce na Libertadores, a irritação com a reação violenta de determinados setores de torcida organizada (algumas delas ligadas ao presidente Andrés Sanchez), a saída do parceiro Roberto Carlos e a consciência de que não tem mais força de vontade suficiente para vencer a penosa luta contra a balança teriam sido os fatores determinantes para a tomada de tal decisão.<sup>58</sup>

O jornalista faz referência à última atuação de Ronaldo como jogador profissional, no jogo entre o Corinthians e o clube colombiano Tolima, pela Taça Libertadores. A derrota do time e a consequente eliminação do campeonato impulsionaram manifestações agressivas da torcida e acabaram levando à transferência do amigo Roberto Carlos para um clube na Rússia.

---

<sup>53</sup> KNOFLOCH, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>54</sup> KNOFLOCH, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>55</sup> COURA; DINIZ, *Veja*, 23 de fevereiro de 2011, p. 74.

<sup>56</sup> MARINHO, 15 de fevereiro de 2011, p.8.

<sup>57</sup> VINES, 15 de fevereiro de 2011, p. C6.

<sup>58</sup> PRADO, 12 de fevereiro de 2011.

Apesar de Ronaldo negar que essa derrota e seus desdobramentos tenham motivado sua decisão, diferentes discursos midiáticos os situam como possíveis causas para o acontecimento.

Eventos ligados à vida pessoal de Ronaldo também são registrados na construção do passado desse acontecimento. Em alguns momentos, ele se mostrava “um campeão de imaturidade”.<sup>59</sup> O episódio envolvendo as travestis, o casamento com Daniella Cicarelli e a compra de uma Ferrari em 1999<sup>60</sup> são lembrados como momentos que trouxeram problemas à imagem do jogador: “a imagem do Fenômeno foi abalada em diversas ocasiões, mas sobreviveu fortalecida”.<sup>61</sup>

Além de reconstruir o passado do acontecimento, é preciso olhar para o futuro que ele projeta, para o campo de possíveis aberto por ele, ou seja, pensar no acontecimento como o começo de outras experiências só possíveis a partir de sua manifestação. Para o próprio jogador, seu futuro “está bem organizado”, como disse na entrevista coletiva. Ele vai se dedicar à sua agência de marketing esportivo (a 9ine) e disse que, em breve, vai anunciar a Fundação Criando Fenômenos. Diz que não quer fazer parte de comissão técnica ou direção do Corinthians, mas que pretende ser uma espécie de embaixador institucional do clube, ajudando a captar recursos e divulgando o nome do time internacionalmente. Além disso, Ronaldo diz que vai ter mais tempo para se dedicar à família, poder levar os filhos na escola e aproveitar o fim de semana — o que não pode fazer desde que começou a jogar como profissional aos 16 anos, em virtude das concentrações antes dos jogos.

Um jogo de despedida com a camisa da seleção brasileira também é vislumbrado a partir desse acontecimento. No momento do anúncio da aposentadoria, nada havia sido planejado ainda, mas o jogo foi realizado no dia 7 de junho de 2011, no amistoso entre Brasil e Romênia no Estádio do Pacaembu em São Paulo.<sup>62</sup> Outro elemento que integra esse futuro aberto pelo acontecimento é a nomeação de Ronaldo como membro do Comitê Paulista para a Copa do Mundo de 2014, a ser realizada no Brasil, o que foi divulgado dois dias depois de sua aposentadoria. Essa nomeação foi vista como a mais adequada por Leonardo Attuch já que “Ronaldo inspira, Ronaldo comove e Ronaldo mobiliza as melhores energias de um país”.<sup>63</sup> Diante de atrasos de obras em aeroportos e estádios ele “pode ser um catalisador da mudança. Para ele, não existe aposentadoria nem existe um fim. Seu nome é recomeço”.

---

<sup>59</sup> COURA; DINIZ. *Veja*, 23 de fevereiro de 2011. p. 76.

<sup>60</sup> Naquele momento, Ronaldo declarou: “Já tenho uma igual na Itália. Mas dirigir uma Ferrari no Brasil é outra coisa”.

<sup>61</sup> MAIA JÚNIOR; MATEUS; CORONATO, *Época*, 21 de fevereiro de 2011. p. 81.

<sup>62</sup> O Brasil ganhou por 1 X 0, sem gols de Ronaldo, que, no entanto, teve três oportunidades de marcar um último gol pela seleção brasileira.

<sup>63</sup> ATTUCH, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2011. p. 53

Além de abrir um novo campo de possíveis, esse acontecimento suscita ações e reações, manifestações e posicionamentos em relação a ele mesmo e a seu protagonista. Assim, é preciso olhar para a inserção da aposentadoria em um pano de fundo pragmático, procurando perceber os públicos que se configuram em relação a ela. É o que faremos a seguir.

### 5.1.3 Pano de fundo pragmático

A aposentadoria de Ronaldo convoca e constitui diferentes públicos, que se posicionam em relação ao acontecimento: torcedores, fãs, sujeitos comuns, jornalistas, jogadores de futebol, treinadores, atletas de outros esportes, atores e atrizes, amigos, familiares. Esse pano de fundo pragmático também é constituído pela repercussão e pelos desdobramentos desse acontecimento, no Brasil e no mundo. Em primeiro lugar, é preciso perceber de que maneira os discursos interpelam os sujeitos em relação ao acontecimento.

O tom geral da convocação pelos discursos é de lamento pelo fim da carreira de Ronaldo e, sobretudo, de agradecimento por todas as alegrias que ele deu aos torcedores e admiradores de futebol. Em diferentes jornais brasileiros, que dedicaram páginas especiais à carreira do Fenômeno, podemos perceber isso desde as manchetes.<sup>64</sup>

Além disso, os discursos chamam a atenção para a trajetória de superação de Ronaldo. Em uma das matérias televisivas, há uma comparação entre a carreira do jogador e um belo gol que ele fez quando jogava pelo Barcelona: “Contra o Compostela, o gol que definiu o que é ser Ronaldo: uma jogada que resumiu a vida dele. Tentaram derrubá-lo, mas ele não caiu. Quando parecia que iam pegá-lo, ele resistiu. E de repente, voou. Em poucos segundos, misturou velocidade com técnica”. Emerge, aqui, uma convocação para que o público situe o “ser Ronaldo” com a história de obstáculos e vitórias dele.

Mas a interpelação do público não acontece apenas em relação às qualidades técnicas do Fenômeno. Ao falar sobre a repercussão na Itália, a repórter Ilze Scamparini destaca que, naquele país, “Ronaldo é um ídolo principalmente entre as crianças. Apesar das lesões que sofreu e do tempo em que ficou parado, o jogador brasileiro deixou no país a imagem de bom menino”.<sup>65</sup> Aqui, destaca-se a bondade e a ingenuidade do menino que se fez ídolo entre as crianças — e também entre os adultos, do Brasil e do mundo: “Para nós,

<sup>64</sup> Para dar alguns exemplos: “Obrigado, Fenômeno” está estampado na capa do caderno de Esportes de *O Globo*; “Obrigado, Ronaldo!”, na do *Estado de Minas*, ambos de 15 de fevereiro de 2011.

<sup>65</sup> *Jornal Hoje*, 14 de fevereiro de 2011.



Ronaldo era um super-herói. Mas era de carne e osso. E os superpoderes acabaram. Se Pelé eternizou a 10, ele eternizou a 9 e fez o apelido virar sobrenome: Ronaldo Fenômeno”.<sup>66</sup>

Na imprensa internacional, o tom de lamento também aparece, como no site esportivo AS.com (Espanha): “O anúncio da aposentadoria transforma o 14 de fevereiro de 2011 em um dia amargo, por Ronaldo ser um dos maiores tesouros do esporte”.<sup>67</sup> Outros jornais de diversos países evidenciaram as características do jogador, que o transformaram nesse “tesouro” do futebol:

“Sua força, vitalícia mesmo fora do peso ideal, fez de Ronaldo uma lenda que marcou o futebol em toda a parte”. (*Le Monde*, França)

“As estatísticas não dizem nada sobre a alegria de presenciá-lo em ação e refletem pouco da absoluta rebeldia dele em campo”. (*The New York Times*, EUA)

“Ronaldo [...] aposenta-se após quase duas décadas de gols, fintas vertiginosas, troféus e lesões”. (*El País*, Espanha)

“Ronaldo, cujo controle, ritmo e poder o tornaram um dos maiores do mundo, está deixando o futebol”. (*Guardian*, Inglaterra)<sup>68</sup>

Esses discursos evidenciam a força, o poder, o ritmo que marcavam sua ação em um campo de futebol — apesar do excesso de peso que o acompanhou no fim da carreira. Mas houve também os jornais que ironizaram esse aspecto, destacando que “nos últimos anos, o grande campeão lutou mais contra a balança do que pelo time que defendeu”,<sup>69</sup> como estampou o tabloide alemão *Bild*. A ironia também esteve presente no discurso do francês *L'Équipe*, mas em relação à dimensão econômica e de marketing da carreira do jogador: “Ronaldo se aposentará com vários contratos publicitários, tornando quase risível a grande bagunça que começou com 15 minutos de atraso na sala de imprensa”.<sup>70</sup> Assim, a imprensa internacional ora convoca o público a reafirmar o lugar de Ronaldo como uma lenda do futebol, ora o interpela a criticar seus posicionamentos — seja pelos lucros obtidos com sua imagem, que vão continuar após a aposentadoria, seja pela forma física do jogador.

Essa questão do peso e da forma física de Ronaldo não foi motivo de ironias na repercussão nacional desse acontecimento. Ainda que inúmeros dispositivos midiáticos tenham contestado a associação que o jogador procurou fazer entre o hipotireoidismo e o excesso de peso (como destacamos anteriormente), de modo geral, os discursos procuraram salientar as glórias, as conquistas, os momentos de queda e de superação que marcaram sua carreira. É como se, frente à imponência de seu talento, pouco importasse sua forma física nos últimos tempos, como sugere o comentarista esportivo Fernando Calazans (do jornal *O*

<sup>66</sup> *Jornal Nacional*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>67</sup> MULTIMÍDIA, 15 de fevereiro de 2011, p. D8-D9.

<sup>68</sup> MULTIMÍDIA, 15 de fevereiro de 2011, p. D8-D9.

<sup>69</sup> MULTIMÍDIA, 15 de fevereiro de 2011, p. D8-D9.

<sup>70</sup> MULTIMÍDIA, 15 de fevereiro de 2011, p. D8-D9.

*Globo*): “Algum dia fiz brincadeiras com o peso do Fenômeno? Ah, devo ter feito sim... Chacotas, não. Pouco importa. Elas ficaram para trás, estão no passado, aliás morreram. São insignificantes. Ronaldo não. Ele vai continuar”.<sup>71</sup> Além de Calazans, inúmeros outros comentaristas esportivos se manifestaram em relação ao acontecimento. Podemos pensar que eles se configuram como um dos *públicos* do acontecimento, na medida em que são afetados por ele e, dessa forma, convocados a se posicionar.

O ex-jogador e atual colunista da *Folha de S. Paulo* Tostão<sup>72</sup> destaca, além das qualidades técnicas excepcionais, a inteligência de Ronaldo, capaz de “mapear, em um piscar de olhos, tudo o que está a sua volta, perceber os movimentos dos companheiros e adversários e calcular a velocidade da bola e dos marcadores”. Apesar de descrever e evidenciar algumas das características do jogador que o afirmaram como um atacante fenomenal, o comentarista considera “impossível quantificar a grandiosidade de seu talento”. Tostão fala de Ronaldo não apenas como um jogador, mas também como uma celebridade, que como tantas outras, “não separou o que é público do privado”. Ele narra um episódio interessante de um encontro que teve com Ronaldo em 1993, quando jornalistas levaram esse jogador a seu apartamento para fazer uma reportagem, no mesmo dia em que havia saído uma foto do Fenômeno de cueca no jornal: “Disse a ele que deveria ter cuidado. Ele não deu bola para minha observação”.

O jornalista Renato Maurício Prado<sup>73</sup> (do jornal *O Globo*) fala de Ronaldo como um “ídolo carismático”, que conseguiu conquistar todas as torcidas, mas acabou brigado com a de seu time do coração, o Flamengo, em sua volta ao Brasil: o jogador usou a sede do clube carioca para se recuperar de uma contusão em 2008 e acabou assinando o contrato com o Corinthians, o que suscitou a ira da torcida flamenguista. “Tomara que agora, no momento que cai o pano de sua vida futebolística, essa mágoa seja esquecida [...]. O que fica, daqui pra frente, é a lembrança do que Ronaldo fez de bom. E foram tantas coisas que é até difícil enumerá-las”, afirma Prado. Apesar de falar dessa relação entre Ronaldo e o Flamengo como uma “traição” e de falar de alguns de seus erros (como se apresentar fora de forma para a Copa de 2006), o comentarista ressalta as qualidades de Ronaldo. Prado considera que “o balanço de sua obra é grandioso e a nós, fãs do ‘velho e violento esporte bretão’, cabe agora um agradecimento sincero e comovido por tudo que tivemos a fortuna de vê-lo fazer em campo”.

---

<sup>71</sup> CALAZANS, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>72</sup> TOSTÃO, 15 de fevereiro de 2011, p. D7

<sup>73</sup> PRADO, 15 de fevereiro de 2011, p.5.

Paulo Vinícius Coelho,<sup>74</sup> colunista da *Folha de S. Paulo*, retoma marcos na carreira de Ronaldo, que não foi homogênea, mas marcada por “altos e baixos”. De qualquer forma, acredita que “seu apelido define sua carreira: Fenômeno!” e que soube escolher muito bem a hora de parar: “craque também do marketing, optou por um domingo sem clássicos e sem graça no país do futebol. Hoje, o mundo só fala nele. Era a hora de parar”. Essa despedida, no entanto, não deve terminar naquela sala de imprensa, na visão de Juca Kfourri (também da *Folha de S. Paulo*). Para o comentarista, Ronaldo é um “cidadão do mundo”, um “popstar”, que comoveu a todos em sua emocionante entrevista; que é humilde ao ponto de pedir desculpas pela culpa que não teve (“o novo insucesso corintiano na Libertadores da América”) e de dizer que aprendeu mais com as derrotas do que com as vitórias. Ele merece, assim, uma despedida à altura de seu talento: ele “não merece que seu último jogo tenha sido contra o Tolima. Ronaldo merece a maior festa do seu bando”.

Jogadores de futebol, atletas de outros esportes e treinadores também podem ser situados como público da aposentadoria de Ronaldo. Em diferentes espaços, eles se posicionaram em relação a esse acontecimento. Para Luiz Felipe Scolari, treinador do Palmeiras e técnico da seleção brasileira na conquista do pentacampeonato, em 2002, o jogador “tomou a decisão certa”.<sup>75</sup> O atual técnico da seleção, Mano Menezes, chamou a atenção para a carreira gloriosa de Ronaldo: “Sua trajetória se explica com gigantescos feitos. De agora pra frente, vai virar lenda, juntar-se a tantos outros grandes que nos encheram de alegrias com suas obras-primas”.<sup>76</sup> O treinador da seleção brasileira na Copa de 1994, Carlos Alberto Parreira, foi o primeiro a convocar Ronaldo para o time e lamentou o fim de sua carreira como profissional:

Soube da notícia com tristeza e sensação de perda. Estamos falando de um dos cinco maiores jogadores que a história do futebol conheceu. Teve altos e baixos, momentos de frustração, de dor e sempre superou isso tudo. E dentro de campo sempre foi um jogador extraordinário, realmente um fenômeno.<sup>77</sup>

O tom dos técnicos é, assim, de lamento pelo fim de sua carreira, de compreensão em relação aos motivos que impulsionaram sua decisão e, ao mesmo tempo, de reconhecimento do lugar de Ronaldo na história do futebol. O presidente do Corinthians, Andrés Sanchez, também exhibe o seu reconhecimento, não apenas pelo jogador Ronaldo, mas pelo ser humano, com suas virtudes e defeitos: “é o maior ídolo que a gente tem no mundo,

---

<sup>74</sup> COELHO, 15 de fevereiro de 2011, p. D12.

<sup>75</sup> FAMOSOS..., 15 de fevereiro de 2011, p. D9.

<sup>76</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>77</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

não só como atleta, mas, principalmente, como ser humano”, afirmou o presidente em seu pronunciamento na entrevista coletiva de Ronaldo.

As manifestações de outros jogadores apresentam também esse tom de reconhecimento e exibem gratidão pelo que Ronaldo fez em sua trajetória.

“Ronaldo, muito obrigado por tudo que você fez pelo esporte, pelo futebol, pelo Brasil e para milhares de pessoas ao redor do mundo. Você é um exemplo!!! É com muito orgulho que eu posso dizer que joguei com um dos melhores jogadores da história do futebol.” (Kaká, do Real Madrid).<sup>78</sup>

“Ronaldo se aposenta. Quantas alegrias nos proporcionou. Nos deu orgulho, exemplo na arte de se superar. Herói.” (Belletti, do Fluminense).<sup>79</sup>

“Tudo o que ele fez é um espelho pra mim. Espero usar a carreira dele como modelo.” (Neymar, do Santos).<sup>80</sup>

“Obrigado, Ronaldo! Tive imenso prazer de jogar ao seu lado. Obrigado por todas as alegrias dadas ao futebol. Saúde e sucesso sempre!” (Alex, do Fenerbahçe).<sup>81</sup>

Nessas manifestações, Ronaldo é visto pelos jogadores como um exemplo a ser seguido, um espelho para futuros craques do futebol, um modelo de superação de obstáculos, enfim, um herói. Além disso, eles exibem a honra e o orgulho de ter jogado ao lado do ídolo, como também expressam Luís Fabiano, Fred e Rivaldo:

“Um dia, vou dizer aos meus netos que joguei ao lado de um dos maiores atacantes da história.” (Luís Fabiano, atualmente no São Paulo).<sup>82</sup>

“Triste porque se aposentou o meu maior ídolo. E feliz pela honra de ter disputado uma Copa com o Fenômeno.” (Fred, do Fluminense).<sup>83</sup>

“Foi um privilégio poder ter jogado ao lado desse grande jogador, para mim um dos melhores que jogou comigo.” (Rivaldo, do São Paulo).<sup>84</sup>

Além dos brasileiros, jogadores de outros países também se posicionaram em relação ao acontecimento. O espanhol Cesc Fàbregas (do Arsenal) disse que 14 de fevereiro era “um dia triste para o futebol”, porque se aposentava um dos melhores que ele já viu jogar,<sup>85</sup> enquanto o inglês Rio Ferdinand (do Manchester United) presta sua homenagem a Ronaldo: “Vou fazer uns minutos de silêncio”.<sup>86</sup>

Atletas de outros esportes se manifestaram sobre a aposentadoria do Fenômeno. O tenista Gustavo Kuerten, tricampeão em Roland Garros, comparou a sua própria trajetória à do jogador, evidenciando as glórias e as dificuldades enfrentadas por ambos: “Além de um Gênio do

<sup>78</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>79</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>80</sup> FONSECA, 15 de fevereiro de 2011, p. 7.

<sup>81</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>82</sup> FONSECA, 15 de fevereiro de 2011, p. 7.

<sup>83</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>84</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>85</sup> FENÔMENO..., 15 de fevereiro de 2011, p. D19.

<sup>86</sup> FENÔMENO..., 15 de fevereiro de 2011, p. D19.

esporte, um guerreiro extremamente valente e supercarismático. Tive o privilégio de nascer no mesmo mês e ano dele. Compartilhamos também momentos brilhantes e barreiras muito difíceis em nossas carreiras”.<sup>87</sup> A coragem, a genialidade e o carisma são, assim, evidenciados por Guga na construção do ídolo Ronaldo. A ex-surfista na modalidade *bodyboarder* e atual apresentadora de TV Glenda Kozlowski destacou a persistência, a determinação e a coragem do jogador. Além disso, evidenciou a dificuldade de tomar essa decisão de se aposentar para um atleta:

Olha, o Ronaldo é uma das pessoas mais persistentes e determinadas que eu conheci na minha vida. E realmente a história de vida que o Ronaldo tem é um exemplo pra todos nós. De superação, de coragem. Porque eu sou uma ex-atleta, e esse momento de tomar essa decisão de você parar de fazer aquilo que você mais ama no mundo é muito difícil, gente, não é brincadeira.<sup>88</sup>

Na constituição dos públicos em relação a esse acontecimento da trajetória de Ronaldo, até mesmo a presidente Dilma Rousseff foi convocada a se posicionar, evidenciando o lugar do Fenômeno no futebol: “Ronaldo foi um dos jogadores mais talentosos da história do futebol e exemplo de superação. O jogador já se tornou uma verdadeira lenda”.<sup>89</sup> O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva também se manifestou em relação ao Fenômeno, como um “motivo de orgulho pra nós, brasileiros. E motivo de exemplo de vida”.<sup>90</sup>

Artistas e celebridades provenientes de outros campos também foram convocadas a se posicionar em relação à aposentadoria de Ronaldo. Atores e atrizes destacaram a tristeza daquele momento, lamentaram o fim da carreira do astro do futebol e parabenizaram-no:

“Sinto que mais um ídolo fica agora, definitivamente, em nossas memórias pessoais e virtuais, com momentos mágicos e eternos do futebol! Para quem ama o esporte, independentemente do mundo que o cerca, tenho hoje uma grande sensação de tristeza com o ‘adeus’ do nosso Ronaldo” (Otaviano Costa, ator).  
 “Para quem ama esporte, não tem como não se emocionar com a despedida de Ronaldo” (Fernanda Paes Leme, atriz).  
 “Dia lindo e triste, Ronaldo se despede depois de nos dar tantas alegrias... Parabéns a ele por todos esses anos!” (Sheron Menezes, atriz).<sup>91</sup>

A jornalista Patrícia Poeta destaca a humildade, a sinceridade e a emoção do jogador, que é um “grande atleta”, naquele momento de despedida, enquanto a apresentadora de TV Angélica oferece apoio e carinho a alguém que “merece todas as homenagens”.<sup>92</sup> Os momentos de queda e superação também foram lembrados como marcantes na trajetória do jogador, assim como a importância da família dele naquele momento:

<sup>87</sup> MOREIRA, 15 de fevereiro de 2011, p. 4.

<sup>88</sup> *Esporte Espetacular*, 20 de fevereiro de 2011.

<sup>89</sup> *Jornal Nacional*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>90</sup> *Esporte Espetacular*, 20 de fevereiro de 2011.

<sup>91</sup> FAMOSOS..., *Caras*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>92</sup> FAMOSOS..., *Caras*, 14 de fevereiro de 2011.

“Ronaldo sempre será a marca da superação. Não lembro quem tenha sofrido tantas lesões gravíssimas e tê-las superado. Obrigada fenômeno!” (Fafá de Belém, cantora)

“Vamos sentir saudades de ver o querido Ronaldo jogar! Mas sabemos que a decisão é a melhor! Parabéns por ser eternamente o fenômeno!” (Caroline Celico, esposa do jogador de futebol Kaká)

“Estar ao lado dos filhos nesse momento é a sua maior proteção. O maior vencedor é aquele que vence a si mesmo, isso você demonstrou inúmeras vezes! Hoje você apenas vence mais uma etapa. Fenômeno para sempre”. (Cássio Reis, ator).<sup>93</sup>

O apresentador de TV e amigo pessoal de Ronaldo, Luciano Huck, também prestou sua homenagem a ele no *Caldeirão do Huck*, comprando presentes sugeridos por anônimos nas ruas de São Paulo para levar para o jogador em visita à sua casa. O apresentador encerrou a visita destacando a amizade e a inteligência do Fenômeno ao longo de toda a sua carreira:

Você sempre foi um cara muito habilidoso e soube escolher os seus caminhos dentro do campo, tenho certeza que você vai fazer isso fora deles. Eu, pessoalmente, sou muito grato a você, não só pela amizade que a gente tem, isso eu cuido com carinho. Mas pelo quanto você me apoiou profissionalmente a vida inteira em todos os momentos que você estava brilhando, que você teve alguma dificuldade, você abriu as portas da sua casa, da sua vida, pra mim, sempre. Então, muito obrigado. Porque eu sou teu parceiro, teu amigo, e, como brasileiro, eu tenho orgulho de ter um cara como você aqui no Brasil. Você fez muito pelo Brasil e vai fazer muito ainda porque você é um dos caras mais inteligentes e intuitivos que eu conheci na minha vida. [...] Você merece tudo que você teve na vida e tudo que você vai ter.<sup>94</sup>

A aposentadoria de Ronaldo foi o mote para que o apresentador Fausto Silva questionasse outras celebridades: “Afinal, por que esse cara é tão querido?”:

“Porque ele exala amor, ele exala doçura por onde ele passa” (Cláudia Raia, atriz)

“sempre apoiando as crianças, sempre falando nas crianças, querendo o sorriso das crianças” (Alexandre Borges, ator)

“A forma como ele deu a volta por cima e a determinação que ele sempre teve pra se superar. Eu acho que isso é incomparável” (Anderson Silva, lutador)

“Que você não é só o Fenômeno, mas você mostra pra todo mundo que assim como qualquer ser humano, você também falha, você também tem medos, você também erra, acerta” (Fátima Bernardes, jornalista)

“Ele passa pelas dificuldades de uma forma muito tranqüila, aparentando muita calma e com bom humor” (Paola Oliveira, atriz)

“E isso sem dúvida é uma coisa que aproxima o ídolo do público” (Glória Pires, atriz)

“não tem nada mais emocionante do que você ser um grande campeão” (Murilo Rosa, ator).<sup>95</sup>

<sup>93</sup> FAMOSOS..., *Caras*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>94</sup> *Caldeirão do Huck*, 19 de fevereiro de 2011.

<sup>95</sup> *Domingão do Faustão*, 20 de fevereiro de 2011.

Nesses depoimentos, valores como o amor, a simplicidade, a alegria, a solidariedade e o carinho com as crianças são associados à imagem de Ronaldo. Ele é um ídolo para o público, mas sua dimensão humana (de um sujeito que erra, tem medos) o aproxima dos indivíduos ordinários.

Os públicos desse acontecimento também são configurados a partir dos posicionamentos de torcedores e fãs anônimos. No dia 14 de fevereiro, a aposentadoria de Ronaldo foi um dos temas mais comentados no mundo no Twitter.<sup>96</sup> Diferentes manifestações lamentam a ocorrência e exibem o reconhecimento pelo talento de Ronaldo:

“Quando alguém fizer mais de 15 gols em Copas podem falar alguma coisa. Até lá, #prasemprefenomeno”.

“Dia terrível para o futebol. Se retira o melhor atacante do mundo”.

“Não sou da era Pelé, mas sou da era Ronaldo. O mundo sentirá sua falta”.<sup>97</sup>

A plateia do *Domingão do Faustão* também se manifestou em relação à despedida de Ronaldo, considerado “o único”, um sujeito “extraordinário”, cuja vida é marcada por batalha e superação.<sup>98</sup> Em cartas de leitores de jornal, também é enfatizada essa dimensão de superação que é frequentemente atrelada à imagem de Ronaldo, como pudemos perceber em outras manifestações ao longo da análise. José Carlos Carnevale Filho destaca a vibração conjunta proporcionada pelo Fenômeno a cada vitória e a cada recuperação frente a uma contusão: “Vibre, emocionado, com seus gols, sua garra e sua genialidade. Torci pela recuperação de suas graves contusões e comemorei quando superou cada uma delas”.<sup>99</sup> Na visão de Gisele Ferreira da Silveira, ele é “um exemplo que enobrece a humanidade e incentiva a todos nós a continuar nos superando”.<sup>100</sup> Essa leitora diz que não gosta de futebol, mas ama “os exemplos deixados por atletas que se tornam heróis, como Ronaldo. Ele superou dificuldades médicas e outros obstáculos e se transformou em exemplo de persistência e força de vontade, mostrando que onde muitos esmorecem alguns vencem”.<sup>101</sup> Nessas manifestações, o jogador é visto como um modelo nobre que deve incentivar os sujeitos em seus momentos de provação; como um herói persistente e cheio de força, que não desanimou diante de tantos obstáculos.

Essa imagem de herói, que é admirado e vai deixar saudades, também aparece em posicionamentos de torcedores em diferentes programas televisivos: “Ficamos com saudades

<sup>96</sup> Em cinco de junho de 2012, Ronaldo contava com mais de três milhões de seguidores nessa rede social.

<sup>97</sup> FENÔMENO..., 15 de fevereiro de 2011, p. D19.

<sup>98</sup> *Domingão do Faustão*, 20 de fevereiro de 2011.

<sup>99</sup> PAINEL, 15 de fevereiro de 2011, p. A3.

<sup>100</sup> PAINEL, 15 de fevereiro de 2011, p. A3.

<sup>101</sup> PAINEL, 15 de fevereiro de 2011, p. A3.

dele, viu? Porque ele foi um herói pra todos nós”.<sup>102</sup> Outra torcedora retoma o quadro da morte simbólica do jogador para se manifestar em relação à aposentadoria: “Eu não sou corintiana, mas estou de luto”.<sup>103</sup>

Sujeitos comuns também se manifestaram no youtube acerca da aposentadoria e da trajetória profissional de Ronaldo. O tom hegemônico dessas manifestações segue o tom dos públicos destacados anteriormente: de reconhecimento em relação ao lugar que o jogador ocupa no cenário esportivo nacional e internacional. Ele é visto, em múltiplos comentários, como um grande jogador, um verdadeiro craque, um gênio, um herói, o melhor de todos os tempos, um eterno fenômeno, que construiu uma carreira brilhante, que o consagrou como um mito, um ídolo, uma lenda do futebol. Seu nome “vai ficar com certeza entre os Deuses do futebol”: apesar de ter sido massacrado pela imprensa e pela opinião pública, ele passou de “rei a vilão” e se transformou em “um mito”.<sup>104</sup> Apesar de nunca ter sido “um exemplo de disciplina”, é inegável que ele foi “um grande jogador”.<sup>105</sup> Muitos manifestantes lembram a carreira gloriosa de Ronaldo, a vitória na Copa de 2002, a artilharia na história das Copas e a eleição por três vezes como o melhor jogador de futebol do mundo. Um cara que faz 15 gols em Copas não pode ser uma fabricação da mídia.<sup>106</sup> Um jogador que tantas alegrias e emoções trouxe aos brasileiros merece muito respeito e desperta orgulho na nação: afinal, ele é um “patrimônio do esporte nacional e mundial”.<sup>107</sup>

Ronaldo também desperta a gratidão dos sujeitos ordinários: uma gratidão *transitiva*, dirigida especificamente ao ídolo que trouxe conquistas ao Brasil de modo mais amplo e ao Corinthians, especificamente. Ele emerge em sua singularidade: há jogadores; há craques; há ídolos; há Ronaldos! Mas fenômeno só um: Ronaldo Nazário.<sup>108</sup> Em outro comentário, a singularidade do jogador é destacada a partir de sua comparação com Jesus Cristo: “existe um Jesus e um Ronaldo”.<sup>109</sup> Ele é, assim, visto como especial, único, inigualável, insubstituível, “o verdadeiro ‘REI’ do futebol do mundo”,<sup>110</sup> que vai deixar muitas saudades. Frente à aposentadoria do ídolo, o futebol perdeu o sentido,<sup>111</sup> e manifestantes se preocupam em dar conselhos a ele, como mostra o comentário a seguir: “caro Ronaldo, erga a cabeça, você já foi consagrado como melhor do mundo,

<sup>102</sup> *Jornal Hoje*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>103</sup> *Jornal Hoje*, 14 de fevereiro de 2011.

<sup>104</sup> alecio363. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>105</sup> tattisalles1989. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>106</sup> FSilvestre1. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>107</sup> SUPERPROJCC. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>108</sup> edilson8490. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>109</sup> zezearcos. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>110</sup> anetify. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>111</sup> Fabinhofiscal. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.



não deve a ninguém, vai curtir um pouco o dinheiro que você ganhou, vai curtir sua família”.<sup>112</sup> A excelente situação financeira de Ronaldo é lembrada em outros comentários, que marcam a distinção entre ele e os cidadãos comuns — o que também sugere uma particularidade do jogador.

Em sua singularidade, Ronaldo é reverenciado como um jogador que transcende os times: ele está “acima de qualquer rivalidade”,<sup>113</sup> ultrapassa as barreiras de clubes e as rixas entre torcidas organizadas.<sup>114</sup> Afinal, não é “o Ronaldo do Corinthians”, mas “o Ronaldo do mundo”.<sup>115</sup> Um dos manifestantes diz que xingou muito o jogador quando ele abandonou o Flamengo e foi para o Corinthians, mas que, agora, apenas se lembra do atleta que dava espetáculo dentro de campo e sente orgulho por poder dizer: “EU VI RONALDO FENÔMENO JOGAR!!!!”<sup>116</sup> Se a rixa entre os times brasileiros é aqui ofuscada pelo talento do jogador, ela aparece em outros comentários de torcedores que ora saúdam, ora lamentam a escolha de Ronaldo por jogar no Corinthians. Há também uma disputa em relação ao time pelo qual ele torceria: o Fenômeno é flamenguista ou um eterno corintiano? O coletivo supera o individual em outras manifestações: “o Ronaldo não é maior que o Corinthians, assim como o Pelé não foi maior do que o Santos”.<sup>117</sup>

A trajetória de Ronaldo suscita identificações no público: seus sofrimentos, suas lesões, seus longos processos de recuperação e, ao mesmo tempo, todas as alegrias e conquistas que protagonizou, despertaram a emoção das pessoas. Além disso, o público se projeta na vida do jogador: afinal, quando assistimos a esportes (e admiramos os ídolos que os realizam), “gozamos, em nossa imaginação, de vidas que jamais teríamos talento ou tempo para viver” (GUMBRECHT, 2007, p. 178). A vida de Ronaldo é desejada por manifestantes: “como eu queria me aposentar” aos 34 anos;<sup>118</sup> “espero que eu consiga pelo menos ser a pessoa que vc[você] é!”<sup>119</sup> Outro sujeito questiona: quem nunca sonhou em ser Ronaldo?<sup>120</sup> O encerramento de sua carreira como jogador profissional também impulsionou declarações de amor de fãs: “Te amo Gordinhoo Mais Lindooo”.<sup>121</sup>

Além de ser lembrado como um jogador de sucesso, Ronaldo também é descrito como um “grande ser humano”.<sup>122</sup> É “um craque dentro e fora de campo”,<sup>123</sup> um homem de

<sup>112</sup> Boschini10. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>113</sup> flptricolor. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>114</sup> rmartinsist. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>115</sup> MrVivi444. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>116</sup> PEDRA14. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>117</sup> phfm19. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>118</sup> noriam123. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>119</sup> gilbertoahualli. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>120</sup> dekosheep. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>121</sup> youmarininha. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>122</sup> 4strokesbr. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

caráter,<sup>124</sup> que desperta a admiração das pessoas: “quem não gosta do Ronaldo como jogador, como pessoa, como profissional...não gosta de ninguém!!!”.<sup>125</sup> Ele é associado, em diferentes posicionamentos, a valores com a humildade, a solidariedade, a sinceridade, o respeito ao próximo, a inteligência, a persistência, a perseverança e a determinação. É um sujeito que enfrenta seus defeitos com muita coragem e hombridade.<sup>126</sup> O destaque desses valores na personalidade do jogador faz com que Ronaldo vire adjetivo: essa geração não verá surgir um jogador tão simples, tão craque, tão competente, tão humilde, tão insistente, tão amado, enfim, tão Ronaldo.<sup>127</sup> Ele também é lembrado como um sujeito sensível, que chorou ao abandonar sua paixão (o futebol), como toda pessoa apaixonada.<sup>128</sup>

A sua capacidade de superação de dificuldades também é destacada nas manifestações do youtube: ele é um guerreiro, um exemplo de luta e superação, que ensina aos outros como enfrentar difíceis obstáculos. Para um dos manifestantes, Ronaldo deixa uma grande lição para sua vida: “não desistir jamais dos meus sonhos!”<sup>129</sup> Ele é visto, ainda, como um cara “sempre de bem com a vida”,<sup>130</sup> um “homem sociável e muito carismático”.<sup>131</sup> Um dos manifestantes diz que não aprova sua vida pessoal, mas que é preciso reconhecer sua genialidade dentro de campo.<sup>132</sup> Além disso, o que Ronaldo faz fora dele, não é da conta de ninguém.<sup>133</sup>

Ao destacar a dimensão humana de Ronaldo, vários sujeitos lembraram que errar faz parte de nossa condição: “#PraSempreFenomeno. Não mudo as minhas críticas em campo, mas vc[você] deve ser lembrado pelos seus bons momentos, errar todo mundo erra.”<sup>134</sup> Outro manifestante diz que não é preciso fabricar um sujeito que não existe: Ronaldo toma cerveja e fuma, como muito outros sujeitos.<sup>135</sup> Além disso, comentários enfatizam que o jogador não poderia ser culpado por erros e fracassos que são coletivos: a derrota do Corinthians para o Tolima e a precoce eliminação do clube paulista da Taça Libertadores foram decorrentes do desempenho de todo o time. Em diferentes manifestações, emergem críticas ao posicionamento de membros da torcida *Gaviões da Fiel*, que fizeram ameaças a Ronaldo e tiveram um comportamento muito agressivo em relação a ele. Esses torcedores do Corinthians

<sup>123</sup> sheipy22. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>124</sup> salrod123. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>125</sup> marcelotakako. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>126</sup> Clayton435. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>127</sup> Gudenizpacheco1. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>128</sup> Eloygasparin. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>129</sup> rodrigothiagomv. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>130</sup> Crystiana15. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>131</sup> lucyfashion23. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>132</sup> ewaldo101. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>133</sup> guigo00018. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>134</sup> LiihP9. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>135</sup> Leko999. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

são vistos como “imbecis”,<sup>136</sup> “marginais”,<sup>137</sup> “bandidos”<sup>138</sup> que acabaram por impulsionar a antecipação do fim da carreira de Ronaldo. Eles são vistos como ingratos que não reconhecem as realizações do jogador e os inúmeros benefícios que ele trouxe para o time (através de títulos e, sobretudo, de patrocínios). Há também comentários em que o maior erro de Ronaldo foi escolher jogar pelo Corinthians: se ele tivesse ido para o Flamengo, tudo seria diferente.

Em outras manifestações, emerge a ideia de que aqueles que criticam a forma física e a trajetória de Ronaldo estão, na verdade, com inveja: inveja por ele ter escolhido o Corinthians, inveja por não realizarem as mesmas conquistas do Fenômeno. Os críticos são vistos como torcedores frustrados “por não ter um fenômeno no seu time”.<sup>139</sup> São “pessoas cruéis” e “desqualificadas”, que fazem julgamentos e nos condenam.<sup>140</sup> Para um dos manifestantes, “gordo ou magro”, Ronaldo é uma lenda, um fenômeno do futebol.<sup>141</sup> Ele pode até estar acima do peso, mas são “108 Kilos de pura genialidade, superação e amor ao futebol”.<sup>142</sup> Além disso, “não é a balança quem vai revelar o peso de Ronaldo, mas a História”.<sup>143</sup>

O hipotireoidismo também foi lembrado nas manifestações que defendem Ronaldo das críticas da torcida corintiana: como pode “ficar xingando uma pessoa que está doente, só porque não ganhou uma merda de título?”.<sup>144</sup> A habilidade do jogador de esconder de todos a doença, aguentando as críticas que recebeu em virtude dos efeitos que ela acarretava, foi destacada.<sup>145</sup> Outros manifestantes também endossam a associação que o jogador estabeleceu entre a doença e o aumento de seu peso e lamentam que ela tenha aparecido na vida de Ronaldo: “Por que essa maldita doença tinha que atingir o FENÔMENO?”.<sup>146</sup>

Os sujeitos comuns também fizeram comparações entre Ronaldo e outros esportistas. Sua humildade é vista como semelhante à de Ayrton Senna. Em várias manifestações, ele é visto como melhor que Garrincha, Pelé, Romário, Zico e Edmundo; que os ídolos argentinos Maradona e Messi; que seu contemporâneo franco-argelino Zinedine Zidane. Mas sua inserção na história do futebol não é vista da mesma maneira por todos os sujeitos. Para alguns, o talento de Ronaldo não supera o de Pelé, de Romário, de Edmundo e outros jogadores que marcaram a história do futebol nacional e mundial.

<sup>136</sup> cazuos. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>137</sup> carlosgustavosilva. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>138</sup> guigo00018. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>139</sup> EsterTito. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>140</sup> Sandramonteiro2. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>141</sup> JoaoFerreira93. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>142</sup> jonasgariba. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>143</sup> Sergio145. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>144</sup> guigo00018. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>145</sup> artt100. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>146</sup> Leandro21235. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

Assim, apesar do tom hegemônico das manifestações do youtube ser muito favorável a Ronaldo e sua história no futebol, existem também comentários negativos em relação a ele. Em uma das manifestações, emerge a visão de que a Rede Globo supervalorizou o talento do Fenômeno e impulsionou a fabricação de um novo ídolo depois da aposentadoria de Romário.<sup>147</sup> Ele é visto como um bom jogador, entre inúmeros outros: “até quando vão ficar massageando o ego desse cara só porque ele teve uma história triste”?<sup>148</sup> Outro manifestante desqualifica as aptidões técnicas do jogador: até minha avó “joga melhor do que esse gordo”.<sup>149</sup> Ronaldo é descrito como “108 kilos de pura enganação”,<sup>150</sup> um atleta que planejou a aposentadoria como uma jogada de marketing para se lançar na política.<sup>151</sup> Muitos torcedores do Corinthians comemoram sua saída do clube: “no corinthians eu não quero”.<sup>152</sup> Afinal, ele “não fez nada” pelo time.<sup>153</sup> Um deles celebra por não ter mais que ver “uma barriga grande tentando jogar futebol”.<sup>154</sup> Outros manifestantes criticam a hipocrisia da mídia e dos torcedores que, antes, não paravam de criticar Ronaldo e, com a aposentadoria, passaram a adorá-lo: “bando de hipócrita”.<sup>155</sup>

Vários comentários tematizam o hipotireodismo de Ronaldo e manifestam desconfiança em relação ao posicionamento do jogador: “fumar e ficar bebendo uísque em balada mudou de nome”?<sup>156</sup> Ronaldo estaria mentindo tanto em relação às causas de seu excesso de peso como em relação aos verdadeiros motivos que o impulsionaram a parar de jogar futebol: “devido a dores, desgaste físico e problema na tireóide é o caralho”,<sup>157</sup> isso “é conversa pra boi dormir”.<sup>158</sup> Ele só parou por causa da eliminação do Corinthians na Taça Libertadores e das ameaças da torcida. Ronaldo é aqui visto como um mentiroso, um medroso, um covarde, que não assume a verdade frente aos outros e estremece diante dos torcedores. Além disso, Ronaldo é descrito, como um traidor, um “Judas”, por ter trocado o Flamengo pelo Corinthians: foi um “fim de carreira medíocre em time medíocre”.<sup>159</sup>

<sup>147</sup> B100s2. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>148</sup> Mr26091999. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>149</sup> residentalysson. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>150</sup> TheExterminator2011. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>151</sup> NARDES1000. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>152</sup> RCBeker. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>153</sup> claytinho6. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>154</sup> esseFra. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>155</sup> priscillamartinsrtv. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>156</sup> RCBeker. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>157</sup> msgustavo333. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>158</sup> renatodumaresq. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>159</sup> thormentamaioral. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

Ele é visto como um “lixo”,<sup>160</sup> um “gordo preguiçoso”, que apresenta “muita vaidade pra pouca bola”;<sup>161</sup> um “gordo, decadente, traidor, falso, dissimulado. Apagou o que fez dentro de campo com o que fez fora. Parar de jogar?!?! Já parou faz tempo, só faltava assumir”.<sup>162</sup> Seu futebol não deixará saudades: ele “já devia ter parado antes”;<sup>163</sup> portanto, “já vai tarde”.<sup>164</sup> Há comentários que fazem piada de sua má forma física, com inúmeros apelidos ofensivos ao jogador. Além disso, ele é visto como um “mercenário”, que vendeu a Copa de 1998 para a França.<sup>165</sup> Entretanto, “dinheiro não compra cérebro”.<sup>166</sup>

A Copa da França é lembrada por outro manifestante que, apesar de reconhecer qualidades técnicas de Ronaldo, afirma que até hoje não “botou fé” que ele teve convulsão na final de 1998.<sup>167</sup> Ele “amarelou” naquele ano e também em 2006: em 2002, “não era mais do que obrigação ele fazer gols”,<sup>168</sup> ele estava lá para isso. O episódio com as travestis também foi recordado por manifestantes que descreveram Ronaldo como um “malandro”, um “baladeiro” que já saiu com travestis.<sup>169</sup> Em tom muito pejorativo, ele é visto como “Traveco de Elite”,<sup>170</sup> “um pegador de travecos”,<sup>171</sup> um “comedor de traveco”.<sup>172</sup> A orientação sexual de Ronaldo foi tematizada por outro manifestante para quem Ronaldo só saiu do Corinthians porque seu “macho”, o jogador Roberto Carlos, também o fez.<sup>173</sup>

Há também quem critique o valor e a reverência que são concedidos a Ronaldo: afinal, por que “o povo se orgulha de alguém q[ue] não faz nada além de se ajudar? não é bizarro adorar uma pessoa q[ue] não faz nada para vc[você]? [...] não sejamos idiotas.”<sup>174</sup> Nessa manifestação, Ronaldo emerge como um ser egoísta, que cuida apenas de si mesmo, apesar de ser tão admirado. Ele ganha milhões para si mesmo e para seus patrocinadores, enquanto “o povo passa fome”. Outro sujeito também questiona: há tanta guerra, fome e miséria no mundo, e as pessoas choram por Ronaldo?<sup>175</sup> Sua aposentadoria também estaria sendo supervalorizada por todos: “Quanta gente muuuito mais importante para o mundo se

<sup>160</sup> tiago6cc. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>161</sup> helio04. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>162</sup> vermelhonegro. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>163</sup> juniorudi18. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>164</sup> TheExterminator2011. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>165</sup> paparazorj. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>166</sup> leogatobhzte. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>167</sup> yanyamamoto. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>168</sup> fabiano75s. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>169</sup> RCBeker. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>170</sup> esseFra. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>171</sup> d2sk84ever. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>172</sup> MrYoungflu2011. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>173</sup> residentalysson. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>174</sup> ed66681. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>175</sup> x3vezes. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

aposenta e não recebe nem um ‘Muito Obrigado’? Ele foi um bom jogador de futebol, mais que isso foi fabricado pela mídia. Como ele estava humilde hoje, né? Nem parecia o prepotente do twitter há duas semanas. As coisas mudam...”.<sup>176</sup> Aqui, Ronaldo emerge como um sujeito poderoso e arrogante, distante da humildade lembrada por outros sujeitos.

Por fim, os familiares de Ronaldo também podem ser vistos como públicos do acontecimento aqui analisado. Bia Antony diz que apoiou a decisão dele e estará sempre ao lado do marido “para o que der e vier”. Destacou, ainda, que Ronaldo “tem um senso de equipe muito, muito grande. Uma preocupação muito grande com o outro. Então ele saiu daqui como um garotinho que vai se despedir de seus coleguinhas de escola”.<sup>177</sup> O primogênito do jogador, Ronald, fruto de seu relacionamento com Milene Domingues, diz que ele foi um esplêndido jogador, que gostaria de ter visto o pai jogar ao vivo e destaca: “agora que você saiu do futebol, a gente vai poder passar mais tempo juntos, que nem pai e filho”.<sup>178</sup> Os pais de Ronaldo, Dona Sônia e Sr. Nélio, destacam a força de vontade e a persistência do filho, que fizeram dele um guerreiro.<sup>179</sup>

#### *5.1.4 Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo*

A análise da aposentadoria de Ronaldo revelou que este acontecimento, como tantos outros, pode ser visto como o fim de um processo (o encerramento da carreira de um dos grandes jogadores de futebol da contemporaneidade) e como o início de um novo ciclo, que abre um outro campo de possíveis: aposentado, o Fenômeno poderá se dedicar à família e a outras atividades em sua agência de marketing esportivo. Além disso, a individuação desse acontecimento procura solidificar a imagem pública construída por Ronaldo até ali.

A imagem hegemônica que emerge desse jogador é a de um atleta brilhante, do maior artilheiro das Copas, de um dos maiores fenômenos da história do futebol. Ronaldo é posicionado como um jogador muito bem sucedido na realização do *arete*, ou seja, na busca pela excelência como componente central de sua performance atlética (GUMBRETCH, 2007). É um craque indiscutível, visto como o melhor entre seus contemporâneos na grande maioria dos discursos, ainda que não tenha alcançado o talento do Rei Pelé. Suas excepcionais qualidades técnicas (potência, velocidade, arrancadas impressionantes) e a sua inteligência

<sup>176</sup> decna1. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de outubro de 2011.

<sup>177</sup> BERGAMO, 15 de fevereiro de 2011, p. E2.

<sup>178</sup> *Dominação do Faustão*, 20 de fevereiro de 2011.

<sup>179</sup> *Dominação do Faustão*, 20 de fevereiro de 2011.

dentro de campo impulsionaram a construção de uma obra grandiosa, que é como sua carreira é vista. Carreira essa que foi marcada por inúmeros altos e baixos, conquistas e derrotas, que construíram um histórico incrível de superação. Como jogador, Ronaldo é visto como um rei, um mito, um gênio que soube driblar os fracassos e dificuldades e dar a volta por cima. Em alguns posicionamentos, ele é descrito como apenas um jogador entre outros (ou mesmo um “lixo”), sem grandes diferenciais e que seria apenas uma fabricação da mídia. Ainda que seja restrito a poucas manifestações, esse tipo de ponto de vista mostra que Ronaldo não é um ídolo unânime na perspectiva dos públicos que o reconhecem.

De qualquer forma, em inúmeros discursos, o Fenômeno é visto como um super-herói, mas, ao mesmo tempo, “de carne e osso”. Ele é capaz de genialidades ilimitadas como todo herói, mas, como todo mortal, erra, fracassa, enfrenta obstáculos e precisa encará-los. Frente a seus deslizes, é humilde ao ponto de reconhecê-los e pedir desculpas. É visto como um exemplo de vida e um espelho para futuros ídolos esportivos. Ronaldo emerge em sua singularidade e é reverenciado como um jogador que transcende os times: ele está acima de rivalidades entre clubes. Isso revela indícios do individualismo que marca a contemporaneidade e sua atuação no processo de construção de uma celebridade. Como destaca Smart (2005), mesmo em esportes coletivos, são os atletas individualmente que permanecem no foco da atenção pública e despertam a admiração do público. Ainda que, em alguns momentos, o peso coletivo de um time se sobreponha à individualidade de Ronaldo, o tom hegemônico dos discursos analisados sugere que o jogador é dotado de um rosto (e um corpo) reconhecido como especial e único, que está acima do coletivo que ele representa, e que é marca das culturas regidas pelo individualismo (ROJEK, 2008). Mesmo quando é alvo de críticas veementes, Ronaldo emerge como dotado de um rosto único e singular — ainda que criticável.

Ronaldo também é lembrado como um sujeito de caráter, um grande homem, regido por valores como a humildade, a simplicidade, a sinceridade, a generosidade, a dedicação, o amor, a doçura, a determinação, a alegria e o bom humor. É também um cidadão do mundo, cuja conduta é orientada por solidariedade e apoio a causas humanitárias, como a luta contra o câncer, contra a pobreza, pela educação e pela paz. São poucos os posicionamentos que situam Ronaldo como falso, mentiroso, traidor, prepotente e vaidoso. Além disso, houve polêmica na mobilização do quadro do hipotireoidismo feita por Ronaldo para justificar seu excesso de peso — o que foi contestado em diversos discursos.

Esses valores predominantes associados ao jogador ajudaram a construir a imagem de um bom menino, um ídolo carismático entre crianças e adultos. Um ídolo na era das celebridades: uma celebridade também. Um astro que alcançou fama e riqueza

grandiosas e viu as dimensões pública e privada de sua história povoarem o espaço de visibilidade pública. Uma celebridade que soube gerenciar muito bem sua própria imagem, angariando contratos absolutamente rentáveis e até mesmo vitalícios. Essa dimensão econômica da vida de Ronaldo também foi objeto de algumas críticas que caracterizaram o jogador como egoísta e mercenário.

Apesar de tamanhas fama e riqueza, Ronaldo se posiciona como um sujeito que não nega suas origens no subúrbio do Rio de Janeiro. Ele se coloca como um indivíduo humilde, digno, honrado, que valoriza a amizade. O modo como manifesta gratidão e simplicidade no momento em que encerra a sua carreira (agradecendo a torcidas, técnicos, colegas jogadores, adversários, família) afasta sua imagem da arrogância e da altivez que se colam a outros ídolos esportivos contemporâneos. Solidário e parceiro de seus companheiros de clube, o Fenômeno também se coloca como voluntário para proteger seus colegas, sofrendo eventuais críticas e ameaças.

Assim, o tom geral dos discursos aqui analisados é de lamento pelo fim da carreira do Fenômeno, de compreensão em relação aos motivos que impulsionaram sua decisão, de reconhecimento e gratidão pelas vitórias, glórias e conquistas que ele trouxe aos amantes do futebol. Reconhecimento em relação ao jogador, ao cidadão, ao ser humano, ao brasileiro Ronaldo, que personifica os valores anteriormente evidenciados e que são prezados e compartilhados pelos públicos que participam da construção de sua imagem.

Os discursos que atuaram na individuação desse acontecimento também apontaram para outras ocorrências importantes que constroem a trajetória de Ronaldo e participam da configuração de sua imagem pública. A derrota na Copa de 1998 e a conquista do pentacampeonato para o Brasil na Copa de 2002 foram acontecimentos recorrentes em todos os textos que lembraram a carreira do jogador. Além disso, acontecimentos de natureza privada (como o seu casamento com Daniella Cicarelli e o episódio das travestis) também foram destacados nessa reconstrução da trajetória de Ronaldo. Esses acontecimentos, que dizem respeito à vida profissional e privada dessa celebridade ajudam a compor o *puzzle biodiagramático* (PIGNATARI, 1996) que edifica a biografia de Ronaldo, escrita cotidianamente por inúmeros discursos (midiáticos e extramediáticos). Tais acontecimentos também podem revelar traços importantes agregados à imagem pública de Ronaldo e serão analisados a seguir.



## 5.2 A derrota na Copa de 1998

A derrota da seleção brasileira na final da Copa de 1998 é um acontecimento marcante na vida de Ronaldo. Ele chega à França como a grande estrela do futebol mundial, eleito o melhor jogador do mundo pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) por duas vezes consecutivas, e, portanto, um dos grandes trunfos do Brasil na conquista do pentacampeonato. Depois de vencer a Escócia (2 X 1) e o Marrocos (3 X 0) na primeira fase, amargar uma derrota para a Noruega (2 X 1), quando já estava classificado para a fase seguinte, vencer o Chile (4 X 1), a Dinamarca (3 X 2) e a Holanda (4 X 2, nos pênaltis), a seleção brasileira chega à final do mundial. Jogando contra os donos da casa, o Brasil perde para a França por 3 X 0, e essa derrota instaura sentidos que permitem apreender traços da imagem pública de Ronaldo. A seguir, procuramos analisar a individuação desse acontecimento, evidenciando seus processos de descrição, narração e construção de um pano de fundo pragmático.

### 5.2.1 Descrição

O jogo que culminou com a derrota da seleção brasileira foi cercado de mistério. Na escalação divulgada pelo técnico Zagallo, não aparecia o nome de Ronaldo, mas sim do reserva Edmundo. Foi uma surpresa para o mundo. Era preciso identificar o quadro para compreender a situação: o melhor jogador do mundo não vai jogar? Por quê? Para boa parte dos 200 jornalistas brasileiros, só podia ser um “erro do comitê organizador, o CFO”.<sup>180</sup> Pouco tempo depois, uma nova escalação é divulgada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), restituindo Ronaldo à lista de titulares. “O novo informe parecia restabelecer a verdade: entra Fenômeno, sai Animal”.<sup>181</sup> Se a não escalação de Ronaldo era, a princípio, um erro do CFO, a sua escalação agora restabelece a verdade dos fatos: o melhor jogador do mundo vai jogar.

Aquele jogo seria o embate entre dois ídolos do futebol italiano e mundial: de um lado, Ronaldo, jogador do Internazionale, pelo Brasil; de outro, Zinedine Zidane, do Juventus, pela França. Na véspera da final, uma matéria da Rede Bandeirantes narrada pelo jornalista

---

<sup>180</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>181</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

Paulo Henrique Amorim compara a trajetória dos dois jogadores e especula sobre qual dos dois seria aclamado como herói no dia seguinte:

Zidane nasceu num bairro pobre de Marselha, no sul da França. Ronaldinho nasceu em Bento Ribeiro, no subúrbio pobre do Rio. Os dois jogam em times rivais na Itália. Ronaldo foi para a Inter de Milão por 36 milhões de dólares. Zidane é o cérebro, o planejamento, a estratégia da Juventus, de Turim, e da seleção francesa. O jogo da França começa e às vezes acaba em Zidane. Na história de Brasil e França, sempre houve grandes duelos. Em 58, era Pelé de um lado e Just Fontaine, o artilheiro da Copa, do outro. Em 86, Platini era o astro azul, e Zico, o mestre da camisa amarela. Zidane jogou em quatro das seis partidas da França nessa Copa. Ronaldinho jogou as seis e fez quatro gols. Pra quem é o melhor jogador do mundo, quatro gols é pouco. Zidane cansou no último jogo e ainda não brilhou com toda intensidade. Amanhã se decide a Copa do Mundo da França e o destino desses dois homens: se vão ficar batendo na porta para entrar no clube dos grandes heróis ou se vão entrar de vez para a história do futebol do mundo.<sup>182</sup>

Emerge aqui uma comparação implícita entre os dois jogadores brasileiros: Edson Arantes do Nascimento, o “Rei” Pelé, que ajudou a seleção brasileira a conquistar o primeiro título mundial em 1958. Será que Ronaldo, o grande ídolo do futebol do fim do século XX, daria a mesma alegria ao Brasil? Ele, que não vinha demonstrando toda a sua habilidade técnica até ali, conseguiria honrar a camisa 9 da seleção tetracampeã? Será que ele superaria Zidane, considerado, pelo próprio Ronaldo, o melhor jogador do mundo naquele momento, conforme declarado em entrevista ao repórter César Augusto, da Rede Globo? A matéria compara, ainda, os dois astros do futebol internacional no fim dos anos 1990, evidenciando a mesma origem pobre que marca a trajetória de grandes ídolos desse esporte, que para se fixarem no estatuto de grandes heróis e na própria história do futebol precisam ascender à vitória. Naquela final da Copa de 1998, é o jogador francês quem entra para a história ao ser o destaque da seleção de seu país na vitória sobre o Brasil.

A seleção francesa “foi brilhante, foi mais forte, mais competente e venceu”, como destacou o narrador Galvão Bueno após a partida.<sup>183</sup> Ao mesmo tempo, o Brasil assistia à “atuação irreconhecível da Seleção Brasileira, apática, intimidada”.<sup>184</sup> Irreconhecível também a atuação de sua estrela maior, Ronaldo, que participa da realização daquele “fracasso visto por quase dois bilhões de pessoas no mundo”.<sup>185</sup> Foi um jogo “chocante”:

Ronaldinho entrou em campo apático, de cabeça baixa. Participou de poucas jogadas, não driblou e deu só dois bons chutes a gol. Era apenas uma sombra do craque que costuma decidir os jogos em lances fulminantes. Sem a chama

<sup>182</sup> AMORIM, 11 de julho de 1998.

<sup>183</sup> TRANSMISSÃO..., *Rede Globo*, 12 de julho de 1998.

<sup>184</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>185</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

de seu principal atacante, toda a seleção afundou. E deu o resultado temido por todo o Brasil.<sup>186</sup>

Se são certos movimentos dos corpos que conformam jogadas belas e emocionantes, as quais despertam o fascínio do público pelos ídolos dos jogos com bola (GUMBRECHT, 2007), naquele jogo, o ídolo Ronaldo fracassou e decepcionou o público. Antes da Copa, ele representava “a figura de um atleta exemplar no auge da forma física e técnica”;<sup>187</sup> era o “incontível Ronaldo”.<sup>188</sup> Acostumado a arrancadas fulminantes e dribles desconcertantes, o principal atacante do Brasil era naquela final do mundial “apenas uma sombra do craque” que ele já demonstrara ser. E o peso da derrota o acompanhou ao deixar o estádio: “ao sair, cabisbaixo e contrariado do *Stade de France*, logo após receber a medalha de vice-campeão, parecia carregar nos ombros toda a responsabilidade pela derrota”.<sup>189</sup>

Aquele dia seria lembrado por muitos como “um dia inacreditavelmente fatídico”, que provocou um “trauma”.<sup>190</sup> Apesar do “vexame”,<sup>191</sup> o time foi recebido com festa pela torcida brasileira nas cidades por onde os jogadores passaram em seu retorno ao país: “o que parecia impossível aconteceu. O Brasil aprendeu a perder”.<sup>192</sup>

Esse acontecimento também é comparado a outros acontecimentos, evidenciando semelhanças e diferenças. A abertura do *Fantástico*<sup>193</sup> daquele domingo (12 de julho de 1998) relembra as conquistas da seleção brasileira em Copas do Mundo. Na Copa de 1958, na Suécia, dois craques ainda desconhecidos do público se revelariam e ajudariam a conquistar o primeiro título mundial para o Brasil: o jovem Pelé, então com 17 anos, e Manuel dos Santos (o Mané Garrincha), que iniciara o campeonato no banco de reservas. Pelé e Garrincha chegaram à Copa de 1958 desconhecidos e saíram aclamados como heróis da vitória brasileira; Ronaldo, por sua vez, chega à Copa de 1998 reverenciado como o melhor jogador do mundo, mas ele não fez os gols que poderiam decidir o título nem protagonizou o espetáculo que dele se esperava.

Na copa de 1962, no Chile, novamente com Garrincha, apesar de não contar com Pelé (que havia se machucado), a seleção brasileira conquista o bicampeonato. Em 1970, no México, a seleção brasileira tinha muitos craques (Tostão, Jairzinho, Rivelino, Gerson, Carlos

<sup>186</sup> GOMES; PASTORE, *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>187</sup> A CIÊNCIA..., *Época*, 01 de junho de 1998.

<sup>188</sup> *Jornal Nacional*, 11 de julho de 1998.

<sup>189</sup> O FUTURO..., *Caras*, 17 de julho de 1998.

<sup>190</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>191</sup> JOGANDO na retranca, *Época*, 20 de julho de 1998.

<sup>192</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>193</sup> FANTÁSTICO depois da derrota do Brasil na Final da Copa do Mundo de 1998. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HDq9qBsY-zw>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

Alberto), liderados por Pelé, e fez do Brasil o campeão mundial pela terceira vez. Passariam muitos anos até que um novo título fosse conquistado. Mesmo com times que jogavam um futebol muito bonito (como em 1982 e 1986), a vitória não veio. Foi então com um “futebol feio, de resultados”, que o Brasil conquistou o tetracampeonato em 1994. Em 1998, veio a promessa de um futebol mais bonito, mas “fomos coadjuvantes num capítulo de glória do futebol francês”.<sup>194</sup>

Em entrevista ao jornalista Tino Marcos após a derrota, Ronaldo fez questão de destacar que não “amarelou”: “Eu já joguei muitas decisões, e essa era a que eu mais esperava na minha vida. Eu não ia amarelar numa partida como essa”,<sup>195</sup> como teriam afirmado alguns jornalistas. Essa hipótese teria magoado o jogador, ofendido com o “jargão futebolístico para o eventual temor de entrar em campo”.<sup>196</sup> Ronaldo tenta afastar, aqui, o quadro que se impunha na definição daquela situação: do fracasso, da falibilidade, do medo do então melhor jogador do mundo. Claramente, houve uma mudança no modo como Ronaldo era visto e posicionado pelos discursos que abordavam sua trajetória.

Até a final do mundial, Ronaldo era situado como o melhor jogador do mundo, “destinado a ser coroado rei do mundo na França”.<sup>197</sup> Era o “astro principal da seleção brasileira”,<sup>198</sup> a estrela da competição, comparado à taça da Copa: “um sujeito coberto de ouro, que carrega o mundo nas costas”.<sup>199</sup> Era o ídolo que suscitava o fascínio de adultos, crianças e adolescentes por todo o mundo: “na Palestina ocupada, como escreveu o jornal francês *Libération*, parece que ‘Deus é brasileiro e Ronaldinho, seu profeta’”.<sup>200</sup> Em Bangladesh, houve revolta frente a panes de energia que impediram muitas pessoas de ver os jogos pela TV: “um torcedor colou uma foto de Ronaldinho na tela do televisor e se plantou, pateticamente, ao lado dela”.<sup>201</sup>

Manifestações de adolescentes também exibem a admiração e o fascínio despertados por Ronaldinho. Em Bilbao (Espanha), Loreta Errasti (de 16 anos) assim se manifesta em relação ao ídolo brasileiro: “Tenho tudo de Ronaldo. Meu quarto é cheio de fotos dele. Vou torcer para o Brasil no Mundial porque é o melhor país do mundo. Dane-se a

<sup>194</sup> FANTÁSTICO depois da derrota do Brasil na Final da Copa do Mundo de 1998. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HDq9qBsY-zw>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

<sup>195</sup> *Jornal Nacional*, 13 de julho de 1998.

<sup>196</sup> REENCONTRO..., *Caras*, 24 de julho de 1998.

<sup>197</sup> GOMES; PASTORE, *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>198</sup> GOMES; PASTORE, *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>199</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>200</sup> ALCÂNTARA, *Veja*, 24 de junho de 1998.

<sup>201</sup> ALCÂNTARA, *Veja*, 24 de junho de 1998.

Espanha! Quero casar com um brasileiro”.<sup>202</sup> Esse fascínio é confirmado por outra adolescente, Maider San Vicente, também de 16 anos: “Ronaldo é uma unanimidade na minha escola entre os meninos e as meninas.”<sup>203</sup> Essa admiração por Ronaldo impulsionou centenas de pessoas a assistirem aos treinos do Brasil antes e durante a Copa, permeados pelos gritos de “Ronaldô! Ronaldô!”,<sup>204</sup> e é manifesta em depoimentos como o de Nelson de Abreu, de 14 anos: “Torço para o Brasil principalmente por causa de Ronaldo. Ele é jovem como eu e, se fosse sentar aqui ao meu lado, conversaria tranquilamente comigo. Acompanho sua carreira desde o PSV”.<sup>205</sup> São esses e outros torcedores e fãs de Ronaldo, que admiram e se identificam com o jogador, que ajudaram a solidificar a imagem construída em torno dele antes da Copa: de um jogador talentoso, humilde e tranquilo, que desperta identificações e paixões em seu público.

Assim, Ronaldo é apresentado como um herói forte, capaz de jogadas geniais, mas que deu mostras de que também “precisa de um suporte familiar e não só de tapinhas nas costas e dos dólares da Nike”.<sup>206</sup> Ronaldo teve que alternar “momentos de Super-Homem com outros de Clark Kent”,<sup>207</sup> sendo, assim, deslocado do lugar de super-herói para o de um ser humano como outro qualquer, que erra, sofre, fica abatido e pede o colo do pai:

O dia já estava claro — e chuvoso — quando ele deitou no sofá, com os pés no colo do pai, Nélio Nazário. Falou pouquíssimo. Ouviu os comentários paternos sobre futebol e a Seleção. “Na próxima Copa, o senhor tem de ser o técnico”, brincou. Dormiu ali. No sono, provavelmente recheado de imagens da final, desferiu chutes imaginários, que obrigaram seu Nélio a se mudar para o outro lado da sala.<sup>208</sup>

Nesse cenário após a derrota, é o garoto Ronaldo, um mortal como os outros, que consegue colocar suas fraquezas para fora. Ao chorar e dormir no colo de Sr. Nélio, “ele voltou a ser o garoto Dadado, criado em Bento Ribeiro, Zona Norte do Rio de Janeiro. O Fenômeno, como é conhecido mundialmente, mostrou que, como o 1,6 bilhão de espectadores que assistiram à final da Copa, também tem lá seus limites”.<sup>209</sup> É essa humanização de Ronaldo o eixo de análise de Ronaldo Helal acerca da derrota na Copa de 1998:

Na “derrocada” do ídolo, os fãs “descobrem” que o mito é um “mortal”, um “homem como outro qualquer”, que tem suas fraquezas, passa mal, dorme abraçado ao pai nos momentos difíceis, sofre de solidão, sente-se aprisionado

<sup>202</sup> GARAMBONE; RODRIGUES, *IstoÉ*, 10 de junho de 1998.

<sup>203</sup> GARAMBONE; RODRIGUES, *IstoÉ*, 10 de junho de 1998.

<sup>204</sup> GARAMBONE; RODRIGUES, *IstoÉ*, 10 de junho de 1998.

<sup>205</sup> GARAMBONE; RODRIGUES, *IstoÉ*, 10 de junho de 1998.

<sup>206</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>207</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>208</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>209</sup> VELLOSO, *Época*, 20 de julho de 1998.

e ainda, de forma emblemática, trata-se apenas de “um menino”. Assim, na “queda” do ídolo, presenciamos a sua “humanização”. Ao invés do super-homem Ronaldinho, “descobrimos” Ronaldo, o homem, o mortal. Os fãs se familiarizam com ele e muitos querem lhe dar colo (HELAL, 2001, 159).

Assim, Ronaldo passa a ser descrito como um ser humano que sofreu uma experiência infeliz e precisa de apoio — diferente dos super-heróis. Há uma mudança no modo como o jogador é apresentado, através das fontes acionadas pela mídia para posicioná-lo:

“O Ronaldinho é um garoto só e isolado que precisa de carinho”, diz o técnico Zagallo. “Imagina o que é chegar em casa, um apartamento bem montado, e não ter com quem falar”, diz o médico Lídio Toledo. “Ele não vive, não pode ir à praia, ao cinema, ao teatro. Abre a porta e tem cinquenta pessoas esperando. Ele precisa urgentemente de um pára-raios.”<sup>210</sup>

Frente à derrota da seleção e à revelação da fraqueza e dos limites de seu grande craque, era preciso buscar indícios que ajudassem a compreender a situação. O que impulsionara a derrota e quais os desdobramentos trazidos por ela? Isso aponta para a narrativização desse acontecimento, que será analisada a seguir.

### 5.2.2 Narração

A derrota da seleção brasileira faz emergir um passado em relação a ela, que não estava dado antes da emergência do acontecimento, como nos lembra Quéré (2005), ao mesmo tempo em que instaura um *novo campo de possíveis*, para lembrar a expressão de Hannah Arendt (1993). Ao construir e iluminar um passado, esse acontecimento aponta justamente para o jogador que é objeto da presente tese e para sua atuação naquele momento decisivo. O que teria acontecido com Ronaldo antes daquele jogo? Por que seu nome não aparecera na primeira lista da escalação divulgada por Zagallo?

De acordo com os médicos, Ronaldo teria sofrido uma convulsão, horas antes da partida contra a França. Jogadores que testemunharam aquele momento disseram que ele tremia, espumava, se debatia e respirava com dificuldade. A cena foi descrita como “assustadora”,<sup>211</sup> como um “quadro terrível”.<sup>212</sup> O jogador diz que não se lembra do que aconteceu. Ele foi levado a uma clínica para fazer exames neurológicos e cardíacos, de onde

<sup>210</sup> GOMES; PASTORE, *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>211</sup> GOMES; PASTORE, *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>212</sup> CONTREIRAS, *Istoé*, 22 de julho de 1998.

saiu com exames de “um garoto saudável de 21 anos”<sup>213</sup> rumo ao *Stade de France*, palco da final da Copa do Mundo de 1998.

Ronaldo ainda estava na clínica quando fora divulgada a primeira escalação com o nome de Edmundo em seu lugar. Quando ele chegou ao estádio, disse ao técnico Zagallo que queria jogar: “Estou bem, professor, ninguém me tira desse jogo”,<sup>214</sup> teria dito o jogador, de acordo com o técnico. Essa frase de Ronaldo “soou como uma ilha de confiança em meio ao mar de dúvidas em que se transformou o vestiário da Seleção Brasileira a apenas 50 minutos da final da última Copa do século”.<sup>215</sup> O técnico, então, substituiu a lista da escalação, colocando no lugar de Edmundo o “único jogador que [...] poderia fazer diferença”.<sup>216</sup> Posteriormente, muitos médicos irão criticar essa escalação como um “erro clamoroso da comissão técnica”.<sup>217</sup> Esta não poderia ter incluído o nome do atacante na lista de titulares depois do que ele sofrera na concentração.

Quando o mundo toma conhecimento da crise vivida pelo jogador antes da partida, proliferam diferentes quadros clínicos para dar conta do “piripaque” sofrido por Ronaldo “a menos de sete horas do momento mais importante de sua curta vida de 21 anos muito bem vividos”.<sup>218</sup> Além de uma convulsão cerebral, ele poderia ter sofrido uma crise de pânico; um ataque epilético; ele teria sofrido de efeitos colaterais do remédio Voltarem, de um choque anafilático em consequência de uma infiltração feita pelo médico para aliviar as dores no joelho ou de um envenenamento no almoço no dia da final. Ou ainda, ele teria tido uma crise nervosa causada por stress ou um colapso de fundo nervoso: “Esse foi o grande problema de Ronaldinho. Ninguém discute que ele é um jogador extraordinário, dos melhores que o Brasil produziu até hoje. Faltou-lhe porém estrutura para enfrentar o dia mais importante de sua vida”.<sup>219</sup> Outro quadro foi acionado por Jorge Caldeira (2002) na biografia que escreveu sobre o jogador. Para o autor, Ronaldo sofrera um episódio de terror noturno, “um conjunto de movimentos musculares acontecidos durante seu sono profundo” (CALDEIRA, 2002, p. 221). Na visão de Caldeira, esse diagnóstico “se enquadra perfeitamente na história clínica [de sonambulismo] de Ronaldo — e em sua situação de ansiedade naquele momento” (CALDEIRA, 2002, p. 212).<sup>220</sup>

<sup>213</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>214</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>215</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>216</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>217</sup> GOMES; PASTORE. *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>218</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>219</sup> GOMES; PASTORE. *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>220</sup> Para uma análise detalhada desse diagnóstico e de como ele foi transformado pela versão dada pela comissão técnica brasileira, cf. CALDEIRA, 2002.

As pressões sofridas pelo jovem atacante foram apontadas como motivadoras da crise em grande parte dos discursos aqui analisados, como destacou em entrevista o jogador Gonçalves.<sup>221</sup> Na visão de Zagallo, tudo seria consequência do peso grande que ele tem nas costas.<sup>222</sup> Toda essa pressão viria de sua correria cotidiana, de sua ascensão rápida demais para um jovem que fez seu primeiro milhão aos 17 anos, quando se transferiu para o PSV Eindhoven, da Holanda. Essas pressões seriam a causa da crise e do consequente desempenho anormal do jogador em campo. O próprio Ronaldo reclamou das pressões que vem sofrendo: “o meu último ano foi muito estressante. Eu amo jogar. Mas no futebol tem coisas que eu não gosto, como viajar o tempo todo e a pressão da imprensa, fora os outros compromissos que eu tenho. A correria é cansativa”.<sup>223</sup> Mais de dez anos depois desse acontecimento, no contexto de sua aposentadoria em 2011, Ronaldo retomaria a pressão como motivadora de sua crise em 1998. Em entrevista à jornalista Patrícia Poeta para o *Fantástico*, ele afirma: “Eu acho que eu era jovem demais pra suportar aquela pressão e também não tinha a estrutura em volta pra me proteger daquela pressão toda”.<sup>224</sup>

Outras explicações vinculam a crise nervosa aos comentários de que ele estaria acima do peso ou em relação a uma possível traição da noiva Suzana Werner com o apresentador de televisão Pedro Bial (que trabalhavam juntos para a Rede Globo em Paris). Boatos de que o noivado de Suzana e Ronaldo estava em crise surgiram no decorrer da Copa e foram alimentados quando o jogador apareceu para jogar sem a aliança (ele desmentiu os boatos, dizendo que havia apenas machucado a mão). Para o jornalista Sérgio de Souza, esse foi o principal motivo da crise de Ronaldo — o amor-paixão por Suzana Werner:

Para mim, foi isso o que ocorreu com Ronaldinho. Não é preciso que sua paixão tenha tido qualquer coisa com o outro. Não quer dizer nada Suzana e Pedro estarem jantando, uma noite no mesmo restaurante em que estavam o ator John Herbert e sua mulher, em Paris. Não importa que ele próprio, Ronaldinho, tenha saído com uma modelo espanhola durante a Copa, bem antes da crise. Isso tudo é corriqueiro na vida dos profissionais que vivem no meio de muita gente. O que importa é que Ronaldinho tem o caráter dos que sucumbem diante da simples imaginação de que seu amor-paixão possa estar com outro. E que em nome disso, da paixão, mostre nessa hora o melhor do ser humano, e volto a Stendhal: “o que é autêntico, genuíno, verdadeiro em nós”.<sup>225</sup>

<sup>221</sup> CONTREIRAS. . *Istoé*, 22 de julho de 1998.

<sup>222</sup> TEIXEIRA. *Istoé*, 22 de julho de 1998.

<sup>223</sup> GOMES; PASTORE. *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>224</sup> *Fantástico*, 20 de fevereiro de 2011.

<sup>225</sup> SOUZA, *Caros Amigos*, agosto de 1998.



A imagem de Ronaldo é associada aqui à de um ser humano de caráter, autêntico, verdadeiro, ciumento e apaixonado, incapaz de suportar uma suposta traição ou sequer uma traição imaginada. Para Sérgio de Souza, essas características converteram o jogador em seu herói na Copa da França. O suposto romance entre Suzana e Bial nunca foi comprovado, mas foi apontado na época como um dos motivadores da crise de Ronaldo.

Entretanto, nem todos viram no problema dele as causas da derrota. Para o jogador Dunga “o mal-estar do Ronaldo não é álibi. A França jogou melhor”.<sup>226</sup> Ele destaca, aqui, o bom desempenho do time francês, que superou o brasileiro, o que também foi evidenciado pelo próprio Ronaldo: “Não sei se o problema que eu tive atrapalhou a final. Pode ter influenciado. Mas a França jogou muito bem”.<sup>227</sup>

Duas outras especulações associam a derrota à Nike e a interesses econômicos. Uma delas defende que a escalação de Ronaldinho (mesmo sem condições de jogar) teria sido uma exigência da patrocinadora, “assustada com o prejuízo resultante da ausência de sua principal estrela na final da Copa”.<sup>228</sup> A Nike, Zagallo e o próprio Ronaldo desmentiram, como mostra a fala do jogador ao se posicionar: “Assumo minha culpa por ter insistido em jogar”.<sup>229</sup> Apesar disso, não se pode negligenciar os interesses econômicos da patrocinadora no desempenho da seleção. De acordo com o jogador Edmundo, a presença da Nike era enorme ao longo de toda a Copa: “o pessoal da Nike estava lá 24 horas por dia. Como se fizesse parte da comissão. Uma força enorme, a maior que já vi”.<sup>230</sup>

A outra tese assegura que o Brasil teria vendido o resultado para a FIFA, em troca do direito de sediar o Mundial em 2002, e cada um dos jogadores receberia um prêmio da Nike de 570 mil dólares em troca da derrota. Conforme divulgado na imprensa, “o único que não teria topado participar da negociata foi Ronaldinho. Voltou atrás quando a Nike, mais uma vez, ameaçou retirar seu patrocínio vitalício ao jogador”.<sup>231</sup> Essas especulações em torno do papel da Nike no resultado da final foram investigadas inclusive por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), mas nunca comprovadas. Como afirmou Luis Fernando Veríssimo, “apelar para o fator Nike nas explicações para as histórias estranhas da seleção é um pouco como apelar para a metafísica: ou você acredita ou não acredita, porque provas concretas só vão aparecer por milagre”.<sup>232</sup>

<sup>226</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>227</sup> GOMES; PASTORE. *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>228</sup> GOMES; PASTORE. *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>229</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>230</sup> MENDONÇA. *Época*, 20 de julho de 1998.

<sup>231</sup> GOMES; PASTORE. *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>232</sup> VERÍSSIMO. *Caros Amigos*, agosto de 1998.

Todas essas teses, especulações e boatos apontam para o passado construído pelo acontecimento, permeado por “uma criptonita de problemas” que acabaram por fazer de Ronaldo o “protagonista de um dos maiores fiascos esportivos dos últimos anos”.<sup>233</sup> Frente a tantos problemas, “nem o melhor do mundo agüentou”.<sup>234</sup>

Além de ser vista como o resultado de um encadeamento de ações, a derrota deve também ser vista como ponto de partida para um futuro que se abre a partir da emergência desse acontecimento. Em um futuro mais imediato, o que está no horizonte do jogador é descanso. Dispensado pelo Internazionale por um mês, Ronaldo aproveita esse tempo de férias com a família e os amigos no Rio de Janeiro: “Eu só quero paz!”.<sup>235</sup> Em frente à casa do pai em um condomínio na Barra da Tijuca, ele desabafou diante da imprensa: “Por favor, me deixem em paz. Isso não é vida. Não devo nada a vocês. Não quero que me sigam, não sou ladrão ou fugitivo”.<sup>236</sup>

Em uma perspectiva mais ampla, na visão de Ronaldo, é a própria vida que se vislumbra para ele: “Perdi a Copa do Mundo, mas ganhei a Copa da Vida. [...] Achei que ia morrer”.<sup>237</sup> Se a derrota frustrou o sonho do pentacampeonato brasileiro em 1998, este não deixou de ser uma meta para Ronaldo: “Meu objetivo é ganhar uma Copa. O penta virou uma obsessão na minha vida”.<sup>238</sup> O acontecimento instaura, assim, a perspectiva de uma nova busca que se realizaria quatro anos depois, na Copa de 2002 (no Japão e na Coréia): “O Brasil ainda torce por Ronaldo”.<sup>239</sup>

### 5.2.3 Pano de fundo pragmático

Os discursos que atuam na individuação desse acontecimento convocam o público a se posicionar em relação a ele. O tom geral dessa interpelação é de lamento pela derrota, pela frustração na busca do pentacampeonato, pelo fracasso do melhor jogador do mundo. Além disso, os discursos convocam os sujeitos a identificarem e definirem a situação vivida por Ronaldo, o mistério que rondou sua saúde a poucas horas da final do mundial. Em suas manifestações sobre esse acontecimento, o público se posiciona de diferentes formas.

<sup>233</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>234</sup> VELLOSO. *Época*, 20 de julho de 1998.

<sup>235</sup> GOMES; PASTORE. *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>236</sup> REENCONTRO... *Caras*, 24 de julho de 1998.

<sup>237</sup> O FUTURO... *Caras*, 17 de julho de 1998.

<sup>238</sup> GOMES; PASTORE. *Veja*, 22 de julho de 1998.

<sup>239</sup> O FUTURO... *Caras*, 17 de julho de 1998.

Alguns sujeitos que se manifestaram sobre os vídeos postados no youtube<sup>240</sup> concordam com a tese da convulsão, argumentando que, de fato, houve muita pressão e muita cobrança, o que acabou levando à crise de Ronaldo. Essa tese seria bem mais convincente do que as demais que foram divulgadas naquele momento. Há quem se identifique com a crise sofrida pelo jogador, convocando os outros a se colocar no lugar de Ronaldo, e os que defendem que ele não poderia ter jogado naquelas condições. Uma crítica ao modo como a crise foi tratada pela comissão técnica da seleção brasileira também emerge na seguinte carta do leitor:

Assistir a uma convulsão é dramático e comovente até para um médico tarimbado, quanto mais para um leigo. Nunca li na literatura médica nem ouvi dizer que o stress pudesse levar o indivíduo a ter convulsões. As formas de “ataques de angústia” identificadas por Freud, entre as quais ele cita “tremores e convulsões”, são únicas na literatura médica e não convencem. O que Ronaldinho teve foi realmente convulsão e ficará na história do futebol pelo ineditismo, incompetência e inabilidade com que foi tratada (“Pressão demais”, 22 de julho). Joaquim Paiva Martins, João Pessoa, PB.<sup>241</sup>

Vários outros sujeitos desconfiam da tese de convulsão divulgada pela CBF: “essa história de não ter aguentado a pressão é conversa mole”.<sup>242</sup> Na visão de alguns internautas, é estranho Ronaldo ter tido convulsão uma única vez na vida, mas também houve quem defendesse essa possibilidade. A partir de um depoimento de Zico, ex-jogador e então coordenador técnico da seleção brasileira, endossando a tese de convulsão, os internautas assim se manifestam: “Alguém acreditou????”; “zicão, você é meu ídolo, mas não é essa a história, você quase me convenceu!”; “essa história dá até vontade de rir... parece piada!!!!”; “Mentira, Mentira, Mentira, não foi isso o que aconteceu”.<sup>243</sup> Um dos depoimentos ironiza o mistério envolvendo a final da Copa, associando-o à história da *Branca de Neve e os Sete Anões*:

Solucionado o mistério: Ronaldinho declara que no almoço, antes do jogo, comeu uma maçã. Como no velho conto em que também existiam um Dunga, um Soneca, um Zangado, um Atchim, um Feliz e até um Mestre, ali estava o veneno. Só falta achar a Feiticeira. Geraldo Tasso, Brasília, DF.<sup>244</sup>

Em outro posicionamento que também critica a tese de convulsão, são ressaltadas as ótimas condições econômicas e amorosas do jogador — diferente da grande maioria dos brasileiros:

<sup>240</sup> Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

<sup>241</sup> STRESS, *Veja*, 29 de julho de 1998.

<sup>242</sup> SANDESSI. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

<sup>243</sup> Respectivamente, cris159951, VGTES, juliocesarchapolin e RobyGazzi. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

<sup>244</sup> STRESS, *Veja*, 29 de julho de 1998.

Fazendo um apanhado de tudo que a imprensa disse na tentativa de explicar a derrota, chega-se à conclusão de que o Brasil teve uma seleção de um único jogador: Ronaldinho. Ele não se apresentou bem em nenhuma partida da Copa. Entretanto, para esclarecer sua péssima atuação na partida decisiva, surgiram mil teorias, todas indeglutíveis. Mas todas podem ser resumidas assim: jogou pessimamente mal, perdeu descaradamente e pronto. Essa história de stress e crise nervosa cheira muito mal. Se Ronaldinho, com seus milhões de dólares, com sua loiríssima namorada que pediu a Deus, sofre de stress e crise nervosa, pobres de nós mortais assalariados brasileiros. Se assim fosse, o Brasil sofreria convulsões coletivas, seria uma epidemia infernal. Há algo de podre no reino do futebol. Leonildo Libério Alves da Silva.<sup>245</sup>

Para esse leitor, é inconcebível que stress e crise nervosa tenham acometido Ronaldinho. Afinal, alguém com uma bela namorada e milhões de dólares sofreria por quê? O amor e o dinheiro são vistos aqui como as molas que movem um indivíduo rumo à paz e à felicidade.

O amor por Suzana e sua suposta traição também apareceram nas manifestações do público para explicar a derrota. “Ronaldo virou piada internacional”, em virtude do suposto romance entre Suzana e Pedro Bial, e teria “pirado” ao saber da infidelidade da noiva.<sup>246</sup> Enquanto era traído por ambos, “Ronaldo dava sangue em campo”.<sup>247</sup>

Na visão de outras pessoas, a convulsão não explica a derrota por motivos distintos. O argumento de que a concentração brasileira havia sido permeada por bebidas, drogas e prostitutas apareceu como justificativa da derrota entre os comentários coletados, assim como o de que a França jogou muito melhor do que o Brasil. Para outros sujeitos, a resposta é simples: Ronaldo, a estrela do time, “amarelou”. A imagem dele é associada ao temor de entrar em campo, às dificuldades enfrentadas em momentos de decisão, que não condizem com a imagem de herói que vinha se construindo em torno de Ronaldo.

A tese da Nike foi defendida por vários sujeitos, para quem o título da Copa de 1998 foi vendido pelo Brasil. A derrota foi o preço que a seleção brasileira teve que pagar por deixar a patrocinadora conduzir os rumos do processo: “dispensou o verdadeiro talento (Romário) [...] e confiou mais no Marketing (Ronaldo)”.<sup>248</sup> Ronaldo aparece aqui como uma jogada de marketing, como um jogador mercenário, que aceita perder em troca de dinheiro. A idolatria em torno dele é questionada em outra manifestação, que defende a ciência e a educação, em detrimento do futebol, como lugares de engrandecimento do Brasil:

<sup>245</sup> STRESS, *Veja*, 29 de julho de 1998.

<sup>246</sup> Luizhenriquefernande. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

<sup>247</sup> Amapoorguy. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

<sup>248</sup> LordWindson. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

Será que um jogador de futebol pode ser mais importante que um cientista? Nada justifica toda essa idolatria em torno de Ronaldo, um mero jogador de futebol, não contribuindo em nada para o crescimento e engrandecimento do Brasil e, por conseguinte, não servindo de exemplo a ninguém. Precisamos de ciência e educação, e não de circo. É mister investir em nossos cientistas, concedendo-lhes a Ordem Nacional do Mérito, e não a um bando de jogadores que nada fizeram pelo país. Vladimir Antonini, Curitiba, PR.<sup>249</sup>

Apesar do protagonismo de Ronaldo na derrota da copa de 1998, houve também quem defendesse sua imagem de grande ídolo do futebol mundial. Ele é visto como “um dos maiores atacantes que o mundo já viu”,<sup>250</sup> como “o cara”.<sup>251</sup> Manifestações de carinho e admiração em relação ao jogador continuaram a acontecer após a Copa. Na França, quando indagada por um jornalista se Ronaldinho tinha passado na casa de repouso em que vive, uma simpática senhora respondeu: “Ronaldo? Não, meu filho. Se ele tivesse aparecido aqui eu o teria agarrado”.<sup>252</sup> De volta ao Rio de Janeiro, ao sair para jantar em um restaurante com a noiva, Ronaldo foi aplaudido à entrada e recebeu uma homenagem da casa: a sopa de frutos do mar que ele experimentara foi batizada com seu nome.<sup>253</sup>

#### 5.2.4 Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo

A individuação desse acontecimento revelou traços da imagem construída em torno de Ronaldo — antes e depois da derrota na final da Copa de 1998. Antes, Ronaldo é visto como um jovem craque, muito talentoso, capaz de jogadas belas e fascinantes que fazem jus ao título de melhor jogador do mundo. Ele tem o *timing* descrito por Hans Ulrich Gumbrecht como um dos fatores que despertam nosso fascínio pelo esporte: “a capacidade de fazer os movimentos certos na hora certa” (GUMBRECHT, 2007, p. 138).

A arrogância e o egoísmo são afastados dessa imagem: ele cria jogadas para gols de seus parceiros, sem querer defini-las isoladamente a qualquer custo. Apesar de todo seu talento e da fama conquistada, ele é visto como um sujeito humilde, simpático, maduro, tranquilo e confiante, responsável por afastar o ciúme e a inveja da seleção brasileira. É visto, assim, como um herói, um indivíduo extraordinário que se destacou na sociedade devido a seus *atos guerreiros* (CUNHA, 1986).

<sup>249</sup> STRESS, *Veja*, 29 de julho de 1998.

<sup>250</sup> rzo956. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

<sup>251</sup> Sharlescms. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

<sup>252</sup> ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE, *IstoÉ*, 22 de julho de 1998.

<sup>253</sup> REENCONTRO..., *Caras*, 24 de julho de 1998.

Se o herói está entre as divindades e os mortais, “é o mortal em processo de divinização” (MORIN, 1989, p. 26), com a derrota da seleção brasileira na final do mundial, o herói Ronaldo revelou seu lado mais humano. Como todos os mortais, ele erra, fracassa, tem limites, sente medo frente às dificuldades da vida. Seu talento, seu *timing*, suas desconcertantes jogadas não puderam ser vistos naquele jogo. Diferente de outros ídolos do futebol em Copas anteriores (como Garrincha e Pelé em 1958 e 1962), Ronaldo não conseguiu trazer o título para o Brasil. Os discursos aqui analisados também mostraram que, como ser humano, Ronaldo sofre por paixão e pode sucumbir frente a uma decepção amorosa — o que revela sua autenticidade, sua sinceridade, seu caráter.

Diferente da grande maioria dos mortais, ele tem milhões de dólares como patrimônio. Os interesses econômicos ligados, sobretudo, à sua patrocinadora (Nike) e a mentira também foram associados à imagem de Ronaldo após a derrota: ele estaria escondendo a verdade sobre o que acontecera antes daquele jogo fatídico ou teria vendido o resultado para a FIFA.

A paz, a família e a amizade são valores evidenciados e reivindicados por Ronaldo após o acontecimento. A perspectiva que se abre no campo de possíveis ali inaugurado é a de descanso, de um tempo vivido ao lado da noiva, de sua família e de seus amigos no Rio de Janeiro. Além disso, salienta-se também a determinação que motiva o jogador a não desistir de buscar o pentacampeonato para o Brasil. A derrota na Copa de 1998 abre, assim, um horizonte de expectativas para o herói-mortal Ronaldo, cuja trajetória enfrentará novos obstáculos nos quatro anos seguintes que o conduzem à celebração da vitória na Copa de 2002. É para esse acontecimento que nos voltamos a seguir.

### **5.3 A conquista do pentacampeonato na Copa de 2002**

A conquista do pentacampeonato pela seleção brasileira de futebol na Copa de 2002, realizada no Japão e na Coreia, é outro acontecimento importante na trajetória de Ronaldo. Em um movimento inverso ao da Copa de 1998, o jogador chega à Ásia desacreditado por muitos críticos e torcedores e, aos poucos, vai reconquistando a confiança do público. Na primeira fase da competição, o Brasil (comandado pelo técnico Luiz Felipe Scolari, o Felipão) venceu a Turquia (2 X 1), a China (4 X 0) e a Costa Rica (5 X 2). Em seguida, passou pela Bélgica (2 X 0), pela Inglaterra (2 X 1) e, novamente, pela Turquia (1 X 0) até chegar à grande final do mundial, realizada no dia 30 de junho de 2002, contra a

Alemanha. Neste último jogo, que consagraria o campeão mundial, Ronaldo faz dois gols, torna-se o artilheiro da Copa e um dos maiores atacantes da história do futebol. Realizaremos, na sequência, uma análise desse acontecimento, a partir da mesma grade utilizada nas duas seções anteriores.

### 5.3.1 Descrição

O jogo que encerraria a Copa do Mundo de 2002 foi anunciado como “a final mais esperada de todos os tempos”.<sup>254</sup> Isso porque um confronto entre Brasil e Alemanha em Copas não acontecia desde 1930 e seria também um duelo entre dois estilos de jogo: “o nosso time com o estilo criativo e talentoso e os alemães como legítimos representantes do futebol-força”.<sup>255</sup> Se “o que faz uma equipe ser vencedora é [...] o talento de seus craques”,<sup>256</sup> naquele jogo, o mundo estaria atento às estrelas de cada time. Na seleção brasileira, os holofotes se voltaram, sobretudo, para Ronaldo: será que ele reescreveria aquela triste história de quatro anos antes? Será que, finalmente, ele conseguiria ganhar uma Copa do Mundo e ajudar o Brasil a conquistar o pentacampeonato?

O desafio de Ronaldo frente à Alemanha foi descrito como “o jogo de sua vida”.<sup>257</sup> O jogador enfrenta esse desafio, faz os dois únicos gols da vitória sobre a seleção alemã, e o Brasil chega ao tão sonhado penta: “com o craque-herói Ronaldo num dia iluminado, o Brasil conquista o quinto título mundial, façanha que o coloca num patamar quase inalcançável”.<sup>258</sup> A seleção brasileira torna-se a única do mundo a vencer cinco Copas, marco que a distancia ainda mais das tricampeãs Alemanha e Itália. Os atletas brasileiros foram muito bem sucedidos em sua busca pela excelência, o *arete* de que fala Gumbrecht (2007). Os jogadores construíram um tipo de performance atlética que levou o Brasil a ultrapassar seus limites e superar, ainda mais, os outros países na excelência do futebol mundial.

Esse acontecimento impulsiona comparações com outros acontecimentos, assim como entre Ronaldo e outros jogadores de futebol. Como nas Copas da Suécia (1958), do Chile (1962), do México (1970) e dos EUA (1994), o Brasil levantou a taça de campeão do mundo na Copa do Japão/Coréia. No estádio em Yokohama, a seleção canarinho concluiu “a

<sup>254</sup> MARANHÃO, *Veja*, 03 de julho de 2002.

<sup>255</sup> ELES..., *IstoÉ*, 03 de julho de 2002.

<sup>256</sup> MARANHÃO, *Veja*, 12 de junho de 2002a.

<sup>257</sup> ALTMAN; PADILLA, *Época*, 01 de julho de 2002.

<sup>258</sup> MARANHÃO, *Veja*, 30 de junho de 2002.

maior epopéia futebolística já vivida por uma nação, coroando uma trajetória de 44 anos construída em Estocolmo, Santiago, Cidade do México e Los Angeles, palcos das inesquecíveis vitórias anteriores”.<sup>259</sup> Como estas, a vitória no Japão também é inesquecível. Diferente daquelas, no entanto, ela coloca o “Brasil numa posição insuperável”.<sup>260</sup>

A vitória em 2002 é muito distinta do fracasso na França. Se a Copa de 1998 frustrou o sonho do penta e, para muitos, apontou o fim da carreira de Ronaldo para o futebol, a conquista da seleção brasileira em Yokohama fez o atacante “nascer de novo”.<sup>261</sup> Até o posicionamento de Ronaldo ao longo da Copa foi diferente:

Na França, chegou a alugar um casarão nos arredores de Paris para a família e os agregados. Saía com a então namorada, a modelo Susana Werner, em todas as folgas. Agora ele está sozinho com a seleção. Sua mulher, a ex-jogadora Milene, antiga rainha das embaixadas, só aparecerá no Japão se o Brasil for à final. Para não desviar sua atenção das partidas, Ronaldo deixou de falar com os repórteres no dia anterior aos jogos, quando a seleção costuma fazer o reconhecimento do gramado em que irá atuar. Na saída para a chamada zona mista — a área criada pela Fifa na Copa de 1994 para as entrevistas, nas quais a passagem de Ronaldo, sempre de boné, provoca tumultos e gritarias —, o assessor de imprensa Rodrigo Paiva segue ao seu lado, segurando-lhe o braço, para ajudá-lo a escapar dos microfones.<sup>262</sup>

Com a atenção e a concentração voltadas para a conquista do título, Ronaldo, de fato, queria fazer daquela uma Copa diferente da anterior. Trocou as chuteiras e decidiu até mesmo mudar o corte de cabelo. Às vésperas do segundo jogo contra a Turquia, ele apareceu no treino “com um topete que lembra a meia-lua de um campo de futebol”,<sup>263</sup> sendo comparado aos famosos personagens de histórias em quadrinhos Cascão e Tintin. O resultado foi considerado, “no mínimo, duvidoso”,<sup>264</sup> mas trouxe uma aparência bastante peculiar a Ronaldo — muito distinta da careca que ele vinha exibindo e que marcou sua imagem na Copa de 1998.

Para o técnico Luiz Felipe Scolari, a mudança no corte foi um dos indícios da preparação do jogador para as disputas finais: “Ronaldo não me preocupava, porque há dois dias ele cortou o cabelo daquela forma esquisita. [...] Quando o atleta se prepara para um jogo de modo diferente, é porque ele tem condições e vai estar presente’.”<sup>265</sup> Posteriormente, em entrevista ao repórter Paulo César Vasconcelos (SporTV), Ronaldo esclarece que, na verdade,

<sup>259</sup> MARANHÃO, *Veja*, 30 de junho de 2002.

<sup>260</sup> MARANHÃO, *Veja*, 30 de junho de 2002.

<sup>261</sup> A VOLTA..., *Veja*, 30 de junho de 2002.

<sup>262</sup> MARANHÃO, *Veja*, 26 de junho de 2002a.

<sup>263</sup> ESSE TOPETE... *IstoÉ*, 03 de julho de 2002.

<sup>264</sup> RONALDO..., *Caras*, 28 de junho de 2002.

<sup>265</sup> ALTMAN; PADILLA, *Época*, 01 de julho de 2002.



aquilo “foi uma estratégia de marketing” para desviar a atenção da imprensa que tematizava insistentemente seus joelhos, suas cirurgias, suas dores.<sup>266</sup> E conseguiu: desviou o olhar do noticiário para seu corte de cabelo para, na sequência, fisgar a atenção do planeta com sua atuação nos dois jogos finais: “o mundo, enfim, está a seus pés”.<sup>267</sup>

Foi, então, com o novo penteado que ele fez o gol da vitória contra a Turquia (um gol de bico, “à la Romário”,<sup>268</sup> como Ronaldo declarou), os dois gols contra a Alemanha e se consagrou como o artilheiro isolado da Copa: “gênio. Fenômeno sim! E nosso maior professor. Ronaldo nos ensinou que viver um desafio só é impossível pra quem tem medo da luta”.<sup>269</sup> Emerge, aqui, a imagem do jogador como um guerreiro, que não teme as batalhas e os desafios da vida. Imagem essa que foi depois perpetuada pela música do *rapper* Marcelo D2:

Sou Ronaldo / Muito prazer em conhecer / Eu sou Fenômeno  
 Ronaldo Nazário dos campos / E quero muito agradecer a Deus  
 Por ter me escolhido no meio de tantos / Igual a todo brasileiro, eu sou  
 guerreiro  
 Às vezes caio, mas eu me levanto, mas eu me levanto / Sou Ronaldo.<sup>270</sup>

Ronaldo é, assim, o guerreiro, o escolhido por Deus para se consagrar na Copa de 2002. Afinal, um craque só se consagra definitivamente com “um desempenho estelar na Copa do Mundo. [...] é a Copa o único palco que separa os jogadores que entraram na moda daqueles que passam à história do futebol.”<sup>271</sup> Na consagração de Ronaldo, uma nova imagem do jogador é constituída, sintetizada na matéria de Renato Ribeiro da seguinte forma: “Do cabelo diferente aos pés prateados. Dos gols às comemorações. Essa é a nova imagem de Ronaldo: a do jogador que nas últimas sete partidas honrou o apelido que ganhou no futebol italiano e pelo qual deverá ser chamado para sempre: Fenômeno”.<sup>272</sup>

Com os oito gols que fez na Copa de 2002, o Fenômeno se igualou a Pelé em número de gols em Copas: 12. A comparação entre Ronaldo e outros jogadores brasileiros emergiu em vários discursos. Ronaldo é visto como “o sucessor de Romário”,<sup>273</sup> ídolo da Copa de 1994, que não participou da Copa de 1998 em virtude de uma contusão e, em 2002,

<sup>266</sup> RONALDO fala das dificuldades até a conquista da Copa de 2002. Adeus Fenômeno. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=f7WMqWd0rrI>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011

<sup>267</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>268</sup> SILVA; MARINI, *IstoÉ*, 03 de julho de 2002.

<sup>269</sup> BRASIL Pentacampeão. Crônica feita por Pedro Bial na final da copa do mundo de 2002. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dhjaXcNnqyc>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>270</sup> Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/marcelo-d2/564481/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2011. Essa música embala inúmeros vídeos sobre Ronaldo disponíveis no youtube.

<sup>271</sup> MARANHÃO, *Veja*, 26 de junho de 2002a.

<sup>272</sup> TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002. Matéria de Renato Ribeiro. 30 de junho de 2002.

<sup>273</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

não foi convocado por Scolari, sob inúmeros protestos da torcida e dos críticos brasileiros. Ronaldo é considerado o herdeiro do tricampeão (1958, 1962, 1970) Edson Arantes do Nascimento no trono de rei do futebol do planeta: “Pelé fez de tudo no futebol. Ronaldo ainda precisa exhibir outros troféus. Mas para as novas gerações ele é, sim, um deus da bola”,<sup>274</sup> “em Yokohama, o rei Pelé dependurou a medalha no pescoço de um legítimo sucessor, Ronaldo Nazário, talvez o mais heróico de todos os jogadores que já vestiram a camisa amarela”.<sup>275</sup> Ele é visto como um exemplo de superação para o mundo:

Nenhum outro pentacampeão do mundo pode dizer que conhece o significado da palavra superação mais do que Ronaldo. Esta foi a Copa dele. Foi a volta por cima como artilheiro. A consagração. Pra nós, ele sempre foi o Fenômeno. Depois deste domingo, o mundo também não tem mais dúvida disso.<sup>276</sup>

É essa a imagem predominante que emerge de Ronaldo com este acontecimento: a de um deus da bola, um exemplo de superação, a do herói, que redimiu o Brasil e a si mesmo da culpa pelo fracasso na Copa da França e regressou ao país “como herói eterno dos brasileiros”.<sup>277</sup> Essa consagração de Ronaldo como o herói que passa por inúmeras provações e consegue se superar também emerge na crônica de Luis Fernando Veríssimo:

Mesmo um mau roteirista hesitaria em escrever uma história de superação pessoal e reversão de adversidade, com todos os chavões do gênero “volta por cima”, que nem Hollywood aceitaria mais, como a do Ronaldo. Uma história piegas e improvável que, no entanto, aconteceu e foi o grande tema dramático desta Copa. Ronaldo imitou a trajetória clássica do herói mitológico que desce ao inferno e volta para refazer a história. Voltou do abismo para refazer a final de 1998 na França. É o primeiro mortal real a conseguir retornar no tempo para corrigir sua própria biografia (VERÍSSIMO, 2010, p. 90).<sup>278</sup>

A trajetória de Ronaldo poderia ser comparada, assim, a um roteiro hollywoodiano, com elementos melodramáticos e heroicos tão característicos do gênero. Como um guerreiro extraordinário (CUNHA, 1986), visto até mesmo como o aríete do técnico Felipão,<sup>279</sup> o jogador redimiu a sociedade e se converteu no “mortal em processo de divinização” (MORIN, 1989, p. 26). Ronaldo lutou e se destacou em uma conquista coletiva, o que ele mesmo faz questão de evidenciar: “hoje, Deus me reservou esse momento maravilhoso. Ganhar uma Copa do Mundo. Fazer dois gols, o que deu o título ao

<sup>274</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>275</sup> MARANHÃO, *Veja*, 30 de junho de 2002.

<sup>276</sup> TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002. Matéria de Fátima Bernardes. 30 de junho de 2002.

<sup>277</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>278</sup> Essa construção heróica da trajetória de Ronaldo também é discutida por Helal (2003).

<sup>279</sup> ALTMAN; PADILLA, *Época*, 01 de julho de 2002.

Brasil. Mas o título é do grupo. Foi emocionante, o grupo é maravilhoso”.<sup>280</sup> Ele destaca, assim, a dimensão coletiva e partilhada daquela vitória, que, no entanto, o projetou também como um ídolo individual. O jornalista Ancelmo Gois (no programa *De lá pra cá*, da TV Brasil) situou a origem do penta no início da carreira de Ronaldo como jogador de futebol: “Pode-se dizer que o quinto título brasileiro em Copas do Mundo começou aqui. Neste modesto clube carioca. O São Cristóvão revelou Ronaldo Fenômeno, que fez a diferença nos campos da Coréia e do Japão”.<sup>281</sup>

Para Ronaldo, só o fato de voltar a jogar e fazer gols já seria uma felicidade. Os gols são, para ele, a marca do sucesso: “o normal para mim é fazer gols. [...] Quando saio de campo sem marcar, sinto que fracassei”.<sup>282</sup> Na Copa de 2002, apesar de não ter feito gol no jogo contra a Inglaterra, não se pode dizer que o ídolo fracassou. Ao contrário, voltou ao Brasil “como o novo ídolo indiscutível”.<sup>283</sup> Ídolo que, como outros brasileiros excepcionais, saiu de uma infância pobre e se tornou dono de uma fortuna surpreendente.<sup>284</sup> Ídolo que, diferente de tantos outros jogadores, “cultiva a imagem de bom moço e passa longe das encrencas e dos achaques em que outros medalhões do futebol costumam enroscar-se”.<sup>285</sup> Ronaldo

superou episódios espinhosos, como a indignação da opinião pública brasileira quando comprou uma Ferrari de 400 000 reais e torrou 20 000 reais em bugigangas importadas nas lojas de Ciudad del Este, no Paraguai. Também saiu com a reputação incólume de um escândalo alimentado pela imprensa sensacionalista italiana, em que era vinculado a uma rede de prostituição e tráfico de drogas na Itália, em 1999. O Ronaldo idolatrado pelos torcedores é o rapaz que nasceu no subúrbio de Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, e fatura mais de 15 milhões de dólares por ano.<sup>286</sup>

Como foi discutido ao longo dessa seção, o quadro predominante que define esse acontecimento é o da superação, da conquista e da consagração de Ronaldo como um herói. Um herói que soube enfrentar obstáculos e superá-los, que já revelou seu lado humano e também sua dimensão divina. Um herói que se consagrou por seu talento e seu desempenho dentro de campo e se inscreveu na história do futebol mundial. Esse acontecimento impulsiona a construção de um passado e aponta desdobramentos, o que será analisado a seguir.

<sup>280</sup> *Fantástico*, 30 de junho de 2002.

<sup>281</sup> COPA de 2002 (1/2) - De Lá Pra Cá - 27/06/2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IS9uquKPgag>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>282</sup> PADILLA; ALTMAN, *Época*, 24 de junho de 2002.

<sup>283</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>284</sup> TEICH, *Veja*, 10 de julho de 2002.

<sup>285</sup> A VOLTA..., *Veja*, 30 de junho de 2002.

<sup>286</sup> A VOLTA..., *Veja*, 30 de junho de 2002.

### 5.3.2 Narração

O passado construído em relação à conquista do pentacampeonato deve ser analisado aqui a partir de dois eixos: a seleção brasileira e a atuação de Ronaldo. O time canarinho chega à Copa do Mundo de 2002 muito criticado tanto por parte da torcida como de jornalistas e comentaristas esportivos. A fraca atuação na fase de eliminatórias do mundial, que culminou em uma classificação apertada depois de seis derrotas, impulsionou a desconfiança em relação à seleção tetracampeã, e o Brasil não figurava entre os times favoritos à conquista da taça. As escolhas do técnico Luiz Felipe Scolari também foram questionadas pelo público: por um lado, a não convocação de Romário, ídolo da conquista do título nos EUA, e por outro, a escolha de jogadores que haviam sofrido lesões, como Rivaldo e Ronaldo. É preciso compreender que passado da história desse jogador se configura em relação ao acontecimento.

A derrota vexatória para a França na final da Copa anterior ainda pesava sobre os ombros de Ronaldo. Havia a suspeita e o temor de que outra crise misteriosa abalasse o jogador novamente. Além disso, o Fenômeno sofrera graves contusões no joelho que impulsionaram dúvidas em relação a seu futuro no futebol. A primeira lesão ocorreu em novembro de 1999 e levou o atleta a uma cirurgia no joelho direito e a cinco meses de recuperação. O aguardado retorno, no entanto, trouxe

um novo suplício público em abril de 2000, quando o ligamento do joelho direito se rompeu em plena final do campeonato italiano. O craque urrou de dor e rolou pelo gramado do Estádio Olímpico de Roma, enquanto os torcedores, perplexos, assistiam a tudo mergulhados num silêncio aterrador. Foi operado e permaneceu dezessete meses afastado das partidas oficiais, período em que enfrentou infindáveis sessões de fisioterapia para a perna doente e muita frustração. O quadro era dramático, e alguns médicos especularam que Ronaldo jamais voltaria a jogar como antes.<sup>287</sup>

O jogador, novamente, era colocado sob suspeita, depois de um longo período de recuperação e ansiedade por seu retorno aos campos.<sup>288</sup> Esses receios em relação à capacidade de recuperação de Ronaldo não partiam apenas de médicos, mas também de técnicos, ex-jogadores e comentaristas. Até mesmo o técnico do clube em que jogava na época (o Inter de Milão), Hector Cúper, manifestou suas dúvidas ao deixar o jogador no

<sup>287</sup> A VOLTA..., *Veja*, 30 de junho de 2002.

<sup>288</sup> Uma análise da cobertura da imprensa acerca desse aguardado retorno de Ronaldo aos campos, a nova contusão e o pós-operatório do jogador foi realizada por Fausto Neto (2000). O autor enfocou as diferentes estratégias discursivas utilizadas pelo jornalismo para construir os significados em torno da imagem de Ronaldo naquele momento — como o uso de especialistas do campo médico para construir um discurso autorizado e as disputas de sentido entre os diferentes campos de saberes.

banco de reservas, apesar da liberação pelos médicos, pouco antes da Copa.<sup>289</sup> Uma patrocinadora do jogador (Nike) também pode ser situada nesse grupo que desconfiava da recuperação de Ronaldo, já que optou “por deixar seu astro dois anos na geladeira”.<sup>290</sup> Mesmo depois de “dois anos e meio de via crucis”, Ronaldo era visto como “bichado, acabado para o futebol, aleijado irre recuperável”.<sup>291</sup>

A persistência e a determinação de Ronaldo foram reconhecidas por aquele que tinha o poder de decidir sobre sua convocação para o time que representaria o Brasil na Copa de 2002: o técnico Luiz Felipe Scolari. Como destaca Gutterman, a “teimosia de Scolari o fez apostar em Ronaldo”; “o técnico o convocou para a Copa, a despeito da onda de críticas — ninguém acreditava que o craque pudesse estar recuperado para uma disputa tão importante” (GUTTERMAN, 2009, p. 256). Assim, na contramão dos críticos, Felipão decidiu convocar o jogador apesar de este não “ter conseguido jogar uma partida inteira”.<sup>292</sup> Outra figura importante naquele momento foi o fisioterapeuta Nilton Petrone, o Filé: “contratado pela Inter a pedido de Ronaldo, Filé mudou-se para Milão, onde acompanhou todo o calvário do craque nesses dois anos. ‘Eu sempre acreditei na recuperação dele’, diz Filé”.<sup>293</sup> Ao lado da família de Ronaldo, Felipão e Filé foram os alicerces no apoio à recuperação do jogador e na confiança de que ele retornaria ao futebol.

Nos primeiros jogos, ainda pairavam dúvidas em relação ao jogador, que tinha apenas “relâmpagos do fenômeno que encantou o mundo”.<sup>294</sup> A partir da segunda fase, depois do jogo contra a Costa Rica, ele começa a ser posicionado de uma maneira diferente:

[Ronaldo] finalmente começa a exibir de novo a magia e a eficiência de seu futebol arrasador. Vem provando que não tem medo de colocar o pé em divididas e continua com o faro de gol apuradíssimo. Acima de tudo, ele está com espírito vencedor. [...] recuperou a alegria de jogar, estampada no sorriso que ilumina seu rosto dentro e fora de campo. “Ainda há umas coisinhas para consertar, mas minhas condições melhoram a cada jogo”, afirma.<sup>295</sup>

Entretanto, ele não deixaria de ser alvo de críticas. No jogo contra a Inglaterra, o “camisa 9 da Inter de Milão fez uma partida modesta, recebeu raros passes e deu apenas dois

<sup>289</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>290</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>291</sup> BRASIL Pentacampeão. Crônica feita por Pedro Bial na final da copa do mundo de 2002. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dhjaXcNnqyc>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>292</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>293</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>294</sup> MARANHÃO, *Veja*, 19 de junho de 2002.

<sup>295</sup> MARANHÃO, *Veja*, 19 de junho de 2002.

chutes certos — mas com cinco gols já marcados quer a artilharia do mundial”.<sup>296</sup> A imprensa destacou a atuação valente, a raça e a técnica da seleção naquele jogo, apesar da má atuação do Fenômeno: “tudo foi superado com garra, emoção e algumas atuações brilhantes. Ronaldo Fenômeno não se encontrou em campo, mas seu dia de infelicidade foi compensado pelo excelente desempenho” de outros jogadores.<sup>297</sup> De qualquer forma, as dúvidas em relação à forma física do jogador iam aos poucos se dissipando. Após o jogo contra a Turquia, as eventuais desconfianças se dissiparam de vez:

na nossa seleção, o destaque maior é mesmo Ronaldo. Depois de passar dois anos empenhado na sofrida recuperação da contusão do joelho direito, o Fenômeno chegou à Copa longe de suas melhores condições físicas e sob a desconfiança da torcida. Por pouco não enfrentou a Turquia por causa de dores musculares. Teve uma atuação apagada no primeiro tempo e deixou escapar bolas fáceis em dois ou três lances, a ponto de levar comentaristas de rádio e tevê a defender de forma veemente a sua substituição no intervalo.<sup>298</sup>

Foi no segundo tempo que saiu o gol de bico de Ronaldo, o único da partida e responsável pela classificação do Brasil para a final do mundial: “Ronaldinho leva o Brasil pra final da Copa”.<sup>299</sup> Para o jornalista esportivo Marcelo Barreto, esse tipo de gol, com a ponta da chuteira, “plasticamente, pode não ser a jogada mais bonita”, mas “é um gol da inteligência do jogador”.<sup>300</sup> E foi o gol da classificação brasileira, o que impulsionou o *fascínio* de torcedores e da imprensa em relação a ele: aquele “fenômeno que paralisa os olhos, algo que atrai constantemente”, tal como descreve Gumbrecht (2007, p. 20) em seu elogio da beleza atlética. Apesar de esse autor considerar que nosso fascínio pelo futebol e a beleza desse esporte não estão apenas no gol, esse de Ronaldo (e da garantia da presença brasileira na final do mundial) pode ser visto sim como uma jogada bonita, ou mais que isso, como uma *espécie de epifania*: “essa aparição inesperada de um corpo no espaço, que de repente assume uma bela forma que se dissolve de maneira tão rápida e irreversível” e que é a fonte da alegria que sentimos ao assistir a um evento esportivo (GUMBRECHT, 2007, p. 46).

Depois de sua jogada bela e inteligente e de “deixar os companheiros na cara do gol em pelo menos duas oportunidades, [Ronaldo] foi substituído por Edílson e saiu de campo ovacionado”.<sup>301</sup> Com essa classificação, o jogador já se considerava um vencedor: depois de aprender a conviver com tanto sofrimento, “meu pesadelo terminou. Ganhando ou perdendo,

<sup>296</sup> PADILLA; ALTMAN, *Época*, 24 de junho de 2002.

<sup>297</sup> FRUET *et al*, *IstoÉ*, 26 de junho de 2002.

<sup>298</sup> ELES... *IstoÉ*, 03 de julho de 2002.

<sup>299</sup> *Jornal Nacional*, 26 de junho de 2002.

<sup>300</sup> COPA de 2002 (2/2) - De Lá Pra Cá - 27/06/2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IS9uquKPgag>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>301</sup> SILVA; MARINI, *IstoÉ*, 03 de julho de 2002.

minha vitória foi voltar a jogar futebol. [...] Toda esta Copa tem sido para mim uma superação, jogo a jogo”.<sup>302</sup> Nos momentos que antecederam à final, o narrador esportivo Galvão Bueno também destacou essa superação de Ronaldo e os valores que a impulsionaram: “Ronaldinho, estrela do time brasileiro. Uma pessoa especial. Um garoto de uma força de vontade, de uma determinação que é realmente impressionante”.<sup>303</sup>

A consagração definitiva da estrela da seleção viria na decisão do mundial, com os dois gols de Ronaldo, a conquista do pentacampeonato para o Brasil e da artilharia da Copa. Com essa vitória, “Ronaldo estava entrando num território que ia muito além das dimensões de uma simples partida de futebol” (CALDEIRA, 2002, p. 12). Destacam-se o talento, a magia e a eficiência do futebol do Fenômeno, que “não teve receio de entrar em jogadas duras e continuou perseguindo o gol com o faro e o empenho aguçado dos primeiros anos de carreira. Foi o que fez duas vezes, mostrando superioridade sobre o mito alemão, o goleiro Oliver Kahn”.<sup>304</sup> Com a emergência do acontecimento, o passado é revisitado, evidenciando as mudanças na trajetória de Ronaldo, que foi “do pesadelo ao paraíso, em quatro anos”,<sup>305</sup> e as transformações no modo como a imagem dele era descrita antes e depois da Copa. Toda a angústia e a solidão de sua dolorosa e lenta recuperação cediam espaço “a outro presente, outro Ronaldo”.<sup>306</sup>

Ronaldo foi dado como acabado. Sofreu uma convulsão horas antes da final de 1998 na França, em que o time da casa goleou o Brasil por 3 a 0. Depois viria o pior. O mundo inteiro viu seu joelho se desmanchar diante das câmeras de televisão num jogo do campeonato italiano, em que defendia a Internazionale de Milão. No domingo em Yokohama, Ronaldo fez os dois gols que deram aos brasileiros sua maior alegria esportiva e consagrou-se para sempre como um herói nacional.<sup>307</sup>

O acontecimento abre, assim, um futuro no qual Ronaldo é visto como um herói, que venceu as dificuldades, apesar de todo sofrimento, e se consagrou como “o craque do time”.<sup>308</sup> Um craque que merece descanso. Ele chega a pensar em viajar do Japão direto para o Havaí com a esposa, Milene Domingues, mas desistiu, depois de ser “alertado por amigos para a inevitável decepção dos brasileiros com sua ausência na festa da chegada”.<sup>309</sup> E foi, de fato, uma grande festa. Ronaldo e toda a seleção desembarcaram

<sup>302</sup> MARANHÃO, *Veja*, 03 de julho de 2002.

<sup>303</sup> TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002 (fragmentos do jogo). 30 de junho de 2002.

<sup>304</sup> A VOLTA..., *Veja*, 30 de junho de 2002.

<sup>305</sup> TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002 (fragmentos do jogo). 30 de junho de 2002.

<sup>306</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>307</sup> MARANHÃO, *Veja*, 30 de junho de 2002.

<sup>308</sup> MARANHÃO, *Veja*, 26 de junho de 2002b.

<sup>309</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

em Brasília, onde receberam a medalha da Ordem Nacional do Mérito. A alegria e o espírito brincalhão do Fenômeno não pouparam nem o presidente Fernando Henrique Cardoso, “ao fingir ter sido espetado pelo alfinete da medalha”.<sup>310</sup> No Rio de Janeiro, o grupo também foi recebido por uma multidão que acompanhou a carreta ao som de *Deixa a vida me levar*, de Zeca Pagodinho, e *Festa*, de Ivete Sangalo.

Às 2h da madrugada, os craques, exaustos, pediram para encerrar o passeio na praia de Botafogo, sem passar por Copacabana, onde o povo entupia a avenida Atlântica. Mal entraram no ônibus da CBF, torcedores revoltados atiraram pedras no grupo. Do Rio, ainda seguiram para São Paulo, onde a comemoração acabou às 6h da manhã de quarta-feira 3 no sambódromo.<sup>311</sup>

De volta ao Rio, os desdobramentos mais imediatos do acontecimento para Ronaldo incluem descanso, comemorações, presentes e passeios com a família e os amigos. Ele se deu de presente um BMW, avaliado em 260 mil reais — o que não é muito tendo em vista o salário anual do jogador. “Em junho de 1999, fora duramente criticado por circular pelo Rio com uma Ferrari de R\$ 560 mil, que acabou vendendo. Hoje, após o penta, é perdoado de qualquer ostentação. Até porque a aquisição embute uma ironia. O BMW é alemão”.<sup>312</sup> Depois de um breve descanso, o jogador decidiu “relaxar praticando golfe, seu *hobby* preferido, no Gávea Golf & Country Club, em São Conrado, no Rio. [...] como não poderia deixar de ser, foi descoberto por fãs e, entre uma e outra tacada, distribuiu diversos autógrafos para funcionários e associados do clube”.<sup>313</sup> Também foi a uma pizzaria com amigos, entre eles, o apresentador de TV Luciano Huck, a quem declarou: “Não guardo mágoa de ninguém. Quero olhar para a frente e ser eleito mais uma vez o melhor jogador do mundo”.<sup>314</sup>

Esse é outro desdobramento importante desse acontecimento. Em 17 de dezembro de 2002, Ronaldo é eleito pela FIFA (pela terceira vez) o melhor jogador do mundo daquele ano. Além disso, recebe os prêmios de artilheiro da Copa, com oito gols, e de segundo melhor jogador do mundial, atrás apenas de Oliver Kahn, o goleiro alemão que, ironicamente, sofrera dois gols de Ronaldo no jogo decisivo. Em entrevista à jornalista Fátima Bernardes para o *Jornal Nacional*, logo após a entrega do prêmio em Madri, ao ser indagado acerca de sua exigência consigo mesmo, Ronaldo declara: “isso só me ajuda a buscar melhores

<sup>310</sup> ALVES FILHO, *IstoÉ*, 10 de julho de 2002a.

<sup>311</sup> ALVES FILHO, *IstoÉ*, 10 de julho de 2002a.

<sup>312</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>313</sup> FÉRIAS..., *Caras*, 12 de julho de 2002.

<sup>314</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.



resultados”.<sup>315</sup> Emerge aqui o *arete* como componente essencial da performance atlética, tal como descrito por Gumbrecht (2007): a busca pela excelência que faz com que Ronaldo teste e desafie seus limites na construção de seu desempenho como jogador.

Essa busca pela excelência continuará sendo perseguida por Ronaldo nos anos posteriores. Após o mundial em 2002, ele é transferido para o Real Madrid (Espanha), em uma negociação de cerca de 40 milhões de euros, e passa a fazer parte do grupo conhecido por “galácticos”, formado por jogadores excepcionais que se reuniram no clube espanhol durante um período. Na Copa de 2006, apesar da precoce eliminação do Brasil e das críticas em relação à má forma física do jogador, ele faz mais três gols e se consagra como o maior artilheiro da história das Copas do Mundo, com 15 gols, posto que mantém até hoje. O Rei Pelé, de fato, perdeu seu trono de maior artilheiro brasileiro em mundiais.

Além de tematizarem esse futuro do acontecimento, os discursos que trataram da conquista do pentacampeonato brasileiro em 2002 convocaram os sujeitos a se posicionar em relação a essa conquista e a seu grande herói, com repercussões em todo o mundo. É para essas questões que nos voltamos na próxima seção.

### 5.3.3 Pano de fundo pragmático

A conquista do pentacampeonato foi noticiada pela imprensa nacional e internacional, que destacou a capacidade de superação e recuperação de Ronaldo, além da posição consolidada pelo Brasil no cenário internacional de futebol. Os jornais de todo o mundo “se renderam ao retorno do mito. ‘O Brasil pentacampeão é o Brasil de um Ronaldo sublime’, publicou o espanhol *El País*. ‘O futebol é justo e devolveu o sorriso a um craque que passou dois anos longe dos campos’, assinalou a revista italiana *Panorama*”.<sup>316</sup> Jorge Caldeira (2002) também destaca manchetes daquele momento: “‘Ronaldo esmaga a Alemanha’, era a manchete do *Die Welt* alemão; ‘Dobradinha de Ronaldo, Brasil campeão’, a da *Gazzetta dello Sport* italiano; ‘Rei dos Reis do Futebol’, ungiu o *Marca* espanhol.” (CALDEIRA, 2002, p. 16). Ronaldo mostrou que sua imagem tem como lastro seu talento, sua habilidade em campo, reconquistada com muita persistência e determinação:

Para o publicitário Lula Vieira, Ronaldo espantou de vez o falso estigma de ser “apenas um produto de marketing”. Vieira lembra que o jogador foi para o exterior ainda muito jovem, sem conquistar títulos expressivos no Brasil, e só lá fora virou o “Fenômeno”. Antes do pentacampeonato, a principal

<sup>315</sup> *Jornal Nacional*, 17 de dezembro de 2002.

<sup>316</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

lembrança que deixara na torcida brasileira era a da convulsão, seguida do fracasso de 1998. “Havia a suspeita de que ele era apenas uma embalagem”, diz o publicitário. “Agora, provou que tem conteúdo, conquistou algo que foi visto por todos”.<sup>317</sup>

Essa imagem de Ronaldo, que expressa a própria vitória da seleção, suscitou identificações e projeções no público e se mostrou muito sedutora e rentável: “que a imagem de Ronaldo é capaz de vender qualquer produto, ninguém mais tem dúvida. Até o estranho topete lançado pelo atacante foi imitado por crianças e jovens de todo o Brasil. Depois da consagração em Yokohama, crianças em Bangladesh foram flagradas aderindo ao modismo”.<sup>318</sup> Para muitos admiradores, ter o mesmo corte de cabelo do ídolo pode representar um caminho para a conquista do mesmo sucesso, da mesma trajetória heroica.

Os internautas que se manifestaram no Youtube expressam diferentes opiniões em relação à seleção brasileira e à atuação de Ronaldo na Copa de 2002. Destaca-se o lindo estilo de jogo daquele time, além da qualidade de seus jogadores, considerados gênios, ídolos, mitos. A ginga, a ousadia, a raça e a determinação marcavam esse estilo dos jogadores, que lutavam para fazer história e jogavam por amor à pátria e ao futebol. É a melhor seleção dos últimos tempos, inesquecível, que despertou emoção de verdade e orgulho na torcida brasileira. Era mesmo uma família (a Família Scolari, como ficou conhecida aquela seleção). Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho são vistos como um trio genial por vários internautas. São os grandes astros do futebol brasileiro, que fizeram toda diferença naquela Copa e merecem homenagens.

Mas houve também quem considerasse que o Brasil conquistou o penta não por sua qualidade técnica, mas porque teria comprado o juiz para atuar a favor da seleção canarinho. Houve, ainda, quem considerasse que a seleção brasileira venceu, sobretudo, por conta dos erros da defesa adversária na final contra a Alemanha. E até mesmo um internauta que questiona a importância do futebol na cultura nacional. Entretanto, essas vozes são minoritárias no universo pesquisado.

O público se divide ao comparar a conquista de 2002 com as outras vitórias da seleção brasileira. A conquista no Japão, apesar de linda, não se igualou à Copa de 1994, na visão de um dos manifestantes. Para outro internauta, o time de 2002 se igualou ao que trouxe o tricampeonato para o Brasil em 1970. De qualquer forma, é possível perceber a importância das Copas (e do futebol) na sociedade brasileira, afinal, “futebol é a nossa cultura”.<sup>319</sup> A

<sup>317</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>318</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>319</sup> batutaum. Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

vitória do Brasil faz com que os brasileiros sintam orgulho do país em que nasceram, e a de 2002 proporcionou a um dos internautas “o melhor dia” de sua vida.<sup>320</sup> O futebol chega a ser visto como responsável pela “única alegria de ser brasileiro”.<sup>321</sup>

Há, em vários momentos, uma personalização da seleção no agradecimento por parte do público: valeu Ronaldo e Companhia.<sup>322</sup> A centralidade e o protagonismo de Ronaldo na conquista do pentacampeonato emergem em inúmeras manifestações, afinal, ele, mesmo “sem joelho, é melhor que todo mundo”.<sup>323</sup>

Na grande maioria das manifestações, Ronaldo emerge como um grande jogador, um ídolo eterno, um verdadeiro fenômeno, inigualável, um herói cuja atuação na Copa de 2002 deixou saudades e lembranças muito felizes. Ele é visto como um patrimônio nacional, afinal é o “nosso” Ronaldo Fenômeno,<sup>324</sup> que ultrapassa as barreiras dos times e suscita a admiração do público independente do clube para o qual joga. Ele é o craque, o rei, o pesadelo dos goleiros;<sup>325</sup> é “o cara”,<sup>326</sup> “o melhor de todos os tempos”,<sup>327</sup> melhor que o argentino Maradona ou Pelé.<sup>328</sup> Para outros internautas, ele não supera o Rei do futebol, sendo considerado o melhor jogador depois da Era Pelé. Aqueles que não reconhecem a importância de Ronaldo para o Brasil são vistos como “malditos ingratos”.<sup>329</sup> Esse impulso de gratidão é evidenciado por Gumbrecht em sua análise da performance atlética. Mas, para o autor, essa gratidão é intransitiva, não é dirigida a um ou outro ídolo, mas é uma “gratidão para com a vida” (GUMBRECHT, 2007, p. 177). Em diferentes discursos (de torcedores e da mídia), no entanto, o agradecimento emerge em vários momentos de modo personalizado, dirigido ao ídolo que trouxe glórias e alegrias ao time.

Além de suas habilidades como jogador, como a velocidade, destacam-se suas características como pessoa: ele é um cara “humilde, gente fina”.<sup>330</sup> Ele é visto, ainda, como um incrível exemplo de superação: depois das várias cirurgias, “ser o dono da copa que deu o penta pro Brasil tinha que ser o Ronaldo”.<sup>331</sup> Ele é “um guerreiro”, “nosso professor”, parabenizado pela torcida pelo exemplo de superação que deu para todos os brasileiros; é um

<sup>320</sup> guifarina1. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>321</sup> linkinms. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>322</sup> marciiofiel1010. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>323</sup> mendietinha. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>324</sup> 9796douglas. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>325</sup> DiscoDiscoDarius. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>326</sup> azuprinado. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>327</sup> 96588871. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>328</sup> ElMadridist. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>329</sup> raladovandal. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>330</sup> lspicikotic. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>331</sup> jhulyer. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

ícone “do futebol, que tem muito a brilhar”.<sup>332</sup> Ele enfrentou as críticas e as desconfianças e “calou a boca do mundo todo trazendo o penta” para o Brasil.<sup>333</sup>

Entretanto, emergem também críticas em relação a essa visão de protagonismo de Ronaldo na conquista do pentacampeonato: “engraçado como o Ronaldo levou todo o crédito, eles esquecem que a maioria foi assistência do Roberto Carlos, Rivaldo e Ronaldinho”.<sup>334</sup> Ele tampouco é unanimidade na eleição do melhor jogador do time brasileiro e do mundial por parte do público. Para muitos, seu companheiro de ataque, Rivaldo, que também chegou desacreditado à Copa de 2002, foi o melhor em campo, o craque do penta: Ronaldo ajudou bastante, mas não superou Rivaldo na seleção brasileira.<sup>335</sup> Membros do público também elegem o goleiro Marcos como o melhor do time, por suas defesas sensacionais, espetaculares e consideradas, muitas vezes, impossíveis; destacam o papel de Ronaldinho Gaúcho, de Roberto Carlos, do reserva Denilson e também do técnico Luiz Felipe Scolari.

Esses posicionamentos dos internautas participam da construção da imagem pública de Ronaldo, evidenciam valores que se destacam no comportamento do jogador, os quais solidificam a sua imagem de herói — o que será discutido a seguir.

#### *5.3.4 Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo*

Assim como na análise da Copa de 1998, a individuação deste acontecimento revela traços da imagem de Ronaldo que devem ser pensados antes e depois da conquista de 2002. Antes, o jogador era associado ao fracasso no mundial anterior, era um mortal que expressou toda sua fragilidade na final contra a França. Um mortal que teve que enfrentar contusões e cirurgias, mas lutava com otimismo, determinação, persistência, dedicação, força de vontade, perseverança, exigência e muito desejo de jogar bola para voltar aos gramados. Entretanto, estava desacreditado, visto como bichado, incapaz de jogar como antes. Mas ele pôde contar com o amor da família, o apoio do fisioterapeuta Filé e a confiança de Scolari para dar a volta por cima.

Depois da conquista do pentacampeonato, ele se consagra como o grande herói do penta — mesmo que na visão de alguns brasileiros seja preciso dividir as glórias dessa conquista com o técnico e com os demais jogadores, sobretudo, com Rivaldo. O próprio

<sup>332</sup> BiaoCristina. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>333</sup> renanttp. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>334</sup> sasukedetona. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>335</sup> nfsman10. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

Ronaldo salienta que a vitória foi do grupo, destacando a união e a solidariedade na atuação dos jogadores. O herói Ronaldo manifesta com esse acontecimento seu lado mais divino: é o deus da bola, o fenômeno, o gênio, inigualável, insuperável. É o herói que se consagra como um exemplo de superação: enfrentou inúmeros obstáculos (não apenas as contusões e cirurgias, mas também as críticas e desconfianças do público), mas provou ao mundo que era capaz de jogar futebol novamente. Como lembra Ronaldo Helal, a narrativa clássica do herói fala justamente disso: “de superação de obstáculos, redenção e glória” (HELAL, 2003, p. 107).

Ronaldo recuperou o *timing*, “a capacidade de fazer os movimentos certos na hora certa” (GUMBRECHT, 2007, p. 138), e fez os três únicos gols das duas últimas partidas da seleção brasileira. Não apenas com suas finalizações, mas com sua inteligência e outras belas jogadas, despertou o fascínio do público por seu talento e foi, mais uma vez, alçado ao lugar de melhor jogador do mundo. Foi muito bem sucedido em sua busca por excelência (o *arete*, de que fala Gumbrecht) na construção de sua performance atlética: é um dos três únicos jogadores a receber esse título concedido pela FIFA por três vezes (feito que ele divide com o franco-argelino Zinedine Zidane e com o argentino Lionel Messi). E, na Copa de 2006, conquistou o posto de maior artilheiro da história das Copas, com 15 gols, quebrando mais um recorde.

No desempenho de Ronaldo dentro de campo, são destacados o seu senso de oportunidade na criação de jogadas e, sobretudo, seu jeito alegre de jogar. Na relação com os outros jogadores, evidenciam-se, além da alegria e da descontração contagiantes, a amizade e o sentimento de proteção em relação aos jogadores mais novos. Outros traços de sua personalidade como sujeito são evidenciados, como a humildade, a simpatia e a solidariedade. Ele auxilia financeiramente instituições de caridade, sem conferir publicidade ao gesto, que vazou para a imprensa em divulgação da CBF.<sup>336</sup> Ele é visto como o bom moço de Bento Ribeiro, que luta pela paz e em prol dos menos favorecidos (como ele mesmo fora no passado). Ele recuperou “o carisma que difundia pelo planeta antes da contusão”.<sup>337</sup>

Ronaldo tem carisma. Ele apresenta como “dons específicos do corpo, [...] não acessíveis a todos” (WEBER, 1982a, p. 171) suas habilidades técnicas para jogar futebol: sua velocidade, suas arrancadas, seus dribles. Enfim, ele é capaz de realizar determinados movimentos corporais que despertam o fascínio do público (GUMBRECHT, 2007). Além disso, Ronaldo também apresenta “dons específicos [...] do espírito” (WEBER, 1982a, p.

---

<sup>336</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

<sup>337</sup> VIEIRA, *Época*, 08 de julho de 2002.

171), igualmente não acessíveis a todos, como sua inteligência, sua capacidade de superação, seu heroísmo. Acreditamos que são esses dons (do corpo e do espírito) que despertam a *devoção afetiva* (WEBER, 1979) do público em relação a Ronaldo.

Entretanto, a devoção conquistada por ele só é mantida a partir dos modos como o público se posiciona em relação ao líder carismático em determinado contexto social. Esses dons e os valores que Ronaldo encarna (a simpatia, a determinação, o otimismo, a humildade, a solidariedade, a alegria) são reconhecidos como dignos de valor por inúmeros sujeitos. São valores compartilhados coletivamente, que despertam identificações e projeções no público e a partir dos quais se constrói a imagem pública de Ronaldo.

Acreditamos, assim, que são esses dons e valores evidenciados nas interações entre o jogador e seus públicos que ajudam a consolidar Ronaldo como um herói ou uma celebridade. Uma celebridade que desperta o fascínio não apenas em relação à sua atuação profissional no futebol, mas também em relação a inúmeros aspectos de sua vida privada. Entre estes, suas mulheres e seus casamentos — o que será discutido na análise do próximo acontecimento.

#### **5.4 O casamento com Daniella Cicarelli**

O romance entre Ronaldo e a modelo e apresentadora de TV Daniella Cicarelli foi cercado de *glamour*, mistérios e constrangimentos. O casal iniciou o namoro em junho de 2004, anunciou publicamente o casamento em setembro do mesmo ano no programa *Fantástico* e celebrou a sua união no dia 14 de fevereiro de 2005. A festa, ocorrida no *Valentine's Day*, foi realizada em um luxuoso castelo em Chantilly, nos arredores de Paris, e anunciada como um conto de fadas por toda a imprensa: o jogador, nascido no subúrbio do Rio de Janeiro, que ascendeu socialmente através de seu talento no futebol, casa-se com uma modelo em um castelo francês. Mas o conto de fadas dá sinais de um certo desencaixe a partir de manifestações na própria festa: a noiva expulsa do castelo uma suposta ex-rival, a modelo Caroline Bittencourt. O casamento durou menos de três meses, e seus meandros, incluindo um aborto espontâneo, ocuparam o espaço de visibilidade pública. Esse acontecimento — muito marcante na trajetória de Ronaldo — também revela traços que configuram a imagem pública dessa celebridade, o que será analisado a seguir, através do processo de individuação do acontecimento.

### 5.4.1 Descrição

A descrição do casamento entre Ronaldo e Daniella evidencia tanto a tipicidade desse acontecimento como as características que o singularizam. Como outros matrimônios, o do Fenômeno envolveu namoro, noivado, festa, padrinhos, vestido de noiva e convites. A partir desses elementos, o acontecimento é inserido em um quadro de sentidos compartilhado que nos diz o que é um casamento em nossa sociedade. Entretanto, há várias características que distinguem o enlace do casal dos matrimônios cotidianos e de outros casamentos vividos pelos próprios noivos anteriormente.

O badalado casamento seria apenas uma festa para celebrar a união entre o jogador e a modelo, sem valor religioso ou civil, na medida em que ambos já haviam se casado anteriormente e não estavam divorciados. Daniella estava casada com o empresário Guto Milano, o que ela classificou como uma “brincadeira sem validade”:<sup>338</sup> eles decidiram se casar, repentinamente, no dia 10 de fevereiro de 2003, em uma viagem a Miami, nos EUA, e Daniella ganhou uma aliança do marido no *Valentine's Day* daquele ano. Assim, emerge uma comparação entre os casamentos (realizados quase no mesmo dia) e destaca-se que o dia 14 de fevereiro é uma data “significativa para Daniella”.<sup>339</sup>

Ronaldo fora casado com Milene Domingues, e o processo de divórcio ainda estava em andamento. Os dois “casamentos” do Fenômeno são assim comparados:

A atual produção cinematográfica não lembra em nada o casamento para valer com Milene, na véspera do Natal de 1999, à época grávida de cinco meses. Organizada pela mãe do jogador, **Sônia Nazário de Lima** (55), a cerimônia de então reuniu apenas 80 convidados, sendo muitos amigos de infância do atleta da cidade fluminense de Bento Ribeiro. Foram gastos apenas 10 000 reais. Agora, os amigos de infância do Fenômeno e mesmo os novos companheiros dos anos mais recentes se sentiram excluídos da produção para inglês — como **David Beckham** (29) — ver.<sup>340</sup>

O casamento com Milene não teve o mesmo *glamour* tampouco o mesmo orçamento (em torno de 2,5 milhões de reais) do enlace com Daniella — o que distingue este do casamento da esmagadora maioria dos mortais. Entretanto, aquele — o casamento verdadeiro — fora organizado pela própria mãe do noivo e abençoado por seus amigos de infância. O enlace de mentira ou a “boda farsa e falsa”,<sup>341</sup> como noticiou um diário esportivo espanhol, por sua vez, era apenas “para inglês ver”. A noiva teria vetado vários amigos e

<sup>338</sup> MARTINS, *Veja*, 12 de janeiro de 2005.

<sup>339</sup> MARTINS, *Veja*, 12 de janeiro de 2005.

<sup>340</sup> ÚLTIMA foto..., *Caras*, 18 de fevereiro de 2005, grifos no original.

<sup>341</sup> CARUSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2005.

familiares de Ronaldo, despertando ressentimentos. Dona Sônia “mal olhou para a nora, com quem teria brigado nas vésperas da boda”, enquanto “a mãe da noiva nem compareceu”.<sup>342</sup> Houve inúmeras especulações em torno de possíveis brigas tanto na família de Daniella como entre a noiva e os familiares de Ronaldo. Brigas essas que foram posteriormente desmentidas tanto por Cicarelli, por sua mãe e pela mãe do jogador.

Apesar dos impedimentos legais dos noivos e dos ressentimentos familiares, o evento foi descrito como um conto de fadas, realizado em um “cenário de sonhos”.<sup>343</sup> o Castelo de Chantilly, “uma fascinante construção do século XVII que funciona como museu e cenário de festas”,<sup>344</sup> situado nas proximidades de Paris, na França. O local foi alugado durante algumas horas para a realização da festa de Ronaldo e Daniella, como faz “a classe média francesa”; “a classe alta o toma por *weekends* completos”.<sup>345</sup>

Mesmo que por algumas horas, o castelo francês conferiu luxo e glamour ao acontecimento. O elevado orçamento permitiu oferecer aos 250 convidados “jantar sofisticado, champanhe francês, vinho espanhol, caipirinha de pinga, bolo de seis andares de chocolate com rosas de glacê vermelho [...] e esquema de segurança padrão Casa Branca”.<sup>346</sup> Do casório do ano,<sup>347</sup> entretanto, nenhuma imagem foi divulgada: a imprensa foi vetada e foi proibida a entrada de máquinas fotográficas, filmadoras e até celulares, a fim de impedir a reprodução e a transmissão de imagens do evento. Inúmeras especulações foram feitas em torno da venda da exclusividade da cobertura do casamento para uma revista espanhola, mas isso não foi confirmado. Dessa forma, apesar de o casal ter anunciado o casamento publicamente, em rede televisiva nacional, no momento da bênção de sua união, preferiu buscar mais privacidade.

Assim, “como qualquer mulher romântica, Daniella planejou um casamento perfeito”,<sup>348</sup> que, no entanto, sofreu um abalo no próprio momento de sua realização: a noiva expulsou<sup>349</sup> da festa a modelo Caroline Bittencourt, ex-namorada de João Paulo Diniz,

---

<sup>342</sup> CAROLINE Bittencourt... *Caras*, 25 de fevereiro de 2005.

<sup>343</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>344</sup> RODINI, *IstoÉ*, 16 de fevereiro de 2005.

<sup>345</sup> CASTELO..., *Caras*, 18 de fevereiro de 2005.

<sup>346</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>347</sup> RODINI, *IstoÉ*, 16 de fevereiro de 2005.

<sup>348</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>349</sup> A expulsão de Caroline da festa foi tratada de forma contraditória. Em algumas matérias, afirma-se que ela não fora convidada e que fora acompanhada de seu namorado (e amigo de Ronaldo) Álvaro Garneró, mesmo sabendo que não era bem-vinda no evento. Mas há uma matéria em que um perito avalia o convite enviado a Garneró e constata a veracidade do “e Mulher” que aparece no convite endereçado ao amigo de Ronaldo. A assessora de Daniella (Camila Lamoglia) acusou o empresário de ter falsificado o convite e enfrentou um processo por calúnia movido por Garneró.



“apontado como o marco zero da inimizade entre as beldades”.<sup>350</sup> Com isso, se, antes, a festa era exposta como um conto de fadas no castelo ou o casamento do ano, após o evento, ele passou a ser descrito como “o barraco de São Valentim (o Dia dos Namorados no Hemisfério Norte, escolhido para a cerimônia pelo simbolismo)”,<sup>351</sup> um “escândalo no mundo das celebridades”,<sup>352</sup> um “pesadelo”,<sup>353</sup> “uma rede de intrigas internacional” em que “a cinderela/noiva virou praticamente a bruxa”.<sup>354</sup> Assim, muda-se não apenas o modo como o acontecimento é descrito, mas como “a noiva em fúria”<sup>355</sup> é posicionada:

Ao surgir para o grande público [...], a mineira Daniella Cicarelli, 26 anos, era uma boca enorme sempre aberta em sorriso generoso, cercada de outros (vários e espetaculares) atributos. Aí vieram Ronaldo, namoro, noivado, festa de casamento sem casamento e, no intervalo de poucos meses em que tudo isso se sucedeu, a moça alegre e brincalhona sumiu, deixando em seu lugar uma outra, macambúzia e geniosa, que briga com todos e dá escândalo em público. Por causa do temperamento explosivo, a festa para celebrar sua união com o jogador Ronaldo, no castelo de Chantilly, na França, foi transformada pela própria Daniella num espetáculo que se encaixaria melhor no padrão churrasco na laje.<sup>356</sup>

Emergem, assim, algumas contradições que marcaram o acontecimento: castelo X laje; jantar sofisticado X churrasco; conto de fadas X barraco; sonho X pesadelo; cinderela X bruxa. Daniella é vista como uma megera,<sup>357</sup> que despertou antipatia desde o início do relacionamento.<sup>358</sup> Ronaldo, por sua vez, continua sendo caracterizado como um ídolo popular,<sup>359</sup> “um supercraque, humilde, leal aos amigos e escolhido pelo destino para ser um ídolo universal, daqueles amados por príncipes de castelos e flagelados de tsunamis”.<sup>360</sup> Ídolo, no entanto, que, depois de se casar com a bela moça, teria se afastado dos fiéis companheiros. Essa contraposição também aparece em um texto endereçado a Ronaldo, escrito pela atriz Maitê Proença — namorada do assessor e amigo do Fenômeno, Rodrigo Paiva:

Você é um rapaz adorável. Tem o jeito tímido temperado por um deboche discreto — quando a gente se encanta com o moço sério, ele solta uma bobagem colossal que derrete qualquer formalidade. É um menino que não quer crescer. E é a tal da inteligência. Nem precisaria jogar aquele bolão único que Deus lhe botou no pé para ser querido por todos. Você é puro carisma; simpático e discreto, tem o dom de juntar pessoas a sua volta. Mas

<sup>350</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>351</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>352</sup> A MULHER..., *Fantástico*, 20 de fevereiro de 2005.

<sup>353</sup> CARUSO; CÔRTEZ, *IstoÉ*, 18 de maio de 2005.

<sup>354</sup> PASCOWITCH, *Época*, 21 de fevereiro de 2005.

<sup>355</sup> O GOL de placa..., *Caras*, 11 de março de 2005.

<sup>356</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>357</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>358</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 18 de maio de 2005.

<sup>359</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>360</sup> SILVA, *IstoÉ*, 02 de março de 2005.

será que aquela moça viu isso? Eu acho que não. Acho que se encantou por seu deslumbramento diante dela e quis tirar o máximo de um momento que não poderia durar. Reformou sua casa, seus hábitos, seu modo de vestir. Expulsou seus amigos, sua família, seu cachorro, e proibiu-o de ser feliz. Sem referências, você ficou inseguro e abobalhado. Quando estive hospedada em sua casa — hoje posso dizer, pois você mesmo reclamou com amigos e a coisa saiu nos jornais —, vi que a moça só gostava de um tipo de foto, as dela. Era a moça de biquíni, a moça com o cachorro, a moça sensual, a moça rindo, a moça séria, a moça sempre. As únicas variações incluíam você — é claro — olhando para a moça, embasbacado. Nenhum retrato do filho, da mãe, dos amigos... De sua casa ela havia feito um altar em homenagem a si mesma e aquilo beirava a demência.<sup>361</sup>

Daniella Cicarelli é percebida, assim, como a grande vilã desse acontecimento. Além disso, ela é vista até como culpada em relação ao aborto espontâneo que sofrera, após dois meses de gravidez. Isso é apontado como mais um pesadelo na vida da modelo:

O que teria causado o fim da gestação de dois meses? Fala-se de tudo: desde a carga excessiva de exercícios, as viagens constantes de avião, o stress pós-cerimônia de casamento em Chantilly, até o fato de que ela teria exagerado no esforço físico empacotando caixas da mudança para seu novo apartamento, um dia antes do aborto. Mas parece que ela está bem: no dia seguinte ao triste episódio, passou a tarde fazendo compras com sua avó, Fausta. Parar para se recuperar, nem pensar...<sup>362</sup>

Essa contraposição entre Ronaldo e Daniella persiste até o fim do relacionamento, menos de três meses depois da festa no castelo francês. O enlace milionário é descrito como “o mais rápido no mundo dos famosos brasileiros”, colocando mais um recorde na trajetória de Ronaldo.<sup>363</sup> Com o fim do romance, destaca-se também tanto a tipicidade da ocorrência como seu caráter particular:

Quem nunca viveu uma paixão eterna que durou poucos meses? Quem não brigou, voltou, deu escândalo, perdeu a classe, atirou coisas ao chão? Ronaldo e Daniella Cicarelli fizeram isso tudo, mas, por serem quem são, tanto em matéria de fama quanto de temperamento, foram um pouco além. Quando foi para se apaixonar, grudaram-se como siameses; quando foi para se casar... bem, todo mundo sabe. Em meros 86 dias, uniram-se, sofreram, fizeram bobagens. A separação sobreveio com a mesma intensidade. Em ritmo vapt-vupt, foi cada um para seu lado, de mudança feita, alianças removidas e comunicados à imprensa.<sup>364</sup>

Assim, Ronaldo e Daniella construíram seu “amor de celebridade”<sup>365</sup> como muitas pessoas: apaixonaram-se, casaram-se, sofreram. Diferente da maioria delas (mas como outras

<sup>361</sup> PROENÇA, *Época*, 30 de maio de 2005.

<sup>362</sup> PASCOWITCH, *Época*, 02 de maio de 2005.

<sup>363</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>364</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 18 de maio de 2005.

<sup>365</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

celebridades), o casal se separou menos de três meses depois do enlace majestoso no castelo francês. Tais desdobramentos inserem o acontecimento em um novo quadro de sentidos que nos revela a questão da separação amorosa em nossa sociedade, bem como a fugacidade que marca muitos relacionamentos na contemporaneidade. Isso também pode ser percebido na construção narrativa desse acontecimento — o que será analisado a seguir.

#### 5.4.2 Narração

O acontecimento aqui analisado constrói um passado para o romance entre Ronaldo e Daniella, ao mesmo tempo em que aponta novos campos de possíveis a partir dos eventos que marcam esse relacionamento (assim como o seu desfecho). É preciso, pois, olhar tanto para o passado de cada um dos personagens dessa história de amor, assim como a breve trajetória conjunta construída por eles.

Ronaldo é conhecido por ter sempre conquistado belas mulheres. Ainda no início da carreira, ele namorou a modelo Nádia França (que chegou a anunciar uma gravidez, mas perdeu o bebê) e, posteriormente, Viviane Brunieri. Os dois romances duraram pouco, mas as modelos decidiram fundar uma banda aproveitando o apelido do jogador famoso: as *Ronaldinhas*. Em 1997, começa o romance entre Ronaldo e Suzana Werner, que termina em 1999. Pouco tempo depois dessa separação, o jogador inicia um relacionamento com Milene Domingues, a Rainha das Embaixadinhas. Com a gravidez de Milene, após dois meses de namoro, o casal decide se casar ainda naquele ano. A cerimônia acontece em dezembro de 1999, e o primeiro filho do atacante, Ronald, nasce em abril de 2000. A separação de Milene acontece em 2003, cercada de suspeitas de infidelidade. Antes do casamento com Daniella Cicarelli, Ronaldo tem um romance com a modelo espanhola Mireia Canalda e um caso rápido com Michele Umezu, que veio à tona apenas no fim de 2010, quando Ronaldo reconheceu a paternidade do filho Alex.

Ronaldo é visto, assim, como um colecionador de algumas “ronaldinhas”, ou “marias-chuteiras”, aquelas “moças que sonham em fisgar um bom partido ou galgar a fama através de um namoro futebolístico”.<sup>366</sup> Daniella Cicarelli, por sua vez, é apontada como “a mais famosa brasileira entre as modelos que se casaram com craques”.<sup>367</sup> O envolvimento da modelo com o jogador despertou a preocupação do pai de Daniella, o empresário Antonio de

<sup>366</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>367</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

Pádua: “O que eu acho de a Daniella namorar o Ronaldo? Não acho nada. É um grande atacante. É o que eu tenho a dizer sobre ele”.<sup>368</sup> De acordo com amigos de Pádua, ele estaria preocupado com o estigma que pesa sobre a categoria de jogador de futebol. O conto de fadas de Ronaldo e Daniella era, assim, comparado ao de Shrek e da Princesa Fiona, do filme *Shrek*: “Agora, o roteiro está completo. Como no desenho, o craque vai ter de suar para convencer o pai de sua amada de que, por trás do ogro, existe um sujeito de bom coração”.<sup>369</sup>

O romance do casal começa em junho de 2004, quando “a terra tremeu sob seus pés”<sup>370</sup> e teve início “a paixão fulminante de Ronaldo pela beleza mineira”.<sup>371</sup> Em pouco tempo de namoro, o casal já mostra “em público a força desse amor”.<sup>372</sup>

O par, que se conheceu num Carnaval, tempos atrás (eles foram apresentados por uma amiga em comum, a modelo Daniela Sarahyba), se reencontrou num confronto Brasil x Argentina, em Belo Horizonte. Uma semana mais tarde, mais precisamente no dia 9 de junho, os dois se viram de novo, em um jantar em São Paulo. Desde então nunca mais se desgrudaram. Algumas aparições públicas foram suficientes para que o casal assumisse o romance. Como prova de amor, Ronaldo tatuou as iniciais R e D no pulso esquerdo e mudou a maneira de comemorar seus gols — levando as costas da mão à testa para exibir a marca.<sup>373</sup>

No início, o romance desperta simpatia: Daniella leva Ronaldo para correr, garantindo a boa forma do jogador, o que rendeu elogios do então técnico da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, e do presidente da CBF naquele momento, Ricardo Teixeira, que chegou a declarar que daria “parte dos prêmios do time à apresentadora”.<sup>374</sup> Nas aparições públicas, incluindo a do anúncio do casamento, a alegria estava estampada no rosto do casal. Daniella era descrita como “uma sensação nacional”, como a “esportista e boa moça” que transformara o papel do astro internacional:

Se namorar Ronaldo, o superastro internacional, é ótimo para Daniella, namorar Daniella, triatleta e maratonista fanática, é muito bom para Ronaldo. [...] O staff do jogador também aplaude a relação. Afinal, para técnicos, empresários e patrocinadores, é muito melhor ver o atacante surgir na mídia no papel de namorado apaixonado — que nas horas vagas aparece correndo e cuidando da forma ao lado da namorada sarada — do que meio gorducho e preguiçoso, por causa das noitadas com o amigão e recém-separado Roberto Carlos, seu companheiro no Real Madrid.<sup>375</sup>

<sup>368</sup> RIZEK, *Veja*, 14 de julho de 2004.

<sup>369</sup> RIZEK, *Veja*, 14 de julho de 2004.

<sup>370</sup> MARTINS, *Veja*, 12 de janeiro de 2005.

<sup>371</sup> RONALDO e Cicarelli..., *Caras*, 18 de fevereiro de 2005.

<sup>372</sup> O NOIVADO..., *Fantástico*, 05 de setembro de 2004.

<sup>373</sup> RODINI, *IstoÉ*, 16 de fevereiro de 2005.

<sup>374</sup> RIZEK, *Veja*, 14 de julho de 2004.

<sup>375</sup> RIZEK, *Veja*, 14 de julho de 2004.

Dias antes da cerimônia, o casal enfrentou especulações em torno da má fase de Ronaldo no Real Madrid e de uma visita repentina do jogador ao Rio, alegando “problemas familiares”.<sup>376</sup> Naquele momento, enquanto alguns discursos continuavam exaltando Daniella como “a noiva do ano”,<sup>377</sup> bela e única, que brilhava com o noivo no *jet set* internacional,<sup>378</sup> outros destacavam o mau momento que a modelo parecia viver, como mostram os trechos a seguir, publicados depois de sua participação em um desfile no Brasil:

Daniella praticamente não abriu a boca fenomenal: chegou de Madri, fotografou e desfilou para a Ellus, falou pouco, sorriu menos ainda e, 150000 reais depois, voltou correndo para cuidar de Ronaldo e da festa de casamento em Paris.<sup>379</sup>

Vestida demais na passarela da Ellus — ao contrário das edições anteriores —, a noiva de Ronaldo chegou com um sorriso muito tímido e saiu com cara de poucos amigos. Será que bateu uma saudade do Fenômeno? Ou dos biquínis de outros carnavais?<sup>380</sup>

Nesse último trecho, emerge certa antipatia por Daniella. Diferente de outras modelos no mesmo desfile (como Gisele Bündchen), ela não falou com a imprensa, tampouco distribuiu sorrisos e atitudes simpáticas para o público. A antipatia passa a ser quase generalizada depois da cerimônia em Paris. Há uma clara contraposição entre a Daniella do início do namoro e a daquele momento:

No começo todos ficaram fascinados com a doce e encantadora Daniella. Sempre linda, bem-humorada, esportista e saudável, parecia ser o par perfeito para o adorado Fenômeno, que, completamente apaixonado, tratou de emagrecer e voltar nos trinquês para os gramados depois das férias. Logo depois pediu a amada em casamento. Dominadora, atualmente ela manda e desmanda no jogador. Para começar, quando se mudou para Madri, trocou os móveis da recém-decorada mansão dele, que fica no chique condomínio La Moraleja. Ainda mandou os dois cachorros dele de volta para o Rio. O craque distanciou-se de muitos parceiros das antigas. Corre a lenda que nenhum amigo de Bento Ribeiro — bairro do subúrbio carioca, onde o craque nasceu — foi convidado para o casamento. Barraco à parte, a noite foi impecável. Com muito glamour e luxo.<sup>381</sup>

Daniella passa a ser vista como a megera dominadora, que controla a vida de Ronaldo e define tudo o que diz respeito à vida dos dois. Na imprensa espanhola, ela é posicionada como “ciumenta e autoritária”.<sup>382</sup> Nem Ronaldo teria escapado da fúria da noiva na véspera da festa: “logo que chegou ao hotel em que ela estava em Paris [...], o jogador teve

<sup>376</sup> COSTA, *Caras*, 04 de fevereiro de 2005.

<sup>377</sup> DANIELLA Cicarelli agita..., *Caras*, 04 de fevereiro de 2005.

<sup>378</sup> CICALLELLI e Ronaldo..., *Caras*, 21 de janeiro de 2005.

<sup>379</sup> AS MUSAS..., *Veja*, 26 de janeiro de 2005.

<sup>380</sup> PASCOWITCH, *Época*, 24 de janeiro de 2005.

<sup>381</sup> KUPFER, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2005b.

<sup>382</sup> CARUSO, *IstoÉ*, 23 de fevereiro de 2005.

uma discussão acalorada com a noiva e saiu para ficar com amigos”.<sup>383</sup> Assim, Daniella se “transformou de doce namorada em noiva autoritária, ciumenta, controladora”.<sup>384</sup> Ela “passou de Do Carmo a Nazaré”, compara uma pessoa que assistiu de perto à transmutação”,<sup>385</sup> fazendo referência, respectivamente, à mocinha e à vilã da então telenovela das nove da Rede Globo (*Senhora do Destino*). Esse temperamento dela é acionado para explicar a expulsão de Caroline Bittencourt da festa:

As explosões de Daniella não são incomuns, dizem conhecidos, só ganharam dimensão e volume compatíveis com a ascensão a celebridade mundial. “A Daniella é muito companheira, carinhosa e divertida. Mas, quando explode, sai de perto — ela não mede as conseqüências”, descreve uma pessoa que a conhece bem. A relação dela com a família da mãe, Yara, é tão complicada que esse ramo foi alijado de Chantilly. “Ela não mandou convite para ninguém da nossa família, nem para a mãe. Achei uma falta de consideração”, desabafa a costureira Maria de Fátima Duque Cicarelli, avó materna da apresentadora, que vive em Lavras, no interior de Minas Gerais, e esteve com a neta pela última vez em 1998.<sup>386</sup>

A fim de tentar melhorar a sua imagem frente ao público, Daniella Cicarelli vai ao *Domingão do Faustão* no dia 27 de fevereiro de 2005, cerca de duas semanas depois da festa em Paris. Ao vivo, de Madri, Ronaldo faz declarações de amor à esposa e diz que “o casamento foi lindo, inesquecível”.<sup>387</sup> Daniella entra no palco com um largo sorriso e conta a sua versão do assunto mais comentado da festa. Ela justificou a expulsão de Caroline com a restrição ao número de pessoas que poderiam entrar no castelo: se a namorada de Álvaro Garnerio permanecesse, outros convidados seriam barrados. Além disso, ela diz que cometeu um erro ao anunciar o noivado na TV e, depois, buscar privacidade: “Eu, Daniella, cometi um erro. As pessoas têm que entender que eu saí do meu mundo que era pequeno e entrei num mundo muito maior, por estar casando com ídolo mundial. [...] Era um casamento pequeno, só de família”.<sup>388</sup> Daniella também tentou amenizar as especulações em torno de brigas em sua família: segundo ela, sua mãe não foi ao casamento por ter medo de avião, e sua avó materna está muito distante dela há 15 anos. Ela também desmentiu que pudesse ter uma relação difícil com a sogra, Dona Sônia, que fez um depoimento emocionado no programa: “Quando te recebi, não foi como nora, foi como minha filha e espero que isso dure por muitos anos”.<sup>389</sup> E

<sup>383</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>384</sup> CAROLINE..., *Caras*, 25 de fevereiro de 2005.

<sup>385</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>386</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 23 de fevereiro de 2005.

<sup>387</sup> DANIELLA Cicarelli assume... *Estadão*, 27 de fevereiro de 2005.

<sup>388</sup> DANIELLA Cicarelli assume... *Estadão*, 27 de fevereiro de 2005.

<sup>389</sup> CAMARGO, *Quem*, 10 de março de 2005.

a mãe do Fenômeno fez um apelo à imprensa: “Dêem uma trégua, dêem uma oportunidade ao Ronaldo. Ele já sofreu muito”.<sup>390</sup>

As especulações em torno do casal não param: “notícias vindas de Madri dão conta de que Ronaldo, o Fenômeno, anda muito abatido”.<sup>391</sup> Pouco depois do casamento, o assessor e amigo de Ronaldo, Rodrigo Paiva, anuncia o fim de sua relação profissional com o jogador, o que desperta ainda mais especulações em torno da interferência de Daniella na vida do Fenômeno. Rodrigo Paiva estava em Paris no dia do badalado casamento, mas preferiu sair para jantar com a namorada Maitê Proença a ir ao Castelo de Chantilly. Ainda que o próprio Rodrigo não atribua a Daniella a sua decisão, inúmeros discursos intensificam a imagem de que ela é a culpada pelo afastamento de grandes amigos do jogador, incluindo a carta escrita por Maitê Proença e dirigida a Ronaldo, publicada pela revista *Época* logo depois do anúncio da separação:<sup>392</sup>

Horas antes da Festa do Castelo, num telefonema feio, conheci um Ronaldo cruel e ingrato com o assessor e amigo de anos. Não era o primeiro que você destratava, era o último que restava de seus parceiros. Eu diria isso pessoalmente, mas a porta se fechou ali, então uso a forma que você tem preferido, a pública. Mulher nenhuma, meu querido, merece que se façam maldades com gente de bem a fim de lhe atender aos caprichos.<sup>393</sup>

Antes da separação, o casal ainda enfrenta um aborto, o que será incluído entre os fatores que impulsionaram o fim do relacionamento. Daniella estaria chateada com o marido devido à falta de atenção dele na ocasião do aborto espontâneo que ela sofrera, interrompendo a gravidez de um bebê de dois meses em 25 de abril de 2005. Devido aos treinos do Real Madrid, Ronaldo não veio ao Brasil na ocasião, “foi incapaz de visitá-la em São Paulo, e continuou em Madri”.<sup>394</sup> A falta de atenção dele naquele momento, ao lado de ciúmes e suspeitas de infidelidade mútuos, além do temperamento e do comportamento de ambos, são apontados como impulsionadores da separação:

o final infeliz do que parecia ser um conto de fadas não foi exatamente uma surpresa. Temperamento explosivo dela, comportamento festeiro dele e o ciúme exagerado de ambos vinham minando o relacionamento. O estopim da briga foram pequenas infantilidades cometidas pelos dois.<sup>395</sup>  
Ciúme. Foi o mais vil dos sentimentos — o tal “monstro de olhos verdes”, como escreveu William Shakespeare em *Otelo* — que envenenou o amor de Ronaldo Nazário de Lima, 28 anos, e Daniella Cicarelli, 25, príncipe e princesa de um

<sup>390</sup> DANIELLA Cicarelli assume... *Estadão*, 27 de fevereiro de 2005.

<sup>391</sup> PASCOWITCH, *Época*, 28 de fevereiro de 2005.

<sup>392</sup> A amizade entre Ronaldo e Rodrigo seria retomada apenas em dezembro de 2010, conforme informou a coluna de Mônica Bergamo, do jornal *Folha de S. Paulo*.

<sup>393</sup> PROENÇA, *Época*, 30 de maio de 2005.

<sup>394</sup> CARUSO; CÔRTEZ, *IstoÉ*, 18 de maio de 2005.

<sup>395</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

conto de fadas que ruiu na quarta-feira 11. Na forma de um lacônico comunicado com 25 palavras, foi anunciada a separação do casal que durante 11 meses (sendo 86 dias de casados) mobilizou a mídia e as atenções do País.<sup>396</sup>

Nos dias que antecederam a separação, Daniella fora a um show, vestindo uma camiseta que exibia uma frase em francês, a qual significa: “Quanto mais conheço os homens, mais eu gosto do meu cachorro”. João Paulo Diniz, ex-namorado da modelo e considerado o pivô da expulsão de Caroline Bittencourt do casamento em Chantilly, também estava presente naquele evento. Dizem que “não aconteceu nada e o previdente Diniz nem sequer se aproximou da ex-namorada. Mas as fofocas pipocaram”<sup>397</sup>. De qualquer forma, “Ronaldo não deve ter ficado satisfeito com a saidinha da mulher, mas ele também vinha, segundo a imprensa espanhola, dando suas escapadas — teria voltado a se encontrar com a modelo espanhola Mireia”.<sup>398</sup>

Em meio às fofocas de que o jogador voltara a frequentar as noites espanholas, Daniella decidiu ir à Madri para discutir a relação. Ela “sabia que a noite madrilenha era uma tentação permanente para o amado, habituê de boates onde era tratado como vip, com direito a local reservado, garçonetes escolhidas a dedo, modelos e atrizes”.<sup>399</sup> Os dois gravariam um comercial para uma operadora de telefonia celular, mas as brigas começaram, e eles acabaram não gravando. “O casal passou o fim de semana brigando — ela, atirando ao chão vasos, porta-retratos e o que mais estivesse sobre os móveis —, até Ronaldo sair de casa”.<sup>400</sup> Mesmo com a esposa na cidade, o jogador foi, sozinho, ao aniversário do amigo David Beckham em uma boate, dando evidências de uma provável separação: “desde que se apaixonou pela modelo, o jogador nunca mais havia comparecido a festas sem ela. Na noitada, varou a madrugada, enquanto Daniella juntava seus pertences e fazia as malas. No dia seguinte, ela pegou o avião de volta para São Paulo”,<sup>401</sup> desembarcando aqui com “a aura de intensa, embora provavelmente imerecida, antipatia que desperta desde o início do romance”.<sup>402</sup>

O fim do relacionamento abre um novo campo de possíveis para os dois, o que será muito discutido nas semanas que sucederam a separação. Afinal, “falar da vida de Daniella Cicarelli e Ronaldo virou esporte nacional”.<sup>403</sup> Ambos retomam suas vidas no cotidiano das cidades em que moravam: Ronaldo continua treinando no Real Madrid e,

<sup>396</sup> CARUSO; CÔRTEZ; *IstoÉ*, 18 de maio de 2005.

<sup>397</sup> CARUSO; CÔRTEZ. *IstoÉ*, 18 de maio de 2005.

<sup>398</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>399</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>400</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 18 de maio de 2005.

<sup>401</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>402</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 18 de maio de 2005.

<sup>403</sup> KUPFER, *IstoÉ*, 15 de junho de 2005.



“curiosamente, o brasileiro retornou à boa forma nas últimas três rodadas do campeonato espanhol, justamente no período em que estava longe de Daniella. No ano passado, rendido à paixão, Ronaldo teve média de 0,57 gol por jogo oficial, uma das piores da carreira”.<sup>404</sup> O “jejum de gols”<sup>405</sup> em que ele entrara parecia chegar ao fim.

Enquanto isso, “Daniella está instalada em seu apartamento em São Paulo, sozinha, trabalhando e correndo diariamente”.<sup>406</sup> Sobre uma possível reconciliação do casal, Daniella diz que “o futuro a Deus pertence”.<sup>407</sup> Ela destaca que “não foi só o fim de um casamento. Foi o de um sonho de vida” e que “antes de ser a ex-mulher do ‘fenômeno’, existe uma mulher que está sofrendo”.<sup>408</sup> Em vários discursos, entretanto, ela vai ser lembrada exatamente como não gostaria. Logo após a separação, especulou-se se Daniella seria lembrada como a “linda ex do Fenômeno” ou a “modelo que pegou carona no sucesso dele”.<sup>409</sup> Há também uma alusão implícita a Daniella como uma “wannabe” (em referência ao “quero ser”, em inglês): alguém que sonha em “passar para o primeiro time dos famosos”, sendo que “uma das formas é namorar alguém do escalão superior”.<sup>410</sup>

Pertencendo a esse nível superior no mundo das celebridades, Ronaldo sofreria menos abalos em sua imagem após a separação. Ele reluta em dar entrevista: “não quer se defender, não quer atacar. Esse jogo ele não quer jogar. ‘Infelizmente foi rápido, mas bola para frente. Tenho que focar todas as atenções no trabalho e seguir’, diz Ronaldo”.<sup>411</sup> Ele diz que só espera que continue com saúde e destaca que tem o apoio da família para ajudá-lo: a mãe, Dona Sônia, descrita como a “verdadeira mulher de sua vida”,<sup>412</sup> foi a Madri para confortá-lo, e o filho Ronald, “serelepe de sorriso fácil e cachinhos de anjo”,<sup>413</sup> também é visto como seu “porto seguro”. Assim, “com todos os problemas inevitáveis de uma separação, ainda mais inesperada, Ronaldo se segura com as coisas que são estáveis e boas na vida dele: a família e o futebol”.<sup>414</sup> Enquanto isso, sua “turma da farrá” festeja a volta de Ronaldo à solteirice.<sup>415</sup>

---

<sup>404</sup> RONALD..., *Caras*, 20 de maio de 2005.

<sup>405</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>406</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 18 de maio de 2005.

<sup>407</sup> CARUSO; CÔRTEZ; *IstoÉ*, 18 de maio de 2005.

<sup>408</sup> A SEPARAÇÃO... *Fantástico*, 15 de maio de 2005.

<sup>409</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>410</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>411</sup> A SEPARAÇÃO... *Fantástico*, 15 de maio de 2005.

<sup>412</sup> A CO-PILOTO..., *Caras*, 03 de junho de 2005.

<sup>413</sup> RONALD..., *Caras*, 20 de maio de 2005.

<sup>414</sup> A SEPARAÇÃO... *Fantástico*, 15 de maio de 2005.

<sup>415</sup> MOHERDAUI, *Veja*, 18 de maio de 2005.

Desdobramentos em relação à vida profissional de Daniella também são tematizados. Há especulações em torno dos contratos e dos cachês da modelo, que poderiam ser afetados pela notícia da separação: “antes de se tornar senhora Ronaldo, ela cobrava R\$ 60 mil para estrelar uma campanha publicitária nacional. Depois, o cachê subiu para R\$ 500 mil”.<sup>416</sup> Houve especulações também em relação a um possível acordo em que Daniella receberia até cerca de 15 milhões de reais com a separação de Ronaldo, o que foi negado por assessores de ambos. Entretanto,

a lei da união estável garante a Daniella metade do que Ronaldo ganhou no período em que estiveram juntos. Se decidisse reclamá-la, considerando apenas os 86 dias do “casamento”, Cicarelli receberia algo em torno de R\$ 11 milhões. Uma ninharia, diga-se, em relação ao patrimônio de R\$420 milhões de Ronaldo, o segundo jogador mais bem pago do mundo.<sup>417</sup>

De qualquer forma, a imagem que se constrói de Daniella Cicarelli aqui é a da modelo que se aproveitou da imagem do ex-marido e receberia inúmeras vantagens financeiras durante o romance e mesmo depois de seu término.

Os desdobramentos desse acontecimento também apontam para a construção de novos relacionamentos por Ronaldo e Daniella e, mais uma vez, será percebida uma polarização no modo como os dois são posicionados.

A julgar pelas últimas semanas, não é só para se casar e separar que Daniella Cicarelli (26) é rapidíssima — mas também para substituir o homem que tem ao seu lado. Após ficar apenas 86 dias “casada” com o jogador Ronaldo (28) e de se separar, oficialmente, em 11 de maio, o “furacão Cicarelli” aterrissou em Búzios na noite da última sexta, dia 4, acompanhada do advogado carioca Flávio Zveiter (23).<sup>418</sup>

Antes do advogado, houve também especulações em torno de um romance entre Cicarelli e o músico Davi Moraes, que seria o nome da nova “alegria da moça”.<sup>419</sup> A divulgação desses novos romances de Daniella gerou críticas de sua assessora Camila Lamoglia, que acabou sendo demitida: “Ela jamais deveria se deixar fotografar beijando um cara agora. Ronaldo não tem nada a provar, é um herói nacional. Daniella é apresentadora só há três anos, tem muito o que trilhar”.<sup>420</sup> Na fala da ex-assessora, também emerge uma polarização entre Ronaldo e Daniella, que aparece em outros discursos: ela precisa mais do que ele trabalhar a própria imagem pública, a fim de conquistar as pessoas; ele, por sua vez,

<sup>416</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>417</sup> VEIGA; RUBIN; MENDONÇA, *Época*, 16 de maio de 2005.

<sup>418</sup> DANIELLA Cicarelli faz..., *Caras*, 10 de junho de 2005.

<sup>419</sup> DANIELLA Cicarelli: no Rio..., *Caras*, 03 de junho de 2005.

<sup>420</sup> ZVEITER..., *Caras*, 17 de junho de 2005.

tem uma imagem mais consolidada, é um herói nacional, que “tem luz e encanto e é de um tipo que a gente não consegue desgostar”.<sup>421</sup>

Essa polarização é percebida também na tematização dos desdobramentos da vida amorosa do jogador, que poderia reencontrar a felicidade ao lado da modelo Mireia e estaria se encontrando com uma ex-namorada, Lívia Lemos. Assim como Daniella, Ronaldo “começa a cuidar da própria vida. Só que de maneira bem mais discreta”.<sup>422</sup> Enquanto Daniella é vista como exibida e volúvel, Ronaldo tenta seguir em diante sua vida amorosa. Em dezembro de 2005, o jogador assume seu relacionamento com a modelo Raica Oliveira, que dura até setembro do ano seguinte. Em 2007, começa o romance entre ele e Bia Antony, sua atual esposa, com quem tem duas filhas.

Esse acontecimento e seus desdobramentos convocaram o público a se posicionar em relação a Ronaldo e sua vida amorosa — o que procuramos discutir a seguir.

#### 5.4.3 Pano de fundo pragmático

O relacionamento de Ronaldo e Daniella teve repercussões no país e no mundo e suscitou a atenção de um público ampliado: afinal, “das rodas da alta sociedade à plebe que acompanhou pela mídia o romance entre Ronaldo, o Fenômeno, e Daniella Cicarelli, a bela, o assunto é o casório considerado ‘do ano’, apesar de 2005 estar apenas começando”.<sup>423</sup> No dia da cerimônia no castelo francês, eles foram assunto no mundo.<sup>424</sup> Durante 11 meses, o casal “mobilizou a mídia e as atenções do País”,<sup>425</sup> convidando o público a se manifestar em relação ao romance e seus desdobramentos.

O tom geral dos discursos analisados convoca o público a se posicionar de diferentes maneiras. A princípio, o tom é de aprovação do namoro, visto como um conto de fadas em que um príncipe e uma princesa se casam em um lindo castelo francês. Destaca-se que eles não poderiam se casar legal e religiosamente, em virtude dos casamentos anteriores, mas que o amor e a paixão fulminante entre eles falaram mais alto. Depois do “barraco de São Valentim”, que “explodiu nos veículos de comunicação em todos os cantos do mundo, gerou pano para muita manga comprida e, acima de tudo, produziu uma

<sup>421</sup> PROENÇA, *Época*, 30 de maio de 2005.

<sup>422</sup> O CRAQUE..., *Caras*, 10 de junho de 2005.

<sup>423</sup> RODINI, *IstoÉ*, 16 de fevereiro de 2005.

<sup>424</sup> RONALDO e Daniella Cicarelli se casam em Paris (2005). Matéria do Jornal Nacional de 15 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=C8q-BE1VNUg>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>425</sup> CARUSO; CÔRTEZ. *IstoÉ*, 18 de maio de 2005.

avalanche de versões”,<sup>426</sup> os discursos interpelam o público a ver Daniella como a vilã e Ronaldo como o mocinho da história. Mesmo que alguns discursos abram espaço para a versão de Daniella sobre os acontecimentos que construíram sua história com Ronaldo, o tom hegemônico condena o comportamento e o temperamento da modelo e situa o jogador como uma vítima que caiu de amores pela “megera”.

Apesar desse tom hegemônico, podemos perceber nos textos que compõem o corpus uma voz dissonante em relação ao romance de Ronaldo e Daniella. O ex-jogador Sócrates criticou a perseguição que vinha sendo feita ao casal, movida por sentimentos como a inveja e o ciúme em relação à felicidade dos dois: “Não há nada que incomode tanto quanto essa tal felicidade”, escreve ele.<sup>427</sup> Sócrates chega a comparar essa perseguição à sofrida por um outro casal, em outro contexto, só que com maior intensidade: o herói da copa de 1962, Mané Garrincha, e a cantora Elza Soares.<sup>428</sup> Garrincha e Elza “foram massacrados por muito tempo, até a exaustão, porque se apaixonaram, porque eram felizes”, assim como Ronaldo e Daniella. “Como se o que eles viveram ou estão vivendo fosse um crime”. Essa defesa do casal também é percebida em algumas manifestações expressas nos fóruns de discussão na internet, nos quais o público se posiciona de maneiras diferentes em relação ao romance.

Alguns sujeitos ressaltam o poder de Ronaldo na conquista de belas mulheres, afinal, “quem pode pode”:<sup>429</sup> ele é visto como um “gordo poderoso”,<sup>430</sup> que “BRILHA MUITO COM A MULHERADA!!!!!!”.<sup>431</sup> Uma das manifestações aponta para um possível preconceito de Ronaldo, já que não há nenhuma negra na lista de suas belas conquistas: por que “os jogadores não namoram mulheres negras?”.<sup>432</sup> Há também quem critique esse comportamento “galinha”<sup>433</sup> do jogador e quem tematize a relação entre beleza e riqueza ao falar das características dele que suscitam a atração das mulheres: “o cara é um puto dum feio”, mas “tem dinheiro e é isso que importa”.<sup>434</sup> Aqui, o dinheiro emerge como o grande motivador para o interesse das belas mulheres por Ronaldo, assim como na seguinte manifestação: “O Ronaldo tem muita sorte (R\$), por isso só cata mina gostosa....Td [toda] mina q[ue] ele fica, vira famosa ou posa pelada.... É o famoso ‘degrau’, todo mundo usa pra

<sup>426</sup> MARINI, *IstoÉ*, 30 de março de 2005.

<sup>427</sup> SÓCRATES, *Carta Capital*, 09 de março de 2005, p. 55.

<sup>428</sup> A história de amor entre Garrincha e Elza é narrada na emocionante biografia do jogador, escrita por Ruy Castro (1995): *Estrela solitária — um brasileiro chamado Garrincha*.

<sup>429</sup> xore2008. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>430</sup> tstarcisio. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>431</sup> thiaginhospfc2. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>432</sup> dricasanta. Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>433</sup> Sealiah. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>434</sup> 222222222222222222222222477. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

subir....”.<sup>435</sup> Nessa visão, o poder aquisitivo de Ronaldo é, assim, o único atributo dele capaz de atrair as mulheres: “se alguma boa alma conseguir me provar que uma mulher fica com o Ronaldinho por qualquer motivo que não seja dinheiro, eu agradeço”.<sup>436</sup>

Ao falar especificamente sobre a relação entre ele e Cicarelli, vários sujeitos lamentam a fugacidade desse relacionamento, ainda que destaquem que eles podem refazer suas vidas amorosas com outros parceiros brevemente. Lamentam, ainda, todo o dinheiro gasto e toda a “frescura” para fazer o casamento em um castelo, que terminaria tão rápido: esse mundo está perdido.<sup>437</sup> Há também aqueles que dizem que o fim desse romance já era previsto, ele não poderia durar muito tempo, pois desde o início Ronaldo e Daniella enfrentaram várias brigas.<sup>438</sup> Em diferentes manifestações, aparece uma contraposição entre os interesses que motivaram os dois a engatar o relacionamento: ele só queria sexo com uma bela modelo, e Daniella só estava interessada no dinheiro e na fama dele. Para um dos manifestantes, não existia amor nesse relacionamento, apenas o interesse por sexo e dinheiro.<sup>439</sup> Logo após o aborto, os dois já estavam badalando — como se não sofressem pela perda do bebê.

Se o casamento é visto como um “golpe do baú” de Daniella, a possível gravidez seria um “golpe da barriga”, que, no entanto, “foi por água abaixo”:<sup>440</sup> a modelo “deu o golpe do baú, tentou dar o golpe da barriga... e desistiu”.<sup>441</sup> Uma “mulher bonita daquelas” não poderia gostar de um “Ronaldo”: “só foi pelo dinheiro, isso todo mundo já sabia. Ela esperou um tempo, arranjou uma briga com o cara e se separou”.<sup>442</sup> Depois dessa frustração, ela poderia tentar agora o Romário, que “faz um monte de filho por aí”.<sup>443</sup> Em sua corrida atrás de dinheiro, Daniella, apesar de bonita, “só encontrará tristezas na vida dela”.<sup>444</sup> Cicarelli é vista aqui como uma “maria-chuteira”, em busca da fama e da fortuna de jogadores de futebol.

Assim como nos discursos midiáticos analisados, o público também especula o que Daniella receberia após a separação. Há quem diga que ela não tem direito a receber qualquer quantia, lembrando o casamento de Ronaldo e Milene. Mas muitos defendem que ela não sairia da relação sem receber algo em troca, já que “burra ela não é”: “pelo menos ela

<sup>435</sup> Polêmico. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>436</sup> ROTTA. Disponível em:<<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>437</sup> Mërciful. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>438</sup> DestrucT. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>439</sup> Arvandoor X. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>440</sup> izack darck. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>441</sup> ROTTA. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>442</sup> Limaoz. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>443</sup> Claudio Natureza. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>444</sup> Pata do Leão. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

ficou com um apartamento em Paris e mais alguns milhões de euros”.<sup>445</sup> Em algumas manifestações, Ronaldo emerge como um “tolo”,<sup>446</sup> um “tonto” ou uma “besta”<sup>447</sup> por ter se deixado envolver por Daniella Cicarelli e, com o fim do romance, ter que arcar com uma indenização de cerca de 15 milhões. Há quem ache que é “bem feito” para ele, já que ele sabia do interesse dela por seu dinheiro.<sup>448</sup>

Entretanto, esse ponto de vista não é unanimidade. Há quem questione essa associação entre Daniella e o interesse por dinheiro: “ela já tem muita grana... Pra que mais?”.<sup>449</sup> Essa manifestante diz que se sentiria “um lixo” depois de ter casado inúmeras vezes sem ter dado certo e questiona: “as pessoas viraram só mercadorias e o ‘amor’ virou interesse agora?”. Além disso, outros manifestantes não acreditam em uma ingenuidade de Ronaldo: os 15 milhões não são quase nada comparado ao salário do jogador. Mesmo que ele tenha perdido dinheiro com a separação, valeria a pena por ter vivido ao lado de Daniella Cicarelli.<sup>450</sup> De burro, Ronaldo não teria nada: “se duvidar ele ainda casa e separa de novo...”.<sup>451</sup>

Na visão de um dos manifestantes, Cicarelli não valeria 15 milhões: no máximo, um milhão de dólares.<sup>452</sup> A modelo Gisele Bündchen sim valeria muito mais do que isso, o que é questionado por outro sujeito: Gisele é uma mulher seca que só serve para exibir mesmo.<sup>453</sup> Nessas manifestações, a mulher emerge como um objeto que se pode comprar por alguns milhões de dólares ou se exibir para os outros. Independente da comparação que se estabelece entre Daniella e Gisele, o que fica evidente é o machismo<sup>454</sup> que é marca de nossa sociedade.

Ao falar sobre outros impulsionadores da separação, especula-se acerca da influência do técnico do Real Madrid, Wanderley Luxemburgo, sobre Ronaldo — ele teria “mandado” o jogador se separar da modelo<sup>455</sup> — e também acerca de um possível acordo estabelecido pelo casal: a separação já estava combinada de antemão.<sup>456</sup> O que pode ter

<sup>445</sup> Delegado. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>446</sup> DestrucT. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>447</sup> Nobre Valente. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>448</sup> DarkMan. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>449</sup> Impurity Eyes. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>450</sup> Vovokop. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>451</sup> Jazz. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>452</sup> DarkMan. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>453</sup> Vovokop. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>454</sup> Entendemos o machismo a partir da perspectiva de Azerêdo (2007, p. 119), como o “conjunto de valores e normas que têm como objetivo manter privilégios dos homens em detrimento dos direitos das mulheres, considerando estas como naturalmente inferiores àqueles”.

<sup>455</sup> deathmeister. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>456</sup> Metal Knight. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

acontecido também é que Daniella percebeu que “nem com aquele dinheiro todo o Ronaldo prestava”.<sup>457</sup> Esses comentários se voltam criticamente para o homem, na medida em que ele se deixaria influenciar pelas opiniões dos outros e aceitaria se envolver em um romance de fachada. Houve também especulações em torno do fato de Daniella ter ou não seis dedos em um dos pés — o que foi dito em uma brincadeira feita pelo programa *Pânico na TV* —, o que poderia ter suscitado o “nojo”<sup>458</sup> de Ronaldo em relação à esposa.

Destoando das manifestações que foram destacadas até aqui, duas pessoas lamentam o fim do relacionamento de Ronaldo e Daniella, não só por sua fugacidade, mas pela paixão que parecia existir entre eles: eles poderiam ter dado certo, pois eles formavam “um belo casal” e “estavam visivelmente apaixonados”,<sup>459</sup> mas ela não soube lidar com a fama dele. Nessa visão, Daniella é diferente de Bia Antony, a atual esposa do jogador, que não teria nada a ver com ele: é feia e antipática. Em outra manifestação, emerge uma crítica a Caroline Bittencourt e Álvaro Garnero, um “casal ridículo”: ela, “feiosa, sem talento e invejosa”; ele, um velho, sem noção, “playboy falido que quis faturar em cima do amigo”.<sup>460</sup> O casal teria espalhado boatos, atrapalhando a felicidade do Fenômeno e de Daniella: Ronaldo nunca foi tão visivelmente feliz como parecia ao lado da modelo.

Por fim, vale destacar que vários manifestantes questionam o espaço concedido aos meandros do relacionamento de Ronaldo e Daniella na mídia: o “povo gosta de falar da vida dos outros”.<sup>461</sup> Há quem considere inacreditável que esse tipo de acontecimento “ganhe espaço no Jornal Nacional e da Globo”<sup>462</sup> e quem ironize dizendo que “a separação deles arruinou minha vida, vou me matar”.<sup>463</sup> Apesar das críticas, esses sujeitos estão ali, lendo e se posicionando de alguma forma em relação ao casamento das celebridades.

#### 5.4.4 Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo

A análise da individuação desse acontecimento revelou valores associados à imagem pública de Ronaldo e que participam da construção de sua trajetória. O jogador é visto como um sujeito romântico, que escolheu Paris como cenário para a realização de seu

<sup>457</sup> Tê§DëŸ. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>458</sup> Polêmico. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>459</sup> MariaClaudiaUK. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>460</sup> ALEAPELT. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>461</sup> daniel. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

<sup>462</sup> GIRL\_ROSSDALE. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

<sup>463</sup> JEA. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2011.

conto de fadas: “eu sugeri Paris, porque é uma cidade romântica maravilhosa”.<sup>464</sup> É visto, ainda, como um sujeito apaixonado, que se submete ao controle e aos “caprichos” da mulher amada — pelo menos, por certo tempo.

Foi esse valor do amor que falou mais alto na decisão de Ronaldo e Daniella de se “casar”. Ainda que não pudessem se casar religiosa e legalmente, o casal decidiu celebrar a união com a suntuosa festa. Com isso, coloca-se em evidência tanto uma norma social (não se pode ser casado com duas pessoas ao mesmo tempo) como o poder do amor ao passar por cima da norma. A norma da monogamia revela, ainda, o valor da fidelidade em nossa sociedade, o qual é tematizado também na ocasião da separação de Ronaldo e Daniella. As suspeitas de infidelidade e o ciúme são apontados como motivadores da separação. O ciúme é colocado no rol daquilo que não devemos sentir ou prezar em nossas vidas.

É interessante perceber como o amor é contraposto a outro valor no tratamento do relacionamento entre o jogador e a modelo: a amizade. Desde que iniciara o romance, Ronaldo teria se afastado de grandes amigos, incluindo seu assessor de imprensa, Rodrigo Paiva. Como se, ofuscado pela beleza de Daniella — outro valor constantemente evidenciado no tratamento do acontecimento —, Ronaldo tivesse se esquecido dos amigos. Com a separação, destaca-se o posicionamento de Rodrigo Paiva, evidenciando um possível retorno à antiga amizade: “Estarei com ele no que precisar”.<sup>465</sup> A presença de Ronaldo na festa de aniversário de David Beckham também evidencia o valor da amizade para o jogador.

Ronaldo aparece como um herói, um ídolo popular e universal, que conquistou a admiração do público a partir de seu desempenho como jogador de futebol. É também um príncipe que se apaixonou por uma bela mulher. A beleza não é destacada entre seus atributos (ele é comparado ao ogro *Shrek*), mas é “um sujeito de bom coração”, que reúne outros valores mais prezáveis na conduta humana. Dentre esses, destacam-se a lealdade, a humildade (apesar de tamanha riqueza), a simpatia, a discrição e o carisma. Sua fama e sua riqueza o tornaram capaz de conquistar belas mulheres. Ainda que ele seja descrito em alguns momentos como tolo e que ele possa ter condutas marcadas por ingratidão e crueldade (em virtude do amor cego por uma mulher), a imagem que predomina de Ronaldo é a do bom moço, que apela para o carinho da mãe, a alegria do filho e o prazer de jogar futebol no momento da separação.

Apesar das contradições que marcaram a festa no castelo francês (castelo X laje; jantar sofisticado X churrasco; cinderela X bruxa; conto de fadas X barraco; sonho X

<sup>464</sup> O NOIVADO..., *Fantástico*, 05 de setembro de 2004.

<sup>465</sup> CARUSO; CÔRTEZ, *IstoÉ*, 18 de maio de 2005.



pesadelo), não aparecem contradições evidentes na imagem do Fenômeno: ele continua sendo visto como um grande jogador, acostumado a bater recordes, amado por príncipes e flagelados, que viveu um fugaz amor de celebridade. Ainda que, em alguns momentos, Ronaldo seja narrado como ciumento demais ou como um homem supostamente infiel, nada parece abalar a imagem pública constituída por ele até ali. Essa imagem de Ronaldo fica muito clara, sobretudo, quando contraposta à imagem construída para Daniella Cicarelli na trajetória dos dois.

Ele continua a ser o adorado Fenômeno, enquanto Daniella talvez fosse lembrada, a partir de então, como a “linda [e chata] ex do Fenômeno” ou a “modelo que pegou carona no sucesso dele”. Ela é vista como a moça linda, mas de temperamento difícil, dominadora, autoritária e egoísta, que fez da casa de Ronaldo “um altar em homenagem a si mesma”. Ele é um ídolo popular; ela, uma megera antipática. Ele é a celebridade do primeiro escalão; ela, uma “wannabe”, interessada apenas na fama e na fortuna do Fenômeno. Em poucas manifestações do público, emergem defesas em relação a Daniella e seus sentimentos por Ronaldo.

Para concluir a análise da individuação desse acontecimento, gostaríamos de destacar dois traços que edificam a sociedade contemporânea que foram aqui revelados. O primeiro diz respeito ao tom machista que marca essa polarização entre Ronaldo e Daniella, que diz do modo como as relações de gênero são pensadas em nossa sociedade: a mulher é vista, muitas vezes, como objeto, como interesseira, como incapaz de se destacar por seu próprio esforço e, portanto, precisa utilizar o homem como um degrau. Além disso, ser mulherengo e buscar mulheres bonitas para viver relacionamentos não é um tipo de comportamento censurado. Assim, pode-se perceber que apesar das inúmeras conquistas e mudanças advindas a partir da emancipação feminina, é inegável o quanto ainda persistem em nossa sociedade aqueles valores e normas que acabam por garantir o privilégio dos homens e que configuram o machismo (AZERÊDO, 2007).

O segundo traço se refere à mudança nas relações amorosas que é característico do nosso tempo. Ronaldo e Daniella construíram seu amor de celebridade, muito marcado pela fugacidade, pela fluidez, pela mobilidade que constroem o *amor líquido* descrito por Bauman (2004). O autor adverte para os riscos em relação à satisfação amorosa, a partir da possibilidade de multiplicação de relacionamentos: um parceiro pode decidir abandonar o outro “bem antes que uma conclusão gratificante possa ser alcançada, rejeitado como algo que não vale a pena ou desprezado em função de um preço que ninguém vê razão para pagar em virtude dos substitutos aparentemente mais baratos disponíveis no mercado”

(BAUMAN, 2005, p. 72). No caso de Ronaldo e Daniella Cicarelli, a satisfação do casamento durou apenas 86 dias.

Essa possibilidade de construir diferentes relacionamentos é advinda da emergência do *amor confluyente*: um amor ativo e contingente, que “entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da idéia do amor romântico. [...] Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da ‘pessoa especial’ e o que mais conta é o ‘relacionamento especial’ (GIDDENS, 1993, p. 72)”. Compartilhamos da visão de Giddens (1993) segundo a qual esse novo modelo de amor permitiu uma maior liberdade e igualdade emocionais entre os parceiros, que buscam a felicidade e o prazer a partir de satisfações afetivas mútuas.

Entretanto, é inegável, como sugere Bauman (2005), que isso trouxe o risco de fluidez e mobilidade excessivas na construção dos relacionamentos amorosos contemporâneos — o que pode ser visto na história de Ronaldo e Cicarelli. De qualquer forma, acreditamos que a construção do laço amoroso continua sendo — apesar de todos os riscos — uma das estratégias adotadas pelos sujeitos para construir um ponto de ancoragem no mundo, um polo de segurança frente à instabilidade que marca o contemporâneo.

A trajetória amorosa de Ronaldo revela traços desse *amor confluyente*: ele assume os riscos em relação à possibilidade de que o relacionamento seja fugaz nos diferentes romances que constrói. O fim de um casamento não significa o término de sua experiência amorosa. A separação do casal foi mais criticada por se seguir ao investimento milionário que foi o enlace (e não porque o romance deveria ser eterno). O término desse relacionamento abriu o campo de possíveis do Fenômeno para outras mulheres, como Raica Oliveira, até que ele se casasse novamente, com Bia Antony. Ronaldo e Bia estão juntos desde 2007, e o romance enfrentou separações provisórias e suspeitas de traição. Um dos momentos conturbados desse relacionamento aconteceu no final de abril de 2008, com o episódio das travestis, que será analisado a seguir.

## 5.5 O episódio das travestis

No dia 28 de abril de 2008, houve um incidente envolvendo Ronaldo e três travestis no Rio de Janeiro, que começou em um motel e terminou em uma delegacia. A versão do jogador é a de que teria contratado uma prostituta naquela madrugada, que convidara mais duas amigas para o programa. Ao perceber que eram travestis, Ronaldo teria

tentado desfazer o programa e teria sido vítima de tentativa de extorsão. As versões para esse episódio ganharam o espaço de visibilidade pública, e a imagem do jogador foi muito abalada pelo caso. Ronaldo namorava Bia Antony, que terminou o relacionamento ao saber do ocorrido, mas, pouco depois, ao confirmar sua gravidez, reatou o romance. A individuação desse acontecimento será analisada a seguir.<sup>466</sup>

### 5.5.1. Descrição

O episódio envolvendo Ronaldo e as travestis foi cercado de especulações e múltiplas (e contraditórias) versões. O acontecimento foi descrito como um “escândalo”,<sup>467</sup> como uma “escorregada fenomenal”,<sup>468</sup> como um “imbróglio” que acarretou estragos à imagem do Fenômeno, independente de qual das versões for a verdadeira. Por Ronaldo, a ocorrência é descrita como um “ato estúpido”, como uma “grande besteira”, da qual ele muito se envergonha e se arrepende.<sup>469</sup>

De acordo com Ronaldo, na madrugada do dia 28 de abril de 2008, depois de sair de uma boate e de deixar a namorada Bia Antony em casa, ele procurou serviços de uma prostituta: “No calçadão da Barra da Tijuca, teria se enganado e convidado um travesti para entrar em seu carro”.<sup>470</sup> Eles foram ao Motel Papillon, no mesmo bairro, e Andréia, a travesti que o acompanhava, teria convidado mais duas amigas (também travestis) para participar do programa. “Ao perceber o engano, disse à polícia, tentou desistir do programa e, nesse ponto, foi ameaçado de extorsão por André Luiz Ribeiro Albertino, conhecido como ‘Andréia’.”<sup>471</sup> Segundo o jogador, Andréia teria exigido a quantia de 50 mil reais para não dar visibilidade ao caso, o que Ronaldo se recusou a pagar. Com isso, “a polícia foi chamada e o dia raiou com todo mundo na delegacia”.<sup>472</sup> De acordo com o “inspetor Roberto Carvalho, designado para

---

<sup>466</sup> Esse acontecimento foi objeto de análise de Carvalho (2010a), cujo objetivo era perceber as distinções na cobertura do caso pelos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, a fim de apreender o modo como a homofobia desafia o jornalismo como um ator social. Leal *et al* (2010) e Leal, Vaz e Antunes (2010) também realizam reflexões que tomam o mesmo episódio como objeto, a partir da perspectiva do agendamento, do enquadramento e da noticiabilidade. Esses estudos não objetivaram, no entanto, realizar uma análise da construção de Ronaldo como uma celebridade, a partir da grade analítica do acontecimento, apontando os valores agregados à sua imagem pública — o que buscamos desenvolver aqui.

<sup>467</sup> MARTINS, *Época*, 12 de maio de 2008.

<sup>468</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>469</sup> O DESABAFO de Ronaldo. *Fantástico* (04 de maio de 2008). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>470</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>471</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>472</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

investigar o caso, Ronaldo chorou e disse: ‘Isso pode acabar com a minha carreira’.<sup>473</sup> A versão de Andréia é diferente da contada pelo jogador e

é um pouco mais destrutiva para a imagem do ídolo. Segundo declarou, Ronaldo, ao convidá-lo para entrar no carro, estava, sim, ciente de que ele não era “nenhuma Daniella Cicarelli”. No motel, afirmou, o jogador teria pedido a ele que convidasse “uma amiga” para se juntar aos dois. Andréia chamou o travesti Carla Tamini, que, por sua vez, convocou uma terceira colega, o travesti Veida Ganzarolli. Andréia disse que ele levou cocaína. Ainda de acordo com Andréia, Veida e Ronaldo consumiram a droga. O travesti afirma que, em dado momento, o jogador pediu-lhe que saísse para buscar mais cocaína. Andréia teria, então, ido até a favela da Cidade de Deus, que fica a dez minutos de carro dali. Ele alega que demorou para voltar porque foi parado pela polícia, que ficou com a cocaína e a maconha compradas (policiais confirmaram que o travesti deixou o motel, mas afirmam que, em vez de ir atrás de droga, ele usou o tempo para fazer contato com redações de jornais e espalhar a história). Ainda segundo Andréia, na sua ausência, que durou entre uma e duas horas, Ronaldo teria ficado no quarto, na companhia dos travestis Veida e Carla. Este último declarou à polícia ter feito sexo com o jogador — e sem camisinha. Em seu relato Andréia conta que os dois travestis que ficaram com Ronaldo receberam dele 300 reais cada um pelo programa. [...] Andréia alega que Ronaldo não quis pagar a parte que lhe cabia e que a confusão começou aí.<sup>474</sup>

Nessa versão, Andréia acusa o jogador de ter consumido bebidas e drogas (o que seria inaceitável para um atleta como ele) e de ter feito sexo com uma das travestis, confirmando a traição de Ronaldo em relação à namorada e levantando dúvidas em relação à orientação sexual do jogador. Entretanto, as outras duas travestis, Carla Tamini e Veida Ganzaroli, e alguns empregados do motel “confirmaram a versão de Ronaldo”.<sup>475</sup> O fato de a polícia não ter encontrado drogas no motel e de o delegado Carlos Augusto Nogueira ter afirmado que a versão de Ronaldo era “mais confiável” do que a de Andréia favoreceu o jogador.<sup>476</sup> Apesar dessa declaração, o delegado disse estar “dando o mesmo tratamento aos dois”.<sup>477</sup> Em novo depoimento à polícia, a própria Andréia revê o que havia dito anteriormente e acaba por confirmar a versão de Ronaldo:

Segundo a íntegra do depoimento, Albertini afirmou que não houve sexo nem consumo de drogas no quarto do motel Papillon, na Barra da Tijuca (zona oeste do Rio), para onde foi com Ronaldo e outros dois travestis. Disse ainda que o jogador não bebeu, apesar de o frigobar ter sido esvaziado por três vezes, e que, quando percebeu que os três eram travestis, “ficou chateado porém continuou sendo gentil”.[...] o travesti negou que tenha tentado roubar o documento do carro de Ronaldo — que ficou na bolsa de

<sup>473</sup> GARCIA, *IstoÉ*, 02 de maio de 2008.

<sup>474</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>475</sup> GARCIA, *IstoÉ*, 02 de maio de 2008.

<sup>476</sup> RONALDO e travestis Que Fenômeno Heim. *Jornal da Band*. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=WG9\\_dx6JQNo](http://www.youtube.com/watch?v=WG9_dx6JQNo)>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>477</sup> FERNANDES, *Época*, 05 de maio de 2008.

Albertini depois da confusão — e extorqui-lo. No depoimento, disse que o jogador tirou-o do bolso porque os travestis achavam que ele era um sócia de Ronaldo e o documento ficou “ao lado de sua bolsa”. [...] Para justificar as supostas mentiras, Albertini disse ao delegado que “está muito chateada e profundamente arrependida com algumas coisas que possa ter falado” e só inventou que o jogador havia consumido drogas e feito sexo com um dos travestis “pois estava muito magoada de não ter recebido o mesmo valor de Carla e Veida [seus colegas]”.<sup>478</sup>

Os depoimentos endossaram o primeiro relato de Ronaldo, mas não salvaram “a imagem do jogador, que sempre foi apontado como exemplar”.<sup>479</sup> O próprio jogador declarou que o episódio vai manchar pra sempre a sua imagem.<sup>480</sup> Naquele momento, o público se pergunta: “o que está acontecendo com o exmelhor jogador do mundo?”.<sup>481</sup> O acontecimento impulsiona os discursos a posicionar Ronaldo (comparando-o a outros jogadores) e as travestis envolvidas naquele “escândalo” — o que é feito de modo bastante diferente.

Ronaldo é descrito como “o mais bem-sucedido jogador de futebol da atualidade”, um esportista “rico e famosíssimo”, com um patrimônio avaliado em 250 milhões de dólares. É “uma celebridade global” que construiu uma “imagem de atleta vencedor e preocupado com o destino da humanidade”.<sup>482</sup> Essa imagem impulsiona comparações entre Ronaldo e o Rei do futebol, enquanto o “escândalo com as travestis” o aproxima de outro jogador de futebol:

seu sucesso lembra o de outro brasileiro: Pelé, o primeiro a ganhar fama mundial por seus feitos nos gramados. Vez por outra, no entanto, Ronaldo encarna Maradona, o ídolo argentino de talento estelar que se dedica com ardor quase profissional a se meter em confusões envolvendo mulheres, drogas e bebedeiras.<sup>483</sup>

Ronaldo também é comparado — por distanciamento — a Ricardo Izecson dos Santos Leite, o Kaká, com quem jogava no Milan, na Itália. Kaká é visto como “o que Ronaldo vem deixando de ser: atleta consagrado, modelo de bom moço e garoto-propaganda perfeito”.<sup>484</sup>

Se a carreira de Kaká lembra a de Ronaldo, não há traço de semelhança entre os jogadores no que diz respeito à vida pessoal. Ao contrário do irrequieto Fenômeno, o pacato Kaká não bebe, não fuma, não frequenta boates e nunca foi visto em farras. Aguarda para este mês o nascimento de seu primeiro filho, fruto do casamento com a socialite e também evangélica Caroline

<sup>478</sup> BELCHIOR, *Folha.com*, 06 de maio de 2008.

<sup>479</sup> GARCIA, *IstoÉ*, 02 de maio de 2008.

<sup>480</sup> O DESABAFO..., *Fantástico*, 04 de maio de 2008.

<sup>481</sup> GARCIA, *IstoÉ*, 02 de maio de 2008.

<sup>482</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>483</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>484</sup> ROSSI, *Veja*, 07 de maio de 2008

Celico — que namorou por três anos e com quem, garante, se casou virgem.<sup>485</sup>

Ao se posicionar em relação ao acontecimento, Ronaldo destaca a vergonha e o arrependimento que sente em relação à ocorrência, não pelo fato de serem travestis: se não fossem, sua consciência pesaria do mesmo jeito, já que ele estava namorando. Além disso, ele resgata sua dimensão humana, como alguém que comete erros, e procura separar sua vida profissional de sua vida pessoal:

Estou envergonhado, mas isso também me aproxima das pessoas, porque eu sofri isso a minha vida inteira como jogador e como jogador bem sucedido que eu sou, de ser realmente colocado em uma outra esfera. Eu sou um ser humano, uma pessoa. Por trás do personagem que eu carrego, eu tenho minhas fraquezas, tenho meus medos, tenho tudo o que uma pessoa normal tem. Então, de alguma forma, [...] eu me aproveito dessa situação para me aproximar mais das pessoas e dizer que sou um ser humano e que eu erro. Enfim, tenho minhas fraquezas e esse momento foi um momento trágico que eu tive, a pior decisão pessoal da minha vida. Teve uma dimensão muito grande e que, com certeza, vai manchar minha vida pessoal para sempre. Mas, nada tem a ver com a minha história, minha vida profissional como jogador.<sup>486</sup>

As travestis envolvidas naquele caso são posicionadas de modo muito diferente: na grande maioria dos discursos aqui analisados, elas são vistas como *os* travestis ou *as* prostitutas, ocupando um lugar muito marcado na sociedade. Há uma polarização que procura definir certos lugares para os envolvidos, como destaca o artigo publicado no *Observatório da Imprensa*:

Como Ronaldo é a estrela, seu nome sempre aparece primeiro: o escândalo de Ronaldo com travestis. Andréia sempre é coadjuvante, sempre ocupa o segundo lugar. Quando ele é apresentado, pois dispensa apresentações, é o atacante do Milan, tem uma profissão de prestígio. Andréia sempre é apresentada e classificada: ela é *um* travesti (*sic*) e prostituta, ambos socialmente estigmatizados, inclusive tratados como sinônimos.<sup>487</sup>

Para se referir a Andréia, os discursos usam constantemente seu nome (masculino) de registro, enquanto “o nome social Ronaldo fala por si só. É Ronaldo e ponto”.<sup>488</sup> Daniliauskas e Assumpção questionam esse tratamento conferido à travesti, evidenciando que “Andréia Albertine é uma pessoa, um ser humano que tem uma história e, como todas as travestis, sofre com estigmas sociais e tem sua cidadania desrespeitada. Isso, sim, deveria ser

<sup>485</sup> ROSSI, *Veja*, 07 de maio de 2008

<sup>486</sup> O DESABAFO de Ronaldo. *Fantástico* (04 de maio de 2008). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>487</sup> DANILIAUSKAS; ASSUMPÇÃO, *Observatório da Imprensa*, 06 de maio de 2008.

<sup>488</sup> DANILIAUSKAS; ASSUMPÇÃO, *Observatório da Imprensa*, 06 de maio de 2008.

notícia”. Esse tipo de tratamento revela o extremo preconceito existente em nossa sociedade em relação às travestis. A voz que tematiza o lugar delas é a “do preconceito e do estereótipo que marcam o gênero travesti” (CARVALHO, 2010a, p. 219).

Isso também pode ser percebido na fala da apresentadora do *Jogo Aberto*, Renata Fan: “Olha uma imagem de um cara que hoje é um craque mundial, saindo com travestis. Você acha que isso é bom?”,<sup>489</sup> questiona ela aos demais apresentadores e comentaristas do programa da *Band*. A fala de um comentarista da *Record* (cujo nome não foi possível identificar) exhibe o mesmo posicionamento em relação ao comportamento de Ronaldo, visto como um “péssimo exemplo”: “Lamentável, Ronaldo Nazário. Um ídolo do futebol brasileiro. [...] Você é um homem público, você não pode fazer isso [...] As crianças gostam de ver você jogar. As crianças imitam você jogando futebol. [...] Você tem que aprender bons modos, como faz o Kaká [...]”.<sup>490</sup>

O preconceito existente na sociedade se mostra também em uma das perguntas feitas pela repórter Patrícia Poeta a Ronaldo, em entrevista para o *Fantástico*: “A que você acha que se deve esse escândalo todo? Se fossem prostitutas, por exemplo, não teria sido assim?”.<sup>491</sup> Em sua resposta, o jogador procura se mostrar politicamente correto, posicionando-se de modo indiferente em relação a essa distinção e não demonstrando preconceito em relação às travestis: “Na minha consciência estaria pensando do mesmo jeito, mesmo que não tivesse a extorsão, mesmo que não saísse a público toda essa história”.<sup>492</sup> Na entrevista de Ronaldo, o que emerge é a sua preocupação com o fato de ele ter pensado em trair a namorada (já que, segundo ele, a traição não se consumou) — independente de ser com uma travesti ou uma mulher.

A fim de evidenciar a singularidade daquela ocorrência, o acontecimento é comparado a outros eventos que constroem a vida amorosa de Ronaldo. O Fenômeno já havia conquistado belas mulheres: ele “é invejado por ter se casado com a apresentadora Daniela Cicarelli e namorado modelos como Raica Oliveira e a espanhola Miréia Canalda”.<sup>493</sup> Apesar de inúmeras suspeitas de infidelidade que marcam a trajetória de Ronaldo, elas sempre ficavam como suspeitas e não havia, até então, relatos de traição com

<sup>489</sup> JOGO Aberto - Escandalo Ronaldinho II. *Jogo Aberto*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=O7RgZPb-aPs>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>490</sup> RONALDO Fenômeno e os Travestis (Versão Record 29/04/2008). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dtbMPHnDpKc>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>491</sup> O DESABAFO..., *Fantástico*, 04 de maio de 2008.

<sup>492</sup> O DESABAFO..., *Fantástico*, 04 de maio de 2008.

<sup>493</sup> GARCIA, *IstoÉ*, 02 de maio de 2008.

prostitutas. Em 1999, seu nome chegou a ser associado a uma rede de prostituição na Itália, mas nada ficou provado.

Esse acontecimento é comparado também a um evento semelhante — o que comprovaria a tese de Ronaldo de que ele fora vítima de uma quadrilha que atua no Rio de Janeiro, como ele revelou na entrevista ao *Fantástico*. Uma matéria exibida pelo *Jornal Nacional* traz o depoimento de um homem da Bahia que afirma ter reconhecido uma das travestis como parte de um grupo que lhe aplicou um golpe em viagem ao Rio. Segundo o depoimento, ele, assim como Ronaldo, achou que estava contratando uma garota de programa.

Eu percebi que era um travesti e desisti do programa. Ofereci o pagamento, só que aí ela deu a ideia de chamar duas amigas, que seriam mulheres mesmo. Eu concordei, só que ao chegar no hotel, também eram mais duas travestis. Aí começa o terrorismo: ameaça que você tem droga ou usou droga, se não pagar a quantia que elas querem, vai denunciar à polícia, vai chamar a polícia.<sup>494</sup>

Ainda segundo o mesmo sujeito, ele foi obrigado a fazer um saque de 630 reais para pagar a elas, que teriam roubado também sua carteira. Por vergonha, ele disse que registrou a ocorrência como um furto comum e não como extorsão por travestis. Ao comparar as situações vividas por esse homem e por Ronaldo, este é colocado como uma vítima que sofreu a ação de uma quadrilha.

A emergência desse acontecimento impulsionou a construção de um passado que pudesse tentar trazer uma compreensão para sua ocorrência, ao mesmo tempo em que trouxe desdobramentos em relação à vida pública e à vida privada de Ronaldo — o que será discutido a seguir.

### 5.5.2 Narração

O passado construído para esse acontecimento diz respeito tanto à trajetória profissional de Ronaldo como à sua experiência amorosa. Sua vida profissional enfrentava um momento delicado: “primeiro foram os quilos a mais que ameaçaram sua estabilidade profissional, depois as lesões graves no joelho e cirurgias delicadas”.<sup>495</sup> Ele estava no Rio de Janeiro justamente em processo de recuperação de uma dessas cirurgias. Ele jogava pelo Milan, na Itália, mas estava havia três meses no Brasil, fazendo sessões de fisioterapia e

<sup>494</sup> RONALDO fenomeno, e travestis em motel no Brasil. *Jornal Nacional*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=GBRzHK3vm1I>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>495</sup> GARCIA, *IstoÉ*, 02 de maio de 2008.



exercícios a fim de retornar aos campos. Novamente, pairava a dúvida se ele conseguiria se recuperar, como fez com as lesões anteriores. A capacidade de superação de Ronaldo é destacada naquele momento, que suscita de novo o questionamento: “Em sua carreira, Ronaldo sempre foi capaz de dar a volta por cima. Será que, aos 31 anos, ele conseguirá superar o dano causado pelo escândalo com travestis?”.<sup>496</sup>

A vida amorosa de Ronaldo também integra o passado desse acontecimento. Como destacado na análise de seu casamento com Daniella Cicarelli, o jogador é conhecido pela conquista de belas mulheres e, ao mesmo tempo, por ter um comportamento festeiro, marcado, muitas vezes, por “noites viradas e a pouca atenção ao condicionamento físico” necessário a um atleta.<sup>497</sup> Tanto o breve casamento com Daniella como o primeiro, com Milene, “soçobraram diante das farras e infidelidades do jogador”.<sup>498</sup> O relacionamento de Ronaldo com Maria Beatriz Antony começara em 2007, e eles viviam juntos na Itália. Bia acompanhou o namorado ao Rio para o tratamento no joelho, e os dois vinham demonstrando, em diferentes aparições públicas, que estavam “mais apaixonados que nunca”,<sup>499</sup> vivendo em “clima de lua-de-mel”.<sup>500</sup> Mas, se “a trajetória pessoal de Ronaldo obedece a um estilo parecido com o que ele exhibe em campo, com arrancadas em alta velocidade e mudanças repentinas de direção que desconcertam a todos pelo caminho”,<sup>501</sup> a aparente lua-de-mel com Bia seria muito abalada pelo “escândalo” com as travestis.

No domingo anterior à ocorrência, Ronaldo fora ao Maracanã, onde acompanhou a vitória do Flamengo sobre o Botafogo, que valeu a conquista do Campeonato Carioca por seu time do coração. Depois de comemorar em uma boate, o jogador deixou a namorada em casa, “antes que ele contratasse Andréia para a noitada”.<sup>502</sup> Em seu depoimento na delegacia, Ronaldo disse que estava deprimido com seu processo de recuperação e queria se divertir. De acordo com Ronaldo, ele e Bia haviam brigado, o que o motivou a buscar os serviços de uma prostituta. Mas foi “uma briga boba”, o que, segundo ele, não justificaria a “grande besteira” que ele fez naquela noite em sua vida pessoal. Ele diz que aquilo foi um “ato estúpido”, um “ato isolado” em sua vida e do qual está muito envergonhado e arrependido.<sup>503</sup>

<sup>496</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>497</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>498</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>499</sup> DESEMBARQUE..., *Caras*, 16 de abril de 2008.

<sup>500</sup> RONALDO e Bia em lua-de-mel. *Caras*, 23 de abril de 2008.

<sup>501</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>502</sup> GARCIA, *IstoÉ*, 02 de maio de 2008.

<sup>503</sup> O DESABAFO de Ronaldo. *Fantástico* (04 de maio de 2008). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

Assim, o passado que se constrói para esse acontecimento é tanto o de uma carreira profissional em crise (apesar de inúmeras conquistas anteriores) como o de uma vida amorosa gloriosa, construída com belas mulheres. O que teria impulsionado Ronaldo a agir naquela madrugada? Ainda que o jogador diga que é “completamente heterossexual”,<sup>504</sup> que não sabia que se tratava de travestis, o acontecimento impulsiona a busca de explicações também na orientação sexual de Ronaldo. Uma delas é encontrada na “sedução exercida pelos travestis”, “um dos grandes mistérios da sexualidade moderna”.<sup>505</sup>

Todos os dias, milhares de homens se esgueiram por avenidas sombrias para comprar o prazer oferecido por seus corpos alterados. O risco envolvido nesse tipo de operação ficou claro há duas semanas, quando Ronaldo Nazário, o jogador de futebol mais famoso do mundo, transformou-se no protagonista de um escândalo que tinha como coadjuvantes três travestis do Rio de Janeiro. Ele foi com o grupo ao hotel Papillon e, durante a madrugada, desentendeu-se com um deles, Andréia Albertini. Acabaram todos na delegacia, de onde a história ganhou o mundo. A avalanche moral que desabou sobre Ronaldo a partir daí foi incapaz de responder à questão mais simples colocada pelo episódio: por que homens adultos e mesmo famosos arriscam segurança e reputação e vão atrás de travestis?<sup>506</sup>

O jornalista Ruy Castro também procura encontrar explicações para o acontecimento e acredita que o enfado pode tomar conta de celebridades que têm o poder de conquistar tudo o que querem, o que as impulsiona a enveredar por caminhos desconhecidos — até mesmo do *submundo*:

Não é incomum que celebridades como Ronaldo, com dinheiro a rodo, um poder quase inimaginável e acesso a praticamente qualquer mulher que desejem, sejam acometidas de um tédio profundo nesse departamento — porque, para ter essa mulher, basta-lhes levantar um dedo, se tanto. Um aspone se encarregará do contato, do carro e das despesas de produção. Ao herói, bastará o desempenho no leito. Mas até quando ele continuará a ser um herói para si mesmo? [...] Cansado das mulheres deslumbrantes que, desde os seus 19 anos, se atiraram em seu caminho e em sua cama, Ronaldo teria sentido uma nostalgia por algo que nunca experimentou: o mergulho no “bas-fond”. Talvez só não o imaginasse tão baixo. É uma teoria. Mas, como também diria Nelson [Rodrigues], isso é pura psicanálise de galinheiro.<sup>507</sup>

Essa visão de que Ronaldo teria sido impulsionado pelo desejo em relação ao desconhecido e à satisfação de fantasias também emerge na fala de psicanalistas, que são convocados a explicar esse tipo de sedução exercida pelas travestis. Eles assumem, entretanto, posicionamentos diferentes em relação a ela:

<sup>504</sup> O DESABAFO de Ronaldo. *Fantástico* (04 de maio de 2008). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>505</sup> MARTINS, *Época*, 12 de maio de 2008.

<sup>506</sup> MARTINS, *Época*, 12 de maio de 2008.

<sup>507</sup> CASTRO, *Folha de S. Paulo*, 13 de maio de 2008.

Liberais dizem que, bolas, desejo é desejo, e não se pode explicar ou reprimir. Há que aceitar. “Entendo que os homens que só se realizam sexualmente com travestis possam estar mal resolvidos em sua orientação sexual”, diz Maria Rita Kehl. “Mas considerar que todos os que gostam de travestis são homossexuais acovardados é uma redução preconceituosa.” Na outra ponta, fala-se em sofrimento e confusão por trás dessa forma específica de prazer. “Para alguns homens é patológico”, afirma o psicanalista Oswaldo Rodrigues, do Instituto Paulista de Sexualidade. “Muitos fazem isso num impulso de autodestruição”.<sup>508</sup>

Ronaldo, no entanto, não assume qualquer desses posicionamentos. Ele destaca que sua orientação é heterossexual, não tem dúvidas em relação a isso. Ele apenas se confundiu naquela madrugada e, ao tentar encerrar o programa com as travestis, foi vítima de uma tentativa de extorsão por parte de Andréia. Ela acabou mesmo sendo denunciada por esse crime, depois que retirou todas as acusações contra Ronaldo em seu novo depoimento na delegacia.<sup>509</sup>

Na denúncia apresentada pelo promotor Alexandre Murilo Graça consta que o travesti constrangeu Ronaldo com “a intenção de obter vantagem financeira”. Caso seja aceita a denúncia por extorsão, Andréia pode pegar uma pena que varia de quatro a dez anos de prisão, além de multa, ainda sem valor estipulado. O promotor também informou que irá pedir à Justiça que ouça novamente o jogador e os três travestis.<sup>510</sup>

Do ponto de vista legal, o caso foi encerrado cerca de um ano depois, em julho de 2009, quando Andréia Albertini faleceu em virtude de complicações causadas por pneumonia em decorrência da AIDS. Do ponto de vista simbólico, o acontecimento abriu um novo campo de possíveis, com desdobramentos na trajetória profissional e pessoal de Ronaldo.

O namoro com Bia Antony foi rompido quando ela soube do caso das travestis, mas a separação durou poucos dias. Ela descobriu que estava grávida, e, passado o período de turbulências, o relacionamento foi retomado, menos de um mês depois do episódio. Em meados de maio de 2008, eles viajam juntos para a França e “ao que tudo indica, com ‘tempo bom’[...]. Além de ter recebido o perdão de Bia Anthony (25), com quem viajou para a Europa, o craque festeja outra boa nova: a confirmação da gravidez de um mês da namorada”.<sup>511</sup> Depois de perdoar Ronaldo, Bia declarou: “Atravessamos aquela fase difícil juntos. Mas isso é passado e hoje estamos felizes”.<sup>512</sup> Desde então, Ronaldo e Bia tiveram duas filhas (Maria Sophia e Maria

<sup>508</sup> MARTINS, *Época*, 12 de maio de 2008.

<sup>509</sup> MORRE..., *Época*, 10 de julho de 2009.

<sup>510</sup> MINISTÉRIO..., *Época*, 20 de maio de 2008.

<sup>511</sup> RONALDO e Bia felizes..., *Caras*, 21 de maio de 2008.

<sup>512</sup> RONALDO: as delícias do desemprego. *Caras*, 16 de julho de 2008. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 13 de julho de 2010.

Alice) e vivem juntos em São Paulo. A família também conta com a presença de Alex, o filho de Michele Umezu cuja paternidade foi reconhecida por Ronaldo em dezembro de 2010. Ele mora com a mãe, também em São Paulo, e passa fins de semana com a família do pai.

Profissionalmente, a vida de Ronaldo passa por um período difícil após o episódio das travestis. Seu contrato com o clube em que jogava venceu em junho daquele ano e não foi renovado pelo Milan. As previsões dos médicos eram de que ele poderia voltar a jogar em dezembro; até lá, seria muito difícil negociar com outros clubes. Naquele contexto, houve inúmeras especulações em torno da perda de postos como o de Embaixador do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas e de contratos publicitários milionários — como o da TIM e o acordo vitalício estabelecido com a Nike — o que não se confirmou. Em nota, naquele momento, a Nike “informou laconicamente que torce pela recuperação do craque, sem tomar posição sobre o futuro do contrato”.<sup>513</sup> No contexto da aposentadoria de Ronaldo, a Nike fez inúmeras homenagens a ele.

Naquele momento, ninguém poderia afirmar que Ronaldo não voltaria “a brilhar nos campos”.<sup>514</sup> Mas, nos meses que seguiram ao episódio das travestis, enquanto ainda se recuperava da lesão que sofrera, o jogador exibia péssima forma física e uma despreocupação com sua nova condição de “desempregado”: “Com cigarro em uma das mãos e copo de bebida na outra, o atacante mostrou que o fim do contrato com o clube italiano Milan, no fim de junho, parece não ter abalado suas férias, seu humor e a conta bancária, avaliada em 250 milhões de dólares”.<sup>515</sup> Ronaldo parecia se afastar dos gramados de vez.

Até que, em 12 de dezembro de 2008, ele é apresentado no Parque São Jorge, em São Paulo, como o novo reforço do Corinthians para a temporada de 2009, quando o clube paulista voltaria a jogar na Série A do Campeonato Brasileiro. Ronaldo foi recebido com festa pela torcida e ajudou o clube a conquistar o Campeonato Paulista e a Copa do Brasil de 2009. Ele permaneceu no Corinthians até o anúncio da aposentadoria, em fevereiro de 2011.

Assim, no contexto do “escândalo” das travestis pairava a dúvida no ar: “haverá tempo para Ronaldo jogar como antes?” ou “como Ronaldo Luis Nazário de Lima sairá de mais um abismo”?<sup>516</sup> A trajetória de Ronaldo mostrou, mais uma vez, sua capacidade de superação e que os danos à sua imagem e à sua carreira, considerados então “sérios e muito provavelmente irreparáveis”,<sup>517</sup> não se mostraram tão graves assim. De qualquer forma, o

---

<sup>513</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>514</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>515</sup> RONALDO: as delícias..., *Caras*, 16 de julho de 2008.

<sup>516</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>517</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

acontecimento trouxe repercussões e convocou o público a se posicionar, de diferentes maneiras, em relação a essa ocorrência — como discutiremos a seguir.

### 5.5.3 Pano de fundo pragmático

O episódio envolvendo Ronaldo e as travestis repercutiu na imprensa mundial.<sup>518</sup> Da delegacia, o caso “decolou para os jornais do mundo inteiro, que transbordaram de informações constrangedoras, incluindo especulações sobre as reais preferências sexuais do jogador e outros detalhes devastadores para a imagem do Fenômeno.”<sup>519</sup> No Brasil, a repercussão do acontecimento fez de Ronaldo, “descabelado e destruído, ao lado de travestis em uma delegacia carioca”, a “piada da semana”.<sup>520</sup> O tom geral dos discursos é de condenação ao comportamento do jogador: um atleta de sucesso, um grande campeão, cuja trajetória profissional e pessoal estaria entrando em declínio: “a torcida é pró-Ronaldo — mas ninguém entende esse gol contra.”<sup>521</sup>

Entretanto, há discursos que colocam Ronaldo como vítima de um golpe armado pelas travestis e que abrem espaço para que ele conte, com detalhes, sua visão e seus posicionamentos em relação ao acontecimento (com destaque para a entrevista concedida por ele à jornalista Patrícia Poeta para o *Fantástico*). Todos esses discursos fizeram circular sentidos sobre o acontecimento e seu protagonista, interpelando o público a se posicionar — o que foi feito de maneiras diferentes.

A convocação foi respondida pelo movimento LGBT. O grupo *Astral LGBTTT*, do Piauí, divulgou nota de apoio às travestis envolvidas no caso, pedindo séria investigação dos fatos. O grupo criticou a postura do delegado de ser parcial na defesa de Ronaldo e a mídia de ser preconceituosa em relação às travestis.<sup>522</sup> Na visão de Marcelo Cerqueira, do *Grupo Gay da Bahia*, “tudo poderia ser mais simples na lógica do desejo”: “travestis despertam uma enorme curiosidade junto ao público masculino. Muitos homens rejeitam, mas não resistem às formas e curvas das meninas. Elas são verdadeiros centauros urbanos. E Ronaldinho não pode resistir a essa curiosidade”. Ele “foi traído pelo desejo”.<sup>523</sup>

<sup>518</sup> FERNANDES, *Época*, 05 de maio de 2008

<sup>519</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>520</sup> FRANÇA, *Veja*, 07 de maio de 2008.

<sup>521</sup> GARCIA, *IstoÉ*, 02 de maio de 2008.

<sup>522</sup> GRUPO gay do Piauí defende travestis do caso Ronaldo. 04 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.gp1.com.br/>. Acesso em: 20 de outubro de 2011.

<sup>523</sup> CERQUEIRA, *Ronaldinho...*, 11 de maio de 2008.

Celebridades também atenderam à convocação, manifestando-se em relação ao acontecimento em diferentes espaços. O ex-jogador Maradona defendeu a separação entre os assuntos ligados à vida profissional do jogador e os ligados à esfera pessoal: “O que ele fizer fora do campo é assunto seu, ninguém pode julgá-lo”.<sup>524</sup> O jogador Edmundo destacou a confiança no depoimento de Ronaldo de que ele fora vítima de uma armação e lembrou seu desempenho como jogador: “ele foi três vezes o melhor do Mundo, tem dez vezes mais dinheiro do que eu, ganhou tudo, tem todo o Mundo a seus pés”.<sup>525</sup> O ex-jogador Sócrates lembrou o modo como Ronaldo emprestou sua imagem vencedora em campanhas em prol dos mais necessitados e procurou afastar a associação que inúmeros discursos midiáticos vinham estabelecendo entre o jogador e drogas e travestis.

Gostar de festas e mulheres não é crime nem para as igrejas que tentam nos converter em pequenos deuses humanos, desde que tenhamos o altruísmo de lhes oferecer o dízimo. Inverter essa lógica é muito mais que sacanagem, é má-fé. Levantar suspeitas de consumo de cocaína ou de qualquer outro tipo de droga e de homossexualismo é de extrema maldade, pois quem o acompanha, por jornais e revistas, que seja, sabe que em momento algum se viu em seu olhar qualquer sinal de estar drogado. E quem saiu e casou com as belezas que ele conquistou não pode gostar de travestis.<sup>526</sup>

Celebridades não diretamente ligadas ao futebol também saíram em defesa de Ronaldo. A atriz Luana Piovani publicou em seu blog: “Quem nunca se divertiu ou fantasiou com personagens imorais?”; “Saio aqui em defesa do Ronaldo, Fenômeno, sim... Juntamente com a Seleção, nos presenteou com duas Copas, inúmeras alegrias e superou árduos obstáculos”.<sup>527</sup> O cantor Caetano Veloso destacou a atuação profissional de Ronaldo e a separação entre esta e a intimidade do jogador:

“Quando vi a entrevista do meu amigo Ronaldo na TV, lembrei de uma música que fiz cheia de carinho para os travestis (‘Três Travestis’). Música é poesia, assim como Ronaldo é para o futebol, e cantá-la agora seria uma forma de expressar o que senti sobre esse caso. O que eu entendi é que ele não quis dar aquele dinheiro e foi ameaçado. A parte íntima da vida dele não interessa a ninguém, e ele não nos deve satisfação. A vida é assim: complexa e bonita, como os travestis”, disse Caetano, que recebeu muitos aplausos da platéia.<sup>528</sup>

<sup>524</sup> MARADONA defende Ronaldo em escândalo envolvendo travestis. Disponível em: <<http://celebridades.uol.com.br>>. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

<sup>525</sup> EDMUNDO defende amigo Ronaldo no caso dos travestis. Disponível em: <<http://www.supervasco.com/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

<sup>526</sup> SÓCRATES, *Carta Capital*, 09 de maio de 2008.

<sup>527</sup> LUANA Piovani defende Ronaldo no caso dos travestis. Disponível em: <<http://www.fofocandoblog.com/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

<sup>528</sup> Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL470397-9798,00-CAETANO+FALA+SOBRE+POLEMICA+DE+RONALDO+FENOMENO+COM+TRAVESTIS.html>>. Acesso em: 13 de outubro de 2011.

Não foram só celebridades que se posicionaram em relação ao acontecimento. Inúmeros sujeitos ordinários e anônimos também o fizeram, em diferentes espaços. No corpus analisado, predomina o tom de crítica ao comportamento do jogador, a partir de diferentes pontos de vista e argumentos. Ronaldo é visto como um “otário”,<sup>529</sup> uma celebridade de quinta linha,<sup>530</sup> que se envolveu em uma situação “deplorável”,<sup>531</sup> ao deixar a namorada em casa e ir “catar traveco na rua”.<sup>532</sup> Inúmeras manifestações no youtube desqualificam a versão de Ronaldo para a ocorrência, considerando o jogador como um “picareta demagogo”,<sup>533</sup> um “hipócrito e mentiroso”:<sup>534</sup> é claro que ele sabia que eram travestis, não é possível confundir “berimbau com gaita”;<sup>535</sup> não é possível que ele não consiga “separar o joio do trigo”, ainda mais depois de ter namorado tantas mulheres bonitas.<sup>536</sup> Para um dos manifestantes, “tudo bem procurar garota pra programa”, o inaceitável é dizer que não sabia que aquelas eram travestis.<sup>537</sup> Além disso, “aquele tipo” de travesti “não engana nem cego”.<sup>538</sup> Os valores da verdade e da confiança são colocados em suspeição na imagem de Ronaldo.

Para alguns manifestantes, o jogador mentiu também ao negar o consumo de drogas: ele “sempre gostou [...] de festinhas regadas a droga e sexo”,<sup>539</sup> a álcool e “substâncias ilícitas”.<sup>540</sup> Em um dos comentários, o Fenômeno é visto como um “GORDO MACONHEIRO CHEIRADOR DE COCAINA”,<sup>541</sup> e essa droga “destrói a vida da pessoa!”.<sup>542</sup> A imagem de Ronaldo aqui se afasta daquela do atleta, do esportista em boa forma e com hábitos saudáveis.

Assim, o comportamento festeiro e mulherengo dele é destacado para tentar explicar o que aconteceu naquela madrugada e também para tematizar a orientação sexual de Ronaldo: “com tanta mulher no mundo...”<sup>543</sup> “e vai pegar logo viado !!!”,<sup>544</sup> “com tanta mulher gostosa que esse cara podia pegar e ele apronta essa”.<sup>545</sup> Para vários manifestantes, trocar uma mulher bonita (como Daniella Cicarelli) por travestis é inaceitável: “o cara

<sup>529</sup> fabinho8444. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>530</sup> c4rl0spunk. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>531</sup> krusader2007. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>532</sup> Lico488. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>533</sup> bogoio. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>534</sup> Elliot11271. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>535</sup> quentinhavermelha e luix1. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>536</sup> espiriguidiberto. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>537</sup> pedrinho31. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>538</sup> coolskin666. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>539</sup> plinio515. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>540</sup> eduardo42457. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>541</sup> SAOPAULOFUTEBOLCLUBE. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>542</sup> Yodamor. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>543</sup> RodrigoCPN. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>544</sup> joelio50. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>545</sup> lsdourado. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

realmente não tem os mesmos valores que eu não”.<sup>546</sup> O que teria levado Ronaldo a buscar as travestis também foi tematizado em vários comentários: para alguns manifestantes, ele teria se cansado de tantas mulheres bonitas (e “marias chuteiras”) e quis experimentar um relacionamento diferente.

Essa questão da orientação sexual de Ronaldo suscitou grande parte das manifestações no youtube. Ele é identificado a partir de diferentes expressões, muitas vezes, chulas e pejorativas, que propõem um outro posicionamento para o jogador, diferente do que ele assume: “veado”, “viadão”, “gay”, “bissexual”, “boqueteiro”, “bichona”, “marica”, “biba”, “boiola” e “travequeiro” são algumas das expressões utilizadas. O que se pode perceber é o tom preconceituoso em relação à possibilidade de construção de uma relação homoafetiva que aparece em uma diversidade de posicionamentos analisados. O preconceito é atribuído a Ronaldo: ele seria homofóbico por não “sair do armário” e não assumir sua relação com travestis.<sup>547</sup> Além disso, a visão sobre as travestis é muito negativa, motivando inúmeras piadas e comentários ofensivos. Elas são vistas como uma “raça de filhos da puta”,<sup>548</sup> como “barangas horrorosas”,<sup>549</sup> como “vigaristas”,<sup>550</sup> como um “lixo humano”.<sup>551</sup> E sair com elas é visto como inadmissível: “ninguém perdoa”.<sup>552</sup> Há poucas manifestações que defendem as travestis: elas são “verdadeiras mulheres”,<sup>553</sup> “são filhos(a) de Deus ou anjos”,<sup>554</sup> e não tiveram culpa do incidente, já que foi Ronaldo quem foi atrás delas. Um dos comentários denuncia: “como o mundo é hipócrita em relação a sexualidade”.<sup>555</sup>

A orientação homoafetiva de Ronaldo proposta por alguns manifestantes é associada com o estado em que nasceu: ele só podia ser carioca. O que chama a atenção, no entanto, é como essa orientação é associada ao vínculo do jogador com determinado clube, em inúmeras manifestações: ela se “justificaria” por ele ser torcedor do Flamengo; por ter começado a carreira no Cruzeiro; por ter ido jogar no Corinthians; ou seria típica dos torcedores do São Paulo, do Grêmio ou dos rivais do Flamengo no Rio (Vasco, Botafogo, Fluminense). Nos diversos comentários analisados, é notável como o ideal de masculinidade heteronormativo é defendido no futebol e, particularmente, em associação ao time escolhido

<sup>546</sup> guxinho. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>547</sup> Garavarro. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>548</sup> alemao1705. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>549</sup> caca1957. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>550</sup> yaduhoo. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>551</sup> genitorey. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>552</sup> shadenfreude1984. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>553</sup> lilianeayres. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>554</sup> herbiedog11. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>555</sup> Chicoxoxo. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.



para torcer. A orientação homoafetiva é usada para fazer piadas em relação aos times rivais e não é aceita no clube do coração: “Ronaldo, você pode comer o traveco que você quiser, gastar seu dinheiro como lhe der na telha, aliás se quiser, dê também que o pobrema é seu, mas pelamordedeus, não faça nada disso com a camisa do Flamengo!!!”.<sup>556</sup> Destaca-se aqui a liberdade individual de Ronaldo agir como quiser, desde que sua atitude não “prejudique” a imagem de um coletivo. Outro manifestante questiona que não sabe o que é pior: ter um ídolo que sai com travesti ou ver o mesmo ídolo usando a camisa de seu time do coração naquele momento<sup>557</sup> — lembrando que Ronaldo vestia a camisa do Flamengo no episódio.

A infidelidade de Ronaldo em relação à namorada Bia Antony também foi tematizada, mas em poucas manifestações. Em uma delas, emerge a visão de que ser traída “pelo marido com um traveco é o fim do mundo!”;<sup>558</sup> essa traição é vista como terrível.<sup>559</sup> Em outros comentários, o erro de Ronaldo foi a traição, independente de com quem ela foi realizada: “O Ronaldo errou, ponto. Não em ter buscado um programa com mulheres, mas sim ao trair a namorada dele! Isso é coisa de mau caráter!!”.<sup>560</sup> Aqui, a fidelidade emerge como um valor que não foi prezado pelo jogador, que, como tantos outros homens, não sabe o que é respeito.<sup>561</sup>

Os posicionamentos críticos em relação ao comportamento de Ronaldo também tematizaram a riqueza do jogador. Um dos manifestantes destaca que, no Brasil, há sempre a presunção de inocência da celebridade, “endinheirada e famosa”.<sup>562</sup> Outro destaca que quem “tem dinheiro faz as leis e manda”<sup>563</sup> em nosso país. Em diferentes comentários, emerge a visão de que o Fenômeno receberia um tratamento diferenciado (tanto pela mídia quanto pelo delegado que investigava o caso) justamente em virtude de sua riqueza: ele estaria comprando a imprensa e o delegado para abafar o caso. Assim, o poder econômico de Ronaldo seria o responsável pela confiança do delegado em sua versão, pela mudança de depoimento das travestis e pela abertura da mídia, sobretudo da Globo através do *Fantástico*, para explicar seu posicionamento.

O dinheiro também é usado para questionar, de diferentes formas, as ações de Ronaldo: afinal, “o que leva um homem milionário, público e amado pelo mundo a fora,

<sup>556</sup> Caslusfilho. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>557</sup> sefuweb. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>558</sup> ggbr1. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>559</sup> xarada411. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>560</sup> christian190889. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>561</sup> code5000. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>562</sup> agrimaldobento. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>563</sup> Netongasdamirongas. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

contratar serviços quaisquer que sejam, mulheres ou não, para programa sexual”?<sup>564</sup> Com tantas mulheres querendo ficar com ele de graça, ele precisava buscar prostitutas? Ele tem milhões e precisa “pegar” travestis? Por que ele não pagou os 50 mil reais para as travestis? Esses são alguns questionamentos que emergem em diferentes comentários. De qualquer forma, o dinheiro é visto como o grande motivador para que as mulheres sejam atraídas por Ronaldo, já que um “cara feio” como ele tem que pagar bem mesmo para ter belas mulheres.<sup>565</sup> Até mesmo seus casamentos são vistos como pautados pelo oportunismo das mulheres e pelo interesse na situação econômica do jogador. O dinheiro foi capaz até mesmo de comprar a morte de Andréia, na visão de alguns manifestantes. Mas o dinheiro não compra a inteligência.<sup>566</sup> Nesses comentários, Ronaldo é visto como um homem feio, que ganhou muito dinheiro, o que, entretanto, não é capaz de trazer beleza e inteligência a alguém.

Para preservar seu patrimônio, Ronaldo deveria ter pensado melhor antes de agir, afinal, “ele tem um monte de contratos com empresas enormes no mundo q[ue] podem ser rompidos imediatamente por causa desse rolo.. queima a imagem do cara = queima a imagem do produto que ele vende”.<sup>567</sup> Com o escândalo, ele poderia perder o contrato com a Nike, além de outras punições, como a perda da namorada: “todo homem que faz merda tem que se ferrar mesmo”.<sup>568</sup>

Questões ligadas às habilidades técnicas de Ronaldo como jogador de futebol também emergem nos posicionamentos críticos analisados. Em uma das manifestações, ele é visto como um “FAKE-nômeno”, que se construiu a partir de uma “propaganda enganosa de um produto descartável que já veio com validade vencida”.<sup>569</sup> Outro sujeito afirma: “nunca achei que esse gordo jogasse grande coisa e também sempre achei ele meio mascarado”.<sup>570</sup> Nesses comentários, questionam-se as qualidades técnicas dele como jogador.

Entretanto, ele também é lembrado a partir de sua trajetória profissional de sucesso, apesar de esta estar chegando ao fim. Ele é visto como alguém que “foi, sim, Fenômeno, mas há tempos perdeu o título de ídolo nacional, assim como seu futebol se distancia cada vez mais do auge”,<sup>571</sup> alguém que “já foi um maravilhoso jogador de futebol, encheu o Brasil de alegria e não soube administrar sua vida pessoal”.<sup>572</sup> O episódio é visto

<sup>564</sup> Bboypedrin. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>565</sup> tempsdereves. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>566</sup> zerleikoko. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>567</sup> andressatricolor. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>568</sup> fabulousgal. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>569</sup> VincivanGogh. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>570</sup> RodyBalboa. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>571</sup> Flavia Janot. Rio de Janeiro, RJ. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>572</sup> Ronaldo Gomes Ferraz. Rio de Janeiro, RJ. *Veja*, 14 de maio de 2008.

como inexplicável, como o “início de um fim melancólico” para a carreira de um jogador que foi “campeão do mundo”<sup>573</sup> e que “já foi considerado o melhor do mundo!”.<sup>574</sup> É inexplicável também na perspectiva de outro manifestante, que associa a habilidade de Ronaldo em campo com a que ele deveria ter fora dos gramados:

Se numa área, cercado de adversários, ele consegue fazer lindos gols, como não conseguiu safar-se de uma trama provocada por algumas pessoas de reputação não ilibada? Afinal, como heterossexual assumido, segundo suas declarações, ele deveria ter tido a competência de safar-se da confusão na qual se meteu, como o faz numa grande área que invade por dever de ofício. Pegou muito mal o que ele fez.<sup>575</sup>

Apesar de ter pegado mal o que Ronaldo fez, o episódio é visto como uma armação orquestrada pelas travestis, vistas a partir de uma perspectiva muito negativa, que, *a priori*, coloca em suspeita sua reputação. Ronaldo seria, assim, a vítima que não soube se safar da confusão armada para ele, o que também sugerem outras manifestações: “o Ronaldo sempre foi mulherengo, isso aí foi armação”;<sup>576</sup> “nosso craque foi vítima de extorsão quando queria apenas se divertir”.<sup>577</sup>

Muitas manifestações, no entanto, criticam o tipo de diversão buscado por ele. Como um atleta, ele não poderia ter esse tipo de comportamento: de virar a noite em farras, demonstrando despreocupação com a própria recuperação: “Ronaldo, por ser um grande jogador de futebol em recuperação, em vez de descansar para acelerar sua volta aos gramados, pareceu não se preocupar com ela, levando três travestis ao motel, de madrugada. E, depois, o que apanha é o joelho!”.<sup>578</sup> O rumo certo para a vida dele seria recuperar a boa forma física e voltar a dar “show em campo como nos velhos tempos”.<sup>579</sup>

Como um ídolo, o comportamento dele também é questionável e trouxe danos à imagem que ele construía: “lamento muito pelo Ronaldo, posto que um ídolo como ele precisa saber se comportar. Pobre por esse fato ele não ficará. Sua imagem, sim, agora está na maior pobreza”.<sup>580</sup> Vários manifestantes destacam que ele é um ídolo mundial e um exemplo para as crianças (incluindo seu próprio filho, Ronald). O comportamento dele é visto como vergonhoso para um pai de família e uma figura pública. E ainda queima “o

<sup>573</sup> IVANPLLIMAPOARS. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>574</sup> 25091luciano. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>575</sup> Uriel Villas Boas. Santos, SP. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>576</sup> RicardoFromRioBrazil. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>577</sup> Antônio Carlos Antolini Júnior. Vitória, ES. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>578</sup> Vinícius Fugulin Barbosa, 14 anos. São Paulo, SP. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>579</sup> nazurag. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>580</sup> Djalma Alves Gomes. Salvador, BA. *Veja*, 14 de maio de 2008.

filme de brasileiro”.<sup>581</sup> Essa visão do ídolo que decepciona e desperta desconfiança emerge em outra manifestação:

Ronaldo é um ídolo de infância para mim. Um atleta moderno que aliava força e técnica com a velocidade e um poder de finalização inquestionável. Alguém como eu procurava ser nas aulas de educação física, principalmente nas comemorações, em um devaneio infantil. Ao ver um dos maiores atletas do futebol se degradando de tal maneira, eu me pergunto: quanto posso confiar em um ídolo?<sup>582</sup>

Um ídolo que se degrada, que se autodestrói, que está em declínio, em decadência, apesar de sua capacidade de recuperação: “uma pessoa com enorme capacidade de superação e imenso potencial de autodestruição. Esse é Ronaldo, realmente um fenômeno”.<sup>583</sup> Ele é visto como um sujeito “infeliz e sozinho”, que inspira pena.<sup>584</sup> Uma celebridade como ele deveria aproveitar melhor as oportunidades que a vida lhe ofereceu e agir com mais “bom senso”: “uma personalidade como ele, com a fama que tem e as excelentes oportunidades que apareceram em sua vida, deveria ter bom senso e aproveitá-las”.<sup>585</sup> Ele é visto como alguém pobre em valores, apesar de toda riqueza: “ele parece nunca ter sido muito virtuoso mesmo e isso dinheiro nenhum pode comprar!”.<sup>586</sup> A emergência de um acontecimento tão polêmico na vida dessa celebridade parece, muitas vezes, apagar qualquer virtude. É o que sugere outra manifestação:

Ronaldo demonstra continuar sendo um pobre menino rico. “Pobre” de conceitos, princípios e valores. “Menino”, porque continua infantil nas ações e reações de alguém que, pela idade, pelas oportunidades e pela vivência, deveria ser um adulto mais centrado, como muitos que ganharam o tetra e o penta com ele.<sup>587</sup>

A comparação entre Ronaldo e outros jogadores apareceu em manifestações de leitores de *Veja* que questionaram a afirmação que a revista trouxe em sua capa: “O ‘Fenômeno’ podia ser um Pelé, mas de escândalo em escândalo sua imagem se desfaz como a de Maradona”. Em uma das cartas, questiona-se a compreensão excessiva dedicada pela imprensa a Pelé, que cometeu um erro mais grave que o de Ronaldo:

Não podemos nos esquecer de que o rei também tem sua vida povoada por escândalos. E, a meu ver, um mais grave que todos os do Ronaldo. Não teve

<sup>581</sup> voiceofmymind. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>582</sup> Thiago Toledo Araújo. Jaguariúna, SP. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>583</sup> João Luiz Zander. Ponta Grossa, PR. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>584</sup> Krikalocutora. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>585</sup> Héber Ramos D’Elia Neto. Rio de Janeiro, RJ. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>586</sup> carlosinfinito. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>587</sup> Jáder Borges Filho. São José dos Campos, SP. *Veja*, 14 de maio de 2008.

a hombridade de reconhecer a filha; só o fez “debaixo de vara”, negando à filha e aos netos o sagrado direito da descendência. Que rei é esse?<sup>588</sup>

Em outra carta, Ronaldo é posicionado como o eterno fenômeno, um patrimônio nacional, que não merece ser comparado a um viciado como Maradona: “como pode uma revista como VEJA permitir que se compare nosso Ronaldinho, eterno fenômeno, a Maradona? Como comparar um atleta a um viciado convicto? Nosso rei Pelé já deu suas mancadinhas e nem por isso deixa de ser o maior de todos os tempos”.<sup>589</sup> Nessa visão, destaca-se que os atletas também dão suas mancadas, cometem erros, que, no entanto, são passageiros e não devem interferir na construção da imagem deles como grandes jogadores de futebol.

Essa falibilidade do atleta — que é marca de todo ser humano — emerge também na seguinte manifestação: “Ronaldo cometeu um erro que somente ele tem de pagar. O problema é que nossa sociedade hipócrita está tratando o caso como se fosse a primeira e única vez, escrachando o atleta”.<sup>590</sup> Todos nós estamos sujeitos a erros e não temos o direito de condenar as pessoas: afinal, “ninguém é perfeito” e “quem somos nós pra julgar”.<sup>591</sup>

Assim, podemos perceber que várias manifestações defendem o posicionamento de Ronaldo, que estaria sofrendo de inveja por parte de seus críticos.<sup>592</sup> Para muitos sujeitos, ele falou a verdade: ele é heterossexual, foi enganado pelas travestis (com as quais não teve relações sexuais) e depois foi vítima de extorsão. Esta sim é um crime passível de condenação<sup>593</sup> e deve impulsionar a prisão das travestis, que queriam se aproveitar do dinheiro e da fama de Ronaldo, na opinião de vários manifestantes. Afinal, quando você é “alguém”, todo mundo quer algo de você.<sup>594</sup> Tudo não passou de um “mal entendido”, e o jogador “teve a dignidade e a coragem” necessárias para enfrentar o problema em vez de sucumbir à ameaça para salvar sua imagem.<sup>595</sup> Com isso, ele “provou ser mais homem do que muitos que se dizem homens” por aí.<sup>596</sup> Até nisso ele foi superior.<sup>597</sup> Um dos manifestantes

<sup>588</sup> Regina Reverdito Viveiros. Cuiabá, MT. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>589</sup> Antonio Wilson Dias de Souza. Porto Velho, RO. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>590</sup> Petuel Preda. São Paulo, SP. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>591</sup> catatal01. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>592</sup> lelapink. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>593</sup> Joapandao. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>594</sup> Only1059. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>595</sup> jotasky. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>596</sup> juliopesaooo. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>597</sup> Joapandao. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

defende que Ronaldo agiu de propósito porque queria terminar o relacionamento com Bia Antony para não sofrer outro “golpe milionário”, como o de Cicarelli.<sup>598</sup>

Ao defenderem Ronaldo, vários sujeitos tematizam a relação entre as dimensões profissional e pessoal da vida dele, que não deveriam ser misturadas na avaliação que se faz dele como jogador de futebol. Ele é visto como um ídolo, um gênio, independente de sua orientação sexual e de seu comportamento na vida pessoal: “desde que não ferre ninguém, ele faz o que quiser da vida dele”.<sup>599</sup> Afinal, a vida é dele, o corpo é dele, o dinheiro é dele e, portanto, as escolhas também o são — o que sugere um modo de ação pautado na liberdade individual de cada um, que é marca do individualismo.

O escritor Nelson Rodrigues escreveu numa de suas crônicas que, “se todo mundo soubesse o que as pessoas fazem entre quatro paredes, ninguém cumprimentaria ninguém”. O músico Tom Jobim declarou numa entrevista que “sucesso no Brasil é ofensa pessoal”. Lembrei-me das palavras cáusticas e precisas desses dois geniais brasileiros, ao analisar o midiático escândalo sexual envolvendo outro genial brasileiro, o jogador Ronaldo. Não endosso a errada na qual o craque se meteu, pois quem tem a carreira atrelada ao vigor físico e à imagem pessoal, se não tem mais o primeiro, tem de cuidar com zelo redobrado da segunda. Mas nada justifica a execração que o maior artilheiro das Copas do Mundo, e também melhor jogador do planeta por três vezes, está sofrendo.<sup>600</sup>

Ronaldo é aqui visto como um craque, um brasileiro que pode ser situado ao lado de outras personalidades de destaque no cenário nacional. Cometeu um erro sim, mas sua intimidade não deve ser motivo de execração pública. Esta poderia ser até decorrente da inveja despertada por ele em virtude de todo o sucesso conquistado a partir de seu talento e de seus recordes como jogador de futebol. A mídia e a opinião pública são criticadas pelo modo como tematizaram a privacidade do ídolo: tanta corrupção existe por aí e o interesse maior é por comentar sobre a vida alheia.<sup>601</sup> Ronaldo foi vítima de uma exploração desumana de sua vida particular por parte da imprensa.<sup>602</sup> Além disso, “temos poucos heróis nacionais”, não se deve ajudar a destruir a imagem de um deles.<sup>603</sup>

O Fenômeno é lembrado como “uma lenda do futebol”,<sup>604</sup> que trouxe muitas conquistas<sup>605</sup> e “muitas emoções para nós brasileiros”;<sup>606</sup> “um vencedor”, que “merece a

<sup>598</sup> vivilino100. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>599</sup> Vanessatss. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>600</sup> Túllio Marco Soares Carvalho. Belo Horizonte, MG. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>601</sup> gustavobahri e TheAvaliador01. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>602</sup> leolima07. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>603</sup> Tulio1313. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>604</sup> kalibradoboy. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>605</sup> Lekeeon. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>606</sup> calorfm e zeusluz. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

compreensão e a tolerância de todos”: “continue fazendo gols”.<sup>607</sup> Apesar de fazer escolhas que “partem o coração” de seus fãs, Ronaldo é visto como um “filho do Brasil que tanta alegria deu ao povo deste país” e “merece e precisa do nosso apoio!”.<sup>608</sup> Ele é e sempre vai ser o fenômeno, “o melhor de todos os jogadores do mundo”,<sup>609</sup> que vai ser imbatível dentro de campo por muito tempo.<sup>610</sup> Nessas manifestações, o que importa são as habilidades técnicas de Ronaldo, que fizeram com que jogasse muita bola na vida.<sup>611</sup>

Além de suas qualidades como jogador, responsáveis por trazer toda essa alegria ao público, Ronaldo “sempre demonstrou ser um homem de caráter”,<sup>612</sup> apesar do episódio “desagradável” em que se envolveu. Ele é visto como um sujeito “bonzinho”,<sup>613</sup> “gente boa”<sup>614</sup> e solidário por suas doações a diferentes obras sociais, um sujeito carismático e tranquilo, “um cara da paz”, que não tem maldade contra o semelhante.<sup>615</sup> Ele é lembrado como o maior exemplo de superação do Brasil,<sup>616</sup> que soube superar inclusive esse episódio: errou, assumiu seu erro publicamente, demonstrou arrependimento, deu a volta por cima e “hoje leva uma vida numa boa com a mulher e os filhos. O importante é a felicidade”.<sup>617</sup> Ronaldo passou a “destruir” no Corinthians e ninguém mais se lembra daquele episódio.<sup>618</sup>

O que podemos perceber na análise do pano de fundo pragmático desse acontecimento é que existem contradições marcantes no modo como Ronaldo é visto: como um homem de caráter ou como alguém sem valores; como um ídolo eterno ou como um ídolo destruído, que desperta suspeitas e desconfianças em seus fãs. Esse acontecimento parece trazer sentidos contraditórios associados à imagem do Fenômeno, o que procuramos sintetizar a seguir.

#### 5.5.4 Síntese dos achados: valores agregados à imagem pública de Ronaldo

O processo de individuação desse acontecimento revela que o episódio envolvendo Ronaldo e as travestis é o mais polêmico aqui analisado. Os sentidos

<sup>607</sup> Antônio Carlos Antolini Júnior. Vitória, ES. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>608</sup> Tania Cristina Lisboa. São Paulo, SP. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>609</sup> bruneza4119. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>610</sup> calorfm e zeusluz. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>611</sup> felipecci. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>612</sup> Sandra Maria Pereira Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ. *Veja*, 14 de maio de 2008.

<sup>613</sup> JefJr2504. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>614</sup> tmrbras. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>615</sup> bqjbqj. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>616</sup> lawliet753. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>617</sup> juninhoalves84. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

<sup>618</sup> DaveRBCGrohl. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

contraditórios agregados à imagem do jogador exibem as duas dinâmicas opostas que caracterizam a nossa relação com as pessoas célebres na contemporaneidade: a admiração e a crítica (FRANÇA, 2010a).

Ronaldo continua sendo admirado por seus feitos no futebol: é um ídolo, um craque, um fenômeno, cujas habilidades técnicas trouxeram conquistas e emoções aos brasileiros e aos amantes do esporte. Ainda que seja criticado por alguns sujeitos, que não reconhecem suas qualidades como jogador, muitos discursos tematizam e valorizam sua genialidade dentro de campo. Além disso, destacam-se também valores associados à sua trajetória como sujeito: a solidariedade, a bondade, a sinceridade, a honestidade, o bom caráter de Ronaldo são evidenciados em alguns discursos.

Ao mesmo tempo, porém, o acontecimento fez de Ronaldo um alvo de inúmeras críticas, tanto em relação à sua vida profissional como à pessoal. Ele é visto como um jogador em fim de carreira, que está em declínio, um falso ídolo, que desperta a desconfiança do público. Na tematização de sua orientação sexual, proliferaram críticas e piadas que colocaram em suspeição a sinceridade, a honestidade e a confiança em suas declarações sobre o caso. A fidelidade foi um valor defendido por aqueles que criticaram a traição dele em relação à namorada — mas não foi o valor mais tematizado. O que chama muita atenção é o modo como o *ideal de masculinidade*<sup>619</sup> (heteronormativo) é defendido tanto em associação ao futebol (e aos times) como na definição do que é ser homem em nossa sociedade — revelando o preconceito existente na sociedade em relação às relações homoafetivas.

Essa defesa da masculinidade está associada ao traço machista de nossa sociedade, que também é evidenciado na análise desse acontecimento. Ronaldo não é visto como um homem bonito, mas, com sua fama e todo o seu dinheiro, conseguiu conquistar várias mulheres bonitas. Estas são vistas como seres oportunistas e interesseiros, que só se envolveriam com o jogador para desfrutar de sua situação financeira, a responsável por garantir os privilégios de Ronaldo na sedução de belas mulheres. Além disso, assim como na ocasião de seu casamento com Daniella Cicarelli, o fato de ele ser mulherengo, ainda que seja identificado, quase não é objeto de crítica nos discursos analisados.

A dupla dinâmica aqui identificada (de admiração e crítica) constrói o mecanismo de *contraidentificação* na nossa relação com as celebridades (DORTIER, 2009): a observação

---

<sup>619</sup> A masculinidade é entendida como uma instituição que diferencia o homem de outros indivíduos, como “uma bússola de orientação para a formatação de comportamentos assumidos no Ocidente como autenticamente masculinos” (OLIVEIRA, 2004, p. 19). Para uma discussão acerca do ideal de masculinidade e suas transformações, cf. Oliveira, 2004. Para uma apropriação dessa obra na análise da construção desse ideal pela telenovela, cf. Vieira, 2011.



e a crítica em relação à intimidade de Ronaldo fazem parte da atração dos sujeitos por essa celebridade. A sociedade que ri e debocha de seu herói aproxima-se dele e enfatiza sua face mais humana. Na crítica às supostas besteiras e aos erros do jogador famoso, situa-se a valorização da ordinariedade da vida cotidiana, das atitudes e dos comportamentos dos sujeitos comuns. Na crítica a Ronaldo, percebemos a dimensão humana do ídolo, que erra, fracassa, é, portanto, falível — como todos nós. E essa crítica ajuda a driblar o nosso próprio fracasso (FRANÇA, 2010a).

O individualismo contemporâneo é outro traço que pode ser percebido na análise desse acontecimento. Destaca-se a autonomia e a liberdade individuais de Ronaldo de agir seguindo seus desejos e de acordo com suas condições — desde que não afetem seu lugar social. Além disso, percebe-se o reconhecimento do jogador como “alguém”, um sujeito “especial e único”, que é valorizado e também julgado pelos membros de uma sociedade regida pela ética do individualismo (ROJEK, 2008, p. 107). Ao mesmo tempo, porém, podem ser percebidos valores necessários à construção de um projeto social coletivo, como a solidariedade, o respeito, a sinceridade, o exemplo positivo, o que sugere certa polarização entre o individual e o coletivo (com clara ênfase no primeiro) na face contraditória dessa celebridade, à luz deste acontecimento.

O acontecimento revela, ainda, o modo como a intimidade e a privacidade das celebridades vêm sendo divulgadas e tratadas pela mídia. Graeme Turner (2007) aponta que é justamente essa capacidade de uma figura pública suscitar o interesse de todos por sua vida privada que a configura como uma celebridade. É notável, no caso analisado, como a exposição de detalhes da vida privada (sobretudo, quando o caso é tão polêmico) pode muitas vezes obscurecer as realizações profissionais de uma personalidade pública como Ronaldo. Ainda que vários discursos defendam a necessidade de separar essas duas dimensões (privada e profissional), o que se pode perceber é o julgamento das atitudes do jogador também em sua esfera íntima.

Assim, a imagem de Ronaldo que emerge a partir desse acontecimento é marcada por sentidos contraditórios: ele é visto como um ídolo eterno por alguns, como um falso herói por outros; como um otário, que cometeu uma escorregada fenomenal e merece punição ou como um ser humano, imperfeito como todos os outros, que merece compreensão e apoio; como um sujeito bom caráter, orientado por valores como a verdade, a sinceridade, a honestidade e a solidariedade ou como um indivíduo pobre em valores, mentiroso, hipócrita e demagogo, que nunca foi muito virtuoso (e as virtudes, o dinheiro não pode comprar); como uma celebridade global ou uma celebridade de quinta linha. Na efervescência de sentidos que

proliferaram naquele contexto é essa a imagem construída em torno de Ronaldo — sendo que o tom predominante foi o de crítica ao comportamento e às atitudes do jogador.

Entretanto, os desdobramentos do acontecimento, a longo prazo, mostraram que apenas pequenos ecos desse episódio permaneceram na imagem pública de Ronaldo. No momento de sua aposentadoria, o caso foi, sim, lembrado nos diversos discursos, mas o tom hegemônico foi o de reconhecimento pelas conquistas do jogador em sua trajetória profissional de sucesso no futebol, o que o consagrou como um ídolo nacional — como discutiremos a seguir, no último capítulo da presente tese.

## **6 Dos acontecimentos à celebridade-acontecimento: a imagem pública de Ronaldo e o contexto social contemporâneo**

“A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residirem. Esta é a celebridade.”

Machado de Assis

No capítulo anterior, utilizamos a noção de acontecimento como um operador analítico para investigar algumas ocorrências marcantes que construíram a trajetória de vida de Ronaldo. A análise mostrou que a imagem dessa celebridade “é *uma totalidade complexa e tem uma dimensão cronológica*” (DYER, 1998, p. 63, grifo do autor). Isso significa que a imagem do Fenômeno é marcada por múltiplos sentidos, às vezes contraditórios, que edificam sua face pública em diferentes momentos. Do fracasso na Copa de 1998 à conquista do pentacampeonato no mundial de 2002; do início modesto de sua carreira no futebol de salão à sua consagração como o maior artilheiro da história das Copas; do casamento simples com Milene Domingues ao *glamour* da festa que selou a união com Daniella Cicarelli; do constrangedor episódio com as travestis à solidificação de seu romance com Bia Antony; do sonho de menino de jogar futebol profissionalmente à sua aposentadoria dos gramados, Ronaldo construiu sua trajetória de vida, marcada por altos e baixos, despertando a admiração e a crítica e se afirmando como uma celebridade.

Todos esses (entre outros) acontecimentos foram amplamente trabalhados pela mídia e permearam as conversas cotidianas dos sujeitos ordinários. Tais ocorrências mantiveram Ronaldo na cena pública, ajudando a sustentá-lo no espaço de visibilidade. Acreditamos que a noção de acontecimento usada para apreender essa trajetória de Ronaldo também pode ser usada para refletir sobre a própria celebridade. Isso significa analisar o próprio jogador *como* um acontecimento, o que nos ajuda a compreender a construção dessa celebridade e os traços que conformam o contexto em que ela se inscreve.<sup>1</sup>

Para refletir sobre uma celebridade como acontecimento, é preciso pensar na “elaboração recíproca” (BABO-LANÇA, 2006, p. 83) entre celebridade e contexto. Ou seja, o ídolo se inscreve em determinado contexto, ao mesmo tempo em que participa de sua

---

<sup>1</sup> Essa reflexão acerca de Ronaldo *como* um acontecimento foi realizada de modo preliminar em um texto anterior. Cf. Lana, Simões, 2011.

constituição. Ao emergir na vida social, uma celebridade afeta a vida dos sujeitos que a celebram e suscita, portanto, reconhecimentos, projeções, identificações e também contraidentificações. A duração temporal desse poder de afetação das celebridades é variável e está relacionada tanto à singularidade de cada ídolo como à particularidade do contexto em que este se situa, bem como dos valores que o regem.

Os talentos que uma celebridade desenvolve podem provocar uma ruptura, uma descontinuidade que evidencia um desempenho digno de louvor e distinção em certo campo e que configura um divisor de águas: um antes e um depois daquela celebridade. Mas isso não significa pensar a celebridade como isolada da experiência dos sujeitos que a circundam e que são afetados por ela. Tampouco significa adotar uma *abordagem subjetivista*<sup>2</sup> para a compreensão das celebridades: tais habilidades não devem ser vistas como causas determinantes que condicionam a construção do estatuto célebre desses indivíduos. Como destaca Louis Quéré, o acontecimento não pode ser explicado a partir do esquema da causalidade (QUÉRÉ, 2005), ou seja, ele não pode ser elucidado a partir apenas de causas e consequências no mundo ou por fatores externos a ele. Dessa maneira, para analisar uma celebridade como um acontecimento, não podemos supor que o surgimento daquela no cenário social possa ser unicamente explicado pela natureza dos dons que ela apresenta. É preciso, portanto, atentar para o reconhecimento social desses talentos.

Além disso, se os acontecimentos são “fonte de sentido, fonte de compreensão e fonte de redefinição da identidade daqueles que afetam” (QUÉRÉ, 2010, p. 35), também podemos pensar as celebridades como fonte de sentido na compreensão do mundo. Dessa forma, em virtude de seu *poder hermenêutico*, as celebridades permitem-nos compreender traços e valores do campo específico em que elas se situam e da sociedade em que se inscrevem (e que ajudam a construir).

Assim, nossa proposta aqui é refletir sobre Ronaldo como acontecimento, tendo em vista a trajetória construída por ele que foi analisada ao longo desta tese e será aqui retomada a partir de dois eixos: 1) o poder hermenêutico; e 2) o poder de afetação de Ronaldo.

## **6.1 Celebridade e contexto: o poder hermenêutico de Ronaldo**

Nesse primeiro eixo, procuramos pensar sobre o poder hermenêutico dessa celebridade, ou seja, o modo como ela faz compreender aspectos do mundo em que se insere.

---

<sup>2</sup> Cf. Discussão sobre diferentes abordagens sobre as celebridades no primeiro capítulo da tese.

Então, buscamos responder: que aspectos do contexto contemporâneo são evidenciados na trajetória de Ronaldo?

Um primeiro elemento que chama a atenção é o individualismo que é marca da contemporaneidade, ainda que não seja uma invenção de nosso tempo.<sup>3</sup> O individualismo é acompanhado da valorização da autonomia e da autenticidade individuais, da busca pela felicidade<sup>4</sup> como projeto individual, bem como do culto ao corpo como um dos projetos de realização do indivíduo. A beleza e os hábitos para uma vida (física e psíquica) saudável — em relação à alimentação, à atividade física e às emoções — são enaltecidos nos projetos de vida contemporâneos, muito marcados pelo “culto a certo tipo de corpo” (SIBILIA, 2010b, p. 198): o corpo perfeito. Esse ideal também enfatiza o individualismo como um valor contemporâneo:

Esse ideal de corpo reduzido à mais pura aparência monopoliza todas as atenções no “cuidado de si”, limitando o leque das experiências individuais e coletivas que hoje se tornam pensáveis ou possíveis. Assim, numa busca paradoxal pela satisfação individual e pela autoestima, essa dinâmica tão contemporânea pode dar à luz subjetividades extremamente vulneráveis, escravizadas pela lisura do próprio umbigo (SIBILIA, 2010b, p. 207).

Ronaldo é dotado de um rosto e um corpo singulares, que foram alvo da admiração e da crítica em diferentes momentos de sua trajetória. Para garantir uma melhor aparência física, ele fez tratamento nos dentes e, com o auxílio de aparelhos ortodônticos, conseguiu afastar seu apelido de infância: Mônica, em referência à personagem com dentes incisivos salientes, criada por Maurício de Souza para as histórias em quadrinhos. Além disso, Ronaldo inventou cortes de cabelo que foram imitados em diferentes contextos, como a careca na Copa de 1998 e o peculiar estilo “Cascão” da Copa de 2002. Ele foi afirmando, assim, um rosto único e singular, despertando o reconhecimento dos sujeitos que o celebram.

Como um atleta, o Fenômeno teve de cultivar seu corpo, muito fotografado e exibido em dispositivos midiáticos diversos em todo o mundo — das revistas específicas de esporte aos jornais diários, passando por capas de publicações de moda e programas de TV diversificados. Como um esportista, também precisou preservar hábitos de vida saudáveis (como não ingerir bebida alcoólica e não fumar) — ainda que rompidos em vários momentos — e sofreu com as lesões que abalaram seu projeto de vida. Ele personificou a derrota na Copa de 1998 e, de forma semelhante, a vitória na Copa de 2002. Sua trajetória foi marcada pela busca da excelência — o *arete*, descrito por Gumbrecht (2007) — e pelo desejo de ver

<sup>3</sup> Cf. Discussão sobre a emergência do individualismo na modernidade no primeiro capítulo desta tese.

<sup>4</sup> Para discussões muito interessantes acerca do imperativo da felicidade na contemporaneidade, cf.: Freire Filho, 2010.

suas habilidades dentro de campo reconhecidas. Como nos lembra Rojek, “o desejo de ser reconhecido como especial ou único talvez seja uma característica inevitável de culturas construídas em torno da ética do individualismo” (ROJEK, 2008, p. 107). É possível perceber elementos configuradores do individualismo não apenas na própria trajetória de Ronaldo como celebridade, mas em manifestações do público que enfatizam o poder de escolha do jogador, sua liberdade individual para agir de acordo com seus desejos, desde que isso não prejudique o lugar que ele ocupa na sociedade.

Ao mesmo tempo, podemos perceber na trajetória de Ronaldo elementos que apontam para a construção de um projeto coletivo. A ênfase no trabalho em grupo é destacada no comportamento do jogador, sobretudo, em momentos de vitória. Ele assume a responsabilidade da derrota ao declarar que insistiu para jogar a final contra a França em 1998, mas divide com os companheiros a glória da conquista do pentacampeonato: o título é do grupo, que é maravilhoso, declarou Ronaldo em 2002. É importante destacar que essa é uma marca do futebol: este é um esporte coletivo, em que os jogadores são impulsionados a personificar o espírito de equipe. Aqueles jogadores individualistas e egoístas são vistos, pejorativamente, como “estrelas” e são criticados.

A solidariedade e o respeito ao outro são também evidenciados não apenas na conduta do jogador em relação aos parceiros no time, mas também em seu posicionamento como cidadão no mundo. Ronaldo trabalhou pela paz, pela educação, pela saúde, através de sua participação em diferentes projetos, como Embaixador da Boa Vontade do PNUD.

O mundo projetado pela imagem de Ronaldo é, portanto, também um mundo solidário, de atenção e cuidado com os que precisam. É também um mundo em que uma celebridade deve dar o exemplo positivo: pode errar (e, de fato, erra, como todo ser humano), mas deve ter a humildade de reconhecer os erros e pedir perdão. É nesse sentido que entendemos que a imagem de Ronaldo, além de evidenciar o individualismo, também destaca valores indispensáveis à construção de um projeto social coletivo.

A exposição da intimidade e da privacidade na cena pública é outro traço perceptível na trajetória de Ronaldo e que nos diz algo sobre a sociedade em que vivemos. Graeme Turner (2004) destaca que é justamente essa capacidade de despertar o interesse por sua vida privada que configura as celebridades. Nos casos analisados, podemos perceber como as relações amorosas de Ronaldo, os casamentos, os filhos, a sua relação com familiares e amigos, a sua orientação sexual, enfim, os inúmeros aspectos de sua vida privada foram esquadrihados pela mídia e pela sociedade. Há, em vários momentos, uma

ênfase na intimidade dessa celebridade, que, muitas vezes, obscurece sua inserção profissional na vida pública.

A ênfase exacerbada na privacidade é uma marca da contemporaneidade, em que a intimidade dos sujeitos povoa o cenário de visibilidade pública. Vivemos em um contexto marcado pela busca da visibilidade e pela autoexposição do eu na cena pública. Acompanhando programas como o *reality show Big Brother Brasil*, exibido pela Rede Globo em sua décima segunda edição (2012), podemos perceber esse desejo de visibilidade e a exposição da intimidade dos sujeitos comuns. Nesse cenário, ganham espaço aqueles indivíduos que têm “a disposição de superar quaisquer inibições pessoais para descortinar suas intimidades fora do ambiente privado ou clínico” (FREIRE FILHO, 2011, p. 120). Além disso, beneficiados pelas facilidades tecnológicas (que permitem a gravação de vídeos a partir de celulares) e pela visibilidade possibilitada pelo YouTube e por redes sociais (como o Twitter e o Facebook), os indivíduos procuram performar sua face pública frente aos outros e socializar sua intimidade, muitas vezes, em busca da fama. Essa procura é associada por Paula Sibilia ao individualismo, que destacamos anteriormente:

esse fascínio suscitado pelo exibicionismo e pelo voyeurismo, e pela dispendiosa busca de celebridade, encontra terreno fértil numa sociedade atomizada por um individualismo com arestas narcisistas, que precisa ver sua bela imagem refletida no olhar alheio para ser. A solidão, nesse quadro, longe de ter sido exterminada, converte-se num problema difícil de ser resolvido: cada vez mais rara por ser cada vez mais intolerável, promove sucedâneos como a necessidade de conexão permanente e a ilusão de se ter “um milhão de amigos” nas miragens das redes sociais (SIBILIA, 2010a, s/p).

Essa busca de visibilidade e essa autoexposição do eu na cena pública fazem parte da história de Ronaldo, marcada por um certo dilema entre a exibição e a preservação de sua intimidade. O casamento com Daniella Cicarelli permite perceber tal dilema: o casal anunciou o casamento em rede nacional, no programa *Fantástico*, mas depois vetou a imprensa na festa realizada no castelo francês. O episódio das travestis, que diz respeito à vida privada de Ronaldo, ganhou rapidamente a cena pública e, na impossibilidade de vetar a imprensa no tratamento desse acontecimento, o jogador decidiu utilizar o espaço de visibilidade midiático para tentar se explicar: concedeu entrevista exclusiva ao mesmo programa (*Fantástico*), enfatizando a separação entre sua esfera íntima e sua vida profissional — entre o que deveria ser exposto e o que deveria permanecer restrito à sua vida pessoal.

A conta mantida pelo jogador no Twitter também revela essa mistura entre o pessoal e o profissional, o privado e o público. Como destacado no capítulo dois, o Twitter de Ronaldo (@ClaroRonaldo) é patrocinado pela operadora de telefonia celular Claro. Esse

dispositivo é utilizado por ele, entre outros usos, para dar notícias sobre sua vida profissional, como quando anunciou o encerramento de sua carreira como jogador profissional ou o último jogo da seleção brasileira do qual participaria; para falar sobre aspectos de sua vida pessoal, como quando anunciou o reconhecimento da paternidade do filho Alex; e também para fazer propagandas da Claro. Com isso, percebemos também como a imagem de Ronaldo revela traços do contexto capitalista que é o nosso, dos interesses econômicos que perpassam o campo do futebol e da sociedade de consumo em que ele se inscreve e que ajuda a construir.

Ronaldo construiu uma lucrativa imagem, a partir dos inúmeros patrocínios que conseguiu agregar a ela: Nike e AmBev são algumas das marcas que acompanharam toda a carreira do jogador e mantém os contratos firmados com ele mesmo depois de sua aposentadoria dos gramados. Ele pode ser visto como um marco de uma era de mudanças de futebol, em que lucrativos contratos comerciais colaboram na solidificação da imagem de um jogador.<sup>5</sup> Se, no início, ele foi muito criticado por participar da mercantilização do esporte, com o tempo, ele conseguiu provar que o fato de ganhar dinheiro com futebol “não significava uma aberração moral” (CALDEIRA, 2002, p. 157). Atualmente, sua empresa de marketing esportivo trabalha justamente na gestão e administração da imagem de esportistas — ganhando dinheiro com ela e participando da construção da sociedade de consumo.

De acordo com Bauman, todos “somos consumidores numa sociedade de consumo” (BAUMAN, 2005, p. 98). Somos instigados a comprar “não importa o quê”; a adquirir as últimas inovações do mercado tecnológico, a trocar eletrodomésticos antigos, a transformar o guarda-roupa frente às novas tendências da moda, a adotar as novidades do setor de cosméticos. Com Ronaldo, somos interpelados a usar tênis Nike, a tomar cerveja Brahma e a usar os serviços de telefonia celular da Claro. Sua imagem apresenta, assim, traços dessa sociedade de consumo tematizada (e criticada) por Bauman.

A discussão sobre a contemporaneidade realizada por Bauman nos ajuda a refletir sobre outra dimensão do poder hermenêutico de Ronaldo, que diz respeito à transformação dos relacionamentos afetivos. O autor propõe pensar a *modernidade líquida* (2001) ou os *tempos líquidos* (2007) em que vivemos a partir de traços como a instabilidade, a transitoriedade, a fluidez e a insegurança nas relações. Nosso tempo, na visão de Bauman, é marcado por um mal-estar generalizado, onde vivem “pessoas inseguras, desorientadas, confusas e assustadas” (2005, p. 68). Nesse cenário, ele vê um “mundo esvaziado de valores”

---

<sup>5</sup> Para uma discussão mais detalhada acerca dos contratos de Ronaldo, bem como das transformações do futebol que ele representa, cf. CALDEIRA, 2002; MOSLEY, 2006.



(BAUMAN, 2005, p. 59), em que até mesmo o amor teria se tornado *líquido* (BAUMAN, 2004) e teria sido transposto para a esfera do consumo:

Buscamos o amor para encontrarmos auxílio, confiança, segurança, mas os labores do amor, infinitamente longos, talvez intermináveis, geram os seus próprios confrontos, as suas próprias incertezas e inseguranças. No amor, não há ajustes imediatos, soluções eternas, garantia de satisfação plena e vitalícia, ou de devolução do dinheiro no caso de a plena satisfação não ser instantânea e genuína. Todos os recursos pagos para evitar os riscos com que a nossa sociedade de consumo nos acostumou estão ausentes no amor. Mas, seduzidos pelas promessas dos comerciantes, perdemos as habilidades necessárias para enfrentar e vencer os riscos por nós mesmos. E assim tendemos a reduzir os relacionamentos amorosos ao modo “consumista”, o único com que nos sentimos seguros e à vontade (BAUMAN, 2005, p. 70).

O mundo projetado pelo olhar de Bauman é um mundo *sem* valores. Ou melhor, um mundo em que valores como o amor, a segurança e a liberdade foram solapados pela individualização excessiva, pela mercantilização do mundo, das pessoas e dos sentimentos, pela ação de indivíduos que buscam soluções privadas para problemas públicos, na medida em que se converteram em sujeitos incapazes de ver a sociedade como a realização de um projeto coletivo. A perspectiva crítica de Bauman chama nossa atenção para as implicações negativas da modernidade líquida em nossas vidas. Acreditamos que é preciso ressaltar algumas dessas características que o pensador discute, sem, no entanto, compartilhar a ideia de que vivemos em um mundo esvaziado de valores. Como destacamos acima, o traço do consumismo não pode ser negligenciado — e os inúmeros contratos publicitários firmados por Ronaldo com grandes empresas é uma mostra disso. Mas é um exagero supor que essa dimensão econômica exacerbada colonizou todas as esferas de nossas vidas, inclusive as relações amorosas. Compartilhamos da ideia de que a vivência do amor foi transformada na contemporaneidade, mas não por sua conversão ao modo consumista.

Na trilha de Anthony Giddens (1993, 2002), acreditamos que a experiência do amor foi afetada a partir das mudanças acarretadas pela emancipação feminina e pela reorganização dos papéis sociais, com implicações na natureza do casamento e da sexualidade.<sup>6</sup> Essas transformações trouxeram novos tipos de relação amorosa na realidade social, os quais convivem com formas de relacionamento mais tradicionais. Na visão de Giddens, a emergência do *amor confluyente*<sup>7</sup> permitiu uma maior liberdade e

<sup>6</sup> Discutimos essas transformações da experiência amorosa na contemporaneidade (bem como sua incorporação pela telenovela) de modo mais cuidadoso em outro trabalho. Cf. Simões, 2004.

<sup>7</sup> “O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico. [...] Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade

igualdade emocionais entre os parceiros, que buscam a felicidade e o prazer a partir de satisfações afetivas mútuas.

É certo que pode haver uma fluidez e uma mobilidade excessivas na construção dos relacionamentos amorosos contemporâneos, o que pode ser visto como um risco para a própria experiência do amor na vida social. Entretanto, acreditamos que tais mudanças aqui discutidas trouxeram benefícios enormes para a construção do vínculo amoroso, em relação à liberdade de escolha, à autonomia feminina e à igualdade entre os parceiros. Acreditamos, ainda, que a construção do laço amoroso continua sendo — apesar de todos os riscos — uma das estratégias adotadas pelos sujeitos para construir um ponto de ancoragem no mundo, um polo de segurança frente à instabilidade que marca o contemporâneo.

A trajetória amorosa de Ronaldo exhibe essas transformações na construção dos relacionamentos amorosos, revelando traços do *amor confluyente*: o noivado com Suzana Werner, o primeiro casamento com Milene Domingues, o romance com Daniella Cicarelli, o casamento atual com Bia Antony, além dos relacionamentos com várias modelos, foram todos construídos em diferentes momentos da vida de Ronaldo, que assume os riscos em relação à possível fugacidade dos relacionamentos que constrói. Sobretudo no casamento com Cicarelli, podemos perceber a fluidez e a mobilidade excessivas que podem construir os relacionamentos na contemporaneidade. Apesar disso, Ronaldo deu sequência à sua vida amorosa, casando-se com Bia Antony e, apesar de separações temporárias e especulações em torno de um possível divórcio, o casamento dura até hoje.

Essa trajetória afetiva de Ronaldo e o modo como ela foi tematizada na vida social revelam, ainda, traços de uma sociedade machista e marcada por um ideal de masculinidade heteronormativo. Há, frequentemente, uma polarização entre o ídolo (mulherengo, conquistador) e a bela mulher (interesseira, “maria-chuteira”). O fato de Ronaldo ser mulherengo quase não é criticado; a crítica incide mais sobre a mulher, vista como objeto, como aproveitadora, como apenas interessada na riqueza do jogador. No casamento com Daniella Cicarelli, analisado mais detalhadamente, essa polarização ficou muito evidente: ele era o ídolo popular e amado por todos; ela era a megera, que, incapaz de se destacar por seu próprio talento, estaria usando Ronaldo para alavancar a carreira. Isso revela, assim, o modo como as relações de gênero veem sendo pensadas em nossa sociedade: apesar dos avanços e das transformações advindas com a emancipação feminina, ainda persistem, fortemente,

---

real, mais se afasta da busca da ‘pessoa especial’ e o que mais conta é o ‘relacionamento especial’ (GIDDENS, 1993, p. 72).

aqueles valores e normas que garantem o privilégio dos homens e que configuram o machismo (AZERÊDO, 2007).

Esse traço machista está relacionado ao ideal de masculinidade heteronormativo que predomina na vida social contemporânea — e também pode ser percebido na trajetória de Ronaldo aqui analisada. De acordo com Oliveira (2004), o *ideal moderno de masculinidade*, que afirmou o padrão heterossexual e a divisão dos gêneros em homem e mulher, vem passando por inúmeras transformações nas últimas décadas. Segundo o autor, depois da Segunda Guerra Mundial,

o outro da masculinidade pôde surgir como alguém capaz de lutar por seus direitos e reivindicar uma igualdade frente ao gênero hegemônico. Unidos em torno das políticas das identidades que reclamavam o reconhecimento das diferenças, gays e feministas emergem neste cenário contemporâneo que desestabiliza em parte os lugares hegemônicos, dentre os quais aquele constituído pela masculinidade (OLIVEIRA, 2004, p. 82).

*Em parte* porque o ideal moderno de masculinidade ainda rege a conduta de muitos sujeitos, bem como a avaliação de comportamentos em nossa sociedade. Pode-se lembrar, por exemplo, que “a conexão da prática de esportes com os valores masculinos é algo que atravessou toda a modernidade e se estende até os nossos dias” (OLIVEIRA, 2004, p. 60). Além disso, pode-se perceber a persistência desse ideal de masculinidade moderno na forma como o preconceito e a discriminação atingem aqueles sujeitos cuja orientação sexual é homoafetiva. A violência e a agressão verbais e físicas que atingem esses indivíduos refletem a intolerância de outros tantos sujeitos em relação a um modo de vida que foge ao padrão heterossexual: se não é esse o meu modo de vida, não deve ser respeitado. É certo que há avanços no modo como o então gênero hegemônico (masculino) é visto, mas ainda há muito o que avançar em nossa sociedade.

Esses traços que ainda marcam o contemporâneo (o preconceito, a discriminação, a intolerância) podem ser percebidos na trajetória de Ronaldo, sobretudo, na análise do episódio das travestis. Apesar de o jogador ter enfatizado sua orientação heterossexual (mantendo o ideal moderno de masculinidade), ele manifestou respeito em relação às travestis e àqueles cuja orientação sexual é homoafetiva. Entretanto, no modo como o caso foi tratado e avaliado pela mídia e pelo público, pode-se perceber o preconceito e a intolerância, sobretudo, em relação às travestis — um lugar social muito estigmatizado em nossa sociedade.

A ênfase no ideal moderno de masculinidade é favorecida pelo campo em que essa celebridade emerge: o futebol. Como destaca Oliveira (2004), os esportes, em geral, colaboraram na construção de uma masculinidade ideal: “as competições reproduziam o

cenário da luta pela sobrevivência, onde o mais apto era o mais bem desenvolvido e adaptado, normalmente também o que mais se aproximava do homem idealmente valorizado: forte, agressivo, disciplinado” (OLIVEIRA, 2004, p. 63). O futebol se desenvolve, inicialmente, como um esporte masculino, em que a força, a agressão, a supremacia do gênero ajudavam a conformar o ideal de masculinidade vitoriosa e ideal. Atualmente, há mudanças, que incluem a participação feminina no desenvolvimento desse esporte, mas o futebol continua sendo um espaço hegemonicamente masculino e regido pelo ideal moderno.

Um último aspecto a ser destacado em relação ao poder hermenêutico de Ronaldo diz respeito ao modo como ele revela algo do *ser brasileiro*. Apesar de ter se constituído como uma celebridade de dimensões planetárias, a imagem construída pelo jogador evidencia traços da identidade nacional. A possibilidade de vencer pelo próprio esforço, por seu talento na profissão, é frequentemente evidenciada na trajetória de Ronaldo: do subúrbio carioca à consagração como melhor jogador do mundo. Além disso, sua capacidade de superação de obstáculos foi evidenciada como uma das características do povo brasileiro. Na campanha promovida pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2004, Ronaldo era apresentado como “um brasileiro” e, por isso, “não desiste nunca”. A imagem de Ronaldo é associada, assim, à perseverança, à determinação, à luta cotidiana dos brasileiros. Imagem essa que vem sendo usada atualmente para aproximar o povo da Copa de 2014, a ser realizada no Brasil.

Além de destacar esse poder hermenêutico de Ronaldo, também é preciso refletir sobre seu poder de afetação — que o configura como acontecimento — e que será discutido a seguir.

## **6.2 O individual e o social: o poder de afetação de Ronaldo**

De onde vem o poder de afetação de Ronaldo? Ou seja, o que mobiliza as pessoas a reconhecerem o lugar dessa celebridade na cena pública hodierna e quais as demandas da sociedade que ele atende no mundo contemporâneo? Acreditamos que o poder de afetação de Ronaldo é proveniente do carisma que ele apresenta, tomado não apenas como uma dimensão individual e subjetiva, mas, sobretudo, social.

Ronaldo apresenta certos “dons específicos do corpo e do espírito [...], não acessíveis a todos” (WEBER, 1982, p. 171), para retomar a clássica definição de carisma de Max Weber. Entretanto, não entendemos o carisma como propriedade intrínseca aos sujeitos. Entendemos o carisma como um fenômeno social e cultural, construído na relação entre esse sujeito e as esferas de poder do contexto social. O carisma é visto como um conjunto de traços

que são reconhecidos como dignos de valor por todos aqueles que se submetem à autoridade carismática e mantêm, portanto, uma devoção afetiva em relação a ela. É preciso, assim, pensar nessa dupla dimensão do carisma — a individual e a social — na compreensão de Ronaldo como uma celebridade carismática.

Como jogador de futebol, o Fenômeno apresenta certos dons do corpo: sua velocidade, suas arrancadas impressionantes, seus dribles desconcertantes, seus belos gols, seu *timing*, enfim, suas habilidades técnicas como atleta o capacitam a realizar movimentos corporais que despertam o fascínio do público (GUMBRECHT, 2007). Esse fascínio despertado no público nos ajuda compreender a dimensão relacional do carisma: os dons individuais de Ronaldo como jogador de futebol não podem ser vistos como a causa determinante de sua constituição como acontecimento. É o modo como esses dons são reconhecidos pelo público que concretiza a *devoção afetiva* (WEBER, 1979) construída em torno do Fenômeno.

Além disso, como jogador e sujeito no mundo, Ronaldo também apresenta certos dons do espírito que ajudam a impulsionar seu reconhecimento, ou seja, ele encarna valores que o projetam como celebridade. A solidariedade, a humildade, a simplicidade, a sinceridade, a generosidade, a preocupação com causas humanitárias, a amizade, o companheirismo, a lealdade, a alegria de viver, a determinação são evidenciados na análise dos acontecimentos aqui realizada. São valores que constroem uma imagem hegemônica positiva de Ronaldo, que, no entanto, não é absoluta. Afinal, como sugere Rojek ao retomar a perspectiva de DeCordova, é preciso perceber “as contradições do rosto público” (ROJEK, 2008, p. 50).

A imagem de Ronaldo foi associada a um conjunto de traços que não são, frequentemente, valorizados pelos sujeitos, como o ciúme, a infidelidade, a mentira, a arrogância e a hipocrisia. Mesmo que em menor escala que os valores destacados anteriormente, esse universo de características foi utilizado para definir, em alguns momentos, a face pública de Ronaldo. Assim, ainda que haja algumas contradições nesse rosto público, a imagem hegemônica dessa celebridade reúne valores que são necessários à construção de um projeto social coletivo e que são percebidos na construção de sua trajetória (pessoal e profissional). São valores que estão em sintonia com o desejo de construção de uma sociedade mais justa, mais solidária, menos individualista.

Acreditamos que são esses dons do corpo e do espírito que constroem o poder de afetação de Ronaldo no cenário público contemporâneo. Poder esse que se efetiva não apenas através da admiração despertada por ele, mas também da crítica. É entre a admiração e a

crítica que nossa relação com essa celebridade se constrói, através dos mecanismos de projeção, identificação e contraidentificação.

Como uma celebridade que apresenta traços divinos, Ronaldo desperta a projeção do público: ele é um “deus da bola”, que se consagrou como o melhor jogador do mundo por três vezes; foi campeão do mundo em duas Copas; é o maior artilheiro da história dos mundiais (sua trajetória marca, assim, um antes e um depois de Ronaldo).<sup>8</sup> Essas conquistas não são possíveis para um ser humano qualquer e podem despertar o desejo de muitos sujeitos de serem tão bons quanto Ronaldo. A riqueza e a fama do jogador também despertam a projeção do público, assim como sua capacidade de conquistar belas mulheres.

Mas os traços humanos de Ronaldo são também evidenciados em sua trajetória e são eles que despertam tanto a identificação como a contraidentificação do público. Ronaldo encarna o mortal que fracassa e decepciona o mundo (na Copa de 1998), o mortal que sofre inúmeras lesões ao longo da carreira: o ser humano falível, de carne e osso, que desperta identificações nos outros seres humanos (igualmente falíveis, de carne e osso, suscetíveis de fracassar e decepcionar). Como ser humano, Ronaldo também é alguém que erra, comete deslizos em sua trajetória pessoal, o que diminui a assimetria que marca a relação entre essa celebridade e os sujeitos anônimos. A crítica a seu comportamento é proveniente do mecanismo da *contraidentificação*: ao olhar para as supostas besteiras e erros da celebridade, os sujeitos comuns se aproximam da face humana do ídolo e enfatizam suas próprias atitudes e condutas na vida cotidiana. Retomando Dortier, “através da contraidentificação, nos tranquilizamos e nos valorizamos ao criticar a arrogância, as besteiras, o excesso, a vulgaridade da vida mundana” (DORTIER, 2009, p. 21).<sup>9</sup> Assim, entre a admiração e a crítica, a identificação e a contraidentificação, Ronaldo se situa como um mediador tanto de nossa busca do êxito como de nosso drible do fracasso (FRANÇA, 2010a).

O poder de afetação de Ronaldo se constrói, assim, a partir desses diferentes tipos de relação que ele estabelece com o público, que foram conformando, no decorrer de sua história, uma imagem pública. Essa imagem, cujas características procuramos apresentar ao longo do capítulo (e da tese), apesar de ter uma face hegemônica, não é definitiva. Como nos lembra Gomes, uma “imagem pública não é uma entidade fixa, definitiva, sempre igual a si mesma e assegurada para todos os seres reais” (GOMES, 2004, p. 264). A imagem de

---

<sup>8</sup> Essa divisão da história do futebol em um Antes de Ronaldo (A.R) e um Depois de Ronaldo (D.R) foi tematizada em uma propaganda feita pela Nike em homenagem ao jogador no momento de sua aposentadoria. Interessante perceber que há aqui uma comparação implícita entre Ronaldo e Jesus Cristo, já que a nossa história é dividida em um antes de Cristo (a.C) e um depois de Cristo (d.C).

<sup>9</sup> Do original: “Contre-identification, on se rassure et on se valorise en se moquant de l’arrogance, de la bêtise, de l’excès, de la vulgarité de la vie mondaine”.

Ronaldo que foi apreendida pela investigação aqui realizada é resultado de “disputas simbólicas” (WEBER, 2009, p. 12) que marcaram os inúmeros acontecimentos de sua trajetória.

Ao longo deste capítulo procuramos refletir sobre o próprio Ronaldo como acontecimento, através da análise de seu poder hermenêutico e de seu poder de afetação. Procuramos mostrar como esses dois eixos nos permitem pensar não apenas sobre a construção dessa celebridade, mas também (e, sobretudo) sobre a sociedade em que ela se inscreve e o quadro de valores que a edifica. Lembrando que a celebridade tem uma *dimensão cronológica*, é preciso destacar que essa trajetória não se esgota aqui. Apesar da *morte simbólica* de Ronaldo ter encerrado um ciclo de sua vida, esta continua por outros caminhos. Se a trajetória continua, continua também o processo de construção de sua face pública. Atualmente, pelo lugar que ocupa e por sua força de mobilização, Ronaldo pode ser pensado como um acontecimento, que continua acontecendo e afetando a vida das pessoas. Outras análises poderão ser feitas no futuro para investigar em que medida o poder hermenêutico e o poder de afetação de Ronaldo persistem, configurando-o (ou não) como um acontecimento que continua a — ou que já deixou de — acontecer.

## Considerações Finais

A tese aqui desenvolvida procurou analisar o processo de individuação de alguns acontecimentos marcantes na trajetória de vida do jogador de futebol Ronaldo Luís Nazário de Lima. A proposta foi apreender a imagem pública dessa celebridade, assim como alguns valores e traços da sociedade contemporânea que podem ser percebidos a partir de uma biografia do jogador. Ou seja, compreender a configuração específica desse ídolo e sua inserção no contexto social hodierno. A análise dos acontecimentos apontou para um deslocamento dessa noção para refletir não apenas sobre as ocorrências da vida de Ronaldo, mas sobre a própria celebridade como um acontecimento.

Nosso percurso foi iniciado com a construção do referencial teórico-metodológico da pesquisa, apresentado nos quatro primeiros capítulos. Discutimos o desenvolvimento histórico do fenômeno da fama, assim como diferentes tipos de abordagens e de estudos realizados para refletir sobre as celebridades e o processo de constituição de sua imagem pública. Abordamos a inserção do futebol na cultura brasileira, o fascínio por ele despertado no público, além do processo de constituição dos ídolos esportivos. Refletimos sobre a noção de acontecimento, evidenciando o modo como ele pode ser apropriado para apreender uma narrativa biográfica de uma celebridade, bem como os valores que aí despontam.

A partir dessa discussão, construímos a grade analítica utilizada na pesquisa, composta por três eixos: 1) descrição do acontecimento; 2) narração do acontecimento; e 3) configuração de um pano de fundo pragmático. Esta grade orientou a análise dos cinco acontecimentos definidos para a investigação: 1) a aposentadoria de Ronaldo; 2) a derrota na Copa de 1998; 3) a conquista do pentacampeonato na Copa de 2002; 4) o casamento com Daniella Cicarelli; 5) e o episódio das travestis. Além de ter sido utilizado para refletir sobre as ocorrências da vida de Ronaldo, o conceito de acontecimento foi usado também para pensar a própria celebridade como um acontecimento. Essa reflexão foi feita a partir de dois eixos em articulação: 1) o poder hermenêutico de Ronaldo; e 2) o seu poder de afetação. Esses dois eixos possibilitaram apreender traços e valores que constroem uma imagem pública hegemônica de Ronaldo e que atuam na construção do universo de valores que marca a vida social hodierna.

Nesta última seção da tese, além dessa retomada do percurso aqui realizado, gostaríamos de resgatar os principais achados da investigação e apontar algumas questões colocadas pelo objeto analisado. Isso será feito a partir de seis eixos: **1)** o fenômeno das



celebridades e o modo de abordá-lo; 2) a construção do futebol e seus ídolos; 3) o potencial heurístico do conceito de acontecimento; 4) a imagem pública de Ronaldo e sua consolidação como um acontecimento; 5) a sociedade brasileira contemporânea, alguns de seus traços e valores; 6) apontamentos para futuras pesquisas como desdobramentos da tese aqui apresentada.

1) Em relação à construção das celebridades, a pesquisa evidenciou que estas não podem ser compreendidas apenas como motores dos interesses econômicos que regem a sociedade capitalista em que vivemos. É certo que a dimensão econômica é muito importante na configuração dos ídolos contemporâneos, que estampam peças publicitárias e vendem sua imagem para a comercialização e a solidificação de marcas e produtos da sociedade de consumo. Entretanto, apenas essa dimensão econômica não dá conta de explicar a configuração de uma celebridade. Esse processo se efetiva a partir da complexa interação entre a própria celebridade e os públicos que a celebram.

Na construção da imagem pública de Ronaldo, são inegáveis os interesses econômicos que dela participaram. Ele foi (e continua sendo) garoto-propaganda de várias marcas nacionais e internacionais e construiu sua fortuna a partir dos contratos muito rentáveis que conseguiu firmar com elas. Mas seria simplista demais afirmar que sua consolidação como celebridade ocorreu apenas em virtude dessa dimensão comercial. É preciso pensar nas complexas interações que efetivam o estatuto célebre de um sujeito — o que nos conduz ao segundo ponto que gostaríamos de destacar em relação à constituição das celebridades.

A pesquisa demonstrou, teórica e empiricamente, que uma celebridade não pode ser analisada a partir de uma abordagem puramente subjetivista. Enfatizando a dimensão relacional do carisma (COELHO, 1999), a tese mostrou que um ídolo não se constrói apenas a partir de dons (do corpo e do espírito) entendidos como talentos individuais. Sim, estes são uma parte importante do processo, mas, sozinhos, não são suficientes para configurar uma celebridade. É indispensável que tais atributos sejam reconhecidos pelos sujeitos que a celebram, sustentando, assim, a *devoção afetiva* (WEBER, 1979) que constrói a relação entre um líder carismático e seus públicos.

Ronaldo despontou na cena pública a partir de seus talentos como jogador de futebol. Sua velocidade dentro de campo, suas arrancadas, seus dribles, seus gols — seus *dons do corpo* — despertaram o fascínio do público. Além disso, Ronaldo também encarna certos *dons do espírito*, valores como a solidariedade, a humildade, a simplicidade, a generosidade, a sinceridade, a preocupação com causas humanitárias, a amizade, o companheirismo, a

lealdade, a alegria de viver, a determinação. Esses dons também despertam o reconhecimento dos sujeitos que sustentam uma devoção afetiva em relação ao jogador e ao sujeito Ronaldo. Ele se construiu, assim, como uma celebridade carismática a partir dessa relação entre os dons do corpo e do espírito que ele apresenta e os públicos que o reconhecem e o celebram como tal — sem negligenciar a dimensão econômica e comercial de sua imagem evidenciada acima.

2) O futebol é um esporte que desperta o fascínio do público no Brasil e em vários outros países do mundo. Esse *fascínio*, “que paralisa os olhos [...] sem indicar nenhuma explicação para a atração” (GUMBRECHT, 2007, p. 20), é suscitado a partir dos movimentos corporais que constroem uma performance coletiva. Esse fascínio cria um terreno propício ao surgimento de ídolos, que personificam a atração pelo futebol. Nesse sentido, tais ídolos são posicionados na vida social de tal modo que ultrapassam o seu papel de jogadores. Tais ídolos, em suas performances individuais, encarnam valores e despontam em determinado grupo, suscitando identificações que participam da consolidação do futebol como uma paixão nacional. Eles são incentivados a defender o espírito de equipe, o companheirismo e a solidariedade do grupo, afastando a imagem de egoístas e individualistas.

A história do futebol brasileiro registra a imagem de vários ídolos, que encarnam diferentes “tipos”, a partir de seu comportamento dentro e fora do campo. Há inúmeros que se consagram como *temperamentais*, aqueles “atletas cuja excepcionalidade dava-lhes o direito ambíguo a terem uma personalidade explosiva, tudo isso decorrendo de uma pesada consciência do seu sucesso e da sua posição de heróis” (DAMATTA, 2006, p. 56). Dentre os temperamentais, podemos destacar alguns exemplos: Leônidas da Silva, cuja excepcionalidade contrastava com a indisciplina e a malandragem (SOUZA, 2008); Heleno de Freitas, “o primeiro *bad boy* do futebol brasileiro”, cuja personalidade misturava a genialidade em campo, o destempero e a irreverência (NEVES, 2012);<sup>1</sup> mais recentemente, Romário pode ser visto como um desses temperamentais, que conjugava o desempenho estelar em campo com um comportamento explosivo.

Mas nem todos os ídolos do futebol podem ser situados dessa maneira. Há também aqueles que se destacam como “bons moços”, pais de família, que procuram construir um comportamento exemplar dentro e fora de campo e se destacam nesse esporte para garantir o sustento da esposa e dos filhos. Arthur Antunes Coimbra, o Zico, é um dos jogadores brasileiros que construiu essa imagem de “jogador pai de família”.

---

<sup>1</sup> A vida de Heleno de Freitas foi narrada pelo cinema, em filme dirigido por José Henrique Fonseca (*Heleno*, 2011).

Contemporaneamente, Ricardo Izecson dos Santos Leite, o Kaká, também pode ser situado nesse lugar de “bom moço” do futebol — evangélico, casado, pai de duas crianças.

Há, ainda, aqueles ídolos que procuram construir essa imagem de bom moço, mas cujo comportamento acaba exibindo certos deslizes (dentro e/ou fora de campo) que os tornam passíveis de críticas de seus públicos. Não podem ser vistos como detentores de um comportamento exemplar, mas também não são exatamente *bad boys*. É o caso, por exemplo, de Manuel dos Santos, o Garrincha, um “gênio dos dribles” (CASTRO, 1995), um homem mulherengo e sedutor, que acabou sendo destruído pelo alcoolismo. Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, se consagrou como o “Rei do futebol”, mas foi muito criticado por não reconhecer uma filha fora do casamento.

Esses e outros ídolos do futebol construíram sua imagem pública dentro e fora dos gramados, a partir das relações que estabeleceram com a sociedade brasileira em diferentes contextos. Personificaram valores e encarnaram tipos diferentes, mas, de qualquer maneira, despertaram o fascínio do público por suas belas jogadas. A análise dessa personificação de valores que desperta essa admiração dos sujeitos por um ídolo esportivo foi aqui realizada a partir da noção de acontecimento — que também trouxe achados importantes para a pesquisa, que serão discutidos a seguir.

3) A pesquisa comprovou o potencial heurístico do conceito de acontecimento para a análise de fenômenos que movimentam e constroem a vida social. Acreditamos que decorre, justamente, desse ponto o caráter inovador da presente tese: a apropriação da noção de acontecimento para análise da construção da imagem pública das celebridades. Como explorado no capítulo três, esse conceito vem sendo utilizado em diferentes tipos de pesquisa — para investigação de escândalos políticos ou construções de sentido no universo do jornalismo —, mas ainda não tinha sido utilizado no tipo de investigação aqui proposta e realizada. O conceito de acontecimento permitiu não apenas apreender a individuação das ocorrências marcantes da vida de Ronaldo, como também, e, sobretudo, refletir sobre o próprio jogador como um acontecimento. A operacionalização desse conceito possibilitou compreender a configuração da imagem pública de Ronaldo, seu poder de afetação e seu poder hermenêutico — o que aponta para o próximo eixo das conclusões.

4) A trajetória de vida de Ronaldo permite apreender traços que compõem sua face pública a partir de cada um dos acontecimentos aqui analisados. A reflexão sobre a individuação dessas ocorrências evidenciou uma imagem hegemônica dessa celebridade em diferentes momentos de sua história e permitiu apreender diversos fragmentos que compõem o *puzzle biodiagramático* (PIGNATARI, 1996) que edifica sua biografia.

O fracasso na Copa de 1998 fez emergir o lado mais humano de Ronaldo: o então melhor jogador do mundo (eleito pela FIFA por duas vezes consecutivas, em 1996 e 1997), celebrado internacionalmente por seu talento, sucumbe frente à França na final do campeonato. Esse acontecimento mostrou o jogador como um ser humano que erra, fracassa, decepciona e sofre (tanto por seus deslizes em campo como frente a uma possível decepção amorosa) — suscitando identificações nos públicos que o reconhecem. Além disso, essa ocorrência revelou Ronaldo como um sujeito humilde, capaz de reconhecer suas falhas e pedir desculpas; e como um indivíduo determinado, que sinaliza o campo de possíveis aberto pela derrota — buscar o pentacampeonato quatro anos depois.

A vitória na Copa de 2002 marca, assim, a consagração de Ronaldo como um exemplo de luta e superação. Além do “fantasma” da derrota de 1998, o jogador teve que enfrentar sérias contusões e cirurgias no joelho, sendo considerado por muitos críticos, médicos e torcedores como acabado para o futebol. Com o desempenho no mundial, Ronaldo mostrou que recuperara seu *timing*, que fora muito bem sucedido em sua busca pela excelência, o *arete* de que fala Gumbrecht (2007), conquistando, pela terceira e última vez, o título de melhor jogador do mundo de 2002. Seu desempenho excepcional suscita a projeção dos públicos que podem manifestar o desejo de ser como o ídolo. Além das qualidades técnicas de Ronaldo, são evidenciados por esse acontecimento valores como a humildade, a solidariedade, a alegria, a amizade, a determinação e o otimismo. Assim, são esses *dons* (do *corpo* e do *espírito*) que constroem a dupla face do carisma de Ronaldo destacada anteriormente e que sustentam a *devoção afetiva* (WEBER, 1979) do público em relação a essa celebridade.

O casamento com Daniella Cicarelli, bem como a separação do casal, consolidaram alguns valores agregados à imagem pública de Ronaldo. A simpatia, a humildade, a lealdade, a solidariedade foram destacados na personalidade do jogador; o amor, a amizade e a fidelidade foram outros valores evidenciados a partir desse acontecimento entre aqueles que devem ser preservados em nossa sociedade. Apesar de algumas contradições evidentes na festa no castelo (castelo X laje; jantar sofisticado X churrasco; cinderela X bruxa; conto de fadas X barraco; sonho X pesadelo), não podemos perceber contradições na imagem de Ronaldo: ele continuou sendo visto como um herói nacional, um grande jogador, que se entregou aos caprichos de uma bela mulher e se decepcionou. Mesmo que ele seja visto, em alguns momentos, como ciumento ou infiel, não são esses traços que mais se destacam em sua imagem pública. Essa imagem positiva de Ronaldo fica ainda mais evidente quando atentamos para a polarização que se estabelece entre ele e Daniella. Enquanto ele continuava sendo visto

como um ídolo popular, ela passou a ser posicionada como uma mulher autoritária e dominadora, interessada em alavancar a própria carreira através do sucesso do Fenômeno.

Algumas contradições e traços negativos na imagem pública de Ronaldo emergem com o episódio das travestis, que impulsionou o mecanismo da contraidentificação na relação entre o jogador e seus públicos. Ele continua sendo visto por muitos sujeitos como um grande jogador, um ídolo, mas há os que questionam suas qualidades técnicas; há aqueles que defendem que ele é um ser humano falível, que erra como todos nós e merece compreensão, mas também os que o veem como um falso herói que deve ser punido por seus erros; há aqueles que o consideram um bom moço, que preza a verdade, a honestidade e a solidariedade, e também os que o veem como um sujeito sem valores, demagogo e hipócrita. Ainda que os sentidos contraditórios sejam muito marcantes na imagem de Ronaldo a partir dessa ocorrência, o tom predominante dos discursos analisados é de uma crítica veemente ao comportamento do jogador. Entretanto, não é esse o tom hegemônico que marca a imagem pública de Ronaldo no momento de sua aposentadoria como jogador de futebol.

A análise desse último acontecimento revelou que o Fenômeno consolidou sua imagem como um grande atleta, um atacante cujas qualidades técnicas permitiram a construção de uma carreira gloriosa. O questionamento dessas qualidades em alguns discursos exhibe que Ronaldo não é um ídolo unânime — ainda que seja, predominantemente, reconhecido como tal. É um jogador que se destaca individualmente em um esporte coletivo e, muitas vezes, visto como um sujeito que transcende os times em que atuou. Alguns valores evidenciados em outros acontecimentos são aqui consolidados na imagem pública de Ronaldo: a humildade e a simplicidade (apesar de toda a riqueza), a sinceridade, o amor, a determinação, a alegria, a generosidade e a solidariedade. Entretanto, há traços negativos que contradizem tais valores em alguns discursos, como a mentira, a traição, a prepotência e a vaidade, que caracterizariam um sujeito egoísta e mercenário.

Assim, apesar desses sentidos contraditórios, a análise mostra que a imagem pública hegemônica de Ronaldo é bastante positiva, reunindo valores compartilhados socialmente e que nos ajudam a compreender o *poder de afetação* dessa celebridade na cena pública — um dos eixos que nos permitiram pensar o próprio jogador como um acontecimento. O segundo eixo da tese aqui defendida — de que Ronaldo pode ser pensado como um acontecimento — diz respeito ao *poder hermenêutico* dessa celebridade, o que nos conduz para o quinto item das conclusões.

5) Ao refletir sobre as ocorrências da vida de Ronaldo e a própria celebridade como acontecimento, analisamos, ao mesmo tempo, a própria vida social em movimento, o

mundo em que os acontecimentos emergem e que ajudam a construir. Assim, parafraseando o título de um ensaio de Giorgio Agamben (2009), podemos nos perguntar “o que é o contemporâneo?”, ou seja, quais os traços da sociedade hodierna que foram revelados pela análise realizada nesta tese?

Vivemos em uma sociedade de consumo, capitalista, em que os interesses econômicos permeiam as várias esferas de nossas vidas — e se fazem muito marcantes também na trajetória de Ronaldo. É, ainda, uma sociedade caracterizada pelo individualismo, em que o culto do indivíduo se converteu em um valor, como destaca Birman (2009, 2010). Nesse cenário, cada indivíduo é “lançado na busca desesperada de seus objetivos particulares e sem se inscrever, como elemento e átomo, numa ordem social englobante” (BIRMAN, 2010, p. 35). Isso significa que o individualismo compromete os valores necessários à construção de um projeto coletivo: “na moral individualista dominante [...] reza-se a cartilha de cada um por si e dane-se o resto; a solidariedade como valor definitivamente desaparece no horizonte ético da sociedade pós-moderna” (BIRMAN, 2009, p. 177). Nesse contexto, a busca da felicidade também é vista como um projeto individual, como destaca Vaz (2010), ao retomar a perspectiva de Rieff (1966): “a felicidade deixa de ser ‘consequência colateral da busca de algum fim comunal superior’ e se torna uma finalidade a ser assumida por cada indivíduo (Rieff, 1966: 13, 261)” (VAZ, 2010, p. 136).

Podemos notar, na trajetória de Ronaldo, essa busca individual por “ser reconhecido como especial ou único” (ROJEK, 2008, p. 107), como um rosto e um corpo singulares que o configuram como celebridade. Percebemos, ainda, a valorização do corpo atlético, cultivado com hábitos de vida saudáveis, como componente do reconhecimento de Ronaldo por parte de seus públicos. Um reconhecimento que, muitas vezes, transcende os times, colocando o jogador acima do grupo que constrói o futebol como um esporte coletivo. Um reconhecimento que personaliza as características de toda uma nação (de um povo guerreiro, que “não desiste nunca”) e faz de Ronaldo um expoente do que significa *ser brasileiro*. Um reconhecimento que salienta a autonomia e a ação individual de Ronaldo na realização de seus projetos.

Mesmo nesse quadro, é possível apreender nessa trajetória alguns traços que sinalizam para a construção de um projeto coletivo. A “solidariedade desaparecida” destacada por Birman (2009) é evidenciada na postura de Ronaldo, em suas ações humanitárias e também em seu comportamento dentro de campo — afinal, trata-se de um esporte coletivo, em que o espírito de equipe deve estar presente. O respeito ao outro, o exemplo positivo e a generosidade também são destacados na imagem pública dessa celebridade. Apesar disso, é o

individualismo que emerge com mais força como traço da sociedade em que vivemos. A própria afirmação do estatuto célebre de alguns sujeitos é uma marca das sociedades regidas pelo individualismo (ROJEK, 2008). Além disso, a biografia é “valorizada ao extremo em um mundo individualista” (VELHO, 2003, p. 104).

A ênfase no individualismo traz sérios riscos para a configuração do social na contemporaneidade. Charles Taylor (2011) chama a atenção para o “lado sombrio do individualismo”: “o centrar-se em si mesmo, que tanto nivela quanto restringe nossa vida, tornando-a mais pobre em significado e menos preocupada com os outros ou com a sociedade” (TAYLOR, 2011, p. 15). Outro risco que se pode perceber é como a ênfase no indivíduo e em seus projetos de vida particulares acaba gerando uma intolerância em relação ao outro, sobretudo, quando este apresenta um modo de vida distinto daquele. A intolerância pode conduzir a autoritarismos e radicalismos em algumas formas de política de identidade, tal como discutido por Eagleton (2005). O autor destaca que, nesse cenário de diversidade cultural, existem políticas de identidade que são “fechadas, intolerantes e supremacistas. Surdas à necessidade de solidariedade política mais ampla, elas representam um tipo de individualismo de grupo que reflete o etos social dominante tanto quanto diverge dele” (EAGLETON, 2005, p. 182). O quadro cultural marcado por identidades segregadas, fechadas e intolerantes compromete o projeto social coletivo, ao mesmo tempo em que fortalece o individualismo.

Desse individualismo (fechado e intolerante), decorrem a violência e a agressão física e simbólica em relação aos sujeitos cuja orientação sexual é homoafetiva — o que pode ser percebido na análise do episódio das travestis. Vivemos em uma sociedade em que o *ideal moderno de masculinidade* (OLIVEIRA, 2004) é hegemônico, determinando o padrão heterossexual como orientador das condutas dos sujeitos. É também uma sociedade muito machista, em que continuam prevalecendo aqueles valores e normas que garantem o privilégio dos homens em relação às mulheres (AZERÊDO, 2007) — traço que apreendemos tanto na análise do episódio das travestis como na do casamento entre Ronaldo e Daniella Cicarelli.

Mas é também uma sociedade em que vários avanços foram conquistados a partir da emancipação feminina, que possibilitou, entre outras coisas, novas formas de construção dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade. A emergência do *amor confluyente* (GIDDENS, 1993, 2002), apesar dos riscos que trouxe para a construção de relacionamentos duradouros, também possibilitou uma maior autonomia e igualdade para as mulheres na constituição dos vínculos amorosos. Esse traço de nossa sociedade foi apreendido na trajetória

da celebridade aqui analisada. Nesse cenário marcado por insegurança, instabilidade e individualismo, a construção de vínculos através do amor continua sendo uma forma de construir um ponto de ancoragem no mundo.

Além disso, acreditamos que, nesse mesmo cenário, a devoção afetiva dedicada pelos sujeitos a certas celebridades também é construída como uma forma de ancoragem dos indivíduos no mundo. Isso é feito a partir dos valores que tais celebridades encarnam (ou dos quais se afastam) e que impulsionam os mecanismos de identificação, projeção e contraidentificação dos públicos em relação aos sujeitos célebres. Em uma sociedade em que o valor da visibilidade ocupa um lugar central e em que “todos querem ser celebridades e ocupar a cena midiática como protagonistas importantes e até mesmo como *pop stars*” (BIRMAN, 2009, p. 208), apenas alguns conseguem se manter em um lugar de destaque na cena pública: são aqueles cujo comportamento evidencia valores partilhados coletivamente e que se afirmam como um polo de admiração dos sujeitos comuns; e/ou aqueles cuja postura recebe críticas, ao mesmo tempo em que exibem a falibilidade de todo ser humano, revelando deslizes que são também nossos (FRANÇA, 2010a).

Esse mundo em que a visibilidade e a busca por celebridade emergem como características marcantes assiste a “uma imbricação e interpenetração” entre os espaços público e privado, “capaz de reconfigurá-los até tornar obsoleta a distinção” (SIBILIA, 2008, p. 78). Nesse mundo em que o público e o privado apresentam “fronteiras cambiantes” (THOMPSON, 2010), é notável como a intimidade das celebridades vem sendo exposta no cenário público. Isso ficou muito evidente na análise tanto do casamento entre Ronaldo e Cicarelli como do episódio das travestis — acontecimentos exaustivamente discutidos nos contextos de sua emergência. É certo que podemos questionar a atribuição de importância e valor a inúmeros acontecimentos que dizem respeito à vida privada das celebridades e o modo como eles emergem na cena pública. De qualquer forma, contudo, a análise de algumas dessas ocorrências que marcam a vida privada de Ronaldo nos permitiu apreender alguns traços da sociedade em que vivemos e que compõem o *poder hermenêutico* desse acontecimento-celebridade.

6) Para finalizar, gostaríamos de apontar o *campo de possíveis* aberto pela presente tese. Certamente, este trabalho encerra um percurso e trouxe contribuições em relação à operacionalização da noção de acontecimento para análise da construção da imagem pública das celebridades. Entretanto, além de ser o fim de um processo, esta pesquisa pode ser vista como o início de uma nova fase, a partir de uma agenda de reflexões que a investigação aqui realizada pode proporcionar.



Acreditamos, em sintonia com a perspectiva do GRIS,<sup>2</sup> que a temática do acontecimento pode alcançar um maior desenvolvimento, incluindo aqui o seu potencial para análise da vida das celebridades. O viés do acontecimento pode ser um elemento de distinção na análise de diferentes tipos de celebridade — as mais e as menos passageiras. Além disso, pode iluminar reflexões sobre celebridades de contextos distintos: tendo recuperado outros ídolos do futebol de forma mais rápida nesta tese, um estudo comparativo mais aprofundado poderia apontar diferenças — dos ídolos e do futebol de cada época. Dessa forma, a articulação entre as discussões sobre acontecimento e celebridade não se encerra aqui, mas ainda pode ser muito profícua para análises de outros fenômenos comunicativos que movimentam e constroem a vida social contemporânea.

---

<sup>2</sup> O GRIS criou, em 2012, o GRISLAB (Laboratório de Análise de Acontecimentos), uma atividade de pesquisa e extensão que visa à discussão e análise de diversos acontecimentos que marcam a contemporaneidade. A proposta é agregar os pesquisadores do próprio grupo de pesquisa, além de pesquisadores de outras instituições com as quais o grupo mantém uma interlocução próxima e continuada. Para um maior detalhamento do projeto, cf. França, 2012.

## Referências

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: \_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*: inferno. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 165.
- ALMEIDA, Marco Antônio Pessoa V. *A Secretária da Crise: A construção do acontecimento* Fernanda Karina Somaggio. 2006, 70f, Monografia (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- ALMEIDA, Roberto Edson de. *O acontecimento e seus públicos: o caso Fernanda Karina Somaggio*. 2006, 63f, Monografia (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009 *apud* MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Org.) *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.
- ANDALÉCIO, Marina L. *Em busca da fama: performances e representações no programa Ídolos*. 2010, 126f, Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002. p. 21.
- ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade do discurso jornalístico. *Contemporânea*, Salvador, v. 6, n. 1, p. 1-21, jun. 2008.
- ANTUNES, Elton. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 13, n.1, p. 25-40, 2007.
- ARENDT, Hannah. Compreensão e Política. In: \_\_\_\_\_. *A dignidade da política*. Ensaio e conferências. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. p. 39-53.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.
- ARQUEMBOURG, Jocelyne. Entre facto e sentido: contar o acontecimento. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 109-112, 2005.
- ASSIS, Machado. Crônica de 14 de fevereiro de 1897. Disponível em: <[http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio\\_de\\_janeiro/ano1897/14fev1897.htm](http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio_de_janeiro/ano1897/14fev1897.htm)>. Acesso em: 24 de abril de 2012.

AZERÊDO, Sandra. *Preconceito contra a “mulher”*: diferença, poemas e corpos. São Paulo: Cortez, 2007.

BABO-LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 85-94, 2005.

BABO-LANÇA, Isabel. O acontecimento social. In: \_\_\_\_\_. *A configuração dos acontecimentos públicos: o “Caso República” e as manifestações nos Açores em 1975*. Coimbra: MinervaCoimbra, 2006. p. 63-88.

BABO-LANÇA, Isabel. Problema Público Processos de Enquadramento: o caso Madeleine McCann. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 11, p. 47-66, 2007.

BABO-LANÇA, Isabel. A Corrupção como Problema Público e a Nova Ética da Confiança. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 12, p. 7-20, 2008a.

BABO-LANÇA, Isabel. Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional. In: *I Colóquio em Comunicação e Sociabilidade — Comunicação Midiática: instituições, valores e cultura*, 2008b, Belo Horizonte, p. 1-20.

BADIOU, Alain. *São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARTHÉLÉMY, Michel; QUÉRÉ, Louis. *La mesure des événements publics: Structure des événements et formation de la conscience publique*. Rapport de recherche pour le CNRS, Paris, Centre d’Etudes des Movements Sociaux, p. 1-85.

BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BASTIDAS, Claudio. *Driblando a perversão: psicanálise, futebol e subjetividade brasileira*. São Paulo: Escuta, 2002.

BATESON, Gregory. A theory of play and fantasy. In: \_\_\_\_\_. *Steps to an Ecology of mind*. Chicago: University of Chicago Press, 2000. p. 177-193.

BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. (Orgs.) 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-105.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BELTRÁN, Mary C. The Hollywood Latina Body as Site of Social Struggle: Media Constructions of Stardom and Jennifer Lopez’s “Cross-over Butt”. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 275-286.

BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Orgs.) *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010.

BENNET, James. CELEBRITY FORUM: Historicising celebrity studies. *Celebrity Studies*. v.1, n.3, November 2010, 358-359.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 37.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico de M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Orgs.) *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142.

BEZERRA JUNIOR, Benilton. A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 117-134.

BIGNOTTO, N. A contingência do novo. In: NOVAES, A. (Org.) *A condição humana: as aventuras do homem em tempo de mutações*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009. p. 221-240.

BINKLEY, Sam. A felicidade e o programa de governamentalidade neoliberal. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 83-104.

BIRMAN, Joel. *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 27-47.

BOORSTIN, Daniel. From hero to celebrity: the human pseudo-event. In: \_\_\_\_\_. *The image: a guide to pseudo-events in America*. New York: Vintage, 1992. p. 45-76.

BOURDIEU, Pierre. Legitimation and Structure Interest, p. 131 *apud* MARSHALL, P. David. *Celebrity and power: fame in contemporary culture*. 5. ed. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 183-191.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Silvia L.D.; ARAUJO, Denise C.; BRUNO, Fernanda. (Orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.

BRAUDY, Leo. The Dream of Acceptability. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 181-187.

BRAUDY, Leo. *The Frenzy of Renown: Fame and Its History*. New York: Vintage Books, 1986.

- BREGMAN, Dorine. Le cadrage du débat public. Le projet de CSG. In: BEAUD, Paul et al. (Orgs.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET, 1997. p. 473-495.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 183-191.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei*. A construção da imagem pública de Luis XVI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- CALDEIRA, Jorge. *Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado*. Rio de Janeiro: Lance!; São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CARDOSO E CUNHA, T. Acontecimento e biografia. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 105-108, 2005.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. *Atores em disputa de sentido: jornalismo e homofobia nas narrativas da Folha de S.Paulo e O Globo*. 2010, 297f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010a.
- CARVALHO, Carlos Alberto. Premissas para o tratamento teórico-metodológico do acontecimento apanhado pela trama noticiosa. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata V. de; MARTINO, Luiz Claudio. (Orgs.) *Pesquisa empírica em comunicação*. Livro Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010b. p. 341-359.
- CASHMORE, Ellis. *Celebrity/Culture*. New York: Routledge, 2006.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick. A construção da notícia: um mundo filtrado. In: \_\_\_\_\_. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 131-142.
- COELHO, Maria Cláudia. *A experiência da fama*. Rio de Janeiro: Ed., FGV, 1999.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- D2, Marcelo. Sou Ronaldo. In: *Meu Samba é Assim: Edição Especial*. Brasil: Sony & BMG, 2006. 1 CD. Letra da música disponível em: < <http://letras.terra.com.br/marcelo-d2/564481/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2011.
- DaMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens: Duas Copas, Treze Crônicas e Três Ensaios sobre Futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. *Media events: the live broadcasting of history*. Cambridge / London: Harvard University Press, 1994.
- DeCORDOVA, Richard. The emergence of the Star System in America. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 132-140.

- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- DEWEY, John. Context and Thought. In: \_\_\_\_\_. The essential Dewey. v. 1. Pragmatism, education, democracy. Bloomington: Indiana University Press, 1998 *apud* POGREBINSCHI, T. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- DEWEY, John. L'acte d'expression. In: \_\_\_\_\_. L'art comme expérience. Pau: Farrago, 2005.
- DEWEY, John. A criatura viva. In: \_\_\_\_\_. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p.59-84.
- DEWEY, John. Search for the public. In: \_\_\_\_\_. *The public and its problems*. Chicago: Swallow Press, 1954. p. 2-86.
- DEWEY, John. Tendo uma experiência. In: LEME, Murilo O. R. P. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 89-105.
- DORTIER, Jean-François. Les *peoples*, pourquoi ça marche? *SCIENCES HUMAINES*, Auxerre, n. 204, p. 18-23, mai. 2009.
- DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Muitas felicidades! Diferentes regimes do bem nas experiências de vida. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 239-255.
- DYER, Richard. *Heavenly Bodies: Film Stars and Society*. 2. ed. New York: Routledge, 2004.
- DYER, Richard. *Stars*. New Edition. London: British Film Institute, 1998.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- ELSTER, Jon. Rationalité, émotions et normes sociales. In : PAPERMAN, Patricia; OGIEN, Ruwen. *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1995. p. 33-64.
- ELSTER, Jon. *The cement of society: a study of social order*. Cambridge/New Work/Port Chester/Melbourne/Sydney: Cambridge University Press, 1989.
- EPSTEIN, Rebecca L. Sharon Stone in a Gab Turtleneck. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 206-218.
- FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. *MATRIZES*, São Paulo, n. 2, p. 89-105, abril 2008.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FAUSTO NETO, Antônio. O joelho aprisionado: estratégias mediáticas e o “caso Ronaldo”. In: *XXIII Intercom*, 2000, Manaus.

FERRER, Christian. Consumo de espetáculos e felicidade obrigatória: técnica e bem-estar na vida moderna. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 165-179.

FERRIS, Kerry O. The Sociology of Celebrity. *Sociology Compass*, v. 1, n.1, 2007, p. 371-384.

FORNEL, Michel de. Violence, sport et discours médiatique. L'exemple de la tragédie du Heysel. In: BEAUD, Paul et al. (Orgs.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET, 1997. p. 453-471.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Portugal, 1966.

FRANÇA, Renné de Oliveira. *Eclipses do Inesquecível: o acontecimento na mnemotécnica da Retrospectiva de Fim de Ano. 2007*, 151f, Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FRANÇA, Vera R. Veiga. L. QUÉRÉ: dos modelos da comunicação. *Revista Fronteiras, estudos midiáticos*, São Leopoldo-RS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.

FRANÇA, Vera R. Veiga. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. R. V. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 60-88.

FRANÇA, Vera R. Veiga. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G.H.Mead. In: PRIMO, A. et al (Org.) *Comunicação e Interação*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 71-92.

FRANÇA, Vera R. Veiga. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. In: *VI SOPCOM*, 2009, Lisboa. p. 1-19.

FRANÇA, Vera R. Veiga. “A felicidade ao seu alcance”: que felicidade, e ao alcance de quem, afinal? In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010a. p. 213-226.

FRANÇA, Vera R. Veiga. Impessoalidade da experiência e agenciamento dos sujeitos. In: LEAL, Bruno S.; GUIMARÃES, César G.; MENDONÇA, Carlos M. C. (Orgs.) *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b. p. 39-54.

FRANÇA, Vera R. Veiga. *GRISLAB: Laboratório de Análise de Acontecimentos*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2012. Mimeografado.

FRANÇA, Vera R. Veiga; ALMEIDA, Marco Antônio P. V. O caso Fernanda Karina: as potencialidades do acontecimento. In: *VIII Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação e da Informação*, 2006, Université Stendhal-Grenoble III, Echirrolles, França.

FRANÇA, Vera R. Veiga; ALMEIDA, Roberto Edson de. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. *Contemporânea*, Salvador, v. 6, n. 2, p. 1-24, dez.2008.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- FREIRE FILHO, João. Ídolos para quem precisa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp2110200391.htm>>. Acesso em: 19 de agosto de 2010.
- FREIRE FILHO, João (Org.) *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- FREIRE FILHO, João. Existir aos olhos dos outros: *reality shows*, as “aventuras autênticas” de indivíduos em busca de reconhecimento. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Estudos de televisão: diálogos Brasil-Portugal*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Felicidade é... uma favela violenta com vista para o mar. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 257-273.
- GAMSON, Joshua. *Claims to fame: celebrity in Contemporary America*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1994.
- GARCIA, Tânia. *O it verde e amarelo de Carmem Miranda (1930-1946)*. São Paulo: Annablume, 2004.
- GASTALDO, Édison. Narrando o Fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998. In: *XXIV Intercom*, 2001, Campo Grande.
- GASTALDO, Édison. *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume; São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2002.
- GASTALDO, Édison. A família Scolari somos todos nós. Questões de identidade brasileira na Copa de 2002. In: *XXVI Intercom*, 2003, Belo Horizonte.
- GEERTZ, Clifford. Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. In: \_\_\_\_\_. *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 182-219.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. (Orgs.) 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107-148.
- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press, 1974.
- GOMES, Wilson. A política da imagem. In: \_\_\_\_\_. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 239-290.



GUIMARÃES, César G.; LEAL, Bruno Souza. Experiência estética e experiência mediada. *Intexto*, v. 2, n. 9, Porto Alegre, UFRGS, p. 1-14, jul-dez. 2008.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas Crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, César et al. (Orgs.) *Comunicação e experiência estética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p.50-63.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HABERMAS, Jürgen. Normas versus valores: crítica a uma autocompreensão metodológica falsa do controle da constitucionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Direito e Democracia: entre facticidade e validade I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 314-330.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo. As Idealizações do Sucesso no Imaginário Brasileiro. *Logos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 10, p. 38-42, 1999.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, R.; SOARES, Antonio J.; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 149-162.

HELAL, Ronaldo. Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: *XI Compós*, 2002, Rio de Janeiro.

HELAL, Ronaldo. A Morte e o Mito: As narrativas da imprensa na cobertura jornalística da morte de Ayrton Senna. In: *XXVII Intercom*, 2004, Porto Alegre.

HELAL, Ronaldo; GORDON JUNIOR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (Orgs.) *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 51-75.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (Orgs.) *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELENO: o príncipe maldito. Direção: José Henrique Fonseca. Rio de Janeiro: Downtown Filmes, 2011. 1 DVD (116 min.), son., p&b.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). *Mídia, Memória e Celebidades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

HOLDERMAN, Lisa. 'Ozzy Worked for Those Bleeping Doors with the Crosses on Them': The *Osbornes* as Social Class Narrative. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 287-297.

HOLMES, Su. 'Torture, Treacle, Tears and Trickery': Celebrities, 'Ordinary' People, and *This is Your Life* (BBC, 1955-65). In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 156-270.

HORNBY, Nick. *Febre de Bola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

JAFFE, Aaron. *Modernism and the culture of celebrity*. 3. ed. New York: Cambridge University Press, 2007.

JAUSS, Hans Robert. *Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982 *apud* MARSHALL, P. David. *Celebrity and power: fame in contemporary culture*. 5. ed. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2006.

JOAS, Hans. Interacionismo Simbólico. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 127-174.

KELLNER, Douglas. Celebrity diplomacy, spectacle and Barack Obama. *Celebrity Studies*, v.1, n. 1, March 2010, 121-123.

KELLY, Lisa. Public personas, private lives and the power of the celebrity comedian: a consideration of the Ross and Brand 'Sachsgate' affair. *Celebrity Studies*. v.1, n. 1, March 2010, 115-117

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

LANA, Cecília. *Acontecimento midiático e ressonâncias pragmáticas: a produção de sentido em torno de crimes passionais*. 2010. Monografia (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

LANA, Lígia. *Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez*. 2012, 284f, Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LANA, Lígia; SIMÕES, Paula G. Duas vinculações possíveis entre personalidades e acontecimentos: diferentes modos de atuação na vida pública. In: *II CIS - Acontecimento: Reverberações*, 2011, Belo Horizonte.

LEAL, Bruno Souza. Telejornalismo e autenticação do real: estratégias, espaços e acontecimentos. *E-Compós*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 1-11, maio/ago.2008.

LEAL, Bruno Souza *et al.* Agendamento, enquadramento e noticiabilidade. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Org.) *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 187-219.

LEAL, Bruno Souza ; VAZ, Paulo Bernardo F.; ANTUNES, Elton. De quem é a agenda. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Org.) *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 221-239.

- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 167-182.
- LINS, Daniel Soares. *Ayrton Senna: a imolação de um deus vivo*. Fortaleza: Edições UFC, 1995.
- LIVET, Pierre. *As normas*. Análise da noção, estudos de textos. Wittgenstein, Leibniz, Kelsen, Aristóteles. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LIVET, Pierre. Les normes et les valeurs. In : \_\_\_\_\_. *Les normes*. Paris: Armand Colin, 2006. p. 7-42.
- LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (Orgs.) *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 77-99.
- LOWENTHAL, Leo. The triumph of mass idols. In: \_\_\_\_\_. *Literature and Mass Culture*. New Jersey: Transaction Publishers, 1984. p. 203-236.
- LUMBY, Catharine. Doing It For Themselves? Teenage Girls, Sexuality and Fame. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 341-352.
- MAFFESOLI, Michel. *Iconologies*. Nos idol@tries postmodernes. Paris: Albin Michel, 2008.
- MARQUES, José Carlos. O Mito Construído, Destruído e Restituído — O Caso Cíclico de Ronaldo Fenômeno. In: *XXVIII Intercom*, 2005, Rio de Janeiro.
- MARSHALL, P. David. *Celebrity and power: fame in contemporary culture*. 5. ed. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2006.
- MARTINS, Moisés de Lemos. O poder hermenêutico do acontecimento e os media. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 123-127 , 2005.
- MATTOS, Hilton. *Heróis do cimento: o torcedor e suas emoções*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MEAD, George Herbert. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behavior*. Chicago: University of Chicago, 1934.
- MEAD, George Herbert. *The Philosophy of the Act*. (Edited by Charles W. Morris with John M. Brewster, Albert M. Dunham and David Miller). Chicago: University of Chicago, 1938. Disponível em: [http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philact/Mead\\_1938\\_toc.html](http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philact/Mead_1938_toc.html). Acesso em 24 de fevereiro de 2011.
- MEAD, George Herbert. The Present as the Locus of Reality. In: \_\_\_\_\_. *The Philosophy of the Present*. LaSalle, Illinois: Open Court, 1932. p. 1-31. Disponível em: [http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philpres/Mead\\_1932\\_01.html](http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philpres/Mead_1932_01.html). Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Org.) *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos Sociais como *acontecimentos*: linguagem e espaço público. *Lua Nova*, Revista de cultura e política, São Paulo, n. 72, p. 115-142, 2007.

MICELI, Sergio. *A noite da madrinha: e outros ensaios sobre o éter nacional*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva. (Orgs.) *Narrativas midiáticas contemporâneas*. Livro da XIV Compós/2005. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 82-94.

MILLER, Toby. Felicidade ao estilo americano. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 105-115.

MIRANDA, José A. Bragança de. O acontecimento como invenção necessária da história. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 113-121, 2005.

MODESTO, Ana Lúcia. *Os ídolos e seus devotos: um estudo da dupla natureza da troca na relação intérprete musical - público*. 1989, 246, Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. Informer: une conduite délibérée. De l'usage stratégique des événements. In: BEAUD, Paul et al. (Orgs.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET, 1997. p. 433-451.

MORGAN, Simon. Historicising celebrity. *Celebrity Studies*. v.1, n.3, November 2010, 366-368.

MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

MOSLEY, James. *A jornada de um gênio*. Campinas, SP: Verus Editora, 2006.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2002a. p. 29-35.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2002b. p. 49-83.

MUPHY, John. *Pragmatismo: de Peirce a Davidson*. Portugal: Asa, 1993.

MURAD, Mauricio. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

NEVES, Marcos Eduardo. Nunca houve um homem como Heleno. 1. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 179-193.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. Sobre o facto e o acontecimento. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 95-100, 2005.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. Cidade dos artistas: cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PASOLINI, Pier Paolo. Observações sobre o plano-sequência. In: \_\_\_\_\_. *Empirismo hereje*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. p. 193- 196.

PENA, Felipe. Celebidades e heróis no espetáculo da mídia. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. XXV, n. 1, p. 146-157, janeiro/junho de 2002.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Leonardo Gomes. *A TV em Pânico: o enquadramento das celebridades pelo Pânico na TV*. 2009, 231f, Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PESSOA, Fernando. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. 2. ed. Lisboa: Ática, 1994. p. 256.

PIGNATARI, Décio. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, Fani. (Org.) *Biografia: sintoma de cultura*. São Paulo: Hacker editores, Cespuc, 1996. p. 13-19.

POGREBINSCHI, Thamy. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

PONTE, Cristina. Media e acontecimentos (com)sentidos. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 101-104, 2005.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Orgs.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 43-61.

PUNTEL, Luiz ; RAMOS, Luiz Carlos; HENRIQUE, Brás. Carrasco de Goleiros: um fenômeno chamado Ronaldinho. Ribeirão Preto, SP : Palavra Mágica, 1998.

QUÉRÉ, Louis. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, Isaac (Org.). *Prendre place*. Espace public et culture dramatique. Colloque de Cérizy. Paris: Ed. Recherches, 1995. p. 93-110.

- QUÉRÉ, Louis. L'événement. Introduction. In: BEAUD, Paul et al. (orgs.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET, 1997.
- QUÉRÉ, Louis. L'individualisation des événements dans le cadre de l'expérience publique. In: BOURDON, P. et al (Org.). *Processus du sens*. Paris, L'Harmattan, 2000. p. 1-23.
- QUÉRÉ, Louis. Le public comme forme et comme modalité d'expérience. In : CEFAÏ, Daniel ; PASQUIER, Dominique. (Orgs.). *Les sens du public*. Publics politiques, publics médiatiques. Paris: Presses universitaires de France, 2003. p. 113-134.
- QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75 , 2005.
- QUÉRÉ, Louis. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, Bruno S.; GUIMARÃES, César G.; MENDONÇA, Carlos M. C. (Orgs.) *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19-38.
- QUÉRÉ, Louis. Les formes de l'événement. Pour un réalisme pragmatiste. In: *II CIS: Acontecimento: Reverberações*, 2011, Belo Horizonte, MG. p. 1-24.
- QUINTANA, Mário. Elegia número onze. In: \_\_\_\_\_. *Esconderijos do tempo*. 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 2005. p. 32.
- RANCIÈRE, Jacques. Os enunciados do fim e do nada. In: \_\_\_\_\_. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 227-252.
- REDMOND, Sean. The Whiteness of Stars: Looking at Kate Winslet's Unruly White Body. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 263-274.
- REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). *Mídia, Memória e Celebidades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003. p. 105-130.
- RICOEUR, Paul. Événement et sens. *Raisons pratiques 2*, Paris, p. 41-56, 1991.
- RIEFF, P. *The triumph of the therapeutic: uses of faith after Freud*. Chicago: University of Chicago Press, 1966 *apud* VAZ, Paulo. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 135-164.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Arte e experiência. *Revista de Comunicação e Linguagem: a experiência estética*, Lisboa, n. 12/13. p. 25-33, jan/1991.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, N.(Org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999. p. 27-33.
- ROJEK, Chris. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael A mídia e a construção do biográfico. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 279-309, maio de 2000.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 290.

ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas conseqüências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 193-200.

SÁ, Simone Pereira de. *Baiana internacional: as mediações culturais de Carmem Miranda*. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002.

SÁNCHEZ DE LA YNCERA, Ignacio. *La mirada reflexiva de G. H. Mead: sobre la socializad y la comunicaci3n*. 2. ed. Madrid: Centro de investigaciones sociol3gicas / Siglo XXI de Espa1a editores, 1994.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Uma hist3ria da constru3o do direito 3 felicidade no Brasil. In: FREIRE FILHO, Jo3o (Org.). *Ser feliz hoje: reflex3es sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 181-193.

SANTOS, Jos3 Manuel. Da perca do mundo 3 sociedade dos (mega)acontecimentos. *Trajectos*, Revista de Comunica3o, Cultura e Educa3o, Lisboa, n. 6, p. 77-83, 2005.

SCARDUELLI, Paulo. *Ayrton Senna*. Her3i da m3dia. S3o Paulo: Brasiliense, 1995.

SERELLE, M3rcio de Vasconcellos. Sujeito e vida midiaticizada: considera3es sobre a fic3o de Nick Hornby. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 38, p.129-136, abril de 2009.

SERELLE, M3rcio de Vasconcellos. A narrativa em sedic3o. *Revista 3cone*, Recife, v. 12, n. 2, p. 1-13, dez. 2010.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espet3culo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. Celebridade para todos: um ant3doto contra a solid3o? *Ci3ncia e Cultura*, S3o Paulo, v.62, n. 2, 2010a.

SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada. In: FREIRE FILHO, Jo3o (Org.). *Ser feliz hoje: reflex3es sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010b. p. 195-212.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de M3rio Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SIM3ES, Paula Guimar3es. *Mulheres Apaixonadas e outras hist3rias: amor, telenovela e vida social*. 2004, 232f, Disserta3o (Mestrado em Comunica3o Social) — Faculdade de Filosofia e Ci3ncias Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SIMPSON, Am3lia. Xuxamania. In: \_\_\_\_\_. *Xuxa: the mega-marketing of gender, race and modernity*. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p. 1-12.

SMART, Barry. *Modern Sport and the Cultural Economy of Sporting Celebrity*. New Delhi: SAGE, 2005.

SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (Orgs.). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001a. p. 13-50.

SOARES, Antonio Jorge. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (Orgs.) *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001b. p. 101-122.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (Orgs.) *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 123-133.

SOARES, Luiz Eduardo. Asdrúbal e o rumoroso caso do ator que falou em felicidade ou: Felicidade em sol maior para trombone ou: (os papéis estão em ordem, a quem entrego a conta?) In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 275-289.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1939-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

STACEY, Jackie. With Stars in Their Eyes: Female Spectators and the Paradoxes of Consumption. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 313-325.

SUSSEKIND, Hélio. Futebol em dois tempos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 93-95 *apud* SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1939-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

TAYLOR, C. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997.

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

TELLES, Vera Silva. Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. *Tempo Social, Rev. Sociol. USP*, v. 2, n. 1, p. 23-48, 1990.

THOMAS, William. *On social organization and social personality*. Selected papers. Chicago: The University of Chicago Press, 1966 *apud* VELHO, Gilberto. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. *RBCS*, São Paulo, v. 23, n. 68, out. 2008, p. 145-148.

THOMPSON, John. A nova visibilidade. *MATRIZES*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-38, abril 2008.

THOMPSON, John. Fronteiras cambiantes da vida pública e privada. *MATRIZES*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 11-36, jul-dez. 2010.

TUCHMAN, Gaye. *Making News: a study in the construction of reality*. New York: The Free Press, 1978 *apud* MEDITSCH, Eduardo. *Jornalismo e construção social do acontecimento*.



In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Orgs.) *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

TURNER, Graeme. *Understanding Celebrity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE, 2004.

TURNER, Graeme. Diana and the Celebrity Culture we Enjoy. In: *Britannica Blog*, Posted: 22 August 2007. Disponível em: <<http://www.britannica.com/blogs/2007/08/diana-the-celebrity-culture-we-enjoy/>>. Acesso em: 31 de julho de 2008.

VALLE, Cláudia. Os craques da torcida. In: MATTOS, Hilton. *Heróis do cimento: o torcedor e suas emoções*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

VALVERDE, M. *Estética da Comunicação: sentido, forma e valor nas cenas da cultura*. Salvador: Quarteto, 2007.

VAZ, Paulo. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 135-164.

VELHO, Gilberto. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. *RBCS*, São Paulo, v. 23, n. 68, out. 2008, p. 145-148.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. Cultura subjetiva e projetos de felicidade. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 227-238.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Prefiro Terremoto. In: \_\_\_\_\_. *Time dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 89-90. (Crônica publicada em 01 de julho de 2002)

VERÓN, Éliséo. *Construir el acontecimiento: los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear de Three Mile Island*. Barcelona: Gedisa, 1995 *apud* MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Org.) *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

VÉRON, Éliséo. Il est là, je le vois, il me parle. In: BEAUD, Paul et al. (Orgs.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux / CNET, 1997. p. 521-539.

VIEIRA, Vanrochris. *Homens causando o maior Ti-ti-ti: teledramaturgia e masculinidade*. 2011. Monografia (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. (em desenvolvimento)

VOGEL, Daisi I. Acontecimento no jornalismo e na arte. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. (Orgs.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 63-76.

WANG, Yiman. A Star is Dead: A Legend is Born: Practicing Leslie Cheung's Posthumous Fandom. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 326-340.

WEBER, Maria Helena. O estatuto da Imagem Pública na disputa política. *ECO-Pós*, v.12, n.3, setembro-dezembro 2009, p.11-26.

WEBER, Max. A sociologia da autoridade carismática. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. p. 283-291.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber: Sociologia. Grandes Cientistas Sociais*. n. 13. São Paulo: Ática, 1979. p. 128-141.

WILLIAMS, Rebecca. From Beyond Control to In Control: Investigating Drew Barrymore's Feminist Agency/Authorship. In: REDMOND, Sean; HOLMES, Su (Ed.). *Stardom and Celebrity*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage, 2007. p. 111-125.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ZICO. *Zico conta a sua história*. São Paulo: FTD, 1996.

## Referências do corpus

### *Referências do acontecimento 1 (Aposentadoria)*

#### **Jornais e Revistas**

ATTUCH, Leonardo. A marca Ronaldo. *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2011. p. 53.

AMATO, Gian. Craque por um mundo melhor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2011. Esportes, p. 2.

BERGAMO, Mônica. ‘Ronaldo saiu como um garotinho que vai se despedir da escola’. Entrevista com Bia Antony. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Ilustrada, p. E2.

BRITO, Daniel. Estrela. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D8-D9.

CABALLERO, Miguel. A reverência ao xará pelo sucessor na coroa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2011. Esportes, p.9.

CALAZANS, Fernando. O ídolo continua. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2011. Esportes, p. 4

CARDOSO, Rodrigo. Ronaldo: o atleta, a dor e o fim. *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2011. p. 68-75.

CARDOSO, Rodrigo; GOMES, Luciani. “Perdi para o meu corpo”. *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2011. p. 76-78.

COELHO, Paulo Vinícius. Fenômeno até o fim. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D12.

COURA, Kalleo; DINIZ, Laura. Os motivos do adeus. *Veja*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2011. p. 74-80.

DOR. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D6-D7.

“ESTOU aliviado, tirei um peso”. Entrevista de Ronaldo. *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2011. p. 71.

FAMOSOS usam Twitter para comentar fim. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D9.

FENÔMENO no Twitter. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D19.

FERNANDEZ, Martín; MATTOS, Rodrigo. Astro não teve concorrente e nem substituto. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011a. Esporte, p. D13.

FERNANDEZ, Martín; MATTOS, Rodrigo. Com os próprios patrocinadores, astro cria ONG. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011b. Esporte, p. D13.

FERNANDEZ, Martín; MATTOS, Rodrigo. Fiel. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011c. Esporte, p. D12-D13.

FERNANDEZ, Martín; MATTOS, Rodrigo. Fim. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011d. Esporte, p. D2-D3.

FONSECA, Maurício. Na seleção, o apogeu de uma história de gols. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2011. Esportes, p.6-7.

GLÓRIA. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D4.

KFOURI, Juca. E o Fenômeno chorou. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D13.

KNOPLOCH, Carol. Lágrimas do pai e travessuras do filho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2011. Esportes, p. 4-5.

MAIA JÚNIOR, Humberto; MATEUS, Leopoldo; CORONATO, Marcos. Começa o segundo tempo. *Época*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2011. p. 78-85.

MARINHO, Antônio. Hipotireidismo polêmico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2011. Esportes, p.8.

MATTOS, Rodrigo. Ao parar, craque ‘se mata’ para entrar na história. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D3.

“MEU CORPO não aguenta mais”. Entrevista de Ronaldo a Otávio Cabral. *Veja*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2011. p. 80.

MOREIRA, Eugênio. De Ramos para o mundo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 2011. Super Esportes, p. 4-5.

MULTIMÍDIA. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D8-D9.

OBRIGADO, Ronaldo! *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 2011. Super Esportes, p. 1.

PAINEL do leitor. Ronaldo. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Opinião, p. A3.

PALLADINI, Enzo. Amor e Lágrimas. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D6.

PRADO, Renato Maurício. Ronaldo, o fim? Blog de Renato Maurício Prado. 12 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2011/02/12/ronaldo-fim-362843.asp>>. Acesso em: 27 de maio 2011.

PRADO, Renato Maurício. Valeu, Fenômeno! *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 2011. Esportes, p.5.

TENHO uma vida pela frente. Entrevista de Ronaldo a Humberto Maia Júnior. *Época*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2011. p. 84-85.

TOSTÃO. O tempo não para. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Esporte, p. D7

VINES, Juliana. Hipotireoidismo tem seqüelas graves se tratamento não é feito. *Folha de S. Paulo*, 15 de fevereiro de 2011. Saúde, p. C6.

### **Programas de TV**

CALDEIRÃO do Huck. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de fevereiro de 2011. Programa de TV.

ENTREVISTA COLETIVA DE RONALDO. Rio de Janeiro: GloboNews, 14 de fevereiro de 2011. Exibição na TV.

JORNAL da Band. São Paulo: TV Bandeirantes, 14 de fevereiro de 2011. Programa de TV.

JORNAL Hoje. Rio de Janeiro: Rede Globo, 14 de fevereiro de 2011. Programa de TV.

JORNAL Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 14 de fevereiro de 2011. Programa de TV.

ESPORTE Espectacular. Rio de Janeiro: Rede Globo, 20 de fevereiro de 2011. Programa de TV.

### **Internet**

POLI, Gustavo. Ronaldo: de craque digital a jogador-celebridade, um ícone mundial. *Globo Esporte*. 14 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2011.

FAMOSOS elogiam carreira de Ronaldo. *Caras*, 14 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.caras.com.br>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2011.

### *Referências do acontecimento 2 (Copa de 1998)*

#### **Matérias das Revistas**

A CIÊNCIA de chuteiras. *Época*, Rio de Janeiro, 01 de junho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

A IMAGEM da derrota no gramado de St. Denis. *Caras*, São Paulo, 17 de julho de 1998.

ALCÂNTARA, Eurípedes. A diplomacia que rola no gramado. *Veja*, São Paulo, 24 de junho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

ALCÂNTARA, Eurípedes; CARDOSO, Maurício. O que esperar dos próximos adversários do Brasil. *Veja*, São Paulo, 17 de junho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

ALMEIDA, Álvaro; FREITAS JÚNIOR, Osmar; GARAMBONE, Sidney. O que aconteceu com Ronaldinho. *IstoÉ*, São Paulo, 22 de julho de 1998. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALMEIDA, Álvaro; GARAMBONE, Sidney; RODRIGUES, Juca. A marca do Z. *IstoÉ*, São Paulo, 17 de junho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALMEIDA, Álvaro; GARAMBONE, Sidney; RODRIGUES, Juca. Agradável sufoco *IstoÉ*, São Paulo, 17 de junho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALMEIDA, Álvaro; GARAMBONE, Sidney; RODRIGUES, Juca. O dia da glória está chegando. *IstoÉ*, São Paulo, 15 de julho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALMEIDA, Álvaro; GARAMBONE, Sidney; RODRIGUES, Juca. O evangelho segundo César Sampaio. *IstoÉ*, São Paulo, 01 de julho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALMEIDA, Álvaro; GARAMBONE, Sidney; RODRIGUES, Juca. Pronta para arrancar. *IstoÉ*, São Paulo, 24 de junho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALMEIDA, Álvaro; GARAMBONE, Sidney; RODRIGUES, Juca. Rivaldo, um brasileiro. *IstoÉ*, São Paulo, 08 de julho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALMEIDA, Álvaro; RODRIGUES, Juca. A agonia do baixinho. *IstoÉ*, São Paulo, 03 de junho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALVES FILHO, Francisco. A versão de Lídio Toledo. *IstoÉ*, São Paulo, 22 de julho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

BENEVIDES, Roberto. A 2 passos do paraíso. *Época*, Rio de Janeiro, 06 de julho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

BENEVIDES, Roberto. O Brasil dá de ombros. *Época*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

CARDOSO, Maurício. Os adversários do Brasil nas próximas fases. *Veja*, São Paulo, 24 de junho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

CARDOSO, Maurício; MARANHÃO, Carlos. Os milionários do futebol. *Veja*, São Paulo, 01 de julho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

CARTAS dos leitores. *Veja*, 29 de julho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

CAVALCANTI, Lito. A nova geração pede passagem. *Época*, Rio de Janeiro, 06 de julho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

COLUNA do Falcão. A Copa dos armadores de jogada. *Época*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

COLUNA do Falcão. Valeu a estrela. *Época*, Rio de Janeiro, 06 de julho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

CONTREIRAS, Hélio, Ele estava espumando. Depoimento do jogador Gonçalves. *IstoÉ*, São Paulo, 22 de julho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

EM CASA, Zagallo troca a polêmica pelo lazer. *Caras*, São Paulo, 24 de julho de 1998.

GARAMBONE, Sidney. Ela também é um fenômeno. *IstoÉ*, São Paulo, 08 de julho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

GARAMBONE, Sidney; RODRIGUES, Juca. Brasil em conserto. *IstoÉ*, São Paulo, 10 de junho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

GOMES, Laurentino; PASTORE, Karina. Pressão demais. *Veja*, 22 de julho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

HORA da verdade. *Época*, Rio de Janeiro, 08 de junho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

JOGANDO na retranca. *Época*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

MARANHÃO, Carlos; CARDOSO, Maurício. As armas do Brasil na Copa da França: um problema e uma esperança. *Veja*, São Paulo, 10 de junho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

MARANHÃO, Carlos; CARDOSO, Maurício. Com o joelho dolorido, Ronaldinho foi à luta. *Veja*, São Paulo, 08 de julho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

MARANHÃO, Carlos; CARDOSO, Maurício. TV exhibe cobertura folclórica do Mundial. *Veja*, São Paulo, 17 de junho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

MARANHÃO, Carlos; CARDOSO, Maurício. Uma Final de Sonhos. *Veja*, São Paulo, 15 de julho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

MENDONÇA, Martha. Uma força estranha na comissão técnica. Entrevista com Edmundo. *Época*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

MODERNELL, Renato. Papo-cabeça. Entrevista com Evandro Motta. *Época*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

NA COPA com Tostão. Dunga e a volta à Copa de 94. *IstoÉ*, São Paulo, 24 de junho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

NA COPA com Tostão. O mito Romário. *IstoÉ*, São Paulo, 03 de junho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

NA COPA com Tostão. Os 13 erros do Zagallo. *IstoÉ*, São Paulo, 22 de julho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

O BRASIL mostra sua cara. *Época*, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

O FUTURO de Ronaldo. *Caras*, São Paulo, 17 de julho de 1998.

O MAESTRO do fôlego brasileiro na França. Entrevista com o preparador físico Paulo Paixão. *Época*, Rio de Janeiro, 01 de junho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

RAMOS, Carlos Henrique; MENDONÇA, Martha. *Época*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

REENCONTRO com Suzana faz Ronaldinho sorrir. *Caras*, São Paulo, 24 de julho de 1998.

RONALDINHO se encanta com Theo. *Caras*, São Paulo, 26 de junho de 1998.

SOUZA, Sérgio de. O mistério que não houve. *Caros Amigos*, São Paulo, agosto de 1998. p. 9-10.

STRESS. *Veja*, São Paulo, 29 de julho de 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

SUCESSO no amor e na torcida. *Caras*, São Paulo, 26 de junho de 1998.

TEIXEIRA, Paulo César. A escolha de Zagallo. *IstoÉ*, São Paulo, 22 de julho de 1998. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

VELLOSO, Beatriz. A cabeça não agüentou. *Época*, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. A outra vítima. *Caros Amigos*, São Paulo, agosto de 1998. p. 11.

ZAHAR, Cristina. Alegria da seleção num abraço vitorioso. *Caras*, São Paulo, 10 de julho de 1998.

## **Youtube**

CONVULSÃO de Ronaldo em 1998 (Denílson fala). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iNxfGai7HjQ&feature=related>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.



CONVULSÃO de Ronaldo na Final da Copa do Mundo de 1998 (Jornal Nacional). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jJnKdPXPj7A>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

DRAMA Depois da Derrota na Final da Copa do Mundo de 1998 (Rede Globo). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TtnMpBJgtjA&feature=related>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

FANTÁSTICO Depois da Derrota do Brasil na Final da Copa do Mundo de 1998. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HDq9qBsY-zw>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

RONALDO Fala da Expectativa Para a Final da Copa do Mundo (Jornal Nacional na véspera da final). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1oBXtaCJU1A>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

ZICO Conta o Que Ocorreu Com Ronaldo na Final da Copa do Mundo de 1998 (Programa Bem, amigos, da Sportv). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bLNsWJrmvXI>>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

ZICO fala da escalação do Ronaldo na final da copa de 98. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=NJwHVmDI\\_cQ](http://www.youtube.com/watch?v=NJwHVmDI_cQ)>. Acesso em: 24 de agosto de 2011.

### **DVD Ronaldo (1993-2002)**

AMORIM, Paulo Henrique. São Paulo: Rede Bandeirantes, 11 de julho de 1998.

ESPORTE Espetacular. Entrevista de César Augusto com Ronaldinho exibida em 15 de fevereiro de 1998. Rio de Janeiro: Rede Globo, 12 de julho de 1998. Programa de TV.

JORNAL Nacional. Matéria de Pedro Bial sobre a final da Copa de 1998. Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 de julho de 1998. Programa de TV.

JORNAL Nacional. Entrevista de Tino Marcos com Ronaldo (fragmentos). Rio de Janeiro: Rede Globo, 13 de julho de 1998. Programa de TV.

JORNAL Hoje. Matéria sobre a derrota na Copa de 1998 (fragmentos). Rio de Janeiro: Rede Globo, 13 de julho de 1998. Programa de TV.

TRANSMISSÃO da final a Copa do Mundo de 1998 (fragmentos). Rio de Janeiro: Rede Globo, 12 de julho de 1998. Programa de TV.

### *Referências do acontecimento 3 (Copa de 2002)*

#### **Matérias das Revistas**

A IMAGEM do sucesso. *Veja*, São Paulo, 30 de junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

A VITÓRIA de “Big Phil”. *Veja*, São Paulo, 30 de junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

A VOLTA do fenômeno. *Veja*, São Paulo, 30 de junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

ALTMAN, Fábio; PADILLA, Ivan. A batalha de Yokohama. *Época*, Rio de Janeiro, 01 de julho de 2002. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2010.

ALVES FILHO, Francisco. Deixa a vida me levar... *IstoÉ*, São Paulo, 10 de julho de 2002a. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ALVES FILHO, Francisco. O Filé da vitória *IstoÉ*, São Paulo, 10 de julho de 2002b. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ELE entorta a zaga. *Veja*, São Paulo, 30 de junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

ELES farão a diferença. *IstoÉ*, São Paulo, 03 de julho de 2002. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ESSE topete é um fenômeno! *IstoÉ*, São Paulo, 03 de julho de 2002. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

FÉRIAS de Ronaldo e Milene: o craque joga golfe e Ronald vai ao cinema. *Caras*, São Paulo, 12 de julho de 2002.

FRUET, Henrique *et al.* Matamos os ingleses. *IstoÉ*, São Paulo, 26 de junho de 2002. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ISHI, Ângelo; ALTMAN, Fábio. Ciência dos pênaltis. *Época*, Rio de Janeiro, 17 de junho de 2002. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2010.

MARANHÃO, Carlos. A defesa que aflige, o ataque que empolga. *Veja*, São Paulo, 19 de junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

MARANHÃO, Carlos. A dois passos do pódio. *Veja*, São Paulo, 26 de junho de 2002a. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

MARANHÃO, Carlos. A vitória de Felipão. *Veja*, São Paulo, 26 de junho de 2002b. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

MARANHÃO, Carlos. A glória dos pentacampeões. *Veja*, São Paulo, 30 de junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

MARANHÃO, Carlos. Brasil 7 x 7 Alemanha. *Veja*, São Paulo, 03 de julho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

MARANHÃO, Carlos. Cadê a filosofia? *Veja*, São Paulo, 12 de junho de 2002a. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

MARANHÃO, Carlos. Craques sem fronteira. *Veja*, São Paulo, 12 de junho de 2002b. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

O BRASIL do banco. *Veja*, São Paulo, 30 de junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

OLHA eu aí. *Veja*, São Paulo, 12 de junho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

PADILLA, Ivan. Força é inteligência. *Época*, Rio de Janeiro, 10 de junho de 2002. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2010.

PADILLA, Ivan; ALTMAN, Fábio. Ninguém mais é bobo. *Época*, Rio de Janeiro, 03 de junho de 2002. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2010.

PADILLA, Ivan; ALTMAN, Fábio. Uma final antecipada. *Época*, Rio de Janeiro, 24 de junho de 2002. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2010.

QUE CRISE, que nada! *IstoÉ*, São Paulo, 03 de julho de 2002. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

RONALDO: Copa sobe à cabeça do craque brasileiro. *Caras*, São Paulo, 28 de junho de 2002.

RONALDO: o glorioso regresso do samurai. *Caras*, São Paulo, 05 de julho de 2002.

SILVA, Chico; MARINI, Eduardo. Que venham os alemães. *IstoÉ*, São Paulo, 03 de julho de 2002. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

TEICH, Daniel Hessel. De onde eles vieram. *Veja*, São Paulo, 10 de julho de 2002. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

VIEIRA, Marceu. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08 de julho de 2002. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2010.

## Youtube

BRASIL Pentacampeão. Crônica feita por Pedro Bial na final da copa do mundo de 2002. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dhjaXcNnqyc>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

BRAZIL Wins Fifa World Cup 2002 (Special Video). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FyBFt3ozX8w>>. Acesso em 11 de setembro de 2011.

CARREIRA de Ronaldo foi marcada por superação e talento. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZhV9peOvgXI>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

COPA 2002 Brasil Penta campeão. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=F5dIZEEILSo>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

COPA de 2002 (1/2) - De Lá Pra Cá - 27/06/2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IS9uquKPgag>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

COPA de 2002 (2/2) - De Lá Pra Cá - 27/06/2010. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=IS9uquKPgag>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

FINAL da copa do mundo 2002 - Brasil 2 x 0 Alemanha - Show de Ronaldo. Baú do Esporte (globoesporte.com). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=g6SILr5Rc3o>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

JORNAL Nacional- 2002-Entrevista de Ronaldo antes da copa (17 de maio de 2002). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=USvuOhNXoJA>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

MATÉRIA de Tino Marcos sobre Ronaldo e a Final da Copa de 2002. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fCgwPfeUuBQ>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

RONALDO - Pra sempre fenômeno! HD. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=qMieGzjC5BM>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

RONALDO copa 1998/2002/2006. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=h-WZd2KTIUk>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

RONALDO fala das dificuldades até a conquista da Copa de 2002. Adeus Fenômeno. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=f7WMqWd0rrI>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

### **DVD Ronaldo (1993-2002)**

FANTÁSTICO. É penta. In: *Domingos Inesquecíveis* (DVD). Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de junho de 2002. Programa de TV.

JORNAL Nacional. Matéria de Tino Marcos sobre o jogo contra a Turquia. Rio de Janeiro: Rede Globo, 26 de junho de 2002. Programa de TV.

JORNAL Nacional. Matéria sobre a eleição de Ronaldo como o melhor jogador do mundo pela FIFA em 2002. Rio de Janeiro: Rede Globo, 17 de dezembro de 2002. Programa de TV. Disponível em: <<http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/v/ronaldinho-recebe-pela-terceira-vez-o-premio-de-melhor-jogador-do-mundo-em-2002/297228/#/Edições/20021217/page/1>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

TRANSMISSÃO da estreia do Brasil na Copa do Mundo de 2002 (fragmentos). Rio de Janeiro: Rede Globo, 03 de junho de 1998. Programa de TV.

TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002 (fragmentos do jogo). Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de junho de 2002. Programa de TV.

TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002. Matéria de Fátima Bernardes. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de junho de 2002. Programa de TV.

TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002. Matéria de Renato Ribeiro. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de junho de 2002. Programa de TV.

TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002. Matéria de Tino Marcos. Rio de Janeiro: Rede Globo, 30 de junho de 2002. Programa de TV.

### *Referências do acontecimento 4 (Casamento com Daniella Cicarelli)*

#### **Matérias das Revistas**

A CO-PILOTO do Fenômeno. *Caras*, São Paulo, 03 de junho de 2005.

AS MUSAS Vestidas. *Veja*, São Paulo, 26 de janeiro de 2005. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16/09/2008.

CAMARGO, Carolina. Enfim, a versão de Cicarelli. *Quem*, Rio de Janeiro, 10 de março de 2005. Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com/Quem/0,6993,EQG919379-2157,00.html>>. Acesso em: 28 de setembro de 2011.

CAROLINE Bittencourt, a 'rival'. *Caras*, São Paulo, 25 de fevereiro de 2005.

CARUSO, Marina. Deu bode na boda. *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13/01/2010.

CARUSO, Marina; CÔRTEZ, Celina. Durou pouco. *IstoÉ*, São Paulo, 18 de maio de 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13/01/2010.

CASAL Ronaldo e Daniella: glamour zero em rara aparição sem drama. *Caras*, São Paulo, 22 de abril de 2005.

CASTELO de Chantilly é cenário das festividades. *Caras*, São Paulo, 18 de fevereiro de 2005.

CICARELLI e Ronaldo: pré-estréia na Espanha. *Caras*, São Paulo, 21 de janeiro de 2005.

COSTA, Carlos Lima. Um mistério em família preocupa Ronaldinho. *Caras*, São Paulo, 04 de fevereiro de 2005.

DANIELLA Cicarelli agita balada fashion em Sampa. *Caras*, São Paulo, 04 de fevereiro de 2005.

DANIELLA Cicarelli: de cinderela a rainha má. *Caras*, São Paulo, 20 de maio de 2005.

DANIELLA Cicarelli faz nova conquista no Rio. *Caras*, São Paulo, 10 de junho de 2005.

DANIELLA Cicarelli: no Rio, alegria e novo romance. *Caras*, São Paulo, 03 de junho de 2005.

DANIELLA e Ronaldo sob perguntas embaraçosas. *Caras*, São Paulo, 29 de abril de 2005.

DIREÇÕES opostas. Daniella vai; Ronaldinho vem. *Caras*, São Paulo, 03 de junho de 2005.

FESTAS diferentes: Ronaldo e Cicarelli. *Caras*, São Paulo, 24 de junho de 2005.

JOGADOR e bela Mireia Canalda: nova chance. *Caras*, São Paulo, 20 de maio de 2005.

KUPFER, Karen. Daniella e João Paulo. *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2005a. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

KUPFER, Karen. Daniella e Ronaldo, como tudo começou? *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2005b. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

KUPFER, Karen. Festa de craque. *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2005c. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

KUPFER, Karen. Uma união fenomenal. *IstoÉ*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2005d. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

KUPFER, Karen. Roda-Viva. *IstoÉ*, São Paulo, 08 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

KUPFER, Karen. Cada um na sua. *IstoÉ*, São Paulo, 15 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

KUPFER, Karen. Entrevista com Daniella Cicarelli. *IstoÉ*, São Paulo, 22 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

MARINI, Eduardo. De chantilly à Baixada fluminense. *IstoÉ*, São Paulo, 30 de março de 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

MARTINS, Sérgio. Noivo enrolado, noiva mais ainda. *Veja*, São Paulo, 12 de janeiro de 2005. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

MILENE Domingues, a ex de Ronaldo, abre o coração. *Caras*, São Paulo, 13 de maio de 2005.

MOHERDAUI, Bel. Bola, amor e Valentino. Entrevista com Ronaldo e Daniella Cicarelli. *Veja*, São Paulo, 22 de dezembro de 2004. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

MOHERDAUI, Bel. Cadê o sorriso que estava aqui? *Veja*, São Paulo, 23 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

MOHERDAUI, Bel. Ele para lá, ela para cá. *Veja*, São Paulo, 18 de maio de 2005. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

NOVA confusão: Cicarelli agora confirma gravidez. *Caras*, São Paulo, 08 de abril de 2005.

O CRAQUE e Livia Lemos em clima de flashback. *Caras*, São Paulo, 10 de junho de 2005.

O GOL de placa de Caroline Bittencourt. *Caras*, São Paulo, 11 de março de 2005.

O PASSEIO de Daniella com sua família. *Caras*, São Paulo, 18 de fevereiro de 2005.

PASCOWITCH, Joyce. Folia tropical. *Época*, Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 2005. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em 19 de setembro de 2008.

PASCOWITCH, Joyce. Sem Chantilly. *Época*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2005. Disponível em <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

PASCOWITCH, Joyce. Lua minguante. *Época*, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

PASCOWITCH, Joyce. Jogada de mestre. *Época*, Rio de Janeiro, 04 de abril de 2005. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

PASCOWITCH, Joyce. Pousou forçado. *Época*, Rio de Janeiro, 02 de maio de 2005. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

PASCOWITCH, Joyce. Amor descartável. *Época*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 2005. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

PROENÇA, Maitê. Ronaldo, querido. *Época*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 2005. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

RIZEK, André. Um namoro fenomenal. *Veja*, São Paulo, 14 de julho de 2004. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

RODINI, Rosana. Festa de príncipe. *IstoÉ*, São Paulo, 16 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

RONALD dribla adversidades de Ronaldo. *Caras*, São Paulo, 20 de maio de 2005.

RONALDINHO volta a sorrir. *Caras*, São Paulo, 10 de junho de 2005.

RONALDO e a mãe na Espanha. *Caras*, São Paulo, 03 de junho de 2005.

RONALDO e Cicarelli: Compras. *Caras*, São Paulo, 18 de fevereiro de 2005.

RONALDO põe fim na união com Cicarelli e brinda com Beckham. *Caras*, São Paulo, 20 de maio de 2005.

SEGUNDA-FEIRA, 14 de fevereiro. Explicação ao leitor. *Caras*, São Paulo, 18 de fevereiro de 2005.

SILVA, Chico. E agora, Fenômeno? *IstoÉ*, São Paulo, 02 de março de 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

SÓCRATES. A felicidade incomoda. *Carta Capital*, São Paulo, 09 de março de 2005.

TRISTE capítulo: Ronaldo e Cicarelli perdem bebê. *Caras*, São Paulo, 06 de maio de 2005.

TROPEÇO de Ronaldo e Daniella Cicarelli. *Caras*, São Paulo, 01 de abril de 2005.

ÚLTIMA foto antes do 'casamento'. *Caras*, São Paulo, 18 de fevereiro de 2005.

VEIGA, Aida; RUBIN, Débora; MENDONÇA, Martha. Amor de celebridade. *Época*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 2005. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

ZVEITER faz a amada, Cicarelli, sorrir. *Caras*, São Paulo, 17 de junho de 2005.

### **Jornais**

BERGAMO, Mônica. Como antigamente. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27/12/2010. Disponível em: <[http://avaranda.blogspot.com/2010/12/monica-bergamo\\_27.html](http://avaranda.blogspot.com/2010/12/monica-bergamo_27.html)>. Acesso em: 04 de outubro de 2011.

DANIELLA Cicarelli assume ter errado com a imprensa. *Estadão*, São Paulo, 27 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2005/not20050227p4950.htm>>. Acesso em: 28 de setembro de 2011.

### **Youtube**

RONALDO e Daniella Cicarelli se casam em Paris (2005). Matéria do Jornal Nacional de 15 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=C8q-BE1VNUg>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

TIMAÇO das namoradas do Ronaldo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dAaVkg3cvg8>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

O PRIMEIRO dia de casados de Ronaldo e Daniela Cicarelli. Matéria do Jornal Hoje de 15 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=bf66hyvJ2hc>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

### **Fóruns**

CIFRACLUB. Fórum de discussão sobre música do Brasil. Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br/forum/11/89584/p1>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

TIBIABR. Fórum de discussão. Disponível em: <<http://forums.tibiabr.com/archive/index.php/t-38275.html>>. Acesso em: 23 de setembro de 2011.

### **Fantástico**

O NOIVADO do Fenômeno. *Fantástico* (05 de setembro de 2004). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

A MULHER que Cicarelli expulsou do casamento. *Fantástico* (20 de fevereiro de 2005). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

A SEPARAÇÃO do fenômeno. *Fantástico* (15 de maio de 2005). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

BRASILEIROS multicoloridos. *Fantástico* (29 de maio de 2005). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.



MIRÉIA, a bela da Espanha. *Fantástico* (24 de julho de 2005). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

O CHARME dos gordinhos. *Fantástico* (18 de junho de 2006). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 27 de setembro de 2011.

### *Referências do acontecimento 5 (Episódio das Travestis)*

#### **Matérias de Revistas e Sites**

BELCHIOR, Luisa. Travesti favorece Ronaldo em depoimento, mas nega extorsão e furto. *Folha.com*, 06 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

CASTRO, Ruy. Psicanálise de galinheiro. *Folha de S. Paulo*, 13 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

CERQUEIRA, Ronaldinho e as travestis. 11 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2011.

DANILIAUSKAS, Marcelo; ASSUMPCÃO, San Romanelli. O escândalo Andréia Albertine e Ronaldo. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 06 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

DESEMBARQUE de Ronaldo e Ana Beatriz. *Caras*, São Paulo, 16 de abril de 2008. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 13 de julho de 2010.

EDMUNDO defende amigo Ronaldo no caso dos travestis. Disponível em: <<http://www.supervasco.com/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

FERNANDES, Nelito. Ela derrubou Ronaldo. *Época*, Rio de Janeiro, 05 de maio de 2008. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

FRANÇA, Ronaldo. Uma escorregada fenomenal. *Veja*, São Paulo, 07 de maio de 2008. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

GARCIA, Renato. O fenômeno e o travesti. *IstoÉ*, São Paulo, 02 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

GRUPO gay do Piauí defende travestis do caso Ronaldo. 04 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.gp1.com.br/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2011.

LUANA Piovani defende Ronaldo no caso dos travestis. Disponível em: <<http://www.fofocandoblog.com/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

MARADONA defende Ronaldo em escândalo envolvendo travestis. Disponível em: <<http://celebridades.uol.com.br>>. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

MARTINS, Ivan. Por que homens procuram travestis? *Época*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 2008. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008.

MINISTÉRIO Público denuncia travesti que se envolveu em confusão com Ronaldo. *Época*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 2008. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

MORRE travesti de escândalo com Ronaldo. *Época*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

PANORAMA Datas. *Veja*, São Paulo, 15 de julho de 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/140508/cartas.shtml>>. Acesso em: 18 de agosto de 2011.

RONALDO. Cartas dos leitores. *Veja*, São Paulo, 14 de maio de 2008. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/140508/cartas.shtml>>. Acesso em: 18 de agosto de 2011.

RONALDO e Bia em lua-de-mel. *Caras*, São Paulo, 23 de abril de 2008. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 13 de julho de 2010.

RONALDO e Bia, felizes com gravidez, reatam. *Caras*, São Paulo, 21 de maio de 2008. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 13 de julho de 2010.

RONALDO e mãe aplaudem Caetano. *Caras*, São Paulo, 18 de junho de 2008. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 13 de julho de 2010.

RONALDO 'grávido' e Romário em crise. *Caras*, São Paulo, 15 de maio de 2008. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 13 de julho de 2010.

RONALDO: as delícias do desemprego. *Caras*, São Paulo, 16 de julho de 2008. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/>>. Acesso em: 13 de julho de 2010.

ROSSI, Max. Influente e comportado. *Veja*, São Paulo, 07 de maio de 2008. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: 16 de setembro de 2008.

SÓCRATES. Mídia infame, 9/5. *Carta Capital*, 09 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2011.

## **Youtube**

JOGO Aberto - Escandalo Ronaldinho II. *Jogo Aberto*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=O7RgZPb-aPs>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

RONALDINHO e os travestis. *Jornal Nacional* (28/04/2008) Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QsJ9UDY7HN8>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

RONALDO e travestis Que Fenômeno Heim. *Jornal da Band*. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=WG9\\_dx6JQNo](http://www.youtube.com/watch?v=WG9_dx6JQNo)>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

RONALDO e o travestis (shemale). *Extra on line*. Entrevista com Andréia Albertini. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=XBGsabGHntk>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

RONALDO fala ao fantastico sobre Travestis. “Parte 1”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9ihnPGk4jTM>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

RONALDO fala ao fantastico sobre Travestis. “Parte 2” Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VIH3i9CRhog>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

RONALDO Fenômeno e os Travestis (Versão Record 29/04/2008). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dtbMPHnDpKc>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

RONALDO fenomeno, e travestis em motel no Brasil. *Jornal Nacional*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=GBRzHK3vm1I>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

RONALDO-TRAVESTIS tentando explicar no Fantástico. *Fantástico* (04 de maio de 2008). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z0MQ4tWArRQ>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

### **Fantástico**

O DESABAFO de Ronaldo. *Fantástico* (04 de maio de 2008). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.